



CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA MILITAR DE ALMEIDA

N.º 23 - 2021

Na capa: Mapa de Portugal com a indicação da rede de fortificações abaluartadas da Raia, segundo a descrição constante do dossier de candidatura a Património Mundial (Unesco), promovida pelos Municípios de Almeida, Marvão e Valença (J. Campos).

Produção Editorial
Câmara Municipal de Almeida

Director
Presidente da Câmara Municipal de Almeida

Coordenação Editorial e

Direcção Gráfica
João Campos

Tradução
Adriana Veleda (Saudade Inc.)
João Campos

Colaboraram neste número

Antonio Gil Albarracín, Frederico Mendes Paula, João Campos, António Machado, Jose Javier de Castro Fernandez, Moisés Cayetano Rosado, Rui Carita, Rui Ramos Loza.

Impressão e acabamento Gráficas Lope

Tiragem 500 Exemplares

ISSN 1646-9089

Depósito Legal n.º 272003/08

CEAMA
Publicação da Câmara Municipal de Almeida
ACEP - Área Cultural, Estudos e Património
Quartel das Esquadras n.º 5
6350- 130 Almeida
geral.acep@cm-almeida.pt
Telefone: 271 571 993

Os artigos da revista CEAMA são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não reflectem, necessariamente, o ponto de vista da direcção da publicação ou da Câmara Municipal de Almeida. Os textos e as imagens desta publicação não podem ser reproduzidos sem autorização prévia da Câmara Municipal de Almeida.



Sumário *Summary*

3 O Município de Almeida e o processo de candidatura à Unesco *The Municipality of Almeida and the World Heritage nomination process (Unesco)*

Presidente da Câmara Municipal / The Mayor

13 Tributo a Eduardo Lourenço *A tribute to Eduardo Lourenço*

João Campos

19 O XIV Seminário Internacional do C.E.A.M.A. *The 14th International Seminar of CEAMA*

João Campos

24 La experiencia de las Jornadas de valorización de las fortificaciones abaluartadas de la Raya *The experience of the Journeys for the promotion of the bulwarked fortifications of the Raia*

Moisés Cayetano Rosado

48 Que futuro para a Raia enquanto Património Mundial? *What future for the Raia as World Heritage?*

Rui Ramos Loza

60 Rede de Fortificações da Fronteira Marítima *Maritime Border Fortification Network*

Frederico Mendes Paula

80 Outras fronteiras e Raias. O II Seminário Internacional de Fortificações Brasileiras *Other borders and Raias. The International Seminar on Brazilian Fortification*

Rui Carita

118 Os projectos de Tiburcio Spannocchi para a reforma do castelo pré-Filipino de Cascais
The projects of Tiburcio Spannocchi for the reform of the Pre-Philippine castle of Cascais
Jose Javier de Castro Fernandez

161 Un siglo casi de ingeniería: la vida y la obra de los Antonelli revisada
A news study reviews the life and work of the Antonelli
Antonio Gil Albarracín

184 Projectos de reabilitação das portas da Praça-Forte de Almeida
The rehabilitation projects for the gates of Almeida Fortress
Rui Loza

O MUNICÍPIO DE ALMEIDA E O PROCESSO DE CANDIDATURA À UNESCO

THE MUNICIPALITY OF ALMEIDA AND THE WORLD HERITAGE NOMINATION PROCESS (UNESCO)

1 - INTRODUÇÃO

A página de abertura da CEAMA traz, tradicionalmente e numa só página, o sublinhado do Presidente da Câmara para aspetos referentes à atividade no domínio da preservação patrimonial.

Neste número haverá que multiplicar o espaço. Precisamos de levar aos leitores as informações sobre o desenvolvimento da Candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia a Património Mundial, juntamente com as preocupações que nos assaltam sobre esse processo.

A dimensão fora de comum desta página do Presidente sublinha, formalmente, a importância do assunto e das expectativas que temos sobre o momento.

A transmissão das explicações que são devidas aos cidadãos e aos munícipes de Almeida (a que se somam os dos concelhos de Marvão e de Valença) contém a reafirmação do sentido do rumo que está a ser trilhado há muito tempo.

Além dos três Municípios da proposta de Candidatura, o caso repercute-se igualmente noutros interessados no sucesso de uma futura ascensão da Raia fortificada de Portugal a Património Mundial, seja em Portugal (Chaves, Castelo de Vide, Estremoz, Campo Maior, Moura ou, ainda, Castro Marim e outros), seja em Espanha (Ciudad Rodrigo, Alcântara, Montereil ou Olivença).

Ao longo de todo este ano de 2020, temos particularmente mantido um grande esforço de trabalho, no qual Almeida desempenha um papel de agregação das diferentes componentes da Candidatura, tendo presente a enorme perturbação que ocorreu com a saída de Elvas do grupo proponente. A situação então criada foi objeto de registo no número anterior da revista, transmitindo-se uma direção assumida de concretizar as tarefas necessárias para ultrapassar, pela positiva, as contrariedades surgidas.

Entretanto, passaram-se meses e meses de trabalho constante para podermos chegar



1 - INTRODUCTION

The opening page of CEAMA traditionally features, and on a single page, the aspects referring to heritage preservation activities that the Mayor considers to be noteworthy. For this issue, such space will have to be expanded. We must inform our readers on the latest developments of the World Heritage Nomination Process of the Bulwarked Fortifications of the Raia, together with the concerns that we have regarding this process.

The unusual dimension of this “page” formally underlines the importance of the matter and the expectations we have about the moment.

The transmission of explanations that we must offer to the citizens and residents of Almeida (in addition to those of the municipalities of Marvão and Valença) reaffirm the direction of the course that has been being followed for a long time.

ao momento mais desejado pela equipa técnica e pelos representantes políticos dos Municípios que mantêm a chama acesa. Não obstante, os “ventos de sul” não ajudam a que essa chama nos dê o calor suficiente aos objetivos traçados.

2 – RETROSPETIVA

Importa fazer uma retrospectiva dos passos dados no caminho para a concretização do sonho que poderá impulsionar um território que se encontra em declínio galopante, com perda de população e de capacidade de atração económica há décadas, e para cuja reversão esta Candidatura significa um imprescindível balão de oxigénio.

Faz agora um ano, em **18 de dezembro de 2019**, que foi formalizada, em audiência concedida por sua Exa. o Senhor Presidente da CNU, a entrega do dossier de candidatura das FAR, integrante da lista indicativa de Portugal na UNESCO.

Conforme registado nesta revista sobre aquela ocasião, o processo de Candidatura, elaborado por iniciativa dos quatro municípios (Almeida, Elvas, Marvão e Valença), *“abrange o levantamento exaustivo dos bens culturais da arquitetura abaluartada da Raia, desde a foz do Rio Minho até à foz do Rio Guadiana, somando cerca de centena e meia de fortificações, em ambos os países, com enorme significado para a história da Península Ibérica e para a conservação e consolidação da Paz.*

A Raia entre Portugal e Espanha, sendo a fronteira terrestre mais estável da Europa, mantém-se desde o tratado de Alcanices de 1297 (D. Diniz) e foi reposta exatamente no mesmo traçado após o Tratado de Paz de Lisboa que resolveu a Guerra da Restauração do Século XVII (1640-1668).

A candidatura em apreço reveste-se de grande importância para a salvaguarda do vasto património de excepcional valor universal e de cujo sucesso muito poderá beneficiar o nosso país, decorrente do intrínseco potencial para o desenvolvimento social e económico das regiões interiores de Portugal, uma vez que o Bem a classificar abrange toda a faixa territorial da fronteira terrestre.

Simultaneamente, do ponto de vista do relacionamento com Espanha assiste-se a uma

In addition to the three Municipalities integrating the Nomination proposal, the matter also has repercussions in others interested in witnessing the future and successful nomination of the fortified Raia of Portugal as a World Heritage Site, both in Portugal (Chaves, Castelo de Vide, Estremoz, Campo Maior, Moura or, Castro Marim and others) and in Spain (Ciudad Rodrigo, Alcântara, Monterrei or Olivença).

Throughout 2020, in particular, we have made a major effort, in which Almeida plays a role of aggregating the different components of the Nomination, bearing in mind the enormous disruption caused after Elvas decided to leave the nomination group.

The situation created at the time was mentioned in the previous issue of the magazine, when we conveyed the message that we were on the right path to carry out the tasks necessary to overcome, in a positive manner, the setbacks encountered. Meanwhile, months and months of constant work have gone by, to ensure we will be able to reach the most desired moment by the technical team and by the political representatives of the Municipalities that keep the flame alight. However, the “southerly winds” have prevented such flame from giving us enough warmth to reach our objectives.

2 - RETROSPECTIVE

It is important to make a retrospective of the steps taken on the path towards the realisation of the dream that may boost a territory that has been in rapid decline, with loss of population and a reduced ability to attract economic resources for decades, so much so that this Nomination may represent a precious lifeline to reverse such factors.

A year ago, on **18 December 2019** we formally submitted the FAR nomination file, in a hearing granted by the President of CNU, part of the Tentative List of Portugal at UNESCO.

As underlined in this magazine on that occasion, the nomination process, following the initiative of the four municipalities (Almeida, Elvas, Marvão and Valença), *“involves the exhaustive survey of*

dinâmica muito positiva com alguns ayuntamientos, no sentido de poderem integrar-se, por extensão, no Património Mundial, uma vez este declarado – tendo esse desejo sido manifestado pelas municipalidades de Ciudad Rodrigo e Olivença.

Essa classificação, a primeira em séria conduzida por Portugal e com efetivas possibilidades de se transformar num reconhecimento transnacional, adquire maior ressonância pelas múltiplas vantagens que pode trazer à notoriedade e atração de zonas demográfica e economicamente deprimidas do nosso país.

Os municípios envolvidos confiam no parecer positivo da Comissão Nacional da Unesco sobre a Candidatura, esperançados no cumprimento do calendário de apresentação da proposta portuguesa, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros junto da UNESCO, em janeiro 2021.”

Este era o estado de espírito em dezembro de 2019, cientes do dever cumprido, mas conscientes de que ainda faltava muito trabalho para realizar, o qual se encontrava contratado e em execução. Tínhamos acabado de apresentar o “Plano Estratégico de Fortificações de Almeida / Ciudad Rodrigo”, apresentámos o Centro de Interpretação da Rota das Fortalezas Abaluartadas da Raia e, pela primeira vez em Almeida, apresentámos as linhas definidoras do trabalho da Candidatura.

Era um final de ano prometedo, porém logo desmentido por tudo o que veio a verificar-se neste famigerado ano 2020 das nossas vidas, com retrocessos em tantos sectores, o mais grave sendo o geral da pandemia que continua a assolar-nos.

A 12 de Fevereiro de 2020, o Presidente da CNU escreveu ao Presidente de Câmara de Elvas um inesperado e estranho ofício sobre inscrições na Lista do Património Mundial, suscitando dúvidas quanto à duplicação da inscrição de um mesmo sítio na Lista – o que, no caso em concreto, poderia levar a que Elvas ficasse integrada no Bem em Série “Fortalezas Abaluartadas da Raia”, isto é, podendo perder (ou não) a designação com que foi inscrita em 2012 de “Cidade-quartel fronteiriça de Elvas e suas fortificações”.

A dúvida continua e continuará, pois que, com as FAR classificadas pela UNESCO, como esperamos, poderá ser logicamente

the cultural assets of the bulwarked architecture found at the Raia, from the mouth of the river Minho to the mouth of the river Guadiana River, for a total of approximately 150 fortifications, in both countries, with enormous significance for the history of the Iberian Peninsula and for the conservation and consolidation of Peace.

The Raia between Portugal and Spain, being the most stable land border in Europe, has been in force since the Treaty of Alcanices of 1297 (D. Diniz) and was restored to that same exact configuration after the Lisbon Peace Treaty that settled the 17th-century Restoration War (1640-1668).

The nomination under analysis is of great importance to ensure the protection of the vast heritage with an outstanding universal value, the success of which could greatly benefit our country, due to the intrinsic potential for the social and economic development of the interior regions of Portugal, since o Property to be nominated spans the entire territorial area of the land border.

Simultaneously, in terms of the relationship established with Spain, a very positive dynamic has been achieved with some ayuntamientos, who have expressed their intention to integrate, by extension, the World Heritage Site, once this has been declared - with the municipalities of Ciudad Rodrigo and Olivença expressing such intention.

This nomination, the first serial nomination presented by Portugal and with concrete possibilities of becoming a transnational recognition, acquires an even greater resonance for the multiple advantages that it may produce for promotion and increased attraction of the demographic and economically depressed areas of our country.

The municipalities involved, therefore, trust that the National Commission of UNESCO will deliver a positive opinion on the Nomination, while also hoping that the timeframe set out to present the Portuguese proposal will be complied with by the Ministry of Foreign Affairs at UNESCO, in January 2021.”

This was our spirit in December 2019, aware that we had fulfilled our duty, but also aware that a lot of work still needed to

determinado que Elvas passe a integrar a série com a designação geral da Raia. Porém, não esqueçamos que foi com base nas orientações da Comissão que, em reunião da CNU, presidida então pela Senhora Embaixadora Ana Martinho, se reconheceu que a integração de Elvas no Bem em série que se queria candidatar não contendia com a situação autónoma da sua classificação como Património da Humanidade, e foi nesse pressuposto que o Município de Elvas se incorporou na nossa candidatura. Mas agora, passados quase meia dúzia de anos, criaram-se novamente dúvidas aos decisores daquele município.

O mês de março de 2020 foi e será sempre um mês associado a novas e desconhecidas dificuldades, ainda inconscientes dos problemas gravíssimos que a Pandemia Covid 19 estava para desencadear. Parece que tudo se precipitou, já o destino estava traçado: a saída de Elvas estava iminente e o grupo de avaliação da candidatura levantara algumas questões sobre a candidatura. A confusão estava lançada, com o Plano de Gestão a ser questionado e solicitando-se a sua revisão. Finalmente, a consumação da saída de Elvas veio obrigar a refazer todo o trabalho já concluído.

A reunião de 9 de março de 2020 na sede da CNU, confirmou o inevitável, mas ao mesmo tempo reafirmou a determinação dos três municípios (Almeida, Marvão e Valença) em não desistir. Nesse mesmo dia ficaram delineadas as bases de trabalho futuro, com a entrega de um ofício no Ministério dos Negócios Estrangeiros dirigido ao Ex.mo Ministro, com explicação e resumo dos passos que se seguiriam. Foram definidas as seguintes bases de trabalho:

- Extensão das tarefas de coordenação dos trabalhos
- Encomenda de trabalho de adaptação textual do dossier de Candidatura
- Encomenda de redação de um documento anexo, demonstrativo da existência de outras componentes qualificadas para integrarem a série
- Redirecionar a encomenda dos trabalhos de tradução
- Reorientar a elaboração do trabalho gráfico
- Reprogramar e encomendar novo plano de gestão

be done, which had already been hired and underway. We had just presented the “Strategic Plan for the Fortifications of Almeida/Ciudad Rodrigo”, we had presented the Interpretation Centre of the Route of the Bulwarked Fortresses of Raia and, for the first time in Almeida, we had presented the guidelines for the Nomination.

It was a promising end of the year, but soon the tables were turned by everything that happened in 2020, this infamous year of our lives, with so many setbacks in so many areas, the gravest being the pandemic that continues to plague us.

On 12 February 2020, the President of the CNU sent the Mayor of Elvas an unexpected and odd letter regarding the entries on the World Heritage List, questioning the duplication of the entry of the same site on the List - which, in this case in particular, could lead Elvas to be integrated into the Serial Property “Bulwarked Fortresses of the Raia”, that is, it might lose (or not) the designation with which it was nominated in 2012 as “Garrison Border Town of Elvas and its Fortifications” .

The doubt remains and will continue to remain, since, after the FAR are included in UNESCO’s World Heritage List, as we hope, it will only be natural to determine that Elvas will begin to integrate the series with the general designation of the Raia. However, we mustn’t forget that it was, moreover, on the basis of these same Guidelines that the CNU, in a meeting chaired by Ambassador Ana Martinho had clarified that the integration of Elvas within the Serial Nomination put forward did not challenge the town’s the autonomous classification as World Heritage Site and it was precisely based on that assumption that the Municipality of Elvas decided to join our application. But now, after almost half a dozen years, doubts have once again filled the minds of the decision-makers of that municipality. March 2020 was and will always be a month associated with new and unknown difficulties, still unaware of the serious issues that the Covid-19 Pandemic was about to unleash. This only seemed to rush things even further, the fate was already set: Elvas was in fact leaving and the nomi-

3 - TRABALHO DESENVOLVIDO

Estavam novamente lançadas as bases de trabalho que estoicamente os representantes políticos e técnicos dos municípios, e restante equipa técnica, tinham acordado realizar para salvar uma Candidatura que estava concluída, mas que passava a necessitar de profunda revisão para se manter como determinante num trabalho que se considera importante para o país e de carácter insubstituível para os municípios do interior.

Foi nesta base que o grupo voltou a acelerar, agora com a dificuldade acrescida da pandemia e do primeiro estado de emergência no país. No dia 12 de Março, Almeida conhecia o primeiro caso de COVID 19, nessa data tendo sido lançadas já algumas medidas de contenção por parte do Município e que o país viria a confirmar em todo o território.

Era nesse cenário e condições que teríamos que trabalhar, os objetivos foram todos reorientados e a base de trabalho definida temporalmente, procedendo-se à contratação das equipas técnicas com a esperança de melhorias na situação epidemiológica.

A curva viria a achatar em maio e o mês de junho começava a abrir perspectivas. Foi nessa base que iniciámos a organização do nosso habitual Seminário Internacional para 28 e 29 de agosto de 2020, este ano na sua 14^a edição.

Seria uma data para recordar, tão interessante e importante se apresentava esse evento, com a receção em Almeida do congresso da Associação de Municípios com Centro Histórico a decorrer em Almeida, projetando-se a assinatura de um protocolo de cooperação entre esta Associação e a congénere Espanhola, e com a participação dos representantes dos municípios convidados a integrarem a série da candidatura.

Por razões de segurança e saúde pública e de todos os participantes teve de ser cancelado, e adiado para data a comunicar, mas considerando a qualidade das apresentações e do interesse que os temas suscitam vamos publicar, nesta 23^a edição da revista CEAMA, as comunicações recebidas dos oradores, salvando-se o grande interesse dos materiais que ficam à disposição. Ficaram prejudicadas as assinaturas de protocolos e a participação das

nation assessment group had raised some questions about the nomination. Confusion settled in, with the Management Plan being put into question, claiming it was necessary to revise it. Finally, since Elvas did in fact abandon the process forced us to redo all the work that had already been completed. The meeting of 9 March 2020 at CNU's headquarters confirmed the inevitable, but at the same time reaffirmed the determination of the three municipalities (Almeida, Marvão and Valença) not to give up. On that very same day, the bases for the future work were outlined, with the delivery of a letter to the Ministry of Foreign Affairs addressed to the Minister, explaining and synthesising the steps that would follow. The following guidelines regarding future work were defined:

- extension of the tasks to coordinate the work.
- commissioning the adaptation of the text of the Nomination file.
- commissioning the drafting of an attached document, demonstrating the existence of other qualified components to integrate the series Redirect the purchase order for the translation of the file.
- Redefine the graphic design work.
- Reschedule and commissioning of a new management plan.

3 - WORK CARRIED OUT

The guidelines were again launched that, quite stoically, the political and technical representatives of the municipalities, as well as the rest of the technical team, had agreed to carry out in order to save a Nomination that already finished, but which now needed a deep revision to remain as a determinant factor in a work that must be considered important for the country and absolutely indispensable for the municipalities of the interior.

Grounded on these guidelines, the group charged forward once again, now with the added difficulty of the pandemic and the first state of emergency declared in the country. On 12 March, Almeida had already recorded its first case of COVID-19 and, on that date, some containment measures

entidades que interessaria juntar a este processo de discussão, numa candidatura difícil e prolongada.

4 – DEFINIÇÃO DAS ÁREAS DE PROTEÇÃO

Um aspecto técnico que adquiriu um peso específico na parte final das tarefas do Grupo de Trabalho dos Municípios refere-se à proposta, com critérios unificados, das zonas de protecção patrimonial dos Bens que se querem classificar. Tais zonas deverão servir ao quadro legal nacional e, simultaneamente como proposta, para o estabelecimento das designadas “Buffer Zones” impostas pela Convenção do Património Mundial.

Em face dos diferentes entendimentos presentes nos Municípios que enquadram a candidatura, procedeu-se a um trabalho de unificação que deverá ser rematado antes do encerramento do dossier. Com esse propósito, em finais de agosto passado a Câmara Municipal de Almeida diligenciou um encontro com a Sra. Diretora da Direção Regional de Cultura do Centro, perspetivando-se uma conclusão dos procedimentos, os quais poderão ser assinalados com um acto conjunto das três Direções Regionais envolvidas (Norte, Centro e Alentejo).

5 – REUNIÃO NA COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO (19.09.2020) E CARTA AO SEU PRESIDENTE

Novo balde de água fria sucedeu na reunião, finalmente agendada para o dia 28 de

had already been established by the Municipality, which would later be confirmed throughout the entire territory.

It was in this scenario and conditions that we would have to work, the objectives were all reoriented and the guidelines defined temporarily, and the technical teams were hired, hoping that the epidemiological situation would eventually improve.

The curve would flatten in May and the month of June brought new perspectives with it. Considering this lighter scenario, we started planning our yearly International Seminar for 28 and 29 August 2020, this year in its 14th edition.

It would be a date to remember, since this event was so interesting and important, with Almeida welcoming the congress of the Associação de Municípios com Centro Histórico taking place in Almeida, which would include the signing of a cooperation protocol between this Association and its Spanish counterpart, and with the participation of representatives of the municipalities invited to be part of the application series.

For reasons of public health and safety, as well as bearing in mind the health of all participants, the event had to be cancelled and postponed to a date that will be announced later, but considering the quality of the papers and the interest that the themes arise, we will publish, in this 23rd edition of the CEAMA magazine, the papers received from the speakers, rescuing the great interest of the materials that are now



Presença na reunião da Comissão Nacional da Unesco, no Ministério dos Negócios Estrangeiros em 28.09.2020, com o Presidente da Câmara Municipal tendo à sua direita a Dra. Margarida Alçada e, à esquerda, o Doutor Arq. João Campos.



Setembro último, data em que tivemos oportunidade de constatar que a CNU estaria eventualmente a descartar a hipótese de Portugal submeter prioritariamente a candidatura das FAR em Paris.

available. The signing of protocols and the participation of the entities that could potentially integrate this discussion process were hampered, in a difficult and prolonged nomination.

4 - DEFINITION OF PROTECTION ZONES

A technical aspect that acquired a specific weight in the final part of the tasks of the Municipalities Working Group refers to the proposal, with unified criteria, of heritage protection zones of the Properties now being nominated. Such zones must be in line with the national legal framework and, simultaneously as a nomination, for the creation of the so-called “Buffer Zones” imposed by the World Heritage Convention. In view of the different concepts of each one of the Municipalities that form the Nomination, a work of unification was carried out, which should be completed before the file is concluded. For this purpose, at the end of last August, the Town Council of Almeida arranged a meeting with the Director of the Regional Directorate for Culture of the Centre, with a view to conclude the process, which may be marked with a joint act by the three Regional Directorates involved (North, Center and Alentejo).

5 - MEETING WITH THE NATIONAL COMMISSION FOR UNESCO (19/09/2020) AND LETTER TO ITS PRESIDENT

Another cold shower came during that meeting, finally scheduled for 28 September, when we had the opportunity to observe that the CNU would eventually rule out the possibility of Portugal prioritising the FAR nomination in Paris. After assessing the work carried out for the conversion of the nomination text and the adjustments introduced, we still do not know exactly how the CNU will proceed in relation to this process. On 8 October, I had the opportunity to address a letter to Ambassador Moraes Cabral, expressing our disappointment with the situation in which we found ourselves.

Feito o balanço do trabalho efectuado para a reconversão do texto da candidatura e dos ajustamentos introduzidos ficou ainda sem se saber com exatidão qual o procedimento da CNU em relação ao processo. Tive ocasião de endereçar, em 8 de outubro, uma missiva ao Embaixador Moraes Cabral, manifestando o desapontamento causado com a situação a que se chegara.

Dessa missiva reproduzo: *“Permita-me ainda estender o meu desabafo lembrando a reunião de 8 de Março de 2020 (consumada que for a saída do Município de Elvas em 21 de Fevereiro), na qual os três Municípios manifestaram o interesse em continuar com a nova configuração. Nessa ocasião ficou expresso um compromisso de procedermos às alterações necessárias, incluindo a reformulação do Plano de Gestão solicitada pelo Grupo de Trabalho, tendo V. Exa. determinado que seria posteriormente proporcionada a aferição da Candidatura com o Grupo de Trabalho da CNU - o que não se verifica até ao momento.*

De todo o modo, e suplantando as implicações mais gravosas da pandemia, o nosso esforço concretizou-se na entrega de uma versão de trabalho reformulada no encontro de 28 de Setembro passado. Parece consensual que o recondicionamento operado engrandece a proposta, renovando, para as expectativas do País do Interior, novo impulso para não ser olvidado nas vontades dos decisores, honrando-se igualmente a memória dos tempos em que a fortificação da Raia modelou no corpo necessário para uma Nação eficaz”.

Continuamos aguardando os desenvolvimentos da parte da Comissão, não tendo havido resposta à carta enviada.

6 – CONCLUSÃO DO PLANO DE GESTÃO

Entretanto, um novo Plano de Gestão foi entregue, correspondendo ao solicitado. Trata-se de um documento de grande desenvolvimento e complexidade, equacionando inovadoramente o âmbito técnico da instrução de uma Candidatura em série de carácter inovador, já apontando para a virtualidade de vir a alargar-se transnacionalmente. Estamos crentes de que se trata de uma peça altamente valorativa do dossier

From this letter, I quote: *“Please allow me to further emphasise my frustration by recalling the meeting of 8 March 2020 (already after the Municipality of Elvas had decided to abandon the process on 21 February), in which the three Municipalities expressed their interest in continuing with the new configuration. On that occasion, a commitment was expressed to proceed with the necessary changes, including the reformulation of the Management Plan as requested by the Working Group, reason why Your Excellency determined that later the Nomination would be assessed by CNU’s Working Group - which has not been the case so far.*

In any case, and overcoming the most serious implications of the pandemic, our effort was materialised when we delivered a revised version of the work during the last meeting, on 28 September. There seems to be a consensus that the revision carried out enhances the proposal, renewing, for the expectations of the Country of the Interior, a new hope not to be forgotten by the motivations of the decision makers, also honouring the memory of the times when the fortification of the Raia created a model quite necessary for an efficient Nation”.

We continue to await further developments from the Commission, but the letter we sent failed to get a response.

6 - CONCLUSION OF THE MANAGEMENT PLAN

However, a new Management Plan was delivered, corresponding to what had been requested. This is a document with great depth and complexity, innovatively considering the technical scope of the institution of a serial Nomination with an innovative character, already considering the possibility of expanding the nomination on a transnational level. We are convinced that this is a highly valuable component of the nomination file, which needs to be accepted by CNU’s Working Group.

7 - FINALIZING THE WORKS FOR UNESCO APPLICATION

We are not positioned in this process to come and die on the beach. The candidacy

de Candidatura, o qual carece de aceitação por parte do Grupo de Trabalho da CNU.

77 – REMATE DOS TRABALHOS DA CANDIDATURA UNESCO

Não nos posicionamos neste processo para vir morrer na praia. A Candidatura das fortificações da Raia de Portugal tem sido uma viagem difícil, mas trabalhamos na convicção de chegar a bom porto.

Os nossos esforços poderão, a curto prazo, ser cabalmente rematados para apresentação completa do dossier à Comissão Nacional da Unesco, incluindo ajustamentos na organização final do texto (com as recomendações da CNU) e a elaboração do trabalho gráfico final. Tal poderá ocorrer até ao fim dos primeiros meses de 2021.

Em paralelo, assinalando o cumprimento deste grande projecto das Fortificações Abaluartadas da Raia, deverá organizar-se e dar-se à estampa a síntese do contributo que a Candidatura representa para o conhecimento e valorização do Património português, independentemente do desfecho que virá a ocorrer nos areópagos internacionais. Uma edição condigna, a ser produzida em tempo útil, servirá ainda para se balizarem as diligências a levar a cabo para demonstrar a ambição dos valores em apreço.

A disponibilidade de uma publicação formal na próxima Primavera muito ajudará na demonstração dos nossos anseios em todas as instâncias onde devemos fazer ouvir a nossa voz, e designadamente nas audiências a requerer ao Presidente da República, ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, à Ministra da Cultura, à Ministra da Coesão Territorial e de outros Departamentos do Estado, à nossa Representação Permanente junto da Unesco e, desde logo, reclamando da Comissão Nacional da Unesco as atitudes que se esperam.

8 - PERSPECTIVAS FUTURAS.

Colocarei todas as minhas energias para levar para a frente o trabalho desenvolvido, com o objetivo de entregar à Comissão Nacional da Unesco tudo o que seja necessário, acalentando assim a ambição de, face ao inquestionável Valor Universal Excepcional

of the fortifications of the Raia de Portugal has been a difficult journey, but we are convinced of reaching a good port.

Our efforts may, in the short term, be fully completed for the presentation of the dossier to the National Commission of Unesco, including the arrangements of the final organization of the text (with the recommendations of the CNU) and the preparation of the final graphic work. This could happen by the end of the first months of 2021.

In parallel, signaling the completion of this great project of the Fortificações Abaluartadas da Raia, it should be organized and printed the synthesis that represents the Candidacy as a contribution for the knowledge and valorization of the Portuguese Heritage, regardless of the outcome that will occur in the international areopagus. A decent edition, to be produced in due time, will also serve to accompany the steps to be taken to demonstrate the ambition of the values under consideration.

The availability of a formal publication next Spring will help a lot in demonstrating our desires in all instances where we must make our voice heard, and in particular in the hearings to be requested to the President of the Republic, the Minister of Foreign Affairs, the Minister of Culture, the Minister for Territorial Cohesion and other State Departments, to our Permanent Representation to Unesco and, from the outset, complaining to the Unesco National Commission about the expected attitudes.

8 - FUTURE PERSPECTIVES

I will put all my energy into carrying the work developed forward, with the aim of delivering to the National Commission for UNESCO everything that may be considered necessary, thus nurturing the ambition of, in view of the unquestionable Outstanding Universal Value of including the FAR in UNESCO's World Heritage List, justice is finally done, and we see the effort made in favour of our Municipalities and our Country rewarded.

We are entitled to receive the support we demand. We want to be sure that we will

da proposta de classificação das FAR como Património da Humanidade, seja prestada justiça ao esforço desenvolvido em prol dos nossos Municípios e do nosso país em geral.

Temos direito ao apoio que reclamamos. Queremos a garantia de não termos um sabor amargo a suportar, mas antes a esperança num futuro melhor para Almeida e para o Património da Raia, com todos os que fazem parte deste projeto, quer todos quantos possam vir a integrar a rede da Raia no futuro, seja em Portugal, seja em Espanha.

O interior de Portugal sairá a ganhar se, como é justo dizer-se nesta hora, houver “Alma até Almeida!”

ANTÓNIO JOSÉ MONTEIRO MACHADO,
Presidente da Câmara Municipal

not reach a bitter end, but rather to reach the hope for a better future for Almeida and for the Heritage of the Raia, with all of those who are already part of this project as well as with anyone who may join the Raia network in the future, either in Portugal or in Spain.

The interior of Portugal will be the true winner if, as it is fair to say at this moment, we have “Soul until Almeida”!

ANTÓNIO JOSÉ MONTEIRO MACHADO,
Mayor

Tributo a Eduardo Lourenço

A tribute to Eduardo Lourenço

João Campos

Morreu Eduardo Lourenço (S. Pedro de Rio Seco, 23 de Maio de 1023 – Lisboa, 1 de Dezembro de 2020).

Aquele que agora se desapropriou fisicamente da nossa companhia, também



nos toca em Almeida, na salvaguarda do Património Monumental da sua Praça-forte e da Identidade Raiana.

PRESENÇA NA CANDIDATURA DE ALMEIDA A PATRIMÓNIO MUNDIAL – 1º MOVIMENTO

Em princípios de 2009, com os preparativos da organização de um dossier para a candidatura da Fortaleza de Almeida a Património Mundial, pensei numa lista de personalidades apoiantes, intrinsecamente relacionadas com o Município, para a constituição do que geralmente se chama “Comissão de Honra”. O primeiro nome do estrelato do Pensamento que me veio à cabeça foi o de Eduardo Lourenço, natural que era de São Pedro de Rio Seco, nome de há muito incontornável na referenciação da descoberta, ou do rumo, do Portugal que seremos.

Eduardo Lourenço (S. Pedro de Rio Seco, 23 May 1023 - Lisbon, 1 December 2020) has died.

He who now has been physically removed from our company has also touched Almeida, engaged in safeguarding the Monumental Heritage of its Stronghold.

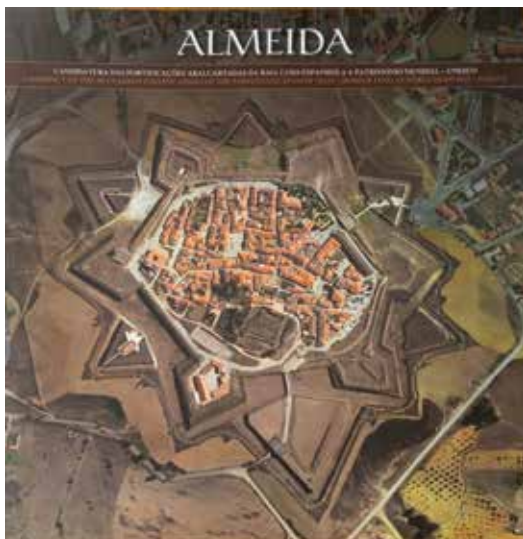
PRESENCE IN ALMEIDA'S NOMINATION PROCESS TO WORLD HERITAGE - 1ST MOVEMENT

At the beginning of 2009, while preparing the World Heritage nomination file for the Stronghold of Almeida, I put together a list of supporting personalities, intrinsically related to the Municipality, to integrate what is normally called “Honour Committee”. The first name that came to mind, when considered the heavy weights of thinking, was Eduardo Lourenço, a native of São Pedro de Rio Seco, a name that has long been essential in referencing the discovery, or the course, of the Portugal that we will become.

I needed to ask his permission to “enlist” him and, after asking a mutual “Pessoan” friend of our greatest expert in Fernando Pessoa, I managed to obtain his phone number and called him at Vence, near Nice, where he lived. Eduardo Lourenço was extraordinarily simple and kind, even over-apologetic, trying to explain why he had not been participating the “daily” issues of our country, but he eventually agreed, as he had never failed to have his native village on his mind while building his Self and his Work. I was happy: I had spoken with an highly-esteemed Master (an event that only happened very few times in my life) and I was going to include his name on the Committee, as was in fact later published.

He was, as always, very proud and humble at the same time. These are his words, taking from a different context: *“I myself feel that I am in debt. I am in debt to the entire humanity, in any case.”*

Capa da edição de / Cover of the edition "Almeida - Candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia Luso-espanhola a Património Mundial – Unesco / Candidacy of the Bulwarked Fortifications of the Portuguese-Spanish "Raia (Border Line) as World Heritage – Unesco", Coord. João Campos, Câmara Municipal de Almeida, 2009.



Necessitava pedir-lhe autorização para o elencar e, depois de perguntar a um amigo “peçoano” do nosso maior especialista em Fernando Pessoa, obtive o número de telefone e falei-lhe para Vence, perto de Nice, onde morou. Eduardo Lourenço foi de uma simplicidade e amabilidade inesperadas, desfazendo-se em explicações sobre o seu afastamento das questões quotidianas do país mas acabando por anuir, pois nunca deixara de ter presente a aldeia natal na construção do seu Eu e da sua Obra. Fiquei feliz: falara com um Mestre admirado (poucas vezes mais isso aconteceu) e ia inscrever o seu nome na Comissão, como aliás veio a ser editado.

Ele foi, como sempre, muito orgulhoso e humilde, ao mesmo tempo. São suas estas palavras, ditas noutra contexto: *“Eu próprio sinto que estou em dívida. Estou em dívida para com a humanidade inteira, de qualquer modo.”*

PAUSA PARA UMA ETAPA DERRADEIRA

A problemática da Identidade nacional prefigura-se na questão das fronteiras do Estado. No caso de Portugal, ela é subjacente à construção de uma razão cultural imaterial sobre uma ideia de limites, estabelecidos embora numa perspectiva de partilha e de troca que pressupõe a convi-

THE DEEP BREATH BEFORE THE LAST STEP

The issue of national identity becomes clear in the issue of the State’s borders. In the case of Portugal, it is the basis for the construction of an intangible cultural notion on an idea of limits, established, however, in a perspective of sharing and exchange that assumes the existence of conviviality - an essential trait of the Portuguese.

Even now, in a Schengen Europe, we feel the meaning of national communal units. Across several States more or less exacerbated regionalisms grow, following the ancestral paths of the peoples’ autonomies. Portugal features a different framework, as it transformed the process of homogenising the different geographic and population strata into a path that influenced the early definition of the unity of territorial sovereignty. This, in itself, becomes heritage and, as heritage, it mustn’t be called into question. When it was called into question, as during the Philippine Dynasty, the specificity of our “Portugality” would override everything, as Eduardo Lourenço teaches: *“Our History is not tragic, but rather very protected. Even when Spain was here, Portugal never lost its real identity. The Spanish would even ask for permission to go to the Portuguese side! Portugal was the most coherent nation from the point of view of Europe and has a kind of identity forged out of its own weakness. This is what is truly extraordinary - we had this ability of transforming our weaknesses into strengths”* (interview with Público newspaper, 2003).

The explanation of this “us” is deeply rooted in history, deciphered by the key figures of our Thinking, most certainly including Eduardo Lourenço in the last fifty or sixty years. In the fertile metaphorisation of the torrential orations that he was able to produce, he talked about his heroes (Montaigne, Camões, Antero, Pessoa), navigating across the different geographies of his mind, multiplying himself in analyses and paraphrases in a permanent philosophical essay that addressed, poetically, complex realities: from art and literature, to politics and music, all the result of his never-ending curiosity, thus transformed into brilliant erudition.

vialidade – sendo essa uma característica essencial do ser português.

Mesmo agora, numa Europa de Schengen, sentimos o significado das unidades comunitárias nacionais. Em diversos Estados delimitam-se regionalismos mais ou menos exacerbados, seguindo os traçados ancestrais das autonomias dos povos. Portugal mostra um quadro diferente, porquanto fez do processo da homogeneização dos diferentes estratos geográficos e populacionais um percurso que influenciou a precoce definição unitária da soberania territorial. Tal constitui-se em valor por si mesmo e, como valor, não deve ser posto em causa. Quando o foi, como no período filipino, as especificidades da portugalidade sobrepunham-se, como ensina Eduardo Lourenço: *“A nossa História não é trágica, é muito protegida. Mesmo quando a Espanha esteve aqui, Portugal nunca perdeu a sua identidade real. Os espanhóis até pediam autorização para ir para a parte portuguesa! Portugal era a nação mais coerente do ponto de vista da Europa e tem uma espécie de identidade forjada a partir da sua própria fraqueza. Isso é que é verdadeiramente extraordinário - tivemos esta capacidade de fazer da fraqueza força”* (entrevista ao jornal Público, 2003).

A explicação de nós radica fundo na História, decifrada pelos nomes maiores do nosso Pensamento, decerto Eduardo Lourenço nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Na fértil metaforização do discurso torrencial que era capaz de produzir, ele discorria sobre os seus heróis (Montaigne, Camões, Antero, Pessoa), navegando nas díspares geografias da sua mente, desmultiplicando análises e paráfrases num permanente ensaio filosófico que aborda, poeticamente, realidades complexas: desde a arte e a literatura, à política e à música, tudo fruto da sua incansável curiosidade, assim transformada em erudição genial.

“O desejo de conhecimento é o que define o homem, desde Aristóteles. Somos aquele que deseja conhecer, deseja conhecer tudo, deseja conhecer sem fim. Os gregos foram os primeiros a falar dessa libido, desse tonel que nunca seria preenchido, que a sabedoria máxima era ter o conhecimento do que não se sabe.” DNa, Diário de Notícias, 2003).

“The desire for knowledge is what defines man, ever since Aristotle. We are the ones that want to know, that want to know everything, that want to endlessly know. The Greeks were the first to talk about this libido, this barrel that would never be filled, that the ultimate wisdom was to gain knowledge over what one does not know.” DNa, Diário de Notícias, 2003).

THE AUTHOR EXPLAINS US SOMETHING ABOUT THE LABYRINTH

With Eduardo Lourenço I learned that *“the discourse on identity is always very diffuse and very much impregnated in “The Labyrinth of Saudade” by Ortega y Gasset’s theses: we are History, historicity. But there lies the mystery: one thing is to realise that there is no “portugality” per se (...) Portugal is its history, Portugal was many different things and is being many different things.”* The continuity of the country *“is not a transcendence, it is a practice: there is always, quite simply, a dialectic between change and permanence. Always. Relentlessly. And, perhaps in the case of Portugal, this may be more accentuated, because we stayed, very early on, in the interior of the Peninsula; our mental and symbolic ideas are identical to that of Spain. Oliveira Martins understood this very well: until the 14th century it is impossible to create a separate history. There were many small Portugals and only one succeeded - ours. And later, we and Spain became as a village of sorts, when compared to the general process in Europe. But there is a paradox: Portugal, being such a village, with a culture as rustic as ours, that struggled so much to enter Modernity, as if we always kept one foot on the country... we only managed to become bigger outside of ourselves”*(Público interview in May 2003).

In the aforementioned interview, at the time of his 95th birthday, he clarifies that *“it was indeed a fundamental concern of mine to know which country we are. And this is, in fact, a question that already afflicted some of our greatest mind, including Antero and the “generation of 1870s”: how was it possible for such a small country to have had such an extraordinary path? At a given point in the history of the West, we were the ones who brought the West to the East. Today we are*

O AUTOR EXPLICA-NOS ALGO DO LABIRINTO

Com Eduardo Lourenço aprendi que “o discurso sobre a identidade é sempre muito difuso e está muito impregnado em «O Labirinto da Saudade» pelas teses de Ortega y Gasset: nós somos História, historicidade. Mas esse é que é o mistério: uma coisa é constatar que não há uma portugalidade em si (...) Portugal é a sua História, Portugal foi coisas diversas e está sendo coisas diversas.” A continuidade do país “não é nenhuma transcendência, é uma prática: simplesmente há sempre uma dialéctica entre mudança e permanência. Sempre. Sem parar. E, talvez no caso de Portugal, isso é capaz de ser mais acentuado, porque ficámos muito cedo no interior da Península; as nossas ideias mentais e simbólicas são idênticas à da Espanha. Oliveira Martins percebeu muito bem isso: até ao século XIV não é possível fazer uma história separada. Havia pequenos portugueses e só um é que vingou - foi o nosso. E mais tarde, nós e a Espanha ficámos como uma aldeia em relação ao processo geral da Europa. Só que há uma paradoxo: Portugal sendo tão aldeia, com uma cultura tão rústica como é a nossa, que teve tanta dificuldade em entrar na modernidade, tínhamos sempre um pé cá... só fomos maiores fora de nós” (entrevista do Público em Maio de 2003).

Na atrás aludida entrevista, por altura do seu 95º aniversário, esclarece que “foi efectivamente minha preocupação fundamental saber que país somos. E essa é, aliás, uma pergunta que vem já dos nossos maiores, incluindo o Antero e a geração de 70: como foi possível um país tão pequeno ter tido um percurso tão extraordinário? A dado momento da História do Ocidente, fomos nós que levamos o Ocidente para o Oriente. Hoje vivemos isso: uns em termos dramáticos, outros como uma coisa natural. Acho fantástico haver portugueses que não se admiram de nada, do bem, do mal ou do aproximado, e fazem corpo com o que está à volta, utilizando-o do modo mais feliz possível.

As ideias do livro estão ligadas aos meus interesses de ordem filosófica quando

living this: some quite dramatically, others as a natural thing. I think it's fantastic that there are some Portuguese that are not surprised by anything, be it good, evil or approximate, and simply flow with what is around them, using it in the happiest way possible.

The ideas in the book are linked to my philosophical interests when I was younger: the essential theme is the issue of time, which can be seen and treated in many different ways, with «saudade» being a way to experience temporality that we feel in a very deeply. Not a Cartesian-type of time not, a sequence of moments that form a logical thing, but rather something that revolves around itself. With «saudade», we recover what, in principle, should be irrecoverable - which is why we recognise ourselves in that sort of sensitivity that we think almost as an identity and we worry very much about the meaning of life in general and that of time in particular.”

TENACITY IN THE WORKS OF THE CURRENT NOMINATION - 2ND MOVEMENT

Since the nomination attempted a dozen years ago failed (with Elvas deserting us in the meantime... as also happened in 2020 during the new UNESCO nomination process), we are now concluding a long process for the submission of a new UNESCO World Heritage nomination of the Fortified Heritage of the Raia.

When writing of the Nomination File of the Bulwarked Fortifications of Raia, my “inspirations” were José Mattoso (in the fundamental derivation of Alexandre Herculano) and Eduardo Lourenço. The latter perhaps because he was the one who, better than anyone else, understood the specificity of the border. Eduardo Lourenço perfectly understands Portugal’s place as Europe, but not necessarily merged with Spain. He answered this question specifically during an interview (“Visão”, May 2018), when he says that he resists “the Quixotic notion of the beautiful Andalusian”: “Although I feel very Iberian, I was born on the border, and when I was a boy I did not know where Portugal ended, and Spain started and vice-versa.”

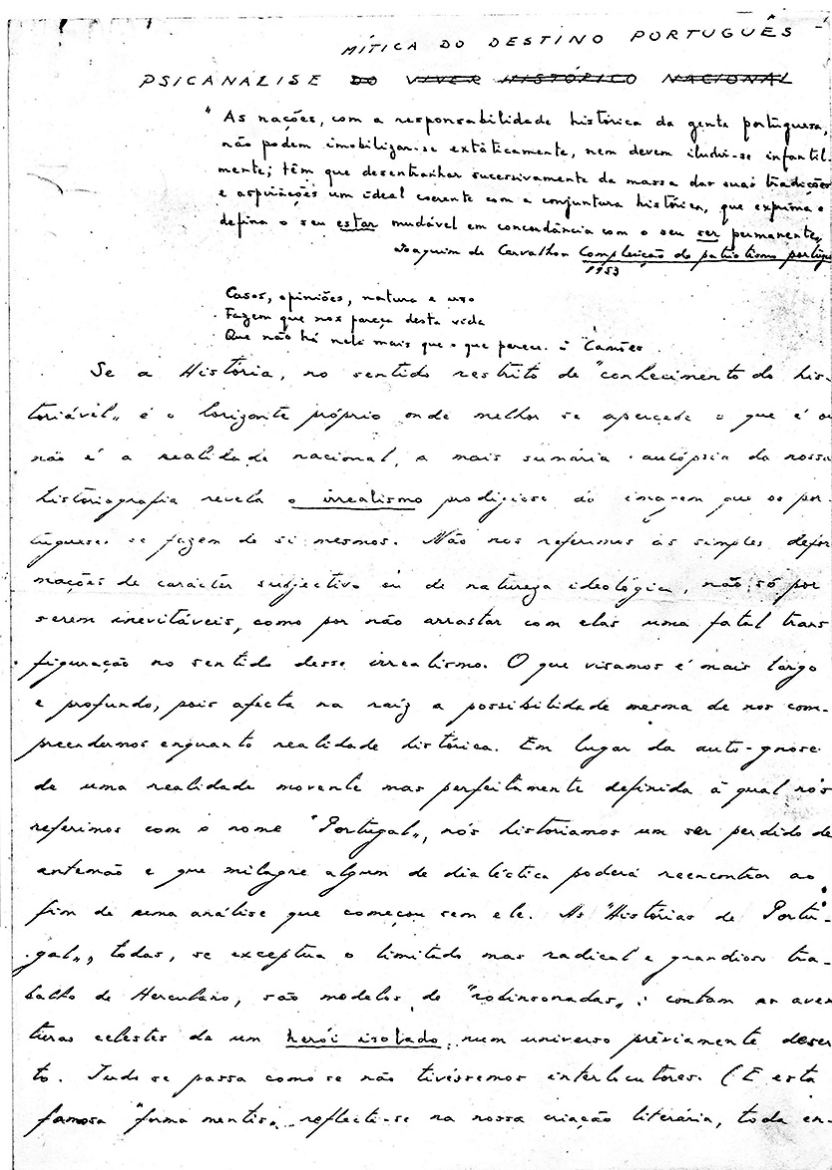
mais jovem: o tema essencial é a problemática do tempo, que se pode ver e tratar de muitas maneiras, sendo a saudade uma espécie de vivência da temporalidade que sentimos de forma muito particular. Um tempo não de tipo cartesiano, de instantes que se sucedem e formam uma coisa lógica, mas antes alguma coisa que volta sobre si mesmo. Na saudade nós recuperamos o que em princípio devia ser irrecuperável – e é por isso que nos reconhecemos nessa espécie de sensibilidade que pensamos identitária e nos preocupamos muito com o sentido da vida em geral e o do tempo em particular.”

PERSISTÊNCIA NOS TRABALHOS DA CANDIDATURA ACTUAL – 2º MOVIMENTO

Gorada a tentativa do processo intentado há uma dúzia de anos (com Elvas, que entretanto desertara... como veio a acontecer em 2020 na nova fase para a Unesco), estamos agora a concluir um longo processo de submissão da proposta de reconhecimento do Património Fortificado da Raia.

Na escrita do dossier de Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia tive como balizas José Mattoso (na derivação fundamental de Alexandre Herculano) e Eduardo Lourenço. Este último talvez por ser quem, mais bem que os demais, percebeu a especificidade da fronteira. Eduardo Lourenço entende bem o lugar de Portugal como Europa, mas não necessariamente fundido com Espanha. Dele é a resposta sobre a questão numa entrevista (“Visão”, Maio de 2018), quando diz que resiste “à figura quixotesca da bela andaluza”: “Embora eu seja muito ibérico, nasci na fronteira, quando garoto não sabia onde era Portugal e onde era Espanha.”

Só um raiano, esse espírito de estar entre cá e lá, podia prefigurar a explicação de um destino colectivo na base de sermos, cá dentro, o que trazemos por acréscimo de nos projectarmos maiores lá fora. Eduardo Lourenço modelou uma formulação inquietante para pensarmos Portugal, disse-cando a maneira como somos nós, estando aqui ao fim de nove séculos de História. O escrito seminal é “O Labirinto da Saudade



Only a person born at the Raia, this spirit of being somewhere between here and there, could represent the explanation of a collective fate found at the basis of we being, inside, what we had brought, by extension, by having grown bigger out there. Eduardo Lourenço modelled an unsettling formulation for us to think about Portugal, dissecting the way we are, of how we are still here after nine centuries of history. The seminal writing is “O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português” (1988) (*The Saudade Labyrinth, Mythical Psychoanalysis of the*

Fac-simile da primeira página do manuscrito de “O Labirinto da Saudade” (1978), onde Eduardo Lourenço após o subtítulo de “Psicanálise Mítica do Destino Português”, preferido a “Psicanálise do Viver Histórico Nacional”. // Facsimile of the first page of the manuscript of “O Labirinto da Saudade” (1978), where Eduardo Lourenço appended the subtitle of “Psicanálise Mítica do Destino Português”, over “Psicanálise do Viver Histórico Nacional (Psychoanalysis of National Way of Living History).”

– *Psicanálise Mítica do Destino Português*” (1988), retorno recorrente na busca da razão da nossa identidade.

Essa lógica induz a formulação que subjaz à justificação da construção da(s) fronteira(s) nacional(is), de acordo com o suceder do tempo na evolução de Portugal no mundo. É por isso que temos os contornos únicos que nos caracterizam no concerto das nações, e tal contributo representa uma mais-valia excepcional para a compreensão da Humanidade. O reconhecimento desse facto imaterial poderá ser consagrado na classificação das Fortalezas Abaluartadas da Raia como Património Mundial, na base da rede inovadora de fortificações reerguidas na segunda metade do século XVII, reafirmando a portugalidade face ao poder mais alto dessa época.

HOMENAGEM

Eduardo Lourenço foi o descodificador da percepção contemporânea de nós. Cabe-nos agora, através do fio de Ariadne que nos passou para a mão, confrontar-mo-nos com o Futuro, honrando a sua memória no percurso que fazemos no nosso próprio Labirinto.

Queremos acreditar que procuramos o melhor percurso para atingir uma saída, certos de que, como dizia o Mestre, “*o homem é, por essência, alguém que vive dos sonhos maiores do que ele.*”

Muito apropriado será que, em homenagem, a Comissão de Honra da Candidatura em curso deixe nela inscrito o nome de Eduardo Lourenço Faria, tutelando a justificação para a sua Raia ascender, com os exemplares notáveis de arquitectura militar histórica que a pontuam, ao reconhecimento de Valor Universal Excepcional para a Humanidade.

Portuguese Destiny, a recurring return in the search for the reason behind our identity.

This logic induces the formulation that underlies the justification for the construction of the national border(s), as time passes bt in the evolution of Portugal in the world. That is why we have the unique contours that characterise us in the concert of nations, and such contribution represents an exceptional added value for the understanding of Humanity. The recognition of this immaterial fact may be enshrined by the nomination of the Bulwarked Fortresses of the Raia as a World Heritage Site, on the basis of the innovative network of fortifications rebuilt during the second half of the 17th century, reaffirming our “Portugality” in the face of the most powerful nation at that time.

A TRIBUTE

Eduardo Lourenço was the decoder of our contemporary perception of us. It is now up to us, with the Ariadne’s thread that he gave us, to confront the Future, honouring his memory on the path we shall take in our own Labyrinth.

We want to believe that we strive to find the best path that will take us to a successful destination, certain that, as *the Master said*, “*man is, in essence, someone who lives from dreams bigger than him.*”

It was be very much appropriate that, as a tribute, the Honour Committee of the nomination in progress maintains the name of Eduardo Lourenço Faria, protecting the justification for his Raia to be recognised, with the remarkable examples of historic military architecture that punctuate it, as having an Outstanding Universal Value for all Humanity.



UMA CONCRETIZAÇÃO DIFÍCIL

Apresentado que fora no número anterior da revista, tudo estava preparado para celebrarmos, nos moldes delineados e no calendário habitual, mais um encontro para desenvolvimento dos trabalhos do Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida. Sabíamos já que a organização seria rodeada de cuidados especiais, tendo-se perspectivado a reunião para o Auditório Municipal, onde poderíamos contar com a presença máxima de 77 participantes, de acordo com as prescrições da Direcção-geral da Saúde. Uma quantidade de acompanhantes (só podendo assistir no caso de o Auditório dispor, no momento, de lugares vagos) fazia subir o número de inscritos potenciais para cima de uma centena. Através de uma gestão adequada das funções, dentro de condições de segurança sanitária, contávamos poder fazer face às contrariedades impostas pela pandemia que grassa pelo mundo. Porém, as condições geográficas dos que chegariam a Almeida (mais de três dezenas de Municípios através da A.P.M.C.H., meia dúzia de oradores académicos convidados, outros

A DIFFICULT ACCOMPLISHMENT

After the previous issue of the magazine had been presented, everything seemed to be aligned for us to celebrate, following the usual proceedings and in the usual schedule, another meeting to further expand the works of Almeida's Study Centre for Military Architecture.

We already knew that the organisation would involve extra precautions and the meeting was scheduled to be held in the Municipal Auditorium, where we would only have a maximum of 77 participants, according to the recommendations of the Directorate-General for Health. Several guests (who would only be able to attend the conference if the Auditorium had vacant seats) caused the number of potential attendees to rise to over a hundred. Through a proper management of events, with proper health safety conditions, we expected to be able to tackle the setbacks imposed by the pandemic that is raging throughout the world. However, the geographical origins of those who would arrive in Almeida (more than three dozen Municipalities, since APMCH was also

tantos de Entidades autárquicas espanholas, membros do Governo e representantes da Administração Central e Regional, a somar a uma previsão de uma vintena de convidados da Câmara Municipal de Almeida) levaram à suspensão do planeado por ser aconselhável não reunir pessoas provenientes de regiões com manifestação de surtos que começavam a suceder-se a ritmo preocupante.

Neste processo contámos com a prestimosa colaboração da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico (A.P.M.C.H.), através do empenho do seu Secretário-geral, Arq. Frederico Mendes Paula, dado ser um evento preparado como reunião anual da Associação. A impossibilidade de concretizar o planeado impediu que debatêssemos com os responsáveis da Administração Pública a urgência de ser rematado o processo de candidatura das FAR.

Fica o registo do alinhamento de participações de responsáveis municipais que queríamos assegurar no Seminário: Presidentes e alguns Técnicos das Câmaras Municipais de Marvão, Valença, Chaves, Castelo de Vide, Campo Maior, Estremoz, Guimarães, Lagos, Moura, Castro Marim, Autarcas espanhóis de Ciudad Rodrigo, Olivença, Fuentes de Oñoro e Aldea del Obispo e da Asociación Red de Conjuntos Históricos de Castilla e León. A este elenco juntar-se-iam cerca de duas dezenas de outros Municípios da associação (alguns tendo chegado a fazer a sua inscrição para estar em Almeida).

Endereçámos convites à Comissão Nacional da Unesco, ao Embaixador de Portugal junto da Unesco, à Direcção-geral e à Direcção Regional do Património Cultural, contando igualmente com a presença de representantes do Governo, designadamente da Senhora Ministra Ana Abrunhosa, responsável pela Coesão Territorial.

De todo o modo, os oradores convidados foram fazendo o seu trabalho e, por isso, usufruiremos dele através das páginas desta revista, com a publicação das comunicações que nos fizeram chegar.

UMA TENTATIVA DE REMARCAÇÃO DO ENCONTRO

Ainda tentámos explorar uma oportunidade que se antevia com um possível abrandamento,

a handful of invited academic speakers, as many others from Spanish local authorities, members of the Government and representatives of the Central and Regional Government, in addition to twenty guests invited by the Town Council of Almeida) have led to the suspension of the plan since it was advisable to avoid gatherings with participants coming from regions with outbreaks that were beginning to happen at a worrying rate.

In this process, we relied on the helpful collaborations of the Portuguese Association of Municipalities with Historic Centre (APMCH), through the commitment of its Secretary-General, Architect Frederico Mendes Paula, since the event would also serve as the Association's annual meeting. Faced with the impossibility of carrying on as planned, we were prevented from discussing with the leading figures of Public Administration the urgency of completing the FAR nomination process.

This is the list of talks by municipal officials that we wanted to be present at the Seminar: Presidents and some senior officers from the Town Councils of Marvão, Valença, Chaves, Castelo de Vide, Campo Maior, Estremoz, Guimarães, Lagos, Moura, Castro Marim, Spanish officials of Ciudad Rodrigo, Olivença, Fuentes de Oñoro and Aldea del Obispo and the Asociación Red de Conjuntos Históricos de Castilla e León. This "cast" would be joined by about two dozen other Municipalities integrating the association (some even registered to be present in Almeida).

We also invited the National Commission of UNESCO, the Ambassador of Portugal to UNESCO, the Directorate-General and the Regional Directorate for Cultural Heritage, while also expecting some representatives of the Government to be present, particularly Minister Ana Abrunhosa, responsible for Territorial Cohesion.

In any case, the invited speakers carried on with their work and, therefore, we shall be able to enjoy it on the pages of this magazine, with the publication of the papers that they've sent us.



mento dos surtos de infecção para finais de Setembro (já sem integrar a A.P.M.C.H. na organização e fazendo coincidir a data com as Jornadas Europeias do Património), mas logo se percebeu que o Covid-19 não iria dar tréguas. Houve que cancelar a actividade, embora estivéssemos crenes da vantagem em prestar contas e da tarefa de sensibilização para a importância de que se reveste a obtenção da classificação da Unesco, não apenas dos três Municípios envolvidos directamente (Almeida, Marvão e Valença) mas para toda a Raia e, em geral, para o interior esquecido de Portugal.

Em face das dificuldades perspectivou-se uma hipótese alternativa; dado o desenvolvimento de contactos do Presidente da Câmara Municipal e a Ministra da Coesão Territorial, pareceu que talvez se pudesse fazer algum aproveitamento da circunstância da XXXI Cimeira Ibérica vir a realizar-se na capital do distrito, a 10 de Outubro de 2020. Teria sido um facto relevante se, no escasso programa do encontro entre os chefes de governo dos dois países, se descesse da Guarda até Almeida, até porque a temática geral passava pela cooperação transfronteiriça e pelas estratégias de desenvolvimento da Raia.

Já na 29^a Cimeira (29^a, Vila Real, 2017) fora sublinhado que o interior deveria ser visto como um grande centro da Península Ibérica. Depois, em Valladolid (30^a Cimeira, 2018), tratou-se da urgência em definir uma estratégia comum contra o despovoamento da zona da Raia. Na ocasião da Guarda, com todas as expectativas de um novo Ministério português para a Coesão Territorial, poderia ter sido feito algo mais¹ do que criar a figura de “trabalhador transfronteiriço” e de uma harmonização administrativa para a passagem de menores entre Portugal e Espanha.

¹ O Concelho de Almeida, apesar de tudo, obteve alguns ganhos de causa na única decisão concreta de medidas a pôr em prática no terreno: prevê-se a criação de uma saída na auto-estrada em Vilar Formoso, (com requalificação do parque para veículos de mercadorias) e a renovação do posto de turismo. Estes aspectos são relevantes para assegurar a estabilidade funcional e económica da zona fronteira em causa.

AN ATTEMPT TO RESCHEDULE THE CONFERENCE

Even so, we tried to explore the possibility that could be anticipated with a possible easing of infection outbreaks towards the end of September (no longer integrating APMCH into the event schedule and making the date coincide with the European Heritage Days), but we soon realised that Covid-19 was in no mood to give up. It was necessary to cancel the event, although we firmly believed of the advantage of this opportunity to report on the progress made and to raise awareness of the importance of achieving UNESCO's nomination, not only for the three Municipalities directly involved (Almeida, Marvão and Valença) but also for the entire Raia and, in general, to the forgotten interior of Portugal.

In view of the difficulties, an alternative hypothesis was envisaged; after the Mayor contacted the Minister for Territorial Cohesion, it seemed that, perhaps, we would be able to take advantage of the XXXI Iberian Summit, to be held in the capital of the district, on 10 October 2020. It would have been a relevant fact if, in the sparse programme for the meeting between the heads of government of the two countries, they had decided to travel from Guarda to Almeida, even more since the general theme was cross-border cooperation and development strategies for the Raia.

Already during the 29th Summit (29th, Vila Real, 2017) it had been emphasised that the interior should be regarded as a great centre of the Iberian Peninsula. Then, in Valladolid (30th Summit, 2018), the discussion focused on the urgent need to define a common strategy against the depopulation of the Raia area. During the Guarda's Summit, with all the expectations surrounding the new Portuguese Ministry for Territorial Cohesion, much more could have been done, much more than¹ creating the notion of “cross-border

¹ The Municipality of Almeida, in spite of everything, has gained something from the only concrete decision regarding measures to be implemented on the ground: an exit on the motorway in Vilar Formoso (with the rehabilitation of the parking lot for goods vehicles) and the renovation of the tourist office. These aspects are

O objectivo de organizar um pequeno evento paralelo à Cimeira seria chamar a atenção sobre a consideração do contributo do Património inserido na faixa raiana para uma aposta nova nos factores de desenvolvimento endógeno, sendo o primeiro o parente pobre do costume, a Cultura². Esta problemática subjaz às perspectivas que a Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia comporta, devendo por isso considerar-se como de relevância nacional para ambos os países ibéricos. Todos os nossos objectivos e esforços foram desperdiçados.

O SEMINÁRIO VIRTUAL ATRAVÉS DA PUBLICAÇÃO DA REVISTA

Virtual não quer dizer somente on-line. Através das páginas seguintes poderemos contar com as bases de uma discussão que não foi possível ter no Verão de 2020, mas que se prolongará, provavelmente, até ao próximo Seminário Internacional de Almeida. Nessa altura esperamos assinalar, finalmente, o ponto de conclusão de um processo encetado há vários anos, fechado o processo de candidatura à Unesco e constituindo-se o trabalho realizado numa direcção a ter em conta para novos voos na salvaguarda do património da arquitectura militar histórica.

Por isso os materiais que servem de base ao XIV Seminário Internacional (publicados seguidamente) insistem na reflexão sobre as acções concretizadas (Moisés Cayetano Rosado) e a importância do caminho a completar (Rui Loza) mas, igualmente, perspectivam a extensão da protecção patrimonial ao conjunto da Fronteira Marítima, com os exemplares abaluartados notáveis que a incorporam.

Uma vez concretizada a proposta de classificação das FAR pela Unesco abrem-se novas perspectivas, designadamente a sensibilização para outras fortificações serem reconhecidas pela excelência do seu

² No domínio da Cultura, de um modo desgarrado e, aparentemente, não levando a consequências, houve a apresentação de um estudo sobre “A projecção Internacional do Espanhol e do Português: O potencial da proximidade linguística”.

worker” and harmonising the administrative process for children to travel between Portugal and Spain.

The objective of organising a small event, parallel to the summit, would be to draw attention to consider the contribution of the Heritage found in the border region as a means to promote endogenous development factors, with the first being the usual underdog - Culture².

This problem underlies the perspectives that the Nomination of the Bulwarked Fortifications of Raia contains, reason why it must be considered a matter of national relevance for both Iberian countries.

All of our goals and efforts have been wasted.

THE VIRTUAL SEMINAR WITH THE PUBLICATION OF THE MAGAZINE

“Virtual” does not mean exclusively online. With these pages, we have the base for a discussion that was not possible in the summer of 2020, but which will probably continue until the next International Seminar of Almeida. At that time, we hope to finally declare the conclusion of a process started several years ago, as soon as the UNESCO nomination process is concluded, leading the work to be carried out towards a new direction, which must be taken into account to reach new heights in safeguarding the heritage of historic military architecture.

For this reason, the materials that serve as the basis for the 14th International Seminar (published on this magazine) insist on reflecting on the actions implemented (Moisés Cayetano Rosado) and the importance of the path that still needs to be treaded (Rui Loza) but they also envisage the extension of this patrimonial protection to the Maritime Border front, with the remarkable bulwarked constructions found there.

Once the proposal for the UNESCO nomination of FARs is concluded, new perspectives will open up, namely raising awareness

relevant to ensure the functional and economic stability of this border area.

² In the field of Culture, and apparently without any consequences, there was the presentation of a study on “The International projection of Spanish and Portuguese: The potential of linguistic proximity”.



valor patrimonial, dando suporte epistemológico à consideração do carácter exemplar das fronteiras do litoral.

Nesse sentido, o XIV Seminário Internacional acolhe uma proposta concreta de investigação, gizada por Frederico Mendes Paula. A ambição será, não apenas sistematizar e caracterizar a rede nacional da fronteira de mar (aqui com um importante contributo de Jose Javier de Castro Fernandez sobre a entrada do Tejo), mas percebê-la, desde logo, na relação complexa dos limites de soberania no Magrebe, para além de outras implicações mais amplas da história política e da diplomacia internacional (desde o *Mare Clausum* ao *Mare Liberum*, passando por Alcáçovas, Tordesilhas, Saragoça e Madrid). A percepção da problemática das fronteiras continuará a ser um motivo de actualidade do pensamento no mundo dos nossos dias. Por isso, a Raia do Brasil adquire uma nova luz (Rui Carita), agora que está em cima da mesa a pretensão de ser alcançado o reconhecimento internacional do seu valor patrimonial pela Unesco. Mas já antes da fixação dos limites da grande nação sul-americana, e mesmo no período da Monarquia Dual, a preocupação de gerir adequadamente a Raia Global decorrente do Tratado de Tordesilhas, foi sempre uma preocupação dominante de Portugal, não só na exclusividade nacional do Oriente, mas também e sempre na amplidão do Atlântico (sobressaindo a obra da dinastia dos Antonelli, António Gil Albarracín).

É este o resultado possível deste XIV Seminário Internacional, que desejamos ver continuado na reflexão e em posterior remate de discussão. Esperemos que no encontro do próximo ano.

regarding other fortifications to be recognised for their outstanding heritage value, giving epistemological support to the consideration of the exemplary natural of the coastal borders.

In this sense, the 14th International Seminar welcomes a concrete research proposal, defined by Frederico Mendes Paula. The ambition will be, not only to systematise and characterise the national network of the sea border (with an important contribution by Jose Javier de Castro Fernandez on the entrance to the river Tagus), but to understand it, immediately, within the complex relationship of the limits of sovereignty in the Maghreb, in addition to other broader implications of political history and international diplomacy (from *Mare Clausum* to *Mare Liberum*, while also engaging Alcáçovas, Tordesillas, Zaragoza and Madrid). The perception of the issue of borders will continue to be a current discussion topic in today's world.

For this reason, a new light is shed on the Raia of Brazil (Rui Carita), now that the intention of seeing its heritage value recognised internationally by UNESCO is on the table. But even before the definition of the limits of the great South American nation, and even during the Dual Monarchy period, the concern to properly manage the Global Raia resulting from the Treaty of Tordesillas was always a main concern of Portugal, not only in the national exclusivity of the East, but also and always in the breadth of the Atlantic Ocean (as underlined by the work of the Antonelli dynasty, António Gil Albarracín). This is the possible result of this 14th International Seminar, which we wish to see continued in the reflection and in the future final discussion. Hopefully during next year's meeting.

Moisés Cayetano Rosado*

Desde 2012 a 2017, inspirados en los *Seminários Internacionais de Arquitectura Militar de Almeida*, hemos celebrado seis *Jornadas de Valorização das Fortificações Abaluartadas da Raia/Jornadas de Valorización de las Fortificaciones Abaluartadas de la Raya*, de forma itinerante. Sucesivamente, los lugares de celebración de las mismas han sido: Badajoz, Castelo de Vide, Castro Marim, Chaves, Vila Viçosa y Almeida.

Todas las ponencias presentadas en las Jornadas han sido publicadas íntegramente en la Revista O PELOURINHO, editada por la Diputación Provincial de Badajoz, estando disponibles en forma impresa tipo “libro” y en diversos buscadores de internet, lo que hace su consulta abierta y universal.

En el año 2018 tuvo cierta continuidad el modelo de Jornada -bajo el mismo objetivo que las anteriores de resaltar los valores patrimoniales, históricos, artísticos, individuales y en serie de nuestro patrimonio abaluartado rayano, de cara a contribuir a su candidatura como Patrimonio de la Humanidad- en una *Jornada de Fortificaciones Abaluartadas celebrada en Olivenza*, que tuvo su continuidad en una *II Jornada* desarrollada en la misma localidad en 2019. Para la primavera de 2020 estaba programada la *III Jornada*, que por razones sanitarias, a causa de la pandemia de coronavirus, se aplaza hasta el otoño de este mismo año. Igualmente, las ponencias presentadas han sido publicadas de forma impresa y electrónica, corriendo a cuenta del Ayuntamiento de Olivenza y la Diputación de Badajoz.

Todo el conjunto, constituye un “cuerpo de investigación y divulgación”, avalado por varias decenas de estudiosos, que apuestan por el valor excepcional, armónico, universal, de la Raya Abaluartada, digna de ser Patrimonio de la Humanidad.

I JORNADAS SOBRE VALORACIÓN DEL PATRIMONIO ABALUARTADO DE LA RAYA LUSO-ESPAÑOLA

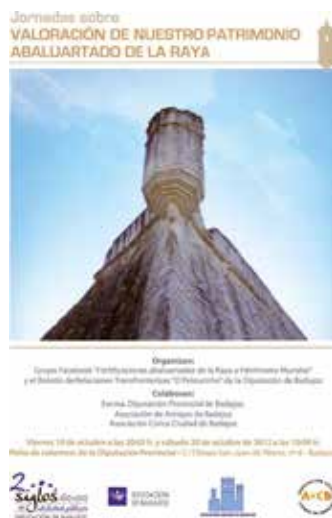
Durante la tarde del viernes, 19 de octubre, y la mañana del sábado, día 20 de 2012, se

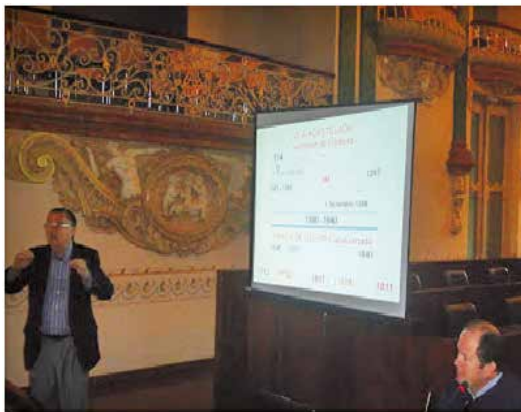
celebraron las *I Jornadas sobre valoración de nuestro patrimonio abaluartado de la Raya*, en el Salón Noble de la Diputación Provincial de Badajoz, seguidas de una visita al Fuerte de San Cristóbal, que guió el historiador Julián García Blanco. Organizadas por el Grupo de Facebook “Fortificaciones abaluartadas de la Rayas a Patrimonio Mundial” y el Boletín de Relaciones Transfronterizas “O Pelourinho”, contaron con la colaboración de la Diputación de Badajoz y las Asociaciones de Amigos de Badajoz y la Cívica Ciudad de Badajoz.

Moisés Cayetano Rosado hace un repaso del patrimonio fortificado abaluartado de la Raya y su significado histórico-artístico, las construcciones de la Edad Moderna surgidas desde Galicia en España y la región de Minho en Portugal, hasta el Algarve y Andalucía, pasando por Castilla-León, Extremadura, las Beiras y Alentejo, precisando la importancia de la correspondencia a un lado y otro de la raya en cuanto a defensas y contradefensas.

El teniente coronel José Ribeiro, subdirector del Museu Militar de Elvas, habló de los edificios notables dentro de la fortificación abaluartada de esta ciudad, ya desde junio de 2011 Patrimonio de la Humanidad por su guarnición fronteriza y fortificaciones. Expuso sus etapas constructivas, estado de conservación y utilización actual, precisando la importancia del notable legado de edificios militares, especialmente los cuarteles, polvorines, edificios de mando, hospitales, etc., sin olvidar las cisternas, elementos estratégicos en la resistencia a los asedios.

El arquitecto Javier Carpio Villa detalló la rehabilitación que ha dirigido del Revellín de San Roque en Badajoz, estado en que se encontraba y actuaciones acometidas, subrayando que el uso que se había hecho había llevado a un vaciado del interior, ocupándose con edificaciones impropias a lo largo de los últimos decenios (Parque de Bomberos, Servicio de Limpieza Municipal...). Recuperados paseos de ronda y adarves, así como fosos y accesos, quedó





dispuesto para utilizarse como Albergue municipal e instalaciones de servicios para la barriada.

En la sesión de la mañana del sábado, abrió el turno el arqueólogo José Antonio Espada Belmonte, como responsable en su área de la rehabilitación del Hornabeque del Puente Viejo de la ciudad, mostrando documentalmente su construcción a mediados del siglo XVII y evolución a lo largo de los siglos hasta la actualidad, con un proceso de degradación y mal uso que lo había llevado a una decadencia alarmante. Con una labor minuciosa, de respeto a los trazados, materiales y técnicas de sus tiempos de actividad, la restauración constituye una de las actuaciones más acertadas llevadas a cabo en la ciudad y ejemplares para toda la Raya.

Julián García Blanco intervino a continuación, exponiendo con detalle el proceso de construcción del Fuerte de San Cristóbal, sus ampliaciones, terraplenados, elevaciones de glacis, baluartes y cortinas a medida que los avances de la artillería sitiadora en las distintas guerras de la Edad Moderna lo iban haciendo necesario para su defensa. Documentó cada uno de los edificios interiores, fundamentalmente de los siglos XIX y XX. Abogó por su consolidación para no romper la "lectura histórica". Por último, el historiador de Campo Maior, Francisco Galego, disertó sobre la Historia y evolución de esta Plaza, resaltando sus hitos fundamentales, en especial su papel durante la Guerra de Restauração de la corona portuguesa (1640-68), la Guerra



de Sucesión española (1701-1714) y los conflictos e invasiones españolas-francesas (1801-1814), con lo que supuso de construcciones abaluartadas (de las que una parte importante han sido arrasadas), asedios y sufrimiento para la población.

La visita al Fuerte de San Cristóbal sirvió para ver su importancia, y que hoy constituye un patrimonio artístico de gran belleza en sí y por el entorno que domina, con magníficas vistas a Elvas y a los campos donde se desarrollaron batallas tan cruciales como las de la Gudiña en 1709 y las de Gévora en 1705 y 1811. Fuerte que al perder su sentido defensivo pasaría a ser prisión militar, luego abandonado y después en proceso de reutilización para usos hoteleros y subsidiariamente museísticos, aunque su destino exclusivo a Museo de Historia de la Frontera sería ideal para un testigo de la misma desde su construcción en 1642 hasta la actualidad.

Intervención del historiador Francisco Galego con la asistencia del teniente coronel José Ribeiro.

Visita al Fuerte de San Cristóbal, de Badajoz, con la explicación de Julián García Blanco. / Visit to the San Cristóbal Fort, in Badajoz, with the explanation by Julián García Blanco.

II JORNADAS SOBRE VALORACIÓN DEL PATRIMONIO ABALUARTADO DE LA RAYA LUSO-ESPAÑOLA

Se celebraron en Castelo de Vide las II Jornadas sobre Valorização do Património Abaluartado da Raia en la tarde del 17 de mayo y la mañana del 18 de mayo de 2013, a lo que siguió una visita al patrimonio fortificado de Castelo de Vide y Marvão.

Tuvieron lugar en el Salón de Actos de la Fundação Nossa Senhora da Esperança, que junto a la Associação de Amigos de Castelo de Vide y del Grupo de facebook





Salón de celebración de las Jornadas.



Fortificaciones Abaluartadas de la Raya a Patrimonio Mundial, fueron las organizadoras, con el apoyo de las Asociaciones de Amigos de Badajoz y Cívica Ciudad de Badajoz, los municipios de Castelo de Vide y Marvão y el Hotel Sol e Serra. Todo ello bajo la dirección del director de la Fundação, Alexandre Cordeiro.

Tras la sesión de apertura, que contó con la presencia de autoridades de Marvão y Valencia de Alcántara, intervino en primer lugar Isidro García Barriga, licenciado en Geografía y guía oficial en Brozas, que habló de las “Fortificaciones defensivas en la frontera extremeña del Tajo Internacional”, especialmente de las de Brozas, Valencia de Alcántara y Alcántara, resaltando las potencialidades culturales y turísticas de la misma.

El ingeniero militar, coronel Francisco Sousa Lobo, Presidente de la Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, desarrolló la ponencia “A Praça Forte de Castelo de Vide, forças e fraquezas da estrutura defensiva”, indicando las actuaciones y necesidades de intervención: el amurallamiento medieval y el abaluartado se conservan en casi todo

su amplio recorrido, y en condiciones de puesta en valor.

En la mañanas del día 18 intervino en primer lugar el profesor de la Universidad de Évora, Jorge Oliveira, que disertó sobre “A origem da fortificação” de Marvão”, remontándose a los restos arqueológicos prehistóricos del municipio, para ir avanzando en la civilización romana, proceso de asentamiento musulmán, reconquista cristiana, conflictos peninsulares..., exponiendo el legado monumental, urbano, vital.

Moisés Cayetano Rosado muestra los “Maltratos en el Patrimonio Monumental de la Raya en los siglos XIX y XX”, clasificándolos por el modelo de “atropello” cometido en los monumentos o en su entorno, unas veces amparados por una legislación vigente sin visión de futuro y otras incluso vulnerándola, presentando casos que ocurren incomprensiblemente incluso en la actualidad.

Cerró la exposición de ponencias Juan Manuel Vázquez Ferrera, Técnico Superior en Desarrollo y Aplicación de proyectos de Construcción, con su investigación “Convento, Baluarte y Hospital de San Juan de Dios en Olivenza”, denunciando el “vaciado” del baluarte de San Juan de Dios. Todo ello para ganarle terreno a una futura Hospedería de la Junta de Extremadura -que ya no se llegará a construir-, lo que llevó al desmoronamiento de parte del “caballero” interior y agrietamiento de la iglesia del convento, además de peligro de derrumbe del mismo baluarte, ante lo que ahora se ha procedido... ¡a volver a rellenar lo excavado... con la tierra de los restos de un revellín!

En el coloquio final se aprobó una resolución de queja ante esta actuación en el baluarte

Presentación de las Jornadas por su director, Moisés Cayetano, y el director de la Fundação Nossa Senhora da Esperança, Alexandre Cordeiro.



Fortificaciones de Castelo de Vide.





oliventino, dirigida a su Ayuntamiento y a la Consejería de Cultura de la Junta de Extremadura, como responsables de esta actuación contraria a la ley, que adultera el sentido del monumento, poniendo por añadidura en peligro la existencia del conjunto de las edificaciones históricas del baluarte.

Posteriormente se desarrollaron las visitas programadas en ambas poblaciones, que en sí son todo un espectáculo de riqueza patrimonial, de conseguidas actuaciones -especialmente primorosas en el caso de Marvão-.

En O PELOURINHO se publicaron las intervenciones expuestas, excepto la de Isidro García Barriga correspondiente fundamentalmente a Alcántara, Valencia de Alcántara y Brozas (al no ser enviada), suplida por un trabajo sobre estas poblaciones fortificadas del Cronista Oficial de Brozas, Francisco Rivero.

RESOLUCIÓN DE QUEJA SOBRE EL “VACIADO” DEL BALUARTE DE SAN JUAN DE DIOS EN LAS “II JORNADAS SOBRE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ABALUARTADO DA RAIA”.

Durante la tarde del viernes, 17 de mayo y la mañana del sábado, 18, tuvieron lugar en las instalaciones de la Fundação Nossa Senhora da Esperança de Castelo de Vide (Portugal) las “II Jornadas sobre Valorização do Património Abaluartado da Raia”, organizadas por la Associação de Amigos de Castelo de Vide y el Grupo de Facebook Fortificaciones Abaluartadas de la Raya a Patrimonio de la Humanidad, en colaboración con las Asociaciones de Amigos de Badajoz y Cívica Ciudad de Badajoz, el Ayuntamiento de Valencia de Alcántara y las Câmaras Municipales de Castelo de Vide y Marvão, así como el Hotel “Sol e Serra”.

En la exposición de la ponencia de Juan Manuel Vázquez Ferrera - sin duda el mejor conocedor de las murallas de Olivenza - sobre “Convento, Baluarte y Hospital de San Juan de Dios en Olivenza”, se explicaba el “vaciado” del baluarte de San Juan de Dios, dejado en el revestimiento pétreo exterior.

Todo ello para ganar terreno para una futura Hospedería de la Junta de Extremadura - que ya no se llegará a construir -, lo que ha llevado al desmoronamiento de parte del “caballero” interior y agrietamiento de la iglesia del convento, además de peligro de derrumbe total del mismo baluarte, ante lo que ahora se ha procedido ¡a volver a rellenar lo excavado!

En el coloquio final se aprobó una resolución de queja ante esta actuación en el baluarte oliventino, dirigida a su Ayuntamiento y a la Consejería de Cultura de la Junta de Extremadura, como responsables de esta actuación contraria a la ley, que adultera el sentido del monumento, poniendo por añadidura en peligro la existencia del conjunto de las edificaciones históricas del baluarte de San Juan de Dios.

En nombre de los participantes y organizadores de las jornadas, de ello le doy traslado, como así se acordó en las Jornadas, para su conocimiento y efecto.

Castelo de Vide, 18 de mayo de 2013.

Fdo: Maria do Carmo Alexandre

Presidente del Grupo de Amigos de Castelo de Vide

Enviado a:

ILMO. SR. ALCALDE-PRESIDENTE DEL AYUNTAMIENTO DE OLIVENZA. Plaza de la Constitución, s/n. 06100. OLIVENZA. ESPAÑA.

EXCMA. SRA. CONSEJERA DE EDUCACIÓN Y CULTURA DEL GOBIERNO DE EXTREMADURA. Calle Santa Julia, 5. 06800 MÉRIDA. ESPAÑA.

III JORNADAS SOBRE VALORACIÓN DEL PATRIMONIO ABALUARTADO DE LA RAYA LUSO-ESPAÑOLA

Los días 26 y 27 de septiembre de 2014 se celebraron en Castro Marim las III Jornadas. Sus pretensiones reafirmarían a las anteriores: Resaltar el valor de nuestro Patrimonio Abaluartado de la Raya Luso-Española y sus posibilidades de alcanzar la clasificación de “Patrimonio de la Humanidad” en serie. Presentar los méritos artísticos e históricos de diferentes fortificaciones. Profundizar en lo que debe ser una



rehabilitación responsable y consecuente de nuestro patrimonio abaluartado.

Las entidades convocantes fueron: Revista O PELOURINHO (Boletín de Relaciones Transfronterizas) de la Diputación de Badajoz, Grupo de Facebook “Fortificaciones Abaluartadas de la Raya a Patrimonio Mundial” y la Eurociudad del Guadiana, con sus municipios, Castro Marim, Vila Real de Santo António y Ayamonte.

Estas III Jornadas transcurrieron en el Salón de Actos de la Biblioteca de Castro Marim, siguiendo este orden, tras la inauguración:

Mañana del día 26: “Descripción y características de la Raya en su conjunto: proceso de formación, diferentes regiones de frontera; modelos de transición y nuevas estructuras; manifestaciones y desenvolvimiento”, a cargo de Moisés Cayetano Rosado, repasando el proceso general de conformación de las fortificaciones rayanas. Tarde del día 26: “Fortificaciones de la frontera de Alentejo Sur y de la Baja Extremadura”. A cargo, respectivamente, de los historiadores Fernando Branco Correia y Julián García Blanco, con un detallado estudio evolutivo de las fortificaciones sureñas de ambas sub-regiones.

“Las fortificaciones del Algarve y de Extremadura del tramo bajo del río Guadiana”. Tratadas respectivamente por el coronel António José Pereira da Costa y el doctor arquitecto Guillermo Duclós, que además ha sido el coordinador de estas Jornadas, trataron minuciosamente del patrimonio fortificado del suroeste peninsular.

Mañana del día 27: “Metodología de intervención en la consolidación del Forte de São Sebastião de Castro Marim”, por el ingeniero Carlos Mesquita, que detalló el proceso de

rehabilitación de este monumento esencial de la fortificación abaluartada.

“Restauración del castillo de San Marcos de San Lúcar de Guadiana”, por el doctor arquitecto Guillermo Duclós, director de la restauración, que ha puesto en valor este castillo que domina las orillas del Guadiana, frente a la población portuguesa de Alcoutim.

“Restauración de la Torre de Isla Canela y Bonete Artillero”, por la arquitecta Ana María Mateos, dando ejemplo de actuación respetuosa con la autenticidad de un monumento señero en la defensa de la costa onubense.

“Arquitectura Militar en el Algarve: un Patrimonio en busca de Valorización”, por la Doctora Natércia Magalhães, de la Direção Regional da Cultura do Algarve. Ponencia que resaltaría el valor de las fortificaciones de todo el Algarve.

“Plan de Arquitectura Defensiva de Andalucía (PADA) en el ámbito de la Raya”, por el arquitecto Juan José Fondevilla, de la Dirección Territorial de la Consejería de Educación, Cultura y Deporte en Huelva, exponiendo la política del gobierno andaluz respecto a la puesta en valor del patrimonio militar de la región.

De esta forma, quedaba cubierto un marco teórico y otro práctico con respecto al tratamiento de las fortificaciones abaluartadas, teniendo especial incidencia en el entorno comprendido por el Bajo Alentejo, Baja Extremadura, Andalucía y Algarve, dentro todo ello del espacio transfronterizo.

Si bien la primera ponencia trató de encuadrar el proceso de formación de las fortificaciones de toda la Raya/Raia desde los primeros conflictos de la *Guerra de Restauração* hasta el final de las *Guerras Napoleónicas*, el resto de las intervenciones



Visitando las fortificaciones de Castro Marim.

Visita al Forte de Cacula Velha.





descendían a lo concreto, exponiendo el marco de fortificaciones de manera detallada desde el sur de Badajoz y el distrito de Beja hasta las principales localizaciones de Huelva y el Algarve fluvial (con extensión al resto costero).

A estos planteamientos teóricos se le añadió el práctico de actuaciones sobre fortificaciones, mostrando los significativos ejemplos de Castro Marim (Forte de S. Sebastião), Sanlúcar de Gadiana (Castillo de San Marcos) y Ayamonte (Torre de Isla Canela, bonete artillero y lienzos recuperados de muralla).

Se completaron las Jornadas con visitas guiadas en las tardes de ambos días, recorriéndose en la primera todo el conjunto amurallado de Castro Marim: tanto el castillo medieval -posteriormente artillado- como los lienzos fortificados “a la moderna” y el Forte de São Sebastião.

En la tarde del día 27 se visitó Cabela Velha (del municipio de Vila Real de Santo António), que posee un interesante Fuerte atenazado hacia el mar, actualmente en uso por la Guardia Nacional Republicana, para labores de vigilancia costera.

A continuación, se tuvo la oportunidad de recorrer la “ciudad pombalina” de Vila Real de Santo António, y admirar las fachadas de su paseo fluvial, armónico conjunto, como su propia plaza principal.

Finalmente, pudimos subir a la Torre de Vigilancia de Isla Canela, desde donde la vista de las marismas y de las poblaciones de los alrededores supone hoy un espectáculo sobrecogedor, tan lleno de sosiego como en su día lo sería de zozobra por los enfrentamientos que ambos países (España y Portugal).



Recorrido por la zona Pombalina de Vila Real de Santo António.

En la torre vigía de Isla Canela (Ayamonte).

IV JORNADAS SOBRE VALORACIÓN DEL PATRIMONIO ABALUARTADO DE LA RAYA LUSO-ESPAÑOLA

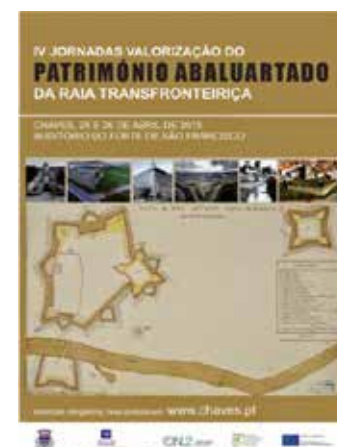
Los días 25 y 26 de abril de 2015 tuvieron lugar las *IV Jornadas* en el Salón de Actos del Forte de São Francisco, de Chaves. Las entidades convocantes fueron: Revista O PELOURINHO (Boletín de Relaciones Transfronterizas) de la Diputación de Badajoz. Grupo de Facebook “Fortificaciones Abaluartadas de la Raya a Patrimonio Mundial”. Câmara Municipal de Chaves. O Novo Norte. Quadro de Referência Estratégico Nacional. Y Fondo Europeo de Desenvolvimento Regional.

El marco de las ponencias presentadas y los responsables de las mismas, por orden de intervención a lo largo del día 25 de abril fueron:

“Patrimonio abaluartado en el corredor Madrid-Lisboa. Importancia y herencia patrimonial”, por Moisés Cayetano Rosado, resaltando la importancia de la línea de invasión central Madrid-Lisboa, que explica su nutrido y bien fortalecido legado patrimonial.

“Al servicio de Cosme de Medici. Las plazas portuguesas en el Atlas de Lorenzo Possi (1687)”, de Rocío Sánchez Rubio, Universidad de Extremadura, que presentó la edición del valioso Atlas que se encuentra en el Museo Galileo de Historia de la Ciencia en Florencia.

“Ingenieros militares en la Raya, en la década de 1660. Métodos de trabajo”. Carlos Sánchez Rubio, Documentalista, Gerente de “4 Gatos”, especialista en cartografía militar, ilustró con ello sobre la labor de los ingenieros militares en la Raya luso-española, en los años cenrales del siglo XVII.



Ponentes de las Jornadas de la Capilla del Forte de S. Francisco, Chaves.



Castillo y Fortificación de Chaves.



“As Fortificações Modernas de Vila Nova de Cerveira e a sua importância Patrimonial”, de Paula Ramalho, representando al Município Vila Nova de Cerveira, que se encargó de resaltar el valor de las fortificaciones de esta población en el conjunto rayano.

“Praça Forte de Valença: origens e evolução da fortificação abaluartada”. Belisa Pereira e Luís Fontes, del Município de Valença/ Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, abundando en los valores patrimoniales de esta plaza fuerte esencial en el conjunto luso-español.

“Preservação e valorização da Fortaleza de Monção”, por Odete Barra, del Município de Monção, que completó el estudio de fortificaciones del norte miñoto.

“As Fortificações do Cerco do Porto 1832-1833” de Sérgio Veludo Coelho ESE, Instituto Politécnico do Porto. Importante investigación de esta otra zona tan esencial en la defensa, marítima, de Portugal.

“A Praça Forte de Chaves, Estrutura e Vestígios Arqueológicos”, de Rui Lopes e Sérgio Carneiro, del Município de Chaves, esencial aportación sobre esta población del norte portugués, pieza clave de la defensa lusa norteña.

“Fortificaciones Abaluartadas en la Raya Salmantina: el Real Fuerte de la Concepción, Ciudad Rodrigo y San Felices de los Gallegos”, de Ramón García Gómez, de la Universidad de Salamanca, que aportó abundante documentación sobre este espacio salmantino, escudo clave frente a la plaza fuerte de Almeida.

“O Sítio Arqueológico do Castelo de D. Dinis. Sua evolução e significado dentro da Praça Abaluartada de Almeida”, de João Campos, doctor arquitecto y Consultor de Almeida,

cuya ponencia incidió profundamente en la importancia del desaparecido Castelo de D. Dinis, del que presentó una importante propuesta de rehabilitación.

En la sesión de cierre, y antes del discurso de clausura del Presidente de la **Câmara Municipal de Chaves**, Aruitecto António Cabeleira, se efectuó la presentación del libro “ Chaves e as Suas Fortificações – Estudo histórico, arqueológico e evolução urbana e arquitetónica”, de Paulo Dordio, Universidade do Porto, CITCEM.

La mañana del día 26 estuvo dedicada a recorrer el casco histórico de Chaves, estudiando su patrimonio artístico monumental, desde la arqueología romana (termas y puente) hasta los fuertes de São Francisco y São Neutel, pasando por los distintos testimonios del patrimonio medieval y abaluartado de la población, así como también su patrimonio urbano, monumentos institucionales, religiosos y civiles.

De esta forma, quedaba cubierto un marco teórico y otro práctico con respecto al tratamiento de las fortificaciones, especialmente en el entorno comprendido por la zona del río Miño, Tras-os-Montes, Beira fronteriza y Raya salmantina.

V JORNADAS SOBRE VALORACIÓN DEL PATRIMONIO ABALUARTADO DE LA RAYA LUSO-ESPAÑOLA

Se celebraron las *V Jornadas* en Vila Viçosa el sábado, 21 de mayo de 2016, con visita a sus fortificaciones el domingo 22, siguiendo el modelo habitual de las Jornadas precedentes el primer día ha sido intensivo de ponencias y el segundo dedicado esencialmente a visitas del patrimonio monumental.





Ese espacio decisivo de las plazas fortificadas en la línea Madrid-Lisboa, los cuarteles de retaguardia, las tropas y mandos implicados en las distintas contiendas, las contiendas en sí, además del sistema general pre-Vauban y la sistematización de su disfrute actual, fueron objeto de consideración profunda, esta vez en el Salón de Plenos de la Câmara Municipal de Vila Viçosa, responsable de la organización.

El programa de las Jornadas comenzó por la Sesión de Abertura, a cargo de Manuel João Fontainhas Condenado. Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa; Sandra São Pedro, de la Dirección Regional de Cultura do Alentejo y Moisés Cayetano Rosado, director de las Jornadas. A continuación, las ponencias:

“Esquilmando a la población civil: Militares y Guerra en la Frontera extremeño-alentejana”, por Fernando Cortés Cortés. Doctor em História. Director de la Revista de Estudios Extremeños, un detallado estudio de los padecimientos de la población civil afectada por los conflictos rayanos.

“A estratégia de defesa da raia alentejana e a capitulação de Olivença em 1657: o caso Stéphane Auguste de Castille”, por Jorge Penim de Freitas. Historiador muy reputado en los estudios de la Guerra de Restauração, de la que trató, centrándose en el caso de las capitulaciones oliventinas de 1657.

“El modelo de Mérida como ejemplo de reutilización del patrimonio arquitectónico con fines militares y los cuarteles de la retaguardia extremeña”, por Fabián Lavado. Historiador. Bibliotecario del Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida. Él mismo había sugerido la necesidad de tratar la temática de cuarteles militares y retaguardia, que detalló sobre Mérida, retaguardia extremeña de primer orden.

“As dinâmicas dos territórios no contexto da Pré e Proto-História do Alentejo (Portugal)”, por Leonor Rocha. Professora da Universidade de Évora, precedentes remotos de nuestros diversos sistemas fortificados.

“Fortificación y guerra en una villa rayana: Ouguela durante la Guerra de la Restauración (1640-1668)”, por Julián García Blanco, que



Inauguración de las Jornadas en el Salón de Plenos de la Câmara Municipal.

ilustró sobre esta fortificación de la freguesía campomaiorense de Ouguela.

“A Importância da Resistência de Vila Viçosa nos 350 Anos da Batalha de Montes Claros”, por Nuno Lemos Pires. Comandante do Corpo de Alunos da Academia Militar, el cual hizo una encendida aportación sobre el papel de Vila Viçosa en la decisiva Batalha de Montes Claros.

“Las fortificaciones de la frontera del corredor Madrid-Lisboa en los dibujos de Pier Maria Baldi”, por Moisés Cayetano Rosado. Una reflexión sobre la importancia del corredor de invasión Madrid-Lisboa, refleja en los dibujos de Baldi, de 1668 y 1669, realizados para Cosme de Médicis.

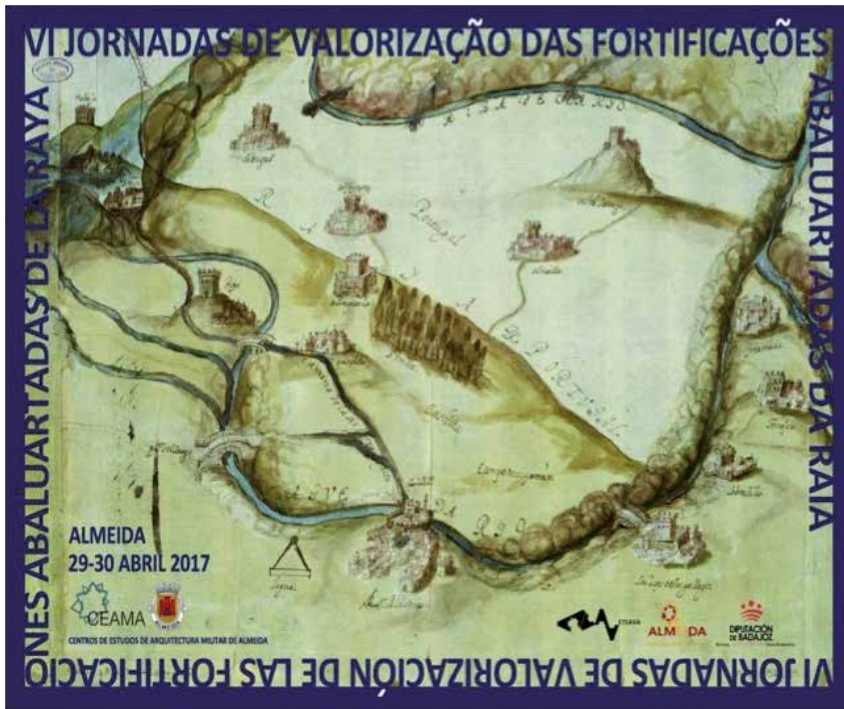
“A fronteira pré-Vauban de Portugal. Ensaio da nova estratégia e da arquitectura militar moderna da Europa”, por João Campos, Perito do Comité das Fortificações (ICOFORT-ICOMOS). De nuevo una aportación decisiva del Dr. Campos para comprender los métodos defensivos de la Edad Moderna.

“Por ser persona experimentada en la materia de fortificaciones”. La obra de Lorenzo Possi y su relación con Vila Viçosa”, por Rocío Sánchez Rubio e Isabel Testón Núñez. Profesoras de la Universidad de Extremadura, que volvieron a incidir en lo ya iniciado en las Jornadas de Chaves, centrado ahora en el caso de Vila Viçosa, sobre este extraordinario Atlas de 1687.

“Potenciación turística de las ciudades abaluartadas de la Raya”, por Juan Francisco Rivero Domínguez, periodista, doctor en Turismo, que resaltó el potencial del patrimonio rayano abaluartado como atractivo turístico-cultural.

Finalizadas las Jornadas, la Câmara Municipal de Vila Viçosa ofreció la extraordinaria actuación del “Dúo Invictus”.





La Câmara Municipal de Almeida se comprometió a acoger las VI Jornadas en la primavera de 2017, con lo que se “cerraría el ciclo”, haciendo un llamamiento a su clasificación como Patrimonio de la Humanidad por la UNESCO. Algo que ya tiene un decisivo paso, pues como se informó públicamente en la clausura *“A candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola, promovida por Almeida, Elvas, Marvão e Valença, já está inscrita na Lista Indicativa de Portugal, da UNESCO, rumo à classificação como Património Mundial”*.

Tazas conmemorativas de las Jornadas. Estupendo detalle de la Câmara Municipal de Almeida, su Presidente António Baptista Ribeiro y su Consultor João Campos.

Mesa inaugural de las Jornadas.



VI JORNADAS SOBRE VALORACIÓN DEL PATRIMONIO ABALUARTADO DE LA RAYA LUSO-ESPAÑOLA

El 29 de abril de 2017 cerramos en Almeida el ciclo de “Jornadas de Valorización de Fortificaciones de la Raia/Raya luso-española”, iniciado en Badajoz en 2012 y continuadas anualmente en Castelo de Vide, Castro Marim, Chaves y Vila Viçosa.

Este cierre de lujo fue posible por el impulso de la Câmara Municipal de Almeida, con su Presidente da Câmara (António Baptista Ribeiro) y el Consultor (Dr. Arquitecto João Campos) a la cabeza. Siguieron a continuación las intervenciones de los ponentes: Moisés Cayetano Rosado, abre las sesiones haciendo un recorrido por el contenido de las distintas “Jornadas de Valorização das Fortificações Transfronteiriças”, su desarrollo y participantes técnicos.

A continuación, João Campos se extiende sobre “O alcance da candidatura das ‘Fortalezas Abaluartadas da Raia’”. dentro de la Serie ya incluida en la Lista Indicativa de Portugal, desde mayo de 2016, junto a Valença do Minho, Marvão y Elvas, al tiempo que detalla los valores de la fortificación de Almeida.

El arquitecto Fernando Cobos, de dilatado currículum como investigador, divulgador y arquitecto director de proyectos de rehabilitación de fortificaciones, desarrolla la ponencia sobre “Estratigrafía Territorial de los Sistemas Defensivos en la Raya Central”, explicando la “línea histórica de continuidad” entre los mismos.

Margarida Alçada, experta en Patrimonio y Turismo, desde la coordinación de la candidatura de las fortificaciones de la Raia, trató “De dossier a processo: a candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia à Lista do Património Mundial”, en el que está trabajando.

Un “Panel de la Escuela de Arquitectura de Valladolid”, coordinado por los profesores arquitectos Valeriano Murillo y Javier Blanco, inaugura una Exposición Académica con trabajos sobre Almeida. E igualmente, desde el Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, presentan

un “Protocolo de colaboraçã e Teses de Mestrado concluídas”, igualmente sobre la fortaleza de Almeida, con explicaciones del profesor ingeniero Luís F. Ramos.

El profesor y consultor de diversas câmara municipales de la zona del Minho, Custódio Oliveira, fue el encargado de explicar “A Comunicação como Pilar Estratégico do Património Mundial da UNESCO”, como factor necesario para su conocimiento y valorización.

El profesor de la Universidad de Salamanca, Ramón García Gómez, abordaría una de las zonas que menos ha sido considerada en estos encuentros y cuya inclusión es de importante valor: “De La Tierra Contra El Mar. Las Fortificaciones Litorales de la Raya Atlántica del Alto Minho”.

Por su parte, el técnico superior da Câmara Municipal de Évora nas áreas da Cultura e Património, Francisco Bilou, desentrañó “As fortificações de Évora: imagem, valor e recurso”, como el técnico superior de la Câmara Municipal de Elvas, Rui Jesuino lo hizo de la otra ciudad rayana que también es Patrimonio de la Humanidad, Elvas, de la que establecería una semblanza de “A formação da cidade-quartel e de sua monumentalidade única”. Dos magníficas “joyas” que aporta Alentejo a la valorización de las ciudades fortificadas de la Raia/Raya.

El siguiente interviniente, el profesor de la Universidad de Extremadura y documentalista Faustino Hermoso, presentaría una propuesta para las “Fortificaciones de la Raya/Raia y las redes de información europeas”, con el fin de su divulgación y conocimiento a todos los niveles y acceso por la red electrónica al mundo entero.

Después, la Técnica Superior del Municipio de Almeida, Paula Sousa defendió la aportación «Os serviços educativos em pro do património e sua salvaguarda», en lo que tiene dilatada experiencia.

Rui Carita, de la Universidad de Madeira intervino con “As fronteiras do Império Ultramarino Português com a Aclamação de D. João IV”, “universalizando” el valor del patrimonio fortificado, que extiende sus “redes lusitanas” de forma universal.



Acto de clausura. Intervención de António Baptista Ribeiro, en la época el Presidente da Câmara Municipal de Almeida.

Clausuró estas VI Jornadas el Presidente de la Câmara Municipal de Almeida, Dr. António Baptista Ribeiro, cuya apuesta por el Patrimonio fortificado de la población y de todo el Patrimonio Cultural del concelho es ejemplar y sostenido en el tiempo, ejemplo digno de seguir por todos los responsables políticos de la Raia/Raya.

Acabó la maratoniada sesión con un brillante concierto barroco en el tránsito de las Puertas Exteriores de Santo António, al lado de donde se celebraron las sesiones académicas, el Centro de Estudos de Arquitectura Militar (CEAMA).



OLIVENZA
Capilla del Convento San Juan de Dios

Sábado
17 de marzo
de 2018

I Jornada sobre FORTIFICACIONES ABALUARTADAS y el papel de Olivenza en el sistema luso-español

limba | | FUNDACIÓN CB

PROGRAMA

Sábado, 17 de marzo de 2018 - Capilla del Convento San Juan de Dios - OLIVENZA

9:30-10:00 INAUGURACIÓN
D. Manuel António Simões, Director de la Jornada.
V. B. D. Manuel José Gonçalves Araújo - Alcalde de Olivenza.
V. B. D. António Manuel Pinheiro Almeida - Presidente del Centro de Estudos de Arquitectura Militar (CEAMA).

10:00-10:30
"La fortificación abaluartada. Aprendiendo a leer sus piedras."
D. Faustino Hermoso Colado, Documentalista del Instituto de Historia y Cultura Militar.
Comandante de Ingeniería, Representante del Instituto de Historia y Cultura Militar.

10:30-11:00
"La fortificación abaluartada de Olivenza en el siglo XVII. Origen y desarrollo."
D. João Guerra Gomes, Profesor de Historia.

11:00-11:30
"El papel de Alentejo en la candidatura a Patrimonio Mundial de la Raia/Raya abaluartada."
D. João Guerra Gomes, Profesor de la Universidad de Salamanca.

11:30-12:00 DESCANSO

12:00-12:30
"Fortificações da Raia, Património Mundial."
D. João Figueira, Doutor Arquitecto, Coordenador do Projeto Forte de Almeida.

12:30-13:00
"Pasado y Presente de la fortificación abaluartada de Olivenza. 1840-2018."
D. José Manuel Viqueiro Ferrás, Historiador Olivenzano.

13:00-13:30
"El papel de Olivenza en la candidatura a Patrimonio Mundial de la Raia/Raya abaluartada."
D. Manuel António Simões, Doutor em Geografia e História, Director de la Jornada, Desempenhador O PeLOURINHO.

13:30-14:00 DESCANSO PÍRICO

14:00 CLAUSURA
V. B. D. Leiva Ignácio Botelho,
Coordenador de Cultura e Juventude da Câmara de Extremadura.

FUNDACIÓN CB | | limba

Posteriormente, durante el día 30 de abril, se realizó una visita a diversos lugares de la fortaleza de Almeida, especialmente a su Museo Histórico-Militar, así como a otros lugares patrimoniales de los alrededores, entre los que debemos destacar la freguesía de Malhada Sorda (donde se inauguró una “esnoga” -sinagoga de culto “discreto” de los judíos expulsados de España por los Reyes Católicos y acogidos en la zona-, habilitada ahora como local cultural), en que actuó su Banda Filarmónica, y se recorrió la ciudad medieval fortificada de Castelo Mendo.

Terminaron definitivamente las actividades con un acto musical en el Auditorio Municipal en que intervinieron el Coro Etnográfico de Almeida y la Academia de Música de Coimbra.

I JORNADA DE OLIVENZA: “FORTIFICACIONES ABALUARTADAS. EL PAPEL DE OLIVENZA EN EL SISTEMA LUSO-ESPAÑOL”.

El 17 de marzo de 2018 se celebraría en Olivenza la I Jornada sobre Fortificaciones Abaluartadas y el papel de Olivenza en el sistema luso-español, en la Capilla del Convento San Juan de Dios, organizada por Asociación Limbo Cultura, con colaboración de la Asociación para la Defensa del Patrimonio de Olivenza y patrocinio de la Fundación Caja Badajoz, Ayuntamiento de Olivenza y Diputación Provincial.

Los municipios de Olivenza y Almeida estuvieron representados respectivamente por su alcalde (y varios concejales) y su Presidente da Câmara Municipal respectiva-

mente; también asistió el primer teniente de alcalde de Valencia de Alcántara y representantes de Alcántara, la diputada delegada de Cultura de la Diputación de Badajoz y la Secretaria General de Cultura de la Junta de Extremadura.

Se contó con estudiosos comprometidos desde hace ya mucho tiempo en ese proyecto: Fernando Parcerro, militar que coordinó hace dos años el “I Curso de Fortificación y Poliorcética”, organizado por el Aula Militar de Cultura Palacio de Capitanía de Badajoz, presentó la ponencia *Las fortificaciones de Olivenza. Aprendiendo a leer sus piedras*. Julián García Blanco, uno de los mayores especialistas en fortificaciones de la Raya, disertó sobre *La fortificación abaluartada de Olivenza, origen y desarrollo*. A Ramón García Gómez, asiduo en los Seminarios Internacionales de Almeida y las Jornadas de “O Pelourinho”, otro especialista de primera línea en la Raya, correspondió introducirnos en *El papel de Alcántara en la candidatura a Patrimonio Mundial de la Raya Abaluartada*.

Tras una “pausa para el café”, João Campos, consultor de Almeida, coordinador de los Seminarios de esa población, uno de los mayores expertos en fortificaciones, nos ilustró sobre *Fortificações da Raia. Património Mundial (com adenda acerca de uma carta pouco estudada sobre a Raia Central e a Guerra da Sucessão)*. Juan Manuel Vázquez Ferrera, investigador oliventino, excelente experto en las fortificaciones de Olivenza, habló de *Pasado y presente de la fortificación abaluartada de Olivenza*. Y Moisés Cayetano Rosado trató en su ponencia de *El papel de Olivenza en la candidatura a Patrimonio Mundial de la Raia/ Raya abaluartada*.

La Jornada fue inaugurada por Luis Ignacio González Franco (Presidente de la Asociación Limbo Cultura), Cristina Núñez Fernández (diputada provincial del Área de Cultura, Juventud y Bienestar Social), Manuel J. González Andrade (alcalde de Olivenza) y Moisés Cayetano Rosado (director de la Jornada). Sería clausurada por los ya presentes en la inauguración Presidente de Limbo Cultura, alcalde de Olivenza y director



Asistentes al inicio de la Jornada.



de la Jornada, y la Secretaria General de Cultura de la Junta de Extremadura, Miriam García Cabezas.

EXPOSICIONES COMPLEMENTARIAS.

Como complemento a esta sesión que ocupó toda la mañana los asistentes pudieron disfrutar de dos magníficas exposiciones:

Una muestra cartográfica recogiendo 18 planos que muestran la evolución de Olivenza desde sus inicios a nuestros días, en un lateral del claustro del Convento. Valiosísima colección que no solamente nos sitúan en la evolución de Olivenza sino en el “sistema evolutivo” de las fortificaciones en general y de las raianas/rayanas en particular, desde los modelos neorobalísticos a los pirobalísticos.

Y un espacio expositivo con paneles, armamentos y objetos complementarios, contando la historia del emblemático edificio ubicado en el baluarte de San Juan de Dios, del que declaraba Gemma Álvarez Benítez (de la Asociación para la Defensa del Patrimonio de Olivenza): “Sólo espero que cumpla su misión: informar sobre la historia que encierra un edificio que fue precursado por una mujer, Leonor Velha, hace 462 años”.

Todo ello supondría un renovado impulso a la candidatura a Patrimonio Mundial “de este otro lado de la Raia/Raya”, de España, una vez que Portugal está totalmente volcado en ese objetivo.

II JORNADA DE OLIVENZA: “LA FORTIFICACIÓN PORTUGUESA. DE D. DINIS A LA GUERRA DE RESTAURAÇÃO Y SUS INCIDENCIAS EN LA PLAZA FUERTE DE OLIVENZA”

A un año de celebrar la I Jornada, se volvió a programar una actividad que continúa el estudio e investigación de nuestro patrimonio fortificado. Y si en su “I Jornada” lo hizo con planteamiento general de la importancia de nuestro patrimonio fortificado, con incidencia especial en Olivenza, ahora se trata de profundizar en la importancia de las fortificaciones de esta Plaza desde su



primer amurallamiento en tiempos del rey D. Dinis hasta los levantamientos abaluartados de la Guerra de Restauração (1640-1668), sin perder la perspectiva general y ese objetivo primordial del logro de Patrimonio de la Humanidad para todo el conjunto.

El programa de esta II JORNADA anunciaba las aportaciones de siete investigadores de primera línea. Los portugueses João Campos, Rui Loza y Margarita Alçada; los españoles Julián García Blanco, María José Rodríguez Trejo y José Antonio Carnerero, y el holandés Edwin Paar. Todos de amplia trayectoria en la investigación y preocupación por este legado patrimonial, procedentes de los campos prácticos de la

Muestra cartográfica con 18 planos que recogen la evolución de la fortificación de Olivenza desde sus inicios a nuestros días.

II Jornada de Fortificaciones Abaluartadas
La fortificación portuguesa. De Don Dinis a la Guerra de Restauração y sus incidencias en la plaza fuerte de Olivenza

OLIVENZA
Capilla del Convento San Juan de Dios
Paseo de Plasero, 21
Sábado 23 de marzo de 2019

PROGRAMA

9:30-10:00 INAUGURACION
Luis Iglesias Fernández (Preside) acompañado de João Campos (Membro), José González Andrés (Secretario) y Gemma Álvarez Benítez (Representante de la Asociación de Defesa do Património de Olivenza).
Presentación de la muestra.

10:00-10:30 Presentación de la muestra
Margarita Alçada (preside) acompañada de João Campos y Rui Loza.

10:30-11:00 João Campos, investigador local
El perfil actual de la Torre del Suroeste, análisis e interpretación.

11:00-11:30 Rui Loza, investigador
El papel de Olivenza en los levantamientos de Portugal y España a principios del siglo XVIII.

11:30-12:00 Julián García Blanco, investigador
Núcleo e habitabilidad en la zona. El caso de São João de Milreu.

12:00-12:30 DEBATE

12:30-13:00 María José Rodríguez Trejo, investigadora
El abaluartamiento de la frontera castellano portuguesa durante la Guerra de Restauração portuguesa (1640-1668).

13:00-13:30 Edwin Paar, investigador del AIC
As fortificações abaluartadas em Olivença: o presente e o futuro.

13:30-14:00 Margarita Alçada, investigadora de la candidatura a Patrimonio Mundial FOM
El proceso de candidatura das Fortificações Abaluartadas de Olivença - um contributo para o desenvolvimento sustentável do território.

14:00-14:30 DEBATE

14:30 CLAUSURA
Margarita Alçada (preside) acompañada de João Campos (Representante de la Associação de Defesa do Património de Olivenza) y Gemma Álvarez Benítez (Representante de la Junta de Extremadura).

Inauguración de la II Jornada de Fortificaciones de Olivenza. De izquierda a derecha: Moisés Cayetano Rosado (director de la Jornada), Manuel J. González Andrade (alcalde de Olivenza), Francisco Pérez Urban (director general de Bibliotecas, Museos y Patrimonio Cultural de la Junta de Extremadura) y Margarida Alçada (coordinadora de la Candidatura de la Raia/Raya Abaluartada a Patrimonio Mundial).



arquitectura, de la dinamización cultural y turística, de las disciplinas históricas y/o historia del arte. Organizó el evento la Asociación oliventina LIMBO CULTURA, con el patrocinio del Ayuntamiento de Olivenza y la Diputación de Badajoz.

La inauguración de la Jornada corrió a cargo del Alcalde de Olivenza, Manuel J. González Andrade, del Director General de Bibliotecas, Museos y Patrimonio Cultural de la Junta de Extremadura, Francisco Pérez Urban, y de la Coordinadora de la Candidatura de la Raia/Raya Abaluartada a Patrimonio Mundial, Margarida Alçada.

El director de la Jornada, Moisés Cayetano Rosado, presentó los objetivos de la misma: reforzar los trabajos científicos y técnicos de la candidatura, y resaltar sus valores en general así como de Olivenza en particular, plaza fuerte de significación muy especial en la Raia/Raya, por su conformación como enclave portugués desde el Tratado de Alcañices en 1297 hasta la conquista por Godoy en 1801.

Intervino a continuación el primer ponente, João Campos. “Sobre Olivença – de Dinis de Portugal a Filipe V de Bourbon. Interrogações a propósito da construção da Torre de Menagem e do abandono da Ponte de Nossa Senhora de Ajuda” llevaría por título su disertación, que abarca un periodo de especial trascendencia para la Plaza. Ésta tiene en la Torre del Homenaje de su recinto medieval un elemento histórico y monumental de extraordinaria significación; el abandono del Ponte de Ajuda a comienzos del siglo XVII adquiriría una relevancia crucial por la vulnerabilidad en que quedaba Olivenza, en la orilla izquierda del Guadiana.

A continuación, José Antonio Carnerero de la Paz, miembro del Grupo Extremeño de Mineralogía y de la Asociación para la Defensa del Patrimonio de Olivenza, para presentar su ponencia “El grafito medieval en la Torre del homenaje, análisis e interpretación”, muy pormenorizada, de los grafitos medievales que destaca por su buen estado de conservación y por su valor iconográfico. El tercer ponente, arquitecto Rui Loza, se extendió sobre “O papel de Olivença na candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia a Património Mundial”, dejándonos un testimonio de alto valor: “ **Enquanto sítio multicultural, transnacional, Olivença é indispensável ao sucesso da candidatura como Raia de Paz entre portugueses e espanhóis. Olivença pode aspirar a ser a “capital” da candidatura**”, subrayó.

En la última intervención antes del descanso el investigador Julián García Blanco presentó bajo el título de “Nación y fidelidad en la raya. El caso de João Dias de Matos” a uno de los personajes militares más interesantes ligados a Olivenza y al “trasiego” que buen número de militares e ingenieros tuvieron en la época: cambio de bando en la contienda. Tras un breve intervalo, interviene en primer lugar, María José Rodríguez Trejo, joven historiadora que diserta sobre “El abaluartamiento de la frontera castellano-portuguesa durante la Guerra de Restauración portuguesa (1640-1668)”, haciendo un amplio repaso de dicho abaluartamiento por toda la zona rayana luso-española.

El historiador del arte holandés **Edwin Paar**, que ya en 1997 participó en el primer equipo para preparar la candidatura de Elvas a Patrimonio de la Humanidad, sería el penúltimo en intervenir, con su ponencia “As fortificações seiscentistas no Alentejo: o presente e o futuro”, presentando el ejemplo de gestión seguido en Holanda para con elementos patrimoniales, sugiriendo la necesidad de seguir su ejemplo.

Margarida Alçada, coordinadora de la Candidatura de la Raia/Raya Abaluartada a Patrimonio Mundial, cerró las intervenciones con su ponencia “O processo de Candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia – um catalisador para o desenvolvimento



sustentável do território”. Glosó la importancia de la red abaluartada luso-española, justificando la clasificación que se solicitará a la UNESCO.

Un breve coloquio puso fin a la Jornada, en que se mostró la inquietud porque los municipios que aspiran a integrar la Lista Patrimonial Universal tengan a punto sus Planes Directores y el acondicionamiento de su patrimonio fortificado para ser dignos de esa clasificación. También se alertó sobre la obsesión que a veces se tiene en ver al Patrimonio Monumental como una fuente de ingresos económicos, por la vía de la afluencia turística, sin crear para ello suficiente infraestructura de acogimiento, y en otras ocasiones sin respetar las exigencias de autenticidad e integridad.

III JORNADA DE OLIVENZA. PREVISTA PARA 28 DE MARZO DE 2020 (APLAZADA POR LA PANDEMIA DE CORONAVIRUS): “DE LA GUERRA DE RESTAURAÇÃO A LAS INVASIONES FRANCESAS. PATRIMONIO HEREDADO”.

Pendiente de celebración, a causa de la pandemia de coronavirus, que impidió su desarrollo en marzo de 2020, todo estaba preparado a principios del mismo mes. Los ponentes había enviado sus resúmenes y comprometido a tener dispuestas las ponencias escritas para el mismo día de las intervenciones, con el fin de pasar inmediatamente a imprenta. Ahora es solamente cuestión de encontrar el momento idóneo para la celebración. Queda aquí constancia, en tanto del programa:

- 9'00-9'30: Recepción de participantes e inscritos.
- 9'30-10'00: *Inauguración*. Representantes institucionales. Representante de LIMBO-Cultura. Director de la Jornada.
- 10'00-10'30: *Margarida Valla*. Universidade de Lisboa. “Os Quartéis e a sua evolução tipológica nas Praças-Fortes do Alentejo”, tratando del alojamiento de las guarniciones en las plazas fuertes, como prioridad de la política militar.



- 10'30-11'00: *Ramón García Gómez*. Universidad de Salamanca. “‘Et super ipsum pontem bellum’. Geoestrategia y frontera en torno al Puente de Alcántara”, considerando la importancia de este puente, como puerta defensiva de Extremadura.
- 11'00-11'30: *Luís Moreira*. Universidade do Minho. “Fortificações abaluartadas da fronteira luso-extremenha na cartografia de Nicolas de Fer (1702-1714)”, considerado uno de los más activos productores de mapas de Portugal, que analiza en detalle.
- 11'30-12'00: *Francisco Bilou*. Técnico Superior do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo. Évora. “Entre Mourão e Olivença: o Guadiana em 1656 por Nicolau de Langres”, presentando una desconocida corográfica de este ingeniero francés.
- 12'00-12'30: *Descanso*.
- 12'30-13'00: *João Carlos García*. Universidade do Porto y *António Martins Quaresma*. Doutor em História. “A fronteira do Chança no século XVIII: fortificações e organização do espaço”, línea de delimitación enentre Portugal y Castilla desde el s. XIII.
- 13'00-13'30: *Fabián Lavado*. Bibliotecario del Consorcio Monumental de Mérida. “La Plaza de Olivenza en 1801/1802: Descripción, estado de la fortificación y de sus edificios militares, obras necesarias y pertrechos”, con informes de la época.

III Jornada de Fortificações e Abaluartadas
De la Guerra da Restauração e las invasões francesas. Património herdado.
Da Guerra da Restauração às invasões francesas. Património herdado.

INVITACIÓN CONVITE

OLIVENZA OLIVENÇA
Capilla/Capela del Convento/Convento San Juan/São João de Doador/Doador. Praça do Piçarra, 24
Sábado 28 marzo/março de 2020

PROGRAMA

09:00-09:30 **RECEPCIÓN RECEPÇÃO** de participantes e inscritos

09:30-10:00 **INAUGURACIÓN INAUGURAÇÃO**
- Representantes institucionales/Representantes institucionais
- Representantes de Limbo Cultural
- Director de la Jornada/Director da Jornada

10:00-10:30 Margarida Valls, Universidade de Lisboa
Ois Quartéis e a sua evolução tipológica nas Praças-Fortes do Alentejo.

10:30-11:00 Ramón García Gómez, Universidad de Salamanca
"El super ignem postem bellum". Geostrategia y fronteras en torno al Puente de Alentorno.

11:00-11:30 Luís Moreira, Universidade do Minho
Fortificações abaluartadas da fronteira luso-extremenha na cartografia de Nicolas de Fer (1702-1714).

11:30-12:00 Francisco Bêça, Técnico Superior do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Évora
Entre Mourão e Olivença: o Guadiana em 1656, por Nicolau de Langens.

12:00-12:30 **PAUSA**

12:30-13:00 João Carlos Garcia, Universidade de Porto, y António Martins Quarrentas, Doutor em História
A fronteira do Champo no século XVIII: fortificações e organização do espaço.

13:00-13:30 Fabián Lavado, Bibliotecario del Consorcio Monumental de Mérida
La plaza de Olivenza en 1801/1802: descripción, estado de la fortificación y de sus edificios militares, obras necesarias y proyectos.

13:30-14:00 Moisés Cayetano Rosado, Doctor en Geografía e Historia
Contribución de Olivenza al Patrimonio de la Humanidad en el subsistema del suroeste ibérico.

14:00-14:30 **DEBATE**

14:30 **CLADUSURA ENCERRAMENTO**

www.abaluartada.es • www.abaluartada.pt

- 13'30-14'00: **Moisés Cayetano Rosado**. Doctor en Geografía e Historia. "Contribución de Olivenza al Patrimonio de la Humanidad en el subsistema del suroeste ibérico", detallando su patrimonio fortificado y construcciones más relevantes.

- 14'00-14'30: **Debate**.

- 14'30-14'45: **Clausura**.

Quede constancia, finalmente lo ya indicado al comienzo: los Seminários Internacionais de Arquitectura Militar de Almeida han sido el aliciente imprescindible para la programación de estas actividades, que pretenden poner en valor nuestro importante patrimonio de fortificaciones abaluartadas, de excepcionalidad universal; con su extraordinaria densidad, suficiente estado de conservación general, autenticidad y en buena parte integridad, siendo un "ejemplo eminente de conjunto arquitectónico que ilustra una etapa significativa (Edad Moderna y s. XIX) de la historia humana" (Criterio IV para ser Patrimonio de la Humanidad).

***MOISÉS CAYETANO ROSADO**, Promotor Cultural

- Doctor en Geografía e Historia.

- Director de las Jornadas de Valorización de Fortificaciones Abaluartadas de la Raya.

- Director de las Jornadas de Fortificaciones Abaluartadas, de Olivenza.

- Director de la Revista O PELOURINHO. Diputación Provincial de Badajoz.

- Autor de diversos ensayos e investigaciones sobre el patrimonio histórico-artístico de la Raya luso-española, como "Un paseo por la Raya" (Gabinete de Iniciativas Transfronterizas. Junta de Extremadura, 2003), "Tesoros de la Raya hispano-lusa" (Edit. Fundación Caja Badajoz, 2015) y "La Raya Ibérica: del campo de batalla al de la emigración" (Edit. Fundación Caja Badajoz, 2018).

The experience of the Journeys for the promotion of the bulwarked fortifications of the Raia

Moisés Cayetano Rosado*

From 2012 to 2017, inspired by the International Seminars on Military Architecture in Almeida, we have organised six Days for the Promotion of Bulwarked Fortifications of the Raia, according to an itinerary. Subsequently, the itinerary included visits to Badajoz, Castelo de Vide, Castro Marim, Chaves, Vila Viçosa and Almeida.

All the papers presented at the Conference have been published in the O PELOURINHO Magazine, published by the Provincial Council of Badajoz, being available in print, as a “book”, as well as in various internet search engines, and, therefore, the magazine may be read and consulted by all.

In 2018 the Conference followed the model that had been used previously - under the same objective as the previous conferences: underlining heritage, historical, artistic, individual and serial values of our bulwarked heritage at the Raia, to make a contribution to its Nomination as a World Heritage Site - in a Bulwarked Fortifications Conference held in Olivença, which was continued in a Second Conference held in the same town in 2019. A III Conference was scheduled for the spring of 2020, which for public health reasons, due to the coronavirus pandemic, was postponed until the autumn. Likewise, the papers presented have been published in print and digitally, at the expense of the Olivença City Council and the Provincial Council of Badajoz.

The entire set constitutes a “body of research and sharing”, endorsed by several dozen scholars, who are committed to the exceptional, harmonious, universal value of the Bulwarked Raia, worthy of being a World Heritage Site.

I CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE PORTUGUESE-SPANISH RAIA

During the afternoon of Friday, 19 October, and the morning of Saturday,

20 of 2012, the I Conference for the Promotion of our bulwarked heritage of the Raia was held in the Noble Hall of the Provincial Council of Badajoz, followed by a visit to the Fort of San Cristóbal, guided by historian Julián García Blanco. Organised by the Facebook Group “Bulwarked Fortifications of the Raias to World Heritage” and the “O Pelourinho”, Cross-Border Relations Bulletin, they had the collaboration of the Provincial Council of Badajoz and the Associations of Friends of Badajoz and the Civic City of Badajoz.

Moisés Cayetano Rosado reviews the bulwarked fortified heritage of the Raia and its historical-artistic significance, the buildings of the Modern Age that emerged from Galicia in Spain and the Minho region in Portugal, to the Algarve and Andalusia, passing through Castilla-León Extremadura, the Beiras and the Alentejo, clearly stating the importance of the correspondence on one side and the other of the border, in terms of defences and counter-defences.

Lieutenant Colonel José Ribeiro, deputy director of the Elvas Military Museum, spoke of the notable buildings within the bulwarked fortification of this city, a World Heritage Site since June 2011, nominated for its border garrison and fortifications. He presented its construction stages, state of conservation and current use, specifying the importance of the remarkable legacy of military buildings, especially the barracks, gunpowder magazines, command buildings, hospitals, etc., without forgetting the cisterns, strategic elements for resisting sieges.

Architect Javier Carpio Villa discussed, in detail, the rehabilitation he has directed of the San Roque Ravelin in Badajoz, the state it was in and the actions undertaken, underlining that the use that had been imposed had caused an emptying of the interior

of the building, being occupied by unsuitable building over the last few decades (Fire Station, Municipal Waste Management Service...). After the chemins de ronde and the allures were recovered, as well as the moats and the accesses, it was prepared to be used as a municipal hostel and service facilities for the neighbourhood.

During the Saturday morning session, archaeologist José Antonio Espada Belmonte took front stage, as the expert in charge of the rehabilitation of the Hornwork of the Old Bridge of the city, presenting documents and discussing its construction in the middle of the seventeenth century and its evolution over the centuries until our days, with a process of degradation and misuse that had led to an alarming decline. With a meticulous work, respecting the drawings, materials and techniques of its times of activity, the restoration became one of the most successful actions carried out in the city, an example for the entire Raia.

Julián García Blanco then spoke, exposing in detail the construction process of the San Cristóbal Fort, its extensions, landfills, glacis elevations, bulwarks and curtains as the advances of the besieging artillery, during the different wars of the Modern Age, imposed for its defence. He documented each of the interior buildings, mainly from the 19th and 20th centuries. He advocated its consolidation, to preserve its “historical reading.”

Finally, the historian of Campo Maior, Francisco Galego, spoke about the History and evolution of this Fortress, highlighting its main achievements, especially its role during the Portuguese Restoration War (1640-68), the War of the Spanish Succession (1701-1714) and the Spanish-French conflicts and invasions (1801-1814), which involved bulwarked construc-

tions (of which a significant part have been destroyed), sieges and suffering for the population.

The visit to the San Cristóbal Fort was important to discuss its relevance, and that today it constitutes an artistic heritage of great beauty in itself and for the scenery it dominates, with magnificent views of Elvas and the fields where crucial battles took place, as that of the Gudiña in 1709 and that of Gévora in 1705 and 1811. A fort that, after losing its defensive functions, would become a military prison, which was abandoned soon after and later was reused as an hotel and alternatively as a museum, although being exclusively used as a Border History Museum would be ideal to as a testimony as that very same border, since its construction in 1642 until today.

II CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE PORTUGUESE-SPANISH RAIA

The II Conference for the Promotion of the Bulwarked Heritage in Castelo de Vide on the afternoon of 17 May and the morning of the 18, 2013, followed by a visit to the fortified heritage of Castelo de Vide and Marvão.

They took place in the Noble Hall of Fundação Nossa Senhora da Esperança, organised by the municipalities of Castelo de Vide and Marvão and the Hotel Sol e Serra, together with the Association of Friends of Castelo de Vide and the Facebook Group “Bulwarked Fortifications of the Raias to World Heritage”, with the support of the Associations of Friends of Badajoz and the Civic City of Badajoz. All this under the guidance of the director of the Foundation, Alexandre Cordeiro.

After the opening session, which was attended by the local authorities of Marvão and Valencia de Alcántara,

Isidro García Barriga, B.A. in Geography and official guide in Brozas, spoke firstly about the “Defensive fortifications on the Extremadura border of the Tagus International”, especially those of Brozas, Valencia de Alcántara and Alcántara, highlighting their cultural and tourist potential.

Military engineer, Colonel Francisco Sousa Lobo, President of the Portuguese Association of Friends of the Castle, delivered a presentation on “The Stronghold of Castelo de Vide, strengths and weaknesses of the defensive structures”, indicating the actions that need to be undertaken: the medieval wall and bulwarked structures are preserved for their most part, and in enhanced conditions.

On the morning of the 18th, Jorge Oliveira, a professor at the University of Évora, delivered the first presentation on “The Origin of the Fortification of Marvão”, going back to the prehistoric archaeological remains of the municipality, to advance into the Roman civilisation, the Muslim settlement process, the Christian *Reconquista*, peninsular conflicts..., underlining this monumental, urban, vital legacy.

Moisés Cayetano Rosado presented the “Mistreatment of Monumental Heritage of the Raia in the 19th and 20th centuries”, classifying them according to the level of “abuse” committed against the monuments or in their surroundings, sometimes protected by legislation in force without a vision of the future and others even making such heritage vulnerable, presenting cases that occur incomprehensibly even today.

Juan Manuel Vázquez Ferrera, Senior Technician for the Development and Application of Construction projects, closed the presentations with his research “Convent, Bulwark and Hospital of San Juan de Dios in Olivença”, denouncing the “emptying”

of the bulwark of San Juan de Dios. All this to make way to a future Hostel of the Extremadura Council - which will no longer be built -, which led to the collapse of a section of the interior cavalier and cracking of the convent church, in addition to the danger of the collapse of the same bulwark, reason why now the “hole” has been refilled... with the remaining earth of a ravelin!

For the final congress, a resolution was passed to present a formal complaint regarding this action in the Olivença’s bulwark, addressed to its City Council and the Department of Culture of the Extremadura Council, as entities responsible for this action, contrary to the law, which adulterates the meaning of the monument, further endangering the existence of all the historical buildings of the bulwark.

Later, the programmed visits took place in both towns, which are in themselves a spectacle of heritage and its wealth, considering all successful performances -particularly exquisite in the case of Marvão.

The presentations carried out were published in the O PELOURINHO magazine, except that of Isidro García Barriga corresponding mainly to Alcántara, Valencia de Alcántara and Brozas (since it was not sent), supplemented by a work on these fortified towns by the Official Chronicler of Brozas, Francisco Rivero.

RESOLUTION TO PRESENT A COMPLAINT ABOUT THE “EMPTYING” OF THE SAN JUAN DE DIOS BULWARK IN THE “II CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE RAIA”;

During Friday afternoon (17 May) and Saturday morning (18 May), the “II Conference for the Promotion of the Bulwarked Heritage of the Raia”



took place at the facilities of the Fundação Nossa Senhora da Esperança de Castelo de Vide (Portugal), an event organised by the Association of Friends of Castelo de Vide and the Facebook Group “Bulwarked Fortifications of the Raias to World Heritage”, with the support of the Associations of Friends of Badajoz and the Civic City of Badajoz, the Municipalities of Valencia de Alcántara and the City Councils of Castelo de Vide and Marvão, as well as the Hotel Sol e Serra.

The presentation made by Juan Manuel Vázquez Ferrera - undoubtedly the best expert on the walls of Olivença- on “Convent, Bulwark and Hospital of San Juan de Dios in Olivença”, the “emptying” of the bulwark of San Juan de Dios was explained, left on the exterior stone revetment. All this to make way to a future Hostel of the Extremadura Council - which will no longer be built -, which led to the collapse of a section of the interior cavalier and cracking of the convent church, in addition to the danger of the collapse of the same bulwark, reason why now the “hole” has been refilled...

For the final congress, **a resolution was passed to present a formal complaint regarding this action in the Olivença’s bulwark, addressed to its City Council and the Department of Culture of the Extremadura Council, as entities responsible for this action, contrary to the law, which adulterates the meaning of the monument, further endangering the existence of all the historical buildings of the bulwark of San Juan de Dios.**

On behalf of the participants and organisers of the conference, please find all relevant information herein, as agreed at the Conference, for future knowledge and effect.

Castelo de Vide, 18 May 2013.

Signed: Maria do Carmo Alexandre

President of the Group of Friends of Castelo de Vide

Sent to:

DEAR SIR, MAYOR OF THE CITY COUNCIL OF OLIVENÇA Plaza de la Constitución, s / n. 06100. OLIVENÇA SPAIN.

Dear Madam, COUNCILLOR FOR EDUCATION AND CULTURE OF THE GOVERNMENT OF EXTREMADURA. Calle Santa Julia, 5. 06800 MÉRIDA. Spain.

III CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE PORTUGUESE-SPANISH RAIJA

On 26 and 27 September 2014, the III Conference was held in Castro Marim. The previous objectives would be further underlines: Promote the value of our Bulwarked Heritage of the Portuguese-Spanish Raia and the possibility of obtaining the “World Heritage Site” title, as a series. To discuss the artistic and historical merits of different fortifications. To further delve into what should be a responsible and consistent rehabilitation of our bulwarked heritage.

The organising entities were: O PELOURINHO Magazine (Cross-Border Relations Bulletin) of the Provincial Council de Badajoz, Facebook Group “Bulwarked Fortifications of the Raias to World Heritage” and the Eurocity of the Guadiana, with its municipalities, Castro Marim, Vila Real de Santo António and Ayamonte.

The III Conference took place in the Assembly Hall of the Castro Marim Library, following this order, after the opening session:

On the morning of the 26th: “Description and characteristics of the Raia as a whole: process of formation, different border regions; transition models and new structures; manifestations and development”, by

Moisés Cayetano Rosado, reviewing the general process of conformation of the border fortifications.

Afternoon of the 26th: “Fortifications of the South Alentejo Sur and Lower Extremadura border”. Historians Fernando Branco Correia and Julián García Blanco presented a detailed study on the evolution of the southern fortifications of both sub-regions.

“The fortifications of the Algarve and Extremadura of the lower section of the river Guadiana”. Treated respectively by Colonel António José Pereira da Costa and Dr. Guillermo Duclós, architect, who has also been the coordinator of these Conference, they dealt in detail with the fortified heritage of the southwest of the peninsula.

Morning of the 27th: “Intervention methodology for the consolidation of the São Sebastião de Castro Marim Fort”, by engineer Carlos Mesquita, who detailed the restoration process of this essential monument of the bulwarked fortification.

“Restoration of the castle of San Marcos de San Lúcar de Guadiana”, by Doctor Guillermo Duclós, supervisor of the restoration, who has highlighted the value of this castle that dominates the banks of the Guadiana, in front of the Portuguese population of Alcoutim.

“Restoration of the Isla Canela Tower and the Artillery Bonnet”, by the architect Ana María Mateos, an example of an action respecting the authenticity of a landmark monument for the defence of the Huelva coast.

“Military Architecture in the Algarve: Heritage in Search of Appreciation”, by Natércia Magalhães, from the Regional Directorate of Culture of the Algarve. A presentation that would highlight the value of fortifications across the Algarve.

“Defensive Architecture Plan of Andalusia (PADA) in the context of the Raia”, by architect Juan José Fond-

evilla, of the Territorial Directorate of the Ministry of Education, Culture and Sports in Huelva, discussing the policy of the Andalusian government regarding the enhancement of the value of the military heritage of the region.

In this way, a theoretical and a practical framework was covered regarding to the treatment of bulwarked fortifications, having a special impact on the environment involving the Lower Alentejo, Lower Extremadura, Andalusia and the Algarve, all within the cross-border space.

Although the first presentation tried to frame the process of formation of the fortifications across the entire Raia, from the first conflicts of the Restoration War until the end of the Napoleonic Wars, the rest of the interventions dealt with concrete aspects, exposing the framework of fortifications in detail from the south of Badajoz and the Beja district to the main locations of Huelva and the riverside Algarve (with extension to the rest of the coast).

To these theoretical approaches, the practical actions on fortifications were added, showing the significant examples of Castro Marim (S. Sebastião Fort), Sanlúcar de Guadiana (San Marcos Castle) and Ayamonte (Isla Canela Tower, artillery bonnet and recovered sections of the wall).

The Conference was completed with guided tours during the afternoons of both days, the first touring the entire walled complex of Castro Marim: both the medieval castle - later with equipped to receive artillery - as well as the “modern” fortified wall sections and the São Sebastião Fort.

On the afternoon of the 27th, we visited Cacela Velha (municipality of Vila Real de Santo António), which has an interesting Fort, tenailed, towards the sea, currently being used by the Guarda Nacional Republicana, for coastal surveillance.

Next, we had the opportunity to visit the “Pombaline town” of Vila Real de Santo António, and admire the facades of its river walk, a harmonious set, as well as the town’s main square.

Finally, we were able to go up the Isla Canela Watch Tower, which has a view over the marshes and the surrounding towns that becomes, today, a breathtaking spectacle, as full of peace as it would be full of anxiety in the days when confrontations took place between both countries (Spain and Portugal).

IV CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE PORTUGUESE-SPANISH RAIA

On 25 and 26 April 2015, the IV Conference took place in the Assembly Hall of the São Francisco Fort, in Chaves. The organising entities were: O PELOURINHO Magazine (Cross-Border Relations Bulletin) of the Provincial Council of Badajoz. Facebook Group “Bulwarked Fortifications of the Raias to World Heritage”. City Council of Chaves. The “Novo Norte”. National Strategic Reference Framework. And European Fund for Regional Development.

The presentations were made according to the following order, during 25 April:

“Bulwarked heritage in the Madrid-Lisbon corridor. Importance and heritage legacy”, by Moisés Cayetano Rosado, highlighting the importance of the Madrid-Lisbon central invasion line, which explains its rich and well-strengthened heritage legacy.

“At the service of Cosimo de’ Medici. The Portuguese fortresses in the Atlas of Lorenzo Possi (1687)”, by Rocío Sánchez Rubio, University of Extremadura, who presented the edition of the valuable Atlas that may

be found in the Galileo Museum of the History of Science in Florence.

“Military engineers in the Raia, in the 1660s. Working methods”. Carlos Sánchez Rubio, Documentalist, Manager of “4 Gatos”, a specialist in military cartography, illustrated with this presentation the work of military engineers in the Portuguese-Spanish Raia, in the central years of the 17th century.

“The Modern Fortifications of Vila Nova de Cerveira and their Important Heritage”, by Paula Ramalho, representing the Municipality of Vila Nova de Cerveira, which intended to highlight the value of the fortifications of this border town.

“Stronghold of Valença: origins and evolution of the bulwarked fortification”. Belisa Pereira and Luís Fontes, from the Municipality of Valença / Archaeology Unit of the University of Minho, abounding in the heritage values of this essential stronghold in the Portuguese-Spanish complex.

“Preservation and Enhancement of the Fortress of Monção”, by Odete Barra, from the Municipality of Monção, who completed the study of the fortifications in the north of Minho. “The Fortification of the Porto Siege - 1832-1833” by Sérgio Veludo Coelho, ESE, Instituto Politécnico do Porto. Important investigation of this area, so essential for the maritime defence of Portugal.

“The Stronghold of Chaves, Archaeological Structure and Remains”, by Rui Lopes and Sérgio Carneiro, from the Municipality of Chaves, an essential contribution to this northern Portuguese town, a key element for the defence of the north of Portugal.

“Bulwarked Fortifications in the Raia of Salamanca: the Real Fuerte de la Concepción, Ciudad Rodrigo and San Felices de los Gallegos”, by Ramón García Gómez, University of Salamanca, who offered abundant



information on this area (Salamanca), a key shield against the fortress of Almeida.

“The Archaeological Site of the Castle of D. Dinis. Its evolution and meaning within the Bulwarked Stronghold of Almeida”, by João Campos, Doctor of Architecture and Consultant for Almeida, whose presentation discussed, in depth, on the importance of the disappeared Castle of D. Dinis, regarding which the author presented an important restoration proposal.

In the closing session, and before the closing speech of the President of the City Council of Chaves, Architect António Cabeleira, the book “Chaves e as Suas Fortificações – Estudo histórico, arqueológico e evolução urbana e arquitetónica”, by Paulo Dordio, University of Porto, CITCEM, was presented.

The morning of the 26th was dedicated to touring the historic centre of Chaves, studying its monumental artistic heritage, from Roman archaeology (baths and bridge) to the forts of São Francisco and São Neutel, passing through the different testimonies of medieval and bulwarked heritage of the town, as well as its urban heritage, and institutional, religious and civil monuments.

In this way, a theoretical and a practical framework was covered regarding the treatment of bulwarked fortifications, especially in the environment comprised by the area of the river Miño, Tras-os-Montes, the Beira's border and the raia of Salamanca.

V CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE PORTUGUESE-SPANISH RAI

The V Conference was held in Vila Viçosa on Saturday, 21 May 2016, with a visit to its fortifications on

Sunday the 22nd, following the usual model of the previous Conferences: the first day was filled with lectures and the second was essentially dedicated to visits to the monumental heritage.

That decisive space of the fortified strongholds on the Madrid-Lisbon line, the second-line military bases, the troops and commanders involved in the different battles, the battles themselves, in addition to the general pre-Vauban system and the systematisation for its current enjoyment were object of deep consideration, this time in the Plenary Hall of the Vila Viçosa City Council, responsible for organising this year's Conference.

The Conference program began with the Opening Session, led by Manuel João Fontainhas Condenado. President of the Vila Viçosa City Council; Sandra São Pedro, from the Regional Directorate of Culture of the Alentejo and Moisés Cayetano Rosado, director of the Conferences. Next, the presentations:

“Depleting the Civilian Population: Soldiers and War on the Extremadura-Alentejo Border”, by Fernando Cortés Cortés. Doctor of Philosophy in History. Director of Revista de Estudios Extremadura, a detailed study on the suffering sustained by the civilian population affected by the conflicts on the border.

“The defensive strategy of the Alentejo raia and the capitulation of Olivença in 1657: the case of Stéphane Auguste de Castille”, by Jorge Penim de Freitas. A highly reputed historian in the War of Restoration studies, which he discussed, focusing on the case of the capitulations of Olivença in 1657.

“The Mérida model as an example of reuse of architectural heritage for military purposes and the barracks of the Extremadura's second-line of defence”, by Fabián Lavado. Historian. Librarian of the Consortium

of the Monumental City of Mérida. He himself had suggested the need to address the theme of military barracks and second-line defences, which he detailed on Mérida, Extremadura's second-line defence.

“The dynamics of territories during Pre and Proto-History in the Alentejo (Portugal)”, by Leonor Rocha. Professor at University of Évora, remote precedents of our various fortified systems.

“Fortification and war in a town of the raia: Ouguela during the War of the Restoration (1640-1668)”, by Julián García Blanco, who discussed the fortification of the parish of Ouguela, in Campo Maior.

“The Importance of the Resistance of Vila Viçosa, 350 Years after the Battle of Montes Claros”, by Nuno Lemos Pires. Commander of the Student Body Instructor at the Military Academy, who delivered a passionate contribution on the role of Vila Viçosa in the decisive Battle of Montes Claros.

“The fortifications of the border of the Madrid-Lisbon corridor in the drawings of Pier Maria Baldi”, by Moisés Cayetano Rosado. A reflection on the importance of the Madrid-Lisbon invasion corridor, reflected in Baldi's drawings of 1668 and 1669, made for Cosimo de' Medici.

“The Pre-Vauban border of Portugal. An essay of the new strategy and modern military architecture in Europe”, by João Campos, Expert of the Committee of Fortifications (ICOFORT-ICOMOS). Again, an incisive contribution by Doctor Campos to understand the defensive methods of the Modern Age.

“For being an experienced person in the field of fortifications.’ The work of Lorenzo Possi and his relationship with Vila Viçosa”, by Rocío Sánchez Rubio and Isabel Testón Núñez. Professors from the University of Extremadura, who once again discussed what had

already been started in the Chaves' Conference, now focusing on the case of Vila Viçosa, on this extraordinary Atlas of 1687.

"Tourism empowerment of the bulwarked cities of the Raia", by Juan Francisco Rivero Domínguez, journalist, PhD in Tourism, who highlighted the potential of bulwarked heritage of the border as a tourist-cultural attraction.

After the Conference, the Vila Viçosa City Council organised an extraordinary performance by the "Invictus Duo".

The City Council of Almeida undertook to organise the VI Conference in the spring of 2017, which would "close the cycle", calling for its nomination as a UNESCO World Heritage Site. Something towards which a decisive step had already been taken, because as it was publicly reported at the closing ceremony of "The nomination of the Bulwarked Fortresses of the Raia, promoted by Almeida, Elvas, Marvão and Valença, is already registered in UNESCO's Tentative List of Portugal, to the nomination as World Heritage".

VI CONFERENCE FOR THE PROMOTION OF THE BULWARKED HERITAGE OF THE PORTUGUESE-SPANISH RAIA

On 29 April 2017 and in Almeida, we closed the cycle of the "Conferences for the Promotion of the Fortifications of the Portuguese-Spanish Raia", started in Badajoz in 2012 and continued on an annual basis in Castelo de Vide, Castro Marim, Chaves and Vila Viçosa.

This fabulous end was made possible by the impulse made by the City Council of Almeida, with the Mayor (António Baptista Ribeiro) and the Consultant (D Arch João Campos) leading the troops. The speakers' interventions were as follows:

Moisés Cayetano Rosado opened the sessions by making a tour of the

content discussed during the different "Conferences for the Promotion of Cross-Border Fortifications", their development and technical participants.

Next, João Campos elaborates on "The scope of the nomination of the 'Bulwarked Fortresses of the Raia' within the Series already included in the UNESCO'S Tentative List of Portugal, since May 2016, together with Valença do Minho, Marvão and Elvas, while detailing the values of the fortification of Almeida.

Architect Fernando Cobos, with a long curriculum as a researcher, promoter and architect responsible for fortification rehabilitation projects, discussed the "Territorial Stratigraphy of Defensive Systems in the Central Raia", explaining the "historical line of continuity" between them.

Margarida Alçada, expert in Heritage and Tourism, responsible for coordinating the nomination process of the fortifications of the Raia, dealt with "From file to process: the nomination of the Bulwarked Fortresses of the Raia to the World Heritage List", in which she is working.

A "Panel of the School of Architecture of Valladolid", coordinated by the professors of Architecture Valeriano Murillo and Javier Blanco, inaugurated an Academic Exhibition with works on Almeida. And likewise, the Department of Civil Engineering of the University of Minho presented a "Collaboration Protocol and completed master's Degree's thesis", also on the fortress of Almeida, with explanations from professor Luís F. Ramos.

Professor and consultant of various city councils in the Minho area, Custódio Oliveira, was in charge of explaining "Communication as a Strategic Pillar of UNESCO World Heritage", as a necessary factor for its promotion and appreciation.

The professor at the University of Salamanca, Ramón García Gómez,

addressed one of the areas that has been least considered during these meetings and the inclusion of which is very relevant: "From Land Against the Sea. The Coastal Fortifications of the Atlantic Raia of Alto Minho".

For his part, the senior official of the City Council of Évora for Culture and Heritage, Francisco Bilou, unravelled the "Fortifications of Évora: image, value and resource"; in turn, senior official of the City Council of Elvas, Rui Jesuíno, talked about the other border city, which is also a World Heritage Site, Elvas, regarding which he presented a paper called "The formation of the garrison-town and its unique monumentality". Two magnificent "gems" that Alentejo brings forward for the enhancement of the fortified cities of the Raia.

The next speaker, the professor at the University of Extremadura and documentalist Faustino Hermoso, would present a proposal for the "Fortifications of the Raia and European information networks", in order to promote them and understand them at all levels and enable access, by means of an electronic network, to the whole world.

Later, Senior Official of the Municipality of Almeida, Paula Sousa presented her work "Educational services in favour of heritage and safeguarding", an area in which she has extensive experience.

Rui Carita, from the University of Madeira intervened with "The borders of the Portuguese Overseas Empire with the Acclamation of D. João IV", "universalising" the value of fortified heritage, which extends its "Portuguese networks" to the entire world.

These VI Conference were closed by the President of the City Council of Almeida, António Baptista Ribeiro, whose commitment to the fortified heritage of the town and the entire Cultural Heritage of the municipality is exemplary and prolonged over time,



an example that should be followed by all political leaders of the Raia.

The marathon ended with a brilliant baroque concert in the passage of the Exterior Gates of Santo António, next to where the academic sessions were held, the Centro de Estudos de Arquitectura Militar (CEAMA).

Later, during the 30th, a visit was made to various places in the Almeida fortress, especially its Historical-Military Museum, as well as other heritage sites in the town's surroundings, among which we must highlight the parish of Malhada Sorda (where a "esnoga" - a synagogue - was inaugurated, where the Jews expelled from Spain by the Catholic Monarchs and welcomed in the area could worship, now restored as a cultural venue), in which their Philharmonic Band performed, and the Fortified medieval town of Castelo Mendo was visited.

The programme ended with a musical act in the Municipal Auditorium which included the participation of Almeida Ethnographic Choir and the Coimbra Music Academy.

I OLIVENÇA CONFERENCE: "BULWARKED FORTIFICATIONS. THE ROLE OF OLIVENÇA IN THE PORTUGUESE-SPANISH SYSTEM".

On 17 March 2018, the First Conference on Bulwarked Fortifications and the role of Olivença in the Portuguese-Spanish system would be held in Olivença, in the Chapel of the San Juan de Dios Convent, organised by Association Limbo Cultura, in collaboration with the Association for the Defence of the Heritage of Olivença and sponsored by Fundación Caja Badajoz, City Council of Olivença and the Provincial Council.

The municipalities of Olivença and Almeida were represented respectively by its Alcalde (and several

counsellor) and its Mayor respectively; The first deputy mayor of Valencia de Alcántara and representatives of Alcántara, the deputy delegate for Culture of the Badajoz Council and the General Secretary for Culture of the Extremadura Regional Government also attended.

Several scholars have been committed to this project for a long time: Fernando Parcerro, a military officer who coordinated the "I Fortification and Gunpowder Artillery Course" two years ago, organised by the Military Class of Culture of the Palace of the Captaincy of Badajoz, delivered the presentation The fortifications of Olivença. Learning to read its stones. Julián García Blanco, one of the greatest experts in fortifications of the Raia, spoke on "The bulwarked fortification of Olivença, origin and development". Ramón García Gómez, a regular at Almeida's International Seminars and the "O Pelourinho" Conferences, another leading specialist in the Raia, was responsible for introducing us to "The Role of Alcántara in the nomination process of the Bulwarked Raia to the World Heritage List".

After a coffee break, João Campos, a consultant for Almeida, coordinator of the Seminars organised at that town, one of the greatest experts in fortifications, delved into the "Fortifications of the Raia. World Heritage" (with an addendum studying a little-known map on the Central Raia and the War of Succession). Juan Manuel Vázquez Ferrera, an Oliventino researcher, an outstanding expert on the fortifications of Olivença, spoke about "Past and present of the bulwarked fortification of Olivença". And Moisés Cayetano Rosado delivered his presentation "The role of Olivença in the nomination process of the bulwarked raia to the World Heritage List".

The Conference was opened by Luis Ignacio González Franco (President of

Association Limbo Cultura), Cristina Núñez Fernández (provincial deputy for Culture, Youth and Social Welfare), Manuel J. González Andrade (Mayor of Olivença) and Moisés Cayetano Rosado (director of the Conference). It would be closed by those already present at the inauguration - President of Association Limbo Cultura, Mayor of Olivença and director of the Conference, and the General Secretary for Culture of the Council of Extremadura, Miriam García Cabezas.

COMPLEMENTARY EXHIBITIONS.

As a complement to this session that occupied the entire morning, attendees were able to enjoy two magnificent exhibitions:

A cartographic exhibition collecting 18 plans that show the evolution of Olivença from its beginning to the present day, on one of the sides of the Convent's cloister. A very valuable collection that not only shows us the evolution of Olivença but also the "evolutionary system" of fortifications in general and of the fortifications of the raia in particular, from torsion artillery to gunpowder artillery models. And an exhibition space with panels, weapons and complementary objects, telling the story of the emblematic building located in the San Juan de Dios bulwark, which, in the words of Gemma Álvarez Benítez (from the Association for the Defence of the Heritage of Olivença): "I only hope that it fulfils its mission: to inform about the history of a building whose the precursor was a women, Leonor Velha, 462 years ago".

All this with the intention to produce a renewed impulse to the World Heritage nomination process "on this other side of the Raia", from Spain, since Portugal is already fully committed to that objective.

II CONFERENCE OF OLIVENÇA: “THE PORTUGUESE FORTIFICATION. FROM D. DINIS TO THE WAR OF RESTORATION AND IMPLICATIONS IN THE STRONGHOLD OF OLIVENÇA”

One year after celebrating the First Conference, an event that continued with the study and investigation of our fortified heritage was once again organised. And if during the I Conference, the focus, broadly speaking, was on the importance of our fortified heritage, with special incidence in Olivença, now the intention was to discuss, on a deeper level, the importance of the fortifications of this Stronghold, since its first walls were built during the time of King D Dinis until the construction of the bulwarks during the Restoration War (1640-1668), without losing focus of the general perspective and that primary objective: seeing the entire ensemble classified as a World Heritage Site.

The programme for this II CONFERENCE announced the contributions of seven leading researchers. The Portuguese João Campos, Rui Loza and Margarita Alçada; the Spanish Julián García Blanco, María José Rodríguez Trejo and José Antonio Carnerero, and the Dutch Edwin Paar. All with an ample experience in the research and preoccupation for this heritage, coming from the fields of architecture, cultural and tourism revitalisation, history or art history. The event was organised by Olivença's Association LIMBO CULTURA and sponsored by the Olivença City Council and the Provincial Council of Badajoz.

The inauguration of the Conference was led by the Mayor of Olivença, Manuel J. González Andrade, the Director General of Libraries, Museums and Cultural Heritage of the Council of Extremadura, Francisco Pérez Urban, and the Coordinator of

the Nomination of the Bulwarked Raia to World Heritage, Margarida Alçada. The director of the Conference, Moisés Cayetano Rosado, presented its objectives: to strengthen the scientific and technical work of the nomination, and to highlight its values in general as well as of Olivença in particular, a stronghold of very special significance in the Raia, a Portuguese enclave since the Treaty of Alcañices in 1297 until the conquest by Godoy in 1801.

The first speaker, João Campos, then intervened. “On Olivença - from Dinis of Portugal to Phillip V of Bourbon. Questions about the construction of the Keep and the abandonment of the Nossa Senhora de Ajuda Bridge” would be the title of his presentation, which covers a period of special significance for the Stronghold. The latter holds, in the Keep of its medieval enclosure, a historical and monumental element of extraordinary significance; the abandonment of the Ajuda Bridge at the beginning of the seventeenth century would acquire a crucial relevance, leaving Olivença in a very vulnerable state, on the left bank of the Guadiana.

Next, José Antonio Carnerero de la Paz, member of the Extremadura Mineralogy Group and of the Association for the Defence of the Heritage of Olivença, delivered his presentation “Medieval graphite in the Keep, analysis and interpretation”, very detailed, of the medieval graphite that stands out, due to its good state of preservation and its iconographic value.

The third speaker, architect Rui Loza, elaborated on “The role of Olivença in the nomination process of the Bulwarked Fortresses of the Raia to World Heritage”, leaving us a very relevant testimonial: “As a multicultural, transnational site, Olivença is indispensable for the success of the nomination as a Raia

of Peace between Portuguese and Spanish. Olivença may even aspire to be the «capital» of the application», he stressed.

In the last intervention before the break, researcher Julián García Blanco presented “Nation and loyalty in the border. The case of João Dias de Matos”, dealing with one of the most interesting military characters linked to Olivença and to the “transfer” that a good number of soldiers and engineers experienced at the time: change of side in the war. After a brief interval, the first intervention was by María José Rodríguez Trejo, a young historian, who spoke on “The bulwarking transformation of the Castilian-Portuguese border during the Portuguese Restoration War (1640-1668)”, making a comprehensive review of the said transformation across the entire Portuguese-Spanish border area.

Dutch art historian Edwin Paar, who had already participated in the first team, in 1997, that prepared Elvas's nomination to the World Heritage List, would make the penultimate intervention, delivering his presentation “17th-century Fortifications in the Alentejo: the present and the future”, presenting the management policies followed in the Netherlands for heritage, **suggesting the need to follow such example.**

Margarida Alçada, coordinator of the Nomination of the Bulwarked Raia to World Heritage, closed the interventions with her presentation “The Nomination Process of the Bulwarked Fortresses of the Raia - a catalyst for the sustainable development of the territory”. She discussed about the importance of the Portuguese-Spanish bulwark network, justifying the classification that will be requested from UNESCO.

A brief discussion ended the Conference, which dealt with the need to ensure that the municipalities



that aspire to join the World Heritage List have their Master Plans ready and their fortified heritage properly cared for to be worthy of this nomination. A warning was also made about an obsession that sometimes leads one to see Monumental Heritage as a source of income, by way of the influx of tourists, without creating a sufficient and able supporting infrastructure, and on other occasions without respecting the requirements of authenticity and integrity.

III CONFERENCE OF OLIVENÇA. SCHEDULED FOR 28 MARCH 2020 (POSTPONED DUE TO THE CORONAVIRUS PANDEMIC): “FROM THE WAR OF RESTAURAÇÃO TO THE FRENCH INVASIONS. INHERITED HERITAGE”.

Still waiting to be held, due to the coronavirus pandemic, which prevented its organisation in March 2020, everything was ready at the beginning of that month. The speakers had already submitted their abstracts and undertaken to have the written presentations ready for the same day of the interventions, in order to have them immediately published. Now it is just a matter of finding the right time to hold the event. This was the schedule for the event:

9:00-9:30 a.m.: Reception of participants and registrants.

9:30 am - 10:00 am: Opening Session Institutional representatives. Representative of LIMBO-Cultura. Director of the Conference.

- 10:00 am- 10:30 am: Margarida Valla. University of Lisbon. “Barracks and their typological evolution in the Alentejo’s Strongholds” dealing with the accommodation of the garrisons within the strongholds, a priority for military policy.

- 10:30 am - 11:00 am: Ramón García Gómez. University of Salamanca.

“‘Et super ipsum pontem bellum’. Geostrategy and border around the Alcántara Bridge”, considering the importance of this bridge as a defensive gate to the Extremadura.

- 11:00 am -11:30 am: Luís Moreira. University of Minho. “Bulwarked Fortifications of the Portuguese-Extremadura border in Nicolas de Fer’s cartography (1702-1714)”, considered one of the most active producers of maps in Portugal, which the author analyses in detail.

- 11:30 am - 12:00 pm: Francisco Bilou. Senior Official of the Frei Manuel do Cenáculo National Museum. Évora. “Between Mourão and Olivença: or Guadiana in 1656 by Nicolau de Langres”, presenting an unknown chorography piece by this French engineer.

- 12:00 pm - 12:30 pm: Coffee Break.

- 12:30 pm - 13:00 pm: João Carlos García. University of Porto, and António Martins Quaresma. Doctor of Philosophy in History. “The border of Chança in the 18th century: fortifications and organisation of space”, delimitation line between Portugal and Castile from the 13th century.

- 13:00 pm -13:30 pm: Fabián Lavado. Librarian at the Monumental Consortium of Mérida. “The Stronghold of Olivença in 1801/1802: Description, state of the fortification and its military buildings, necessary works and accoutrements”, featuring reports of the time.

- 13:30 pm -14:00 pm: Moisés Cayetano Rosado. Doctor of Philosophy in Geography and History. “Contribution of Olivença to the Heritage of Humanity in the Iberian southwest subsystem”, detailing fortified heritage and most relevant buildings in the town.

- 14:00 pm -14:30 pm: Discussion.

- 14:30 pm -14:45 pm: Closing session.

Finally, what was already indicated at the beginning is on the record: the

International Seminars on Military Architecture in Almeida have been the quintessential driving force behind the programming of these activities, which seek to value the important heritage of out bulwarked fortifications, with an universal outstanding worth; with its extraordinary density, adequate general state of preservation, authenticity and largely integrity, being an “ outstanding example of a type of an architectural ensemble which illustrates significant stage (Modern Age and 19th century) in human history” (Criterion IV to be selected for the World Heritage List).

***MOISÉS CAYETANO ROSADO**

- Doctor of Philosophy in Geography and History.

- Director of the Conference for the Promotion of the Bulwarked Fortification of the Raia.

- Director of the Conferences on Bulwarked Fortifications, in Olivença.

- Director of O PELOURINHO Magazine. Provincial Council of Badajoz.

- Author of various essays and research papers on the historical-artistic heritage of the Portuguese-Spanish Raia, such as “Un paseo por la Raya” (Cabinet of Cross-Border Initiatives. the Extremadura Council, 2003), “Tesoros de la Raya hispano-lusa” (Edit. Fundación Caja Badajoz, 2015) and “La Raya Ibérica: del campo de batalla al de la emigración” (Edit. Fundación Caja Badajoz, 2018).

Rui Ramos Loza

PERGUNTAS SEM RESPOSTA?

O processo de candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia – “FAR” - à inclusão na Lista da UNESCO, sendo da responsabilidade do Estado Membro, signatário da Convenção do Património Mundial, tem sido, acima de tudo, obra dos municípios que acolhem as fortalezas mais relevantes do sistema.

O que move este elevado esforço municipal, e a sua associação, contra todas as adversidades são, sobretudo, motivações

culturais e patrimoniais, associadas a preocupações de ordem socioeconómica, obviamente carregadas de implicações políticas, legítimas e justificadas.

Os municípios têm apostado nesta candidatura muito trabalho, muito dinheiro e muito desgaste político, e, por isso, importa questionar qual o sentido de tal investimento.

É essa reflexão que pretendo, neste momento, colocar sobre a mesa deste



Almeida.



Marvão.



Valença.





Portuguese eyes / Vítor Oliveira



Évora.



Elvas.

seminário, num contexto de tantas dúvidas sobre o futuro.

O processo de candidatura, depois de muitos sobressaltos, incide agora sobre 3 locais – Almeida, Marvão e Valença, que fazem parte de um sistema de 143 bens elencados em ambos os lados da Raia.

Em fases anteriores já foram incluídas (isoladamente) Évora, enquanto Centro Histórico, e Elvas, com a designação de Cidade Fronteira de Guarnição e suas Fortificações.

No futuro admite-se, que nesta candidatura em série, poderão entrar outros bens significativos do sistema, como Ciudad Rodrigo/ Concepción, Vila Viçosa, Olivença e outros que importa estudar e guardar para tempo oportuno.

O processo de candidatura inclui agora uma descrição exaustiva do abaluartado da Raia que constitui o pano de fundo da fase presente e de futuras fases. De facto, aparece agora justificada uma candidatura, transnacional, aberta, em série, com várias



Forte da Ínsua.



A Guarda.

Forte de Belém.
Fortaleza de Lovelhe e Atalaia
do Espírito Santo – Vila Nova de
Cerveira.



fases, onde se incluem diversas linhas de defesa do sistema abaluartado.

Estudada a caracterização da fronteira terrestre, e das rotas de invasão, estão agora identificadas, tipificadas e geograficamente localizadas as obras abaluartadas desde a foz do Rio Minho até à foz do Guadiana, com as suas extensões até pontos estratégicos do interior do território português como Évora e Beja.

A descrição da fronteira abaluartada, organizada geograficamente, considera os grandes territórios da Raia – Minho, Trás-os-Montes, Beira, Alentejo e Sul.

Foram identificados 138 objectos construídos, alguns já desaparecidos e outros de difícil identificação, formando 77 conjuntos, que incluem abaluartado novo, abaluartado complementar, obras de emergência construídas em terra e barreiras abaluartadas em pedra, distinguidos pela localização, e pela origem portuguesa ou espanhola, sendo

Monção e Salvaterra do Minho.



assinalado o grau de visibilidade e de conservação de cada objecto arquitectónico.

Acresecem ainda alguns casos de obras exemplares projectadas que não chegaram a ser realizadas, somando 143 referências.

1 - A CANDIDATURA DAS FAR – UM LONGO PERCURSO?

À escala dos mandatos autárquicos, à escala dos fenómenos políticos, e à escala do nosso empenhamento pessoal, sem dúvida que o processo da candidatura das FAR à UNESCO já é longo e pleno de episódios que serão outras tantas lições a registar.

Desde a candidatura não sucedida de Marvão, entre 1998 a 2005 à experiência de uma candidatura conjunta de Valença/Tui em 2004, da candidatura inicial de Almeida em 2007 (só lá vão 13 anos!), até à candidatura conjunta de quatro municípios e ao golpe da entrada na WHL de Elvas sozinha (em 2014), para depois voltar a entrar no grupo e seguidamente voltar a sair... já são demasiados episódios de “um filme” que adivinhamos ... de final feliz..., mas cujo argumento ainda não podemos ver desenhado com nitidez. Acrescentemos a esta camada, municipal, de acontecimentos, o enredo nacional com a CNU e outras entidades, ministérios e até uma honrosa visita do Presidente da República ao seminário de 2017.

Vista por esta perspectiva a candidatura já é um processo longo e complexo, tortuoso e até correndo o risco de causar cansaço, desgaste e descrédito.

Ma se olharmos para a idade da fronteira, para os séculos que já levam as fortalezas, e até para as décadas de esforço que a salvaguarda do património já teve de investimento autárquico e nacional, podemos entender que o percurso desta candidatura, feito passo a



passo, com avanços e recuos, mas sempre corrigindo a trajetória, nos poderá levar um dia ao resultado esperado, mesmo que esse resultado seja interpretado com expectativas muito diferentes por parte de cada interveniente, de acordo com as suas “luzes” e o seu pessoal entendimento do mundo.

Portanto, a resposta a esta pergunta só poderá ser: Sim e Não!

Ou seja, temos de continuar o caminho, como peregrinos que acreditam que um dia chegarão ao seu lugar de destino, mesmo não sabendo quanto ainda falta caminhar... Mas ainda há mais...

No dia esperado, algures numa cidade do mundo que venha nesse ano a acolher a reunião do Comité do Património Mundial, em que, como todos desejamos, mais estas 3 FAR entrem na lista da UNESCO, começa uma nova etapa dessa longa peregrinação, pela salvaguarda do bem, com responsabilidades acrescidas perante a humanidade.

Aí se colocarão os desafios do cumprimento de um Plano de Gestão, exigente e vinculativo, que irá obrigar o estado e os municípios a um cuidado equivalente á classificação do bem, ou seja, um cuidado máximo, mobilizador de meios, de atenção e de “carinho” face a esta herança tão rara e tão valiosa para toda a humanidade.

Nessa visão (que afinal impera sobre todo o Património Mundial) a candidatura já vai longa, mas esse é o processo normal de amadurecimento de uma construção robusta, desejada e defendida pelas gerações presentes e também pelas futuras.

2 – COMO ENCARAR UMA ENTRADA NA LISTA DA UNESCO DAS 3 FORTALEZAS DA FASE ACTUAL?

Depois da última saída de Elvas do grupo de municípios que integram a fase actual da candidatura das FAR, esta ganhou uma nova abrangência, libertando-se do universo restrito das quatro fortalezas para enveredar por uma abordagem integrada da fronteira onde se levantam os mais de 140 sítios referenciados, como parte do sistema defensivo/ofensivo de Portugal e Espanha levantado na Guerra da Restauração.

Encarada a presente candidatura como uma nova fase, abrangendo mais três sítios, a



Montalegre.



Monterrey.



Chaves.



Puebla de Sanabria.



Bragança.



San Felices de los Gallegos.

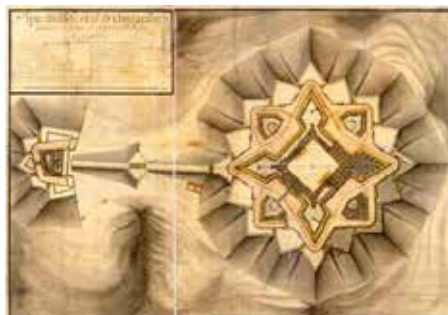


que se seguirão outras fases, com oportunidade de um alargamento transfronteiriço, entramos num processo de argumentação (demonstração) do valor patrimonial excepcional que ultrapassa o valor somado das fortalezas e se traduz por um salto qualitativo face ao significado dos tratados de paz internacionais que fixaram a fronteira, desde Alcanices a Santo Idefonso, passando por Alcáçovas, Tordesilhas e Madrid, até à actualidade, tratados esses

Almeida.

Fuerte de la Concepción.

Ciudad Rodrigo.



determinantes na história dos dois países ibéricos e até na história da humanidade.

Seguindo este rumo, a candidatura desta fase releva o valor da fronteira, com as suas povoações já registadas desde Duarte D'armas em 1509, ganhando, deste modo um interesse nacional que vai muito para além dos legítimos anseios municipais.

Nesta nova propositura, o Minho/Galiza é muito mais que Valença, as Beiras/Castilha e Leon são muito mais que Almeida e o Alentejo/Estremadura é muito mais que Marvão e Elvas.

É nesse contexto de um território alongado, com cerca de 1300 Km que se deve procurar o impacto de uma “classificação” de prestígio, que se pretende capaz de projectar a sua visibilidade no mapa global do património, da cultura e das viagens.

Podemos, assim, encarar a entrada destes 3 sítios na Lista da UNESCO como uma etapa de um processo em Portugal e Espanha para uma valorização das duas identidades ibéricas e do território “comum”, que agrega em ambos os lados da fronteira tal acervo construído?

Podemos – será resposta válida, mas só podemos mediante uma elevada vontade de persistência, contra adversidades visíveis e invisíveis que se colocam no caminho.

3 – O QUE PODE GANHAR A RAIA COM A ENTRADA NA WHL?

A entrada na lista da UNESCO, tem, geralmente, um grande ganho no amor-próprio dos nativos do sítio que entra, e que passam a reconhecer que, afinal aquelas pedras “banais” por onde passam todos os dias, são de um valor universal excepcional!

Isso já lhes era dito por gente de perto, e, relativamente aceite, mas ganha uma importância muito mais relevante quando é dito por gente de fora, quando é dito por uma instância internacional e mais ainda quando é dito pela UNESCO.

Esse ganho do amor-próprio, é de enorme valor quando se trata de proteger o bem, de compreender sacrifícios inerentes à sua salvaguarda, de compreender gastos com iniciativas que retiram os recursos de outros projectos. Essa compreensão do nosso papel na preservação de um bem que passa



a pertencer a toda a humanidade é crucial para a gestão do património em causa. Também haverá ganhos culturais. Em todos os escalões etários, de moradores, visitantes e mesmo de remotos admiradores, haverá ganhos de compreensão, haverá mais “luz” sobre os monumentos e essa melhor compreensão é um avanço no entendimento da nossa história, da nossa construção como fronteira da língua e como território de partilha dos problemas. Outro ganho imediato será a conquista da adesão de ambos os lados da Raia para a consolidação de uma solidariedade transfronteiriça, com o desígnio de novas fases de candidatura, com, porventura, Ciudad Rodrigo/La Concepción e Olivença. Finalmente teremos como ganho uma maior visibilidade, à escala mundial, que pode multiplicar as origens de turistas que pretendem conhecer estes valores patrimoniais, como obras de arte, carregadas de história, de significado e de vida presente.

4 – COMO ASSUMIR O ACRÉSCIMO DE RESPONSABILIDADES MUNICIPAIS?

Irá restar para os municípios o principal encargo de gestão do bem classificado. Sendo Património Mundial, estas fortalezas ganham responsabilidades como Monumento Nacional, o que poderia permitir sonhar com uma maior responsabilização do estado e algum alívio dos esforços municipais. Dificilmente isso acontecerá no nosso país, com toda a tradição centralista que apresenta quanto à tutelas em contraste com as tradições descentralizadoras quanto aos encargos!

Importa aqui aos municípios forçarem a sua coesão, ganharem força política face ao poder central...

Importa também a construção de um programa, de uma ideia e de uma forma de viver e conviver com o património que o transforme num activo, vivo e produtivo e nunca num bem cristalizado, paralisador da iniciativa. O património enquanto recurso, escasso que é e não renovável, deverá ser valorizado como suporte de vida e não como se de um fóssil se tratasse.

Os 3 municípios que agora se movem para ver as suas fortalezas incluídas na Lista da



UNESCO, não podem aceitar que elas se venham a transformar em cidades/museu, ocupadas por memórias mortas. Almeida, Marvão e Valença, cada qual com os seus problemas de desenvolvimento, necessita das suas muralhas como atractivo para novas populações, novas actividades, novos eventos...que possam ser criados pelos seus naturais ou por forças exógenas que sejam atraídas a fixar-se nestes ambientes singulares.

Em regiões periféricas, em regiões com perda demográfica e perda de actividades,

Albuquerque.

Arronches.

Estremoz.

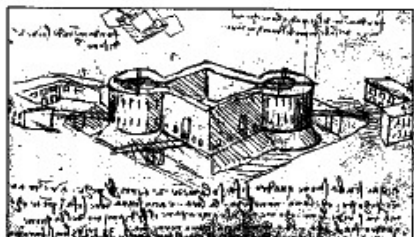


Fig. 10 - Projecto de Leonardo da Vinci (seg. John Bury, 1994)

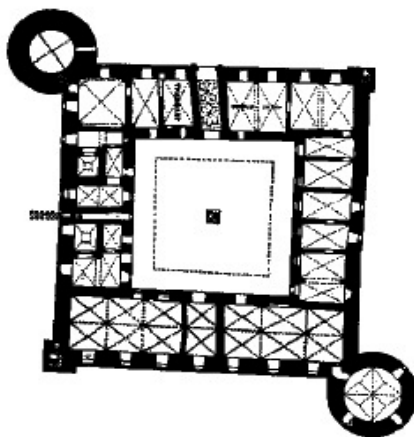


Fig. 11 - Castelo de Riga (Letónia) (seg. Sæbjørg Walaker Nordeide, 2000)

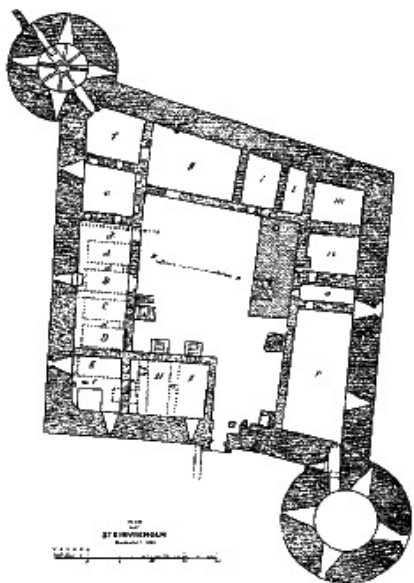


Fig. 12 - Castelo de Steinvikholm (Noruega) (seg. Sæbjørg Walaker Nordeide, 2000)

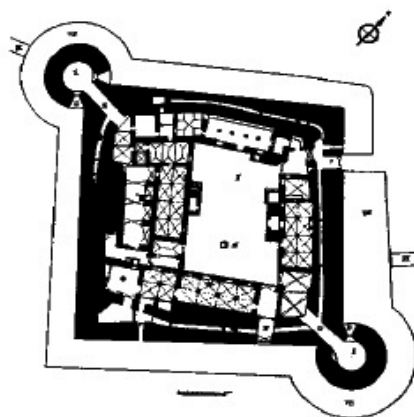


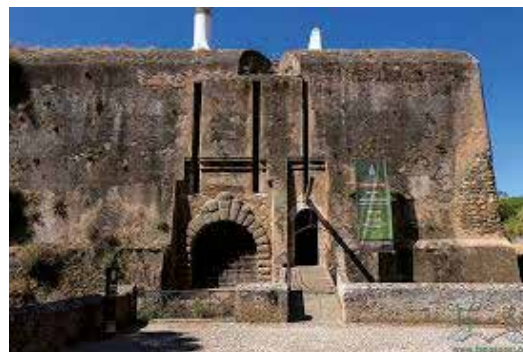
Fig. 13 - Castelo de Vila Viçosa (seg. Sant'Ana Dionisio, 1947)

Vila Viçosa.

o património tem de ser gerido, de forma sustentável e duradoura, como uma mais valia a mobilizar no sentido do fomento da vida, afinal o sustentáculo fundamental destes monumentos.

5 – TEMOS ASAS PARA ATRAVESSAR A FRONTEIRA?

A maior força da candidatura das FAR perante a UNESCO será a sua apresentação transnacional, conjunta, de Portugal e Espanha. Nesse domínio, o alcance dos braços dos municípios, não sendo desprezável, será necessariamente curto.



As relações entre dois países regem-se por normas de contacto diplomático da estrita responsabilidade dos Ministério de Negócios Estrangeiros de cada país.

É certo que os municípios que têm movido a candidatura, participam em programas transfronteiriços, com municípios vizinhos, e os seminários internacionais do CEAMA têm sido expressiva demonstração da disponibilidade e vontade de municípios raianos de Espanha em integrar um processo comum, com destaque para Ciudad Rodrigo e Olivença, mas a apresentação conjunta de uma candidatura ainda terá um longo caminho a percorrer até à sua consolidação política, diplomática e técnica.

É agora fundamental ganhar força no campo diplomático, nomeadamente com a demonstração do elevado interesse cultural deste bem transnacional que tem manifestações relevantes em ambos os países.

Já múltiplas vezes foi referido em seminários anteriores, e é reafirmado no processo de candidatura, o carácter “emparelhado” da generalidade das fortalezas, como os casos de Elvas+ Badajós, Almeida+Ciudad Rodrigo/Concepción, Monção+Salvaterra, Valença+Tui, A Guarda+Caminha. É ainda relevante a existência de obras abaluartadas portuguesas do lado de Espanha e obras espanholas do lado português. Tudo isto torna a fronteira patrimonial num todo indivisível.

Na certeza de que o mundo actual, e com isso, Portugal e Espanha têm muitos outros problemas a resolver, somos levados a admitir que não será “fácil” mobilizar os “Negócios Estrangeiros” dos dois países para assumirem qualquer prioridade neste processo,



Campo Maior.



Elvas.



Badajós e Juromenha.

mas “fácil” nunca foi e não é palavra pertencente ao léxico da candidatura das FAR!

Temos, por isso de enfrentar todo o caminho com todas as dificuldades que apresenta e aquelas que ainda nem sequer se vislumbram, mas que já sabemos vir a encontrar depois de cada etapa vencida.

Temos, do nosso lado argumentos fortes, quanto ao valor patrimonial do bem, quanto á sua extensão, densidade e importância local. Importa agora acrescentar o reconhecimento e a demonstração da sua importância nacional e internacional.

6 – COMO INTEGRAR OLIVENÇA?

Sem surpresa, Olivença irá constituir um dos mais difíceis desafios a vencer. Estamos

convictos do seu valor patrimonial, do seu valor plurinacional, do seu valor histórico e social, mas ainda assim estamos também cientes do grau de dificuldade diplomática que Olivença representará num processo de candidatura conjunta das FAR, numa futura fase que se deseja próxima.

Sobre a oportunidade de o valor patrimonial do bem se sobrepor aos episódios que pendem sobre ele, já discorri, e, aqui apresentei em seminário anterior, uma “tese”, à laia de provocação, em que sendo Olivença, num futuro (próximo ou longínquo) património da humanidade, sublinho – de toda a humanidade – ficará acima das fronteiras, acima dos nacionalismos, podendo assumir-se com o seu abaluartado, como



Olivença. símbolo máximo de um património que resulta efectivamente da obra dos dois povos reunidos na Raia. Escuso-me por isso de repetir o que mantenho, desde então, apesar das naturais resistências, mas não posso deixar de sublinhar que, se um dia Olivença pertencer, enquanto património, a toda a humanidade não poderá haver fronteira que a divida.

CONCLUSÃO

Apesar de estarmos a colocar perguntas sem resposta imediata pretendemos procurar o sentido desta candidatura e, dentro do possível, antever problemas desse caminho que possam ser acautelados. Essa é uma preocupação que pretendemos partilhar. Como fica evidente são mais as perguntas que as respostas, são mais os problemas que as soluções, foram mais as derrotas que as vitórias, serão, certamente mais as amarguras que os deleites neste processo, por um lado curto por outro lado longo, onde não sabemos quanto falta caminhar apesar de todo o caminho já feito, mas o intento está vivo, a demonstração do valor é coerente e sólida, as fortalezas já demonstraram resistir a bombardeamentos, a séculos de intempérie e à negligência de gerações passadas. E não foi assim a longa Guerra da Restauração?

Évora.



Monsaraz.



Castro Marim.



What future for the Raia as World Heritage?

Rui Ramos Loza

UNANSWERED QUESTIONS?

The application process of the Bulwarked Fortresses of the Raia - "FAR" - to the World Heritage List, being the responsibility of the Member State, signatory to the World Heritage Convention, has been, above all, the work of the municipalities that are home to the most relevant fortresses of the system.

What drives this huge municipal effort, and its association, against all adversities is, above all else, cultural and heritage motivations, associated with socioeconomic concerns, obviously full of political implications, legitimate and justified.

The municipalities have put enormous work at this application, a lot of money and a lot of political strain, and, therefore, it is important to question the meaning of such an investment.

It is precisely this reflection that I intend, at this moment, to bring to this seminar, at a moment that we have so many doubts about the future.

The application process, after many upsets, now focuses on 3 locations - Almeida, Marvão, and Valença, which are part of a system of 143 properties listed on both sides of the Raia.

Previously, Évora has already been included (individually), as a Historic Centre, as well as Elvas, under the name "Garrison Border Town of Elvas and its Fortification".

In the future, the intention is to open this serial nomination to other significant properties of the system, such as Ciudad Rodrigo/Concepción, Vila Viçosa, Olivença and other that should be studied and saved for a future moment.

The nomination file now includes an exhaustive description of the bulwarked structures at the Raia that forms the backdrop for the present and future phases. In fact, a transnational application, open and serial, in different stages now seems fully justified, including several lines of defence of the bulwarked system.

After the characteristics of the land border have been studied - as well as the invasion routes - the bulwarked works are now identified, typified and geographically situated, from the mouth of the River Minho to the mouth of the Guadiana, with its extensions to strategic points in the interior of the Portuguese territory such as Évora and Beja.

The description of the bulwarked border, geographically organised, considers the large territories of the lane - Minho, Trás os Montes, Beira, Alentejo and the South.

138 built objects were identified, some already missing and others difficult to identify, forming 77 sets, which include new bulwarked construction, complementary bulwarked structures, emergency works built on earth and stone bulwarked barriers, sorted according to their location, and to their Portuguese or Spanish origin, while the level of visibility and conservation of each architectural object was also indicated. In addition, there are also some cases of projected works that were never built, for a total of 143 references.

1 - THE FAR APPLICATION - A LONG ROAD?

On the scale of municipal mandates, on the scale of political phenomena, and on the scale of our personal commitment, there is no doubt that FAR's application process to UNESCO has been long and full of episodes that shall be lessons for future reference.

From the unsuccessful application of Marvão, between 1998 and 2005, to the experience of a joint application of Valença / Tui in 2004, from Almeida's initial application in 2007 (13 years ago!), to the joint application of four municipalities and the blow it was to see Elvas classified individually (in 2014), only to join the group again and to leave yet once again... there are already too many episodes of a "movie" that we hope will have

a happy ending, but whose script we can't still see in full.

This municipal layer of events, one must also add the plotline, on a national level, with CNU and other entities, ministries and even an honourable visit by the President of the Republic to the 2017 seminar.

Seen from this perspective, the application already is a long and complex process, tortuous and even at the risk of causing tiredness, wear and discredit.

But if we consider the age of the frontier, the centuries of the fortresses, and even the decades of effort that the safeguarding of the heritage has already had in terms of local and national investment, we can understand that the path of this application, one step at a time, with advances and setbacks, but always correcting the trajectory, may one lead us to the expected result, even if that result is interpreted with very different expectations from each one of the actors involved, according to their "ideas" and personal understanding of the world.

So, the answer to this question can only be: Yes and No!

In other words, we must continue this journey, like pilgrims who believe that one day they will arrive at their destination, even though they do not know how far they still need to travel...

However, there is more...

On the expected day, somewhere in a city in the world that will host, that year, the World Heritage Committee meeting, during which, as we all wish, these three Bulwarked Fortresses of the Raia make their way onto the UNESCO list, a new stage of this long pilgrimage begins, to safeguard the property, with increased responsibilities to humanity.

There will be the challenges of complying with a demanding and binding Management Plan, which will bind the state and municipalities to a care equivalent to the nomination of the property, that is, a maximum care,

that mobilises resources, attention and “affection” towards this very rare and valuable heritage of all humanity. In this view (which ultimately prevails over all World Heritage) the application is already long, but this is the normal process of ageing that strengthens a robust construction, desired and defended by present and future generations.

2 - HOW TO APPROACH AN ENTRY IN UNESCO’S LIST OF THE 3 FORTRESSES OF THE CURRENT PHASE?

After Elvas’ last withdrawal from the group of municipalities that make up the current phase of the FAR’s application, the process gained a new breadth, freeing itself from the restricted universe of the four fortresses to embark on an integrated approach of the frontier where more than 140 referenced sites may be found, as part of the defensive/offensive system of Portugal and Spain built during the Portuguese Restoration War.

Facing the present application as a new phase, covering three more sites, which will be followed by other phase, with an opportunity to expand its reach to the other side of the border, we entered into a process of argumentation (demonstration) of the exceptional value of this heritage, which surpasses the sum of the value of the fortresses individually and is translated by a qualitative leap in face of the significance of the international peace treaties that established the border, from Alcanices to Santo Ildefonso, while also including Alcáçovas, Tordesilhas and Madrid, until today, treaties that were determining to the history of the two Iberian countries and even to the history of humanity.

Following this path, the application, at this phase, highlights the value of the border, with its villages recorded since 1509 by Duarte D’Armas, thus gaining a national interest that goes far beyond

the legitimate aspirations of the municipalities.

According to this new proposition, Minho/Galicia is much more than Valença, Beiras/Castile and León are much more than Almeida and Alentejo/Estremadura is much more than Marvão and Elvas.

It is in this context of an elongated territory, about 1300 km long, that the impact of a prestigious “classification” should be sought, which is intended to be able to project its visibility on the global map of heritage, culture and travel.

Can we, therefore, consider that the inclusion of these 3 sites on the UNESCO List as a step in a process in both Portugal and Spain for the promotion of the two Iberian identities and the “common” territory, which aggregates, on both sides of the border, such a built patrimony?

We can - this will be a valid answer, but this will only happen with a great will to persist, against visible and invisible adversities that may stand in our way.

3 - WHAT WILL THE RAIÁ GAIN BY ENTERING THE WHL?

Entering UNESCO’s list generally represents a great boost to the self-esteem of the residents of those sites, and who start to recognise that, after all, those “banal” stones that they see every day have a universal and outstanding value!

They had been already told so by people close to them, and they had relatively accepted this idea, but it gains a much more relevant importance when it is said by outsiders, when it is said by an international body and even more when it is said by UNESCO.

This gain in self-love is of enormous value when it comes to protecting the property, understanding the sacrifices needed to safeguard it, understanding the expenses on initiatives that withdraw resources from other projects. This understanding of our

role in the preservation of a property that belongs to all humankind is crucial for the management of the heritage under analysis.

There will also be cultural gains. Across all age groups, residents, visitors and even remote admirer will gain in understanding, there will be more “light” shed on the monuments and this better understanding is an advance in the understanding of our history, of our construction as a frontier of language and as a territory for sharing problems. Another immediate gain will be a better engagement, on both sides of Raia, for the consolidation of cross-border solidarity, with the design of new stages of the application, with, perhaps, Ciudad Rodrigo/La Concepción and Olivença. Finally, we will gain a greater visibility, on a global scale, which can multiply the origins of tourists that want to contact with these properties, as works of art, full of history, meaning and life.

4 - HOW TO TAKE ON THE INCREASE OF MUNICIPAL RESPONSIBILITIES?

Municipalities will bear the main burden of managing the classified property.

Being a World Heritage Site, these fortresses gain responsibilities as a National Monument, which could allow one to dream of a greater accountability by the state and some relief to municipal efforts.

This is unlikely to happen in our country, with all the centralist tradition in terms of guardianship in contrast to the decentralising tradition in terms of expenses!

At this point, it will be important for the municipalities to force their cohesion, to gain political strength vis-à-vis the central power...

It is also important to build a programme, of an idea and of a way of living and coexisting with the heritage that transforms it into a living and productive property, and never into



a crystallised property, paralysing the initiative. Heritage as a resource, scarce and non-renewable, should be valued as a life support and not as if it were a fossil.

The 3 municipalities that are now working to see their fortresses included in the UNESCO List, cannot accept to be transformed into cities/museums, occupied by dead memories. Almeida, Marvão and Valença, each with its own development problems, needs their walls to attract new populations, new activities, new events... that can be created by its residents or by exogenous forces that may be attracted to grow roots in these singular environments.

In peripheral regions, in regions that are losing people and activities, the heritage must be managed in a sustainable and long-lasting way, as an asset to be mobilised in order to promote life, after all the fundamental support behind these monuments.

5 - DO WE HAVE WINGS TO CROSS THE BORDER?

The greatest strength of the FAR's application to UNESCO will be its joint transnational presentation, from Portugal and Spain.

In this domain, the reach of the municipalities' "arms", despite not being negligible, will necessarily be short.

Relations between two countries are governed by rules of diplomatic contact under the strict responsibility of the Ministry of Foreign Affairs of each country.

It is true that the municipalities that are working on the application take part in cross-border programmes, with neighbouring municipalities, and the international seminars of CEAMA have been an expressive demonstration of the availability and willingness of Spanish municipalities to join the common process, particularly Ciudad Rodrigo and Olivença, but the joint submission of an application still has a long way

to go until its political, diplomatic and technical consolidation.

It is now essential to gain strength in the diplomatic field, namely with the demonstration of the high cultural interest of these transnational properties that has relevant manifestations in both countries.

It has already been mentioned multiple times in previous seminars, and the "paired" character of most fortresses is reaffirmed in the application process, such as the cases of Elvas + Badajoz, Almeida + Ciudad Rodrigo / Concepción, Monção + Salvaterra, Valença + Tui, A Guarda + Caminha. The existence of Portuguese bulwarked works on the Spanish side and of Spanish works on the Portuguese side is also relevant. All this transforms this border - full of heritage - into an indivisible whole.

While it is certain that in today's world, Portugal and Spain have many other problems to solve, we are led to admit that it will not be "easy" to mobilise the "Foreign Affairs" of the two countries to prioritise this process, but "easy" has never been and is not a word in the book of the FAR candidacy!

Therefore, we have to face the journey as a whole, with all the difficulties that it presents and those that we still can't even dream of, but that we already know that they will be there to be found, after each small battle is won.

We have a strong case on our side, both for the value of the property, as well as its extension, density and local importance. It is now important to add recognition and to fully demonstrate its national and international importance.

6 - HOW TO INTEGRATE OLIVENÇA?

Unsurprisingly, Olivença will be one of the most difficult challenges to overcome. We are convinced of its value in terms of heritage, its plurinational value, its historical and social value, but even so we are also aware of the degree of diplomatic difficulty

that Olivença will represent in a FAR joint application process, in a future phase, hopefully not that far away.

Regarding the hypothesis of the patrimonial value of the property is able to be superior to the episodes that may be anticipated, I have already discussed this topic, having presented in a previous seminar a "thesis", as a provocation, according to which, if Olivença, in the (near or distant) future is classified as a World Heritage Site, - I stress of all humanity - it will surpass the borders and even nationalisms, being able to become, with its bulwarked structures, the maximum symbol of a heritage that effectively results from the work of the two peoples united at the Raia.

I therefore excuse myself from repeating what I have been defending since then, despite natural resistance, but I must underline that, if one day Olivença belongs, as a heritage, to all humanity, no border can't divide it.

CONCLUSIONS

Although we are asking questions without an immediate answer, we intend to look for the meaning of this application and, as far as possible, foresee problems along this path that may be anticipated.

This is a concern that we intend to share.

As is evident, there are much more questions than answers, more problems than solutions, defeats have been more than victories, bitter moments will certainly be more than happy moments in this process, short on one hand and long on the other, where we don't know how much further we need to walk despite all the way we have travelled, but our will is alive, the demonstration of value is coherent and solid, the fortresses have already demonstrated to withstand bombardments, centuries of bad weather and the neglect of past generations.

And wasn't the long Restoration War exactly like this?

Frederico Mendes Paula*



Imagem 1. Lagos, muralha, cidade e baía.

SOBRE O PROJECTO EM CURSO NOTA PRÉVIA

A afirmação de Lagos como Sede dos Descobrimentos Portugueses é um elemento incontornável da política de desenvolvimento Municipal, aliás plasmada na própria afirmação ligada ao logotipo da Autarquia, “Lagos dos Descobrimentos”. Afirmar Lagos dos Descobrimentos implica desde logo investir na reabilitação, salvaguarda e valorização do património e na oferta cultural municipal ligada à época dos Descobrimentos.

Nesta política assume uma importância fundamental o estabelecimento de acordos de geminação e de cooperação com entidades representativas da esfera dos Descobrimentos, como aliás o Plano Estratégico de Lagos bem define, ao afirmar a necessidade de “promover a internacionalização de Lagos, através de geminações, articulações e representações internacionais, nomeadamente sob o mote dos Descobrimentos”. (Plano Estratégico do Município de Lagos, pág. 105)

Até ao ano de 2015 Lagos estabeleceu várias parcerias com municípios da esfera dos Descobrimentos, seja através de Protocolos de Geminação, como são o caso de Palos de la Frontera em Espanha, Ribeira Grande de Santiago em Cabo Verde e

Ribeira Grande nos Açores, seja através de Acordos de Cooperação, como são o caso de Bojador em Marrocos, Pemba em Moçambique, Calheta de São Miguel em Cabo Verde, Cidade de Ilha de Moçambique em Moçambique, Distrito de Sikka na Indonésia, Distrito de Ugu na África do Sul, Ilha de Gorée, Cidade de Dakar, no Senegal e Município de Porto Seguro no Brasil. No entanto, estes protocolos não correspondem a uma política de cooperação dinâmica e consequente, encontrando-se na sua maioria “adormecidos”.

A definição e implementação de uma política de cooperação internacional na área dos Descobrimentos revelava-se como fundamental para a própria afirmação de Lagos como sede dos Descobrimentos Portugueses, tendo então sido apresentada uma estratégia que desse corpo a essa política e para tal teriam que ser criadas as necessárias estruturas para a gerir.

ESTRATÉGIA DA REDE DE FORTIFICAÇÕES DA FRONTEIRA MARÍTIMA

O trabalho desenvolvido em Almeida e a dinamização da Delegação Regional do Algarve da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico (APMCH) foram referências e pontos de partida



Imagens 2, 3, 4 e 5. Quatro esquemas integrados nos documentos de proposta da criação da Rede de Fortificações da Fronteira Marítima.

para a construção de uma estratégia que a Câmara Municipal de Lagos apresentou e foi aprovada na reunião da Direcção da APMCH realizada em 12 de janeiro de 2016 no Montijo e foi formalmente apresentada publicamente em 22 de Julho desse mesmo ano durante as Comemorações do 22º Aniversário da APMCH que decorreram em Lagos. Basicamente o modelo proposto foi o de replicar em Lagos o modelo posto em prática em Almeida e partir para uma acção na base da colaboração e complementaridade, sob o chapéu das duas Delegações Regionais da APMCH, a do Distrito da Guarda, sediada em Almeida, e a do Algarve, sediada em Lagos.

Em Lagos seria instituído, à imagem do CEAMA, Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida, vocacionado para o estudo do abaluartado da Raia ou Fronteira Terrestre, um centro de estudos de arquitectura militar vocacionado para o estudo do abaluartado da Fronteira Marítima. A proposta é chamar ao centro de Lagos

CEMA, Centro de estudos Miguel de Arruda, pela importância da sua figura na construção de fortalezas abaluartadas na Fronteira Marítima (obras em Ceuta, Tânger e Mazagão e autoria em Salvador da Baía e S. Sebastião da Ilha de Moçambique) e na sua ligação a Lagos, não fosse o autor do projecto das muralhas da cidade.

Os centros de estudos serão a base para o estabelecimento de parcerias internacionais com vista à criação de redes de fortificações, envolvendo entidades internacionais, desenvolvendo acções de promoção, de investigação e de cooperação, nomeadamente propostas de classificação e candidaturas a financiamentos.

De novo uma referência a Almeida. O trabalho exemplar que o Município de Almeida tem vindo a desenvolver neste âmbito (muito dele resultado do empenho e competência do Arquitecto João Campos), com a criação do CEAMA, estrutura que se encontra perfeitamente instituída e dispõe de instalações próprias, a constituição do



Imagens 6 e 7. Instalações do CEAMA em Almeida.

Acordo de Cooperação Transfronteiriço Almeida-Ciudad Rodrigo e a actual proposta de candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia a Património Mundial, são a grande referência do projecto, constituindo o designado pólo da fronteira terrestre, inspirador do pólo a desenvolver na cidade de Lagos.

No entanto diga-se em abono da verdade que em Lagos já se esboçava uma estratégia desde 2015 e foram desenvolvidas algumas ações, timidamente, que acabaram por não ter seguimento, mas que lançaram as bases do projecto. Falamos de um contacto com as autoridades da Cidade Autónoma de Ceuta com vista à criação de uma Rede de Fortificações da Fronteira Marítima, contacto que não teve seguimento, e de uma candidatura transfronteiriça ao Programa POCTEP realizada com um Olhão e o Ayuntamiento de Lepe, que retomou essa ideia, e estabeleceu a sigla FRONTEMAR para a rede.

É certo que em Lagos o processo de criação do Centro de Estudos não avançou até ao momento, mas foram dados passos importantes na instituição da rede, encarando-a inclusivamente num sentido mais vasto, integrando elementos do património imaterial a ela associada,

Imagens 8 e 9. Acções de Formação para guias de turismo sobre património de origem portuguesa. Em Marrquexe / Safi em 2017 e em El Jadida em 2018.



sobretudo com base numa política de aproximação a Marrocos desenvolvida desde 2016.

ACÇÕES DESENVOLVIDAS

As acções realizadas em 2016 foram da iniciativa e protagonizadas pelo autor deste artigo em colaboração com a Embaixada de Portugal em Marrocos e com a delegação do Turismo de Marrocos em Portugal, no seguimento da publicação do livro “Portugal em Marrocos, olhar sobre um património comum”, e consistiram na sua apresentação na semana de Marrocos em Lisboa, no dia 25 de maio de 2016, e na cidade de Marraquexe, no dia 27 de Outubro de 2016, esta última que contou também com o apoio da Direção Regional de Cultura de Marraquexe e da Escola Nacional de Arquitetura de Marraquexe.

No ano de 2017 o Município de Lagos associou-se a estas atividades, se bem que apenas de forma institucional, ou seja, com a inclusão do seu logotipo nos materiais promocionais:

Organização de uma Ação de Formação de Guias de Turismo Oficiais em Marraquexe, nos dias 22 a 26 de Maio de 2017, com o apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos, da Região de Marraquexe-Safi e da Direção Regional de Cultura de Marraquexe. Organização de uma conferência em Mazagão integrada no XXV Festival Sete Sóis, Sete Luas, no dia 9 de Julho de 2017, com o apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos e do Ministério da Cultura do Reino de Marrocos. Deslocação a Alcácer Quibir no mês de Dezembro de 2017, a título pessoal, mas devidamente legitimado pela Câmara Municipal de Lagos e com o apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos, para estabelecimento de contactos com o Município de Alcácer Quibir, com vista ao desenvolvimento de laços de amizade e cooperação.

No ano de 2018 a participação da Câmara Municipal de Lagos passou a ter um envolvimento institucional pleno, acolhendo no mês de Fevereiro dois estagiários do Ministério da Cultura do reino de Marrocos, concreta-

mente o Chefe de Serviços de Património da Direção Regional de Casablanca-Settat e a Conservadora do Património das Cidades de El Jadida, Azemmour e Sidi Bennour, contando também com o apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos.

Em Abril desse ano deslocou-se a Marrocos uma comitiva da Câmara Municipal de Lagos, Assembleia Municipal de Lagos, Agrupamentos Escolares da cidade, Direção Regional de Cultura do Algarve e Associação Vicentina, com vista à assinatura de um Protocolo de Geminação com Alcácer Quibir e de dois Acordos de Cooperação com El Jadida e Azemmour, ações apadrinhadas pela Embaixada de Portugal em Marrocos. O Protocolo de Geminação com Alcácer-Quibir tem por base a ligação das duas cidades à figura do Rei D. Sebastião, que em vida esteve ligado a Lagos, que de Lagos partiu para a fatídica jornada de Alcácer Quibir e que em Alcácer Quibir esteve sepultado durante cerca de cinco semanas. O Acordo de Cooperação com El Jadida tem por base a ligação das duas cidades à figura de Miguel de Arruda, coordenador do projeto da Cidadela Portuguesa de Mazagão e autor do projeto das Muralhas Quinhentistas de Lagos. O Acordo de Cooperação com Azemmour tem por base o facto de Lagos e Azamor serem os dois primeiros mercados de escravos portugueses, conforme testemunham a generalidade das fontes históricas.

Paralelamente, o autor deste artigo organizou e concretizou uma Ação de Formação para Guias de Turismo da Cidadela de Mazagão, nos dias 13 a 15 de Abril, com o apoio da

Embaixada de Portugal em Marrocos e da Direção Regional de Cultura de Casablanca-Settat, e apresentou uma comunicação na Cidade de Salé sobre Reabilitação do Património da Cidade de Lagos, no dia 18 de Abril de 2018, com o apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos e da Association Rabat-Salé Mémoire.

No dia 4 de Agosto desse ano Lagos participou nas comemorações da Batalha de Alcácer-Quibir com uma comunicação sobre o programa de medidas de cooperação a curto, médio e longo prazo entre os dois municípios. A elaboração e aprovação pelos dois municípios deste programa tem uma importância fundamental para que o protocolo assinado não caia em esquecimento e fique submetido a objetivos definidos.

Em Outubro deslocou-se a Lagos uma delegação da Commune de Ksar El Kebir.

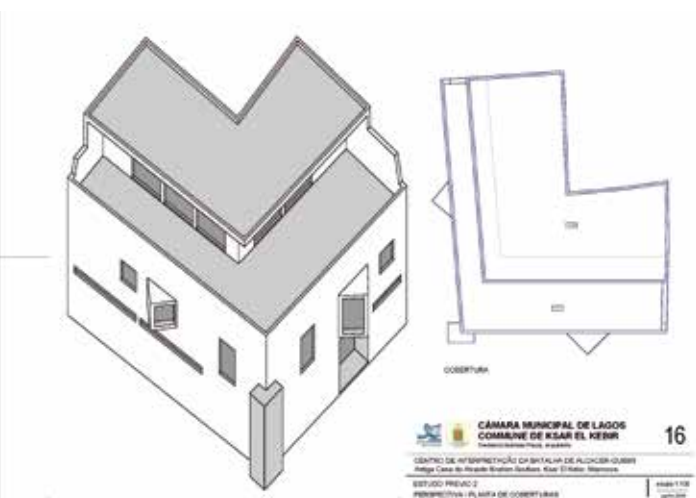
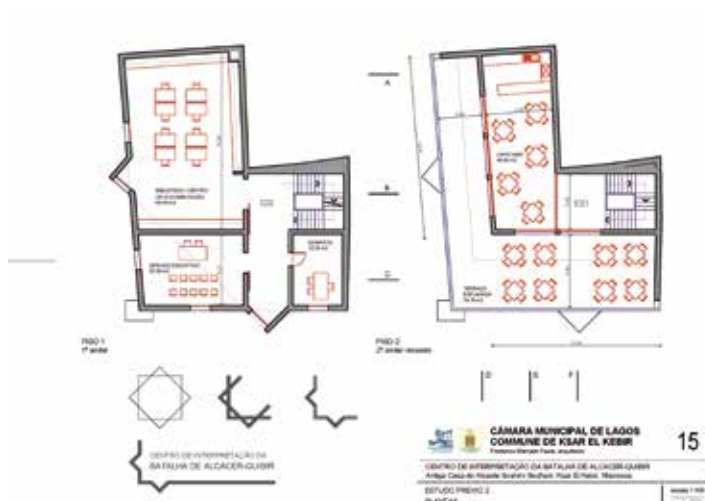
O ano de 2019 foi especialmente rico em ações concretas:

Dando cumprimento ao referido programa, iniciou-se a elaboração do projecto do Centro de Interpretação da Batalha de Alcácer-Quibir, a instalar na antiga casa do Alcaide Ibrahim Soufiani, onde o corpo do Rei D. Sebastião esteve sepultado durante quatro meses à guarda do fidalgo Belchior do Amaral, e que a Commune adquiriu para o efeito. O Estudo Prévio foi apresentado na Reunião de Câmara de Lagos em 17 de Julho e no Conselho Comunal de Ksar El Kebir no dia 27 de Agosto.

Atribuição do nome Avenida de Lagos à uma das principais artérias da cidade de Ksar El Kebir.



Imagens 10 e 11. Cerimónias de assinatura do Protocolo de Geminação com Alcácer-Quibir e dos Acordos de Cooperação com El Jadida e Azamor.



Imagens 12, 13, 14 e 15.
Elementos do Estudo Prévio
do Centro de Interpretação da
Batalha de Alcácer-Quibir.

Em Novembro de 2019 realizou-se o evento da Efeméride dos 250 Anos do Abandono da Praça de Mazagão, organizado pela APMCH e contando com a colaboração da Embaixada de Portugal em Marrocos, do Ministério da Cultura do Reino de Marrocos, do CHAM, Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Commune de Ksar El Kebir. O evento foi também apoiado institucionalmente pela Direção Geral do Património Cultural, pelo Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida, pela Associação de Turismo Militar Português e pelo Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves.

O evento decorreu durante três dias e contou com a presença de 60 participantes e representantes de 11 Autarquias portu-

guesas. No dia 7 realizou-se uma sessão no Centro Cultural Português de Rabat, incluindo conferências realizadas por Maria Augusta Lima Cruz, João Campos e Otmane Mansouri, a entrega da Medalha de Honra da APMCH a Sua Excelência a Embaixadora de Portugal no Reino de Marrocos, Maria Rita Ferro, e a apresentação do livro “Histórias de Portugal em Marrocos” de Frederico Mendes Paula. No dia 8 foi visitado o centro histórico de Arzila e o campo da Batalha de Alcácer Quibir, após o que a Autarquia local ofereceu um almoço, sendo o programa complementado com uma visita à antiga casa do alcaide Ibrahim Soufiani, onde o Centro de Interpretação da Batalha de Alcácer-Quibir será instalado, e, finalmente, foi inaugurada a Avenida de



PROGRAMA

7 de Novembro

7 de Novembro
 9h00 Início do Colóquio Histórico da Praia de Mazagão
 9h30 Início do Colóquio
 10h00 Início do Colóquio
 10h30 Início do Colóquio
 11h00 Início do Colóquio
 11h30 Início do Colóquio
 12h00 Início do Colóquio
 12h30 Início do Colóquio
 13h00 Início do Colóquio
 13h30 Início do Colóquio
 14h00 Início do Colóquio
 14h30 Início do Colóquio
 15h00 Início do Colóquio
 15h30 Início do Colóquio
 16h00 Início do Colóquio
 16h30 Início do Colóquio
 17h00 Início do Colóquio
 17h30 Início do Colóquio
 18h00 Início do Colóquio
 18h30 Início do Colóquio
 19h00 Início do Colóquio
 19h30 Início do Colóquio
 20h00 Início do Colóquio
 20h30 Início do Colóquio
 21h00 Início do Colóquio
 21h30 Início do Colóquio
 22h00 Início do Colóquio
 22h30 Início do Colóquio
 23h00 Início do Colóquio
 23h30 Início do Colóquio
 24h00 Início do Colóquio
 24h30 Início do Colóquio
 25h00 Início do Colóquio
 25h30 Início do Colóquio
 26h00 Início do Colóquio
 26h30 Início do Colóquio
 27h00 Início do Colóquio
 27h30 Início do Colóquio
 28h00 Início do Colóquio
 28h30 Início do Colóquio
 29h00 Início do Colóquio
 29h30 Início do Colóquio
 30h00 Início do Colóquio
 30h30 Início do Colóquio
 31h00 Início do Colóquio
 31h30 Início do Colóquio
 32h00 Início do Colóquio
 32h30 Início do Colóquio
 33h00 Início do Colóquio
 33h30 Início do Colóquio
 34h00 Início do Colóquio
 34h30 Início do Colóquio
 35h00 Início do Colóquio
 35h30 Início do Colóquio
 36h00 Início do Colóquio
 36h30 Início do Colóquio
 37h00 Início do Colóquio
 37h30 Início do Colóquio
 38h00 Início do Colóquio
 38h30 Início do Colóquio
 39h00 Início do Colóquio
 39h30 Início do Colóquio
 40h00 Início do Colóquio
 40h30 Início do Colóquio
 41h00 Início do Colóquio
 41h30 Início do Colóquio
 42h00 Início do Colóquio
 42h30 Início do Colóquio
 43h00 Início do Colóquio
 43h30 Início do Colóquio
 44h00 Início do Colóquio
 44h30 Início do Colóquio
 45h00 Início do Colóquio
 45h30 Início do Colóquio
 46h00 Início do Colóquio
 46h30 Início do Colóquio
 47h00 Início do Colóquio
 47h30 Início do Colóquio
 48h00 Início do Colóquio
 48h30 Início do Colóquio
 49h00 Início do Colóquio
 49h30 Início do Colóquio
 50h00 Início do Colóquio
 50h30 Início do Colóquio
 51h00 Início do Colóquio
 51h30 Início do Colóquio
 52h00 Início do Colóquio
 52h30 Início do Colóquio
 53h00 Início do Colóquio
 53h30 Início do Colóquio
 54h00 Início do Colóquio
 54h30 Início do Colóquio
 55h00 Início do Colóquio
 55h30 Início do Colóquio
 56h00 Início do Colóquio
 56h30 Início do Colóquio
 57h00 Início do Colóquio
 57h30 Início do Colóquio
 58h00 Início do Colóquio
 58h30 Início do Colóquio
 59h00 Início do Colóquio
 59h30 Início do Colóquio
 60h00 Início do Colóquio
 60h30 Início do Colóquio
 61h00 Início do Colóquio
 61h30 Início do Colóquio
 62h00 Início do Colóquio
 62h30 Início do Colóquio
 63h00 Início do Colóquio
 63h30 Início do Colóquio
 64h00 Início do Colóquio
 64h30 Início do Colóquio
 65h00 Início do Colóquio
 65h30 Início do Colóquio
 66h00 Início do Colóquio
 66h30 Início do Colóquio
 67h00 Início do Colóquio
 67h30 Início do Colóquio
 68h00 Início do Colóquio
 68h30 Início do Colóquio
 69h00 Início do Colóquio
 69h30 Início do Colóquio
 70h00 Início do Colóquio
 70h30 Início do Colóquio
 71h00 Início do Colóquio
 71h30 Início do Colóquio
 72h00 Início do Colóquio
 72h30 Início do Colóquio
 73h00 Início do Colóquio
 73h30 Início do Colóquio
 74h00 Início do Colóquio
 74h30 Início do Colóquio
 75h00 Início do Colóquio
 75h30 Início do Colóquio
 76h00 Início do Colóquio
 76h30 Início do Colóquio
 77h00 Início do Colóquio
 77h30 Início do Colóquio
 78h00 Início do Colóquio
 78h30 Início do Colóquio
 79h00 Início do Colóquio
 79h30 Início do Colóquio
 80h00 Início do Colóquio
 80h30 Início do Colóquio
 81h00 Início do Colóquio
 81h30 Início do Colóquio
 82h00 Início do Colóquio
 82h30 Início do Colóquio
 83h00 Início do Colóquio
 83h30 Início do Colóquio
 84h00 Início do Colóquio
 84h30 Início do Colóquio
 85h00 Início do Colóquio
 85h30 Início do Colóquio
 86h00 Início do Colóquio
 86h30 Início do Colóquio
 87h00 Início do Colóquio
 87h30 Início do Colóquio
 88h00 Início do Colóquio
 88h30 Início do Colóquio
 89h00 Início do Colóquio
 89h30 Início do Colóquio
 90h00 Início do Colóquio
 90h30 Início do Colóquio
 91h00 Início do Colóquio
 91h30 Início do Colóquio
 92h00 Início do Colóquio
 92h30 Início do Colóquio
 93h00 Início do Colóquio
 93h30 Início do Colóquio
 94h00 Início do Colóquio
 94h30 Início do Colóquio
 95h00 Início do Colóquio
 95h30 Início do Colóquio
 96h00 Início do Colóquio
 96h30 Início do Colóquio
 97h00 Início do Colóquio
 97h30 Início do Colóquio
 98h00 Início do Colóquio
 98h30 Início do Colóquio
 99h00 Início do Colóquio
 99h30 Início do Colóquio
 100h00 Início do Colóquio
 100h30 Início do Colóquio

8 de Novembro

9 de Novembro

EFEMÉRIDE DOS 250 ANOS DO ABANDONO DA PRAÇA DE MAZAGÃO

MARROCOS
 7, 8 e 9 de Novembro de 2019

ASLAR ANJLI

EL IMJUR MIZAGAU

KARTEL KEBR HOCER-ORIM

AZIMOUR AKAZIR

Lagos nessa cidade. No dia 9 a visita incidiu na Cidadela Portuguesa de Mazagão e no centro histórico de Azamor. Acompanharam as visitas, para além dos conferencistas na sessão do dia 7, os investigadores Luís Costa e Sousa e Jorge Correia. O programa pretendeu dar a conhecer aos participantes tanto quanto possível a história da presença portuguesa em Marrocos, dos testemunhos que aí ficaram e da importância que teve no desenvolvimento da arquitectura militar e do urbanismo moderno. Objectivo deste evento foi também o de estabelecer laços de amizade e cooperação para o futuro, com base em intercâmbios e no desenvolvimento de um turismo militar, que neste momento prosseguem com contactos com o Turismo de Marrocos e com operadores turísticos nacionais com vista à criação de roteiros da herança portuguesa no país.

ENQUADRAMENTO E RELEVÂNCIA DA PRESENÇA PORTUGUESA EM MARROCOS

Criação da rede de praças-fortes portuguesas em Marrocos

Nos primórdios da Época dos Descobrimentos os portugueses estabeleceram um conjunto de praças-fortes na costa Atlântica de Marrocos, que sobreviveram durante décadas, algumas durante alguns séculos, graças à introdução de elementos e de

mecanismos de defesa que asseguraram a sua viabilidade num ambiente de isolamento e de hostilidade. A ocupação da costa marroquina processou-se em diferentes etapas e assumiu formas diversas ao nível do seu modelo, fruto das condições geopolíticas de cada momento e das próprias características do povoamento do território em questão. Foi assim criada uma rede de praças que garantiram a supremacia estratégica portuguesa no Mar dos Algarves e asseguraram

Imagens 16 e 17. Tríptico do evento da Efeméride dos 250 Anos do Abandono da Praça de Mazagão.

Imagem 18. As praças portuguesas de Marrocos.



a segurança da circulação dos navios comerciais que traziam os escravos, o ouro e as especiarias a partir do Atlântico Sul. Mas no quadro da sua gestão em território marroquino, a dita rede não era contínua, constituindo-se em duas áreas distintas, os chamados Marrocos Verde e Marrocos Amarelo, entre os quais se situava uma área controlada por vários ninhos de corsários, que garantiam ao Reino de Fez o acesso ao mar e mantinham viva a guerra do corso e a ameaça permanente à navegação e à segurança da costa de Portugal. As duas áreas referidas eram distintas a diversos níveis.

As praças do Marrocos Verde eram cidades conquistadas durante o século XV, concretamente Ceuta, Alcácer Ceguer, Arzila e Tânger. Tinham uma importância essencialmente política e estratégica no quadro do domínio da navegação no Estreito de Gibraltar e do controlo da ameaça que os ninhos de corsários constituíam para os navios portugueses e a segurança da costa de Portugal. Após a conquista de Arzila pelos portugueses em 1471, é assinado um acordo de paz entre os reinos de Portugal e de Fez, com a vigência de vinte anos. Esse acordo permitiu legitimar a posse portuguesa das quatro praças-fortes que ocupava na região e das aldeias do seu termo, e permitiu que o sultão de Fez, envolvido em lutas internas pelo poder, pudesse concentrar os seus esforços nas mesmas, beneficiando de alguma tranquilidade na fronteira com o Reino de Portugal. A quebra do Tratado deveu-se sobretudo à morte do rei de Fez Mulai Xequê em 1504, data a partir da qual o estado de guerra foi

permanente e os campos despovoaram-se de gente, de culturas e de gado.

As praças do Marrocos Amarelo eram sobretudo cidades que evoluíram de uma situação de vassalagem para a sua conquista efectiva, casos de Azamor e Safim, fortalezas que evoluíram para cidadelas, como Santa Cruz do Cabo Guer e o Castelo Real de S. Jorge de Mazagão, ou simples fortalezas isoladas, como Ben Mirão, o Castelo Real de Mogador e o Castelo de Aguz. A sua conquista, ou construção, foi extremamente rápida, já que a zona era pouco povoada e não existia um poder político centralizado e organizado para fazer face à ocupação portuguesa. Tinham uma importância fundamentalmente económica, mas também política, no quadro da afirmação do domínio português da costa de Africa, ameaçado pelas pretensões espanholas. Viviam num ambiente de guerra permanente com as tribos da região, mas o facto de não existir esse poder político centralizado que lhes fizesse frente, permitiu que se estabelecessem relações de vassalagem tribo a tribo. A submissão das tribos rebeldes e os acordos com os chamados mouros de pazes ou mouros de sinal, aqueles que se submetiam ao ocupante português, dá origem entre 1510 e 1518 a uma vasta área de um autêntico protectorado, conhecido como Protectorado da Duquela, cuja responsabilidade é atribuída ao então capitão de Safim, Nuno Fernandes de Ataíde e à sua aliança com o alcaide mouro Yahia Bentafuft.



Imagens 19 e 20. Marrocos Verde e Marrocos Amarelo.



SINGULARIDADES DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO E DE GESTÃO DO TERRITÓRIO

A sobrevivência das praças de Marrocos dependia da introdução de elementos construídos e de mecanismos de defesa que assegurassem a sua viabilidade num ambiente hostil, marcado pelo isolamento, por um bloqueio terrestre e por ameaças constantes. Esses elementos e mecanismos, que foram introduzidos de forma generalizada, baseavam-se na expulsão dos habitantes das cidades conquistadas e a redução da sua área, a sua fortificação, a abertura ao mar e o voltar de costas à terra, a estruturação urbanística e a organização dos terrenos envolventes numa lógica de utilização diurna.

A generalidade das cidades conquistadas eram estruturas urbanas demasiado grandes e ingovernáveis. Para solucionar este problema, os portugueses reduziam a área da cidade conquistada através de um processo com base nos atalhos, tramos de muralha interiores ao perímetro muralhado, que o seccionavam, dividindo a cidade em duas partes. Criava-se assim a Vila Nova e a Vila Velha. A Vila Nova, onde os portugueses se instalavam, era invariavelmente de menor dimensão e abarcava a área mais próxima do mar, onde era possível realizar os necessários abastecimentos. As construções e muralha da Vila Velha eram progressivamente demolidas, e a área acabava por se transformar em campos de cultivo, pomares e pastagens para o gado. A construção

dos atalhos tinha assim como objectivo criar um novo pano de defesa exterior e não uma simples divisória interior, pelo que a sua construção era realizada de forma cuidadosa e procurando corrigir debilidades encontradas na cerca original.

Outro elemento fundamental das fortificações portuguesas eram as couraças, tramos de muralha perpendiculares à cintura principal, que se prolongavam até ao mar. As couraças seriam um elemento constante e marcante das fortificações portuguesas em Marrocos, garantindo não só que as manobras de abastecimento se realizassem em segurança, como assegurando o próprio controlo da praia enquanto território vital à sua sobrevivência. Eram postos avançados de artilharia sobre o mar e corredores fortificados para cargas e descargas.

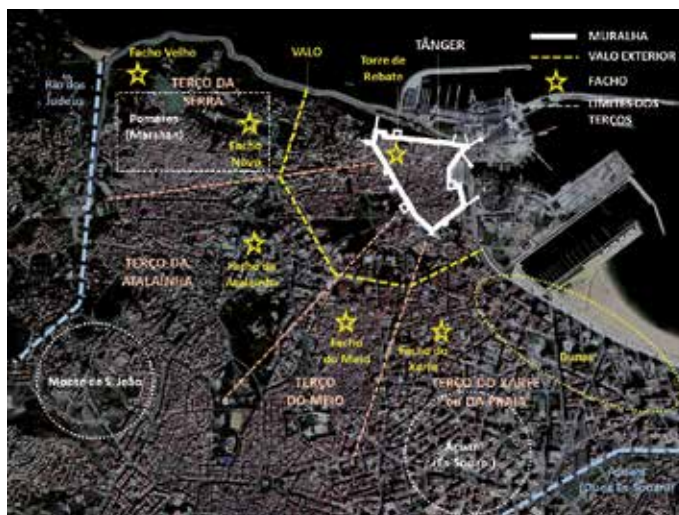
As fortalezas-satélite, apesar de estrategicamente terem sido um fracasso em termos de eficácia, excepto as duas que evoluíram para Cidadelas, Santa Cruz e Mazagão, foram uma iniciativa inovadora ao nível da sua implementação, por serem concebidas através de projectos-tipo normalizados, utilizando na construção materiais pré-fabricados transportados de Portugal, desde pedras de cantaria, carpintarias, ou ferragens, e o próprio processo de construção ser baseado na edificação prévia de um castelo de madeira, para albergar operários, materiais e soldados, em redor do qual se construía a fortaleza definitiva.

Apesar de encerradas sobre si mesmas, as Praças não podiam viver totalmente dissociadas do território envolvente, pelo menos



Imagem 21 A Couraça e o Baluarte da Couraça de Arzila.

Imagem 22. Couraça de Alcácer-Ceguer.



Imagens 23 e 24. Elementos do Campo Exterior de Tânger.

Imagens 25 e 26. Elementos do Campo Exterior de Mazagão.

daquele que se encontrava mais próximo. Todas elas dispunham de um chamado Campo Exterior, área extramuros de utilização diurna, defendida por elementos construídos de carácter precário aliados a procedimentos rotineiros, onde se recolhia lenha, se desenvolvia uma agricultura de subsistência e onde o pouco gado podia pastar. Mas o campo exterior não era apenas isso, já que cumpria um papel muito importante enquanto escape à sensação de aprisionamento em que a população de encontrava, permitindo saídas fora de portas, especialmente necessárias para o equilíbrio psicológico dos habitantes. Para garantir a realização dessas tarefas, os portugueses desenvolveram sistemas defen-

sivos engenhosos, sujeitos a procedimentos rotineiros rígidos, estruturando um modelo de vigilância e de defesa capaz de assegurar a segurança dos trabalhadores agrícolas e da própria praça, que se desguarnecia momentaneamente durante os períodos em que as portas estavam abertas.

Às primeiras horas do dia saíam os escutas, atalhadores ou monteiros, que examinavam cuidadosamente todo o campo, procurando infiltrados que se tivessem escondido durante a noite para emboscar os lavradores. Após a inspecção ao campo feita pelos atalhadores, saíam os atalajas, que ocupavam as suas posições no cimo de determinadas colinas. Com eles iam os



costas, que lhes davam protecção, posicionando-se na base das mesmas colinas. Se o campo estivesse seguro, os atalhas informavam o Facho dessa mesma situação e o facheiro içava uma cesta forrada com pano num mastro situado no cimo da torre. O sinal era recebido na torre de menagem do castelo e o governador dava então ordem para os trabalhos no campo se iniciarem através de cinco badaladas do sino. Ao mínimo sinal de perigo, o facho era arreado dando o alerta. Da torre de menagem partia a ordem de evacuação do campo exterior, comunicada através de tiros de canhão, de badaladas de sino ou de sinais de fumo ou fumaças. Toda a gente voltava para o interior da praça o mais depressa possível e a porta era fechada.

Chamava-se a este sistema defensivo, que combinava defesas precárias com procedimentos rotineiros rígidos, segurar o campo e graças a esta organização era possível tirar partido dos terrenos exteriores sem os ocupar em permanência e, conseqüentemente, sem despender o esforço militar e financeiro que essa ocupação implicaria.

A ARQUITECTURA MILITAR

O estabelecimento dos portugueses nas praças de Marrocos ocorre num período de transformação das estruturas militares, fruto da substituição das armas de propulsão mecânica pelas armas de propulsão através da pólvora. Marrocos foi um autêntico laboratório da arquitectura militar no processo de fortificação das estruturas existentes e de construção de estruturas de raiz. As intervenções realizaram-se em três períodos distintos _ durante o século XV, em que apresentam claramente um carácter tardo-medieval, não se encontrando ainda influenciadas pelos novos conceitos da pirobalística; no primeiro quartel do século XVI, em que se caracterizam como fortificações da transição, ou seja, apesar de manterem traços tardo-medievais começam a transformar-se para se adaptarem à utilização da pólvora; a partir de meados do século XVI, em que se assumem claramente como fortificações do Renascimento, libertando-se do espartilho



medieval e tirando pleno partido das possibilidades que a utilização da pólvora permitia. No primeiro caso estão intervenções nas quatro praças conquistadas no século XV, Ceuta, Alcácer-Ceguer, Arzila e Tânger, consistindo basicamente de reparação e manutenção das cercas existentes e de criação de condições para a instalação das guarnições portuguesas. As obras seriam supervisionadas por Rodrigo Anes. No segundo caso estão o grosso das intervenções realizadas, correspondendo a uma modernização das estruturas existentes e uma adaptação aos novos conceitos da pirobalística. Neste período chamado da transição, o modelo medieval coexiste com as inovações renascentistas, mas os conceitos medievais das construções militares vão sendo abandonados e as fortalezas começam a sofrer modificações para melhor resistirem aos ataques da artilharia. O conceito da defesa ao longo de todo o pano subsiste, mantendo-se adarve e merlões, surgindo as primeiras canhoneiras, situadas a vários níveis para garantir o disparo a longa e curta distância, combinadas com seteiras, troneiras e matacões. Os baluartes começam a esticar-se para o exterior do pano muralhado, procurando aumentar o ângulo de tiro e ganham formas

Imagem 27. O Baluarte de S. Cristóvão em Azamor, exemplar magnífico da arquitectura militar da transição, da autoria dos irmãos Diogo e Francisco de Arruda.



magem 28. Baluarte de Santo António em Ceuta.

Imagem 29. Baluarte da Alcáçova em Tânger.

Imagens 30 e 31. Baluarte do Anjo em Mazagão.

arredondadas para facilitar o ressalto dos projecteis. Surgem os alambores para afastar o assaltante do pano da muralha e evitar as acções de minagem, e o traçado das cercas é quebrado em dentes, criando aberturas laterais para o chamado fogo rasante. A altura das muralhas é reduzida, a sua espessura aumentada e a superfície inclina-se para melhor resistir aos impactos e facilitar os ressaltos.

Deixaram a sua marca durante este período nas praças do Norte, Francisco Danzilho e Diogo Boitaca, e nas do Sul os irmãos Diogo e Francisco de Arruda.

Após a queda de Santa Cruz do Cabo Guer no ano de 1541, toda a filosofia de inter-

venção portuguesa em Marrocos é alterada, decidindo-se o abandono da grande maioria das praças, mantendo-se apenas Ceuta e Tânger no Norte e Mazagão no Sul, praças que seriam reforçadas de acordo com os mais recentes princípios da arquitectura militar do Renascimento. A tarefa é confiada a Miguel de Arruda, que se socorre de Benedetto da Ravenna, arquitecto ao serviço de Carlos V de Espanha, e de João de Castilho para a direcção das obras. Miguel de Arruda pertence já à segunda geração de debuxadores da pirobalística, num período em que os conceitos evoluem de forma muito rápida. No seu tempo a arquitectura militar já se encontrava liberta dos conceitos



Imagem 32. A Cidadela de Mazagão.

medievais, tornando-se num exercício de geometria, já que a concepção das fortificações é realizada totalmente com base no estudo dos ângulos de tiro. Surgem os baluartes de forma pentagonal ou em cunha, dispondo de bocas-de-fogo laterais para tiro rasante protegidas por orelhões. Os panos de muralha ganham espessuras impressionantes, inclinações acentuadas, e deixam de funcionar como defesas contínuas, mas sim como elementos de ligações entre os baluartes, nos quais a toda a defesa se concentra. Os panos quebram-se para o interior, abrindo o ângulo de tiro, e a combinação fosso-muralha ganha um papel predominante, garantindo uma mais eficaz defesa dos panos edificados. O tiro rasante é de importância decisiva para a defesa da muralha, já que veio resolver o problema do tiro de proximidade e dos ângulos mortos, anteriormente solucionado com canhoneiras a vários níveis, o que levantava questões de segurança em relação às situadas no nível inferior, necessitando de defesas complementares como troneiras e matacões.

A construção da Cidadela de Mazagão é o corolário desta evolução, constituindo o exemplo da máquina de guerra perfeita que resistiria em mãos portuguesas durante mais de 200 anos, com a sua planta quadrangular com cerca de seis hectares de área, com os lados quebrados em estrela de quatro pontas, para aumentar o ângulo de tiro, com quatro baluartes nos cantos, encimados por casamatas, paredes com doze metros de espessura, sobre as quais se implanta o caminho de ronda, e fosso dos lados Sul, Poente e Norte.

O URBANISMO

A marca da presença portuguesa nas cidades marroquinas não ficou apenas nos testemunhos edificados mais evidentes. O facto de os portugueses terem vivido nas estruturas urbanas pré-existentes, não se instalando em áreas criadas de raiz, obrigou não só à sua adaptação ao modo de vida ocidental, mas sobretudo às necessidades de gestão colonial, muito ligadas à defesa e à logística. Aliás seria este último aspecto o determi-

nante, já que o urbanismo medieval português e marroquino não eram assim tão diferentes, sendo ambos marcados por traçados viários irregulares, fruto do desenvolvimento orgânico e da adaptação à topografia, e pela hierarquização dos espaços públicos. E se é verdade que a racionalização das estruturas urbanas se generaliza no período do Renascimento e é uma constante do urbanismo colonial, também é verdade que no próprio urbanismo medieval surgem estruturas ortogonais fruto da sua fundação por meio de operações urbanísticas. A racionalização e consequente geometrização dos traçados urbanos é assim resultado de acções de planeamento ou adaptação, nas quais a espontaneidade e o crescimento orgânico não tinham lugar. A marca específica do urbanismo português é visível nessas intervenções de adaptação em Marrocos, que constituem a génese do próprio urbanismo colonial português, concretizado em toda a sua plenitude na construção da Cidadela de Mazagão em 1541. As intervenções urbanísticas eram indissociáveis dos próprios conceitos de defesa das praças, já que estavam intimamente ligadas à facilidade de movimentação das tropas e seu acesso rápido aos caminhos de ronda e à localização estratégica dos equipamentos de logística e defesa.

Em termos de desenho urbano, a intervenção urbanística nas praças de Marrocos não teve a mesma expressão em todas elas, fruto das condições existentes. Em Ceuta, Alcácer-Ceguer, Tânger e Safim foram intervenções de carácter reduzido, baseando-se sobretudo na afirmação da Rua Direita como eixo principal e na regularização do traçado de alguns quarteirões. Em Arzila e Azamor, a intervenção foi mais profunda. No primeiro caso devido às reconstruções operadas no seguimento das destruições provocadas pelo ataque de 1508. No segundo, porque a Vila Nova de Azamor é implantada sobre terrenos não edificadas à época. Mazagão, cidade planeada de raiz, é praticamente toda concebida de origem, excepto uma pequena área do lado Noroeste onde se situava o antigo arrabalde do Castelo Real.

CONCLUSÃO

Por razões óbvias, o processo de cooperação com Marrocos viu as suas acções adiadas para melhores dias, com a agravante de que no ano de 2020 haverão eleições autárquicas nos dois países, facto que poderá alterar as condições da construção da Rede de Fortificações.

Em Lagos, continuámos a trabalhar nesse sentido, seja em projectos decisivos para a Rede, como a continuidade do processo de reabilitação e promoção das Muralhas de Lagos e o início do processo de reabilitação do Forte da Ponta da Bandeira, seja no cumprimento do programa com a Commune de Ksar El Kebir, com a atribuição do nome Avenida de Alcácer-Quibir a uma importante artéria a cidade e construção de um memorial aos mortos na Batalha de Alcácer-Quibir.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO, António Borges. “Largada das Naus”. História de Portugal, Vol. III. Editorial Caminho. Lisboa, 2011
- COELHO, António Borges. “Raízes da Expansão Portuguesa”. Editorial Caminho. Alfragide, (1964) 2018
- CORREIA, Jorge. “Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África. Da tomada de Ceuta a meados do século XVI”. FAUP publicações. Porto 2008
- CORREIA, Jorge. “Mazagão. A última praça Portuguesa no Norte de Africa”. Revista de História da Arte nº 4. 2007
- CORREIA, Jorge. “Morfologia urbana em Azamor, Marrocos: uma proposta de leitura da herança colonial”. Escola de Arquitectura da Universidade do Minho / Centro de História de Além Mar. 2011
- DIAS, Pedro. “A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415-1769”. Livraria Minerva Editora. Coimbra, (2000) 2002
- ELBL, Martin Malcolm. “Portuguese Tangier (1471-1662). Colonial Urban Fabric as Cross-Cultural Skeleton”. Baywolf Press. Toronto, 2013
- FARINHA, António Dias. “História de Mazagão Durante o Período Filipino”. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Lisboa. 1970
- FARINHA, António Dias. “Os Portugueses em Marrocos”. Instituto Camões, 1999
- GASPAR, Jorge. “A cidade portuguesa na Idade Média. Aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional”. In “La ciudad hispánica durante los siglos XIII a XVI”. Universidade Complutense. Madrid, 1985
- GOZALBES CRAVIOTO, Carlos. “Las Corchas Hispano-Musulmanas de Ceuta”. Separata de la Revista Al-Qantara, Vol. 1 – Faz. 1 y 2. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Miguel Asín. Madrid, 1980



- GUEVARA, Adolfo. “Arcila durante la ocupación portuguesa (1471-1549)”. Publicaciones del Instituto General Franco para la Investigación Hispano-Arabe. Tânger, 1940
- LOPES, Ana Catarina Gonçalves. “(A)Cerca de Azamor, estruturas militares ao manuelino, Volume 1º. Universidade do Minho, Escola de Arquitectura, Outubro de 2009
- LOPES, David. “A Expansão em Marrocos”. Editorial Teorema. Lisboa, 1989 (Publicação original BAIÃO, António, CIDADE, Hernâni e MURIAS, Manuel. “História da Expansão Portuguesa no Mundo, 3 vols. Editorial Ática. Lisboa, 1937)
- LOPES, David. “História de Arzila durante o Domínio Português (1471-1550 e 1577-1589)”. Coimbra, imprensa da Universidade. 1925
- LOPES, David. “Textos em Aljamia Portuguesa”. Documentos para a história do domínio português em Safim. Extrahidos dos originaes da Torre do Tombo. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897
- MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. “Os Filhos de D. João I” (1891). Guimarães & C. Editores. Lisboa, 1983
- MENESES, D. Fernando de. “História de Tangere, que compreende as noticias desde a sua primeira conquista até a sua ruína”. Officina Ferreiriana, Lisboa, 1732
- MOREIRA, Rafael. “A construção de Mazagão. Cartas inéditas 1541-1542”. IPPAR/CPML. Lisboa, 2001
- PAULA, Frederico Mendes. “Histórias de Portugal em Marrocos”. Argumentum, Edições, Estudos e Realizações. Lisboa, 2019
- PAULA, Frederico Mendes. “Portugal em Marrocos, Olhar sobre um património Comum”. Argumentum, Edições, Estudos e Realizações. Lisboa, 2016
- SANTOS, João Marinho dos; SILVA, José Manuel Azevedo e; NADIR, Mohammed. “Santa Cruz do Cabo de Gue D’Agoa de Narba”. Estudo e Crónica, Viseu, Palimage Editores e Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2007
- TEENSMA, Benjamin N. “O Diário Tangerino de Afonso Fernandes”. Câmara Municipal de Lagos, 2008
- TEIXEIRA, André, LOPES, Ana, CORREIA, Jorge e KARRA, Azzeddine. “As fortificações portuguesas de Azamor: contributo para a actualização do seu conhecimento”. Edições Colibri. 2013
- VIDAL, Laurent. “Mazagão, la ville qui traversa l’Atlantique. Du Maroc à l’Amazonie (1769-1783)”. Champs histoire. Barcelona, (2005) 2008

DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELO AUTOR NO ÂMBITO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS

- “Plano de Promoção da Muralha de Lagos”. 2018
- “Política de Geminações com Marrocos”. 2018
- “Programa de Actividades no Quadro da Geminação entre Lagos e Alcácer-Quibir”. 2018
- “Proposta de Dinamização da Delegação Regional do Algarve da APMCH”. 2015

***FREDERICO MENDES PAULA:** Arquitecto na Câmara Municipal de Lagos desde 1986, com responsabilidades na gestão do centro histórico, reabilitação do património e prevenção do risco sísmico. Representante da Câmara Municipal de Lagos na Direcção do Fórum Ibérico de Cidades Amuralhadas e do European Walled Towns entre 2006-2012. Secretário-geral da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico desde 2018. Presidente do júri do Prémio Nacional de Arquitectura Alexandre Herculano, Membro do Conselho de Curadores dos Centros Históricos Portugueses e membro da Direcção do Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves. Autor e de 28 publicações e palestrante de perto de uma centena de conferências em Portugal, Espanha e Marrocos, com destaque para a organização e realização de duas acções de formação para guias de turismo marroquinos sobre património de origem portuguesa em Marraquexe (2017) e El Jadida (2018). Neste momento desenvolve como projectos de “fundo” a gestão da Reabilitação das Muralhas e Torreões da Cidade de Lagos e o projecto do Centro de Interpretação da Batalha de Alcácer-Quibir em Ksar El Kebir, este último no quadro da geminação entre os dois municípios.

ON THE ONGOING PROJECT FOREWORD

The affirmation of Lagos as the Seat of the Portuguese Discoveries is an essential element of the municipal development policy, so much so that it has even been embodied in the Autarchy's logo: "Lagos of the Discoveries". Affirming "Lagos of the Discoveries" immediately implies investing in the rehabilitation, safeguarding and promotion of its heritage and the municipal cultural offer connected to the Age of Discovery.

In this policy, the establishment of twinning and cooperation agreements with entities representing the sphere of the Portuguese Discoveries is of fundamental importance, as indeed stated by the Lagos Strategic Plan, when the document refers to the need to "kindle the internalisation of Lagos, through twinning, connections and international representations, specifically under the motto of the Discoveries". (Plano Estratégico do Município de Lagos, p. 105)

Until 2015, Lagos signed several partnerships with municipalities belonging to the world of the Discoveries, either through Twinning Protocols, as in the case of Palos de la Frontera in Spain, Ribeira Grande de Santiago in Cape Verde and Ribeira Grande in the Azores, or through Cooperation Agreements, such as Bojador in Morocco, Pemba in Mozambique, Calheta de São Miguel in Cape Verde, Island of Mozambique in Mozambique, the Sikka District in Indonesia, the Ugu District in South Africa, Île de Gorée, City of Dakar, Senegal and Municipality of Porto Seguro in Brazil. However, these protocols do not fully correspond to a policy of dynamic and coherent cooperation and are mostly "dormant".

The definition and implementation of an international cooperation policy in the area of the Discoveries was

considered fundamental for the very affirmation of Lagos as the seat of the Portuguese Discoveries; therefore, a strategy was presented that would embody this policy and, to that extent, the necessary structures to manage it would have to be created.

MARITIME BORDER FORTIFICATION NETWORK: THE STRATEGY

The work carried out in Almeida and the promotion of the Regional Delegation of the Algarve of the Portuguese Association of Municipalities with Historic Centre (APMCH) become our guiding references and starting points for the construction of a strategy that the Municipality of Lagos presented and was approved at APMC's Board Meeting held on 12 January 2016 in Montijo, having then been formally presented to the public on 22 July of that same year during the Celebrations of the 22nd Anniversary of APMCH, which took place in Lagos. Essentially, the model put forward was to replicate, in Lagos, the model put into practice in Almeida and to set sail for an action based on collaboration and complementarity, under the guidance of the two Regional Delegations of APMCH, the one in the District of Guarda, based in Almeida, and the one in the Algarve, based in Lagos.

A Centre focusing on the study of bulwarked constructions of the Maritime Border would be created in Lagos, similar to CEAMA - the Centre for the Study of Military Architecture of Almeida, which focuses on the study of bulwarked construction along the Raia or Land Border. The intention is to call the Lagos' Centre "CEMA, Miguel de Arruda Study Centre", due to the importance of this historical figure played in the construction of bulwarked forts on the Maritime Border (works in Ceuta, Tangier and Mazagão and author of

works for Salvador da Baía and S. Sebastião of Island of Mozambique) and in its connection to Lagos, since he was the author of the project for the city walls.

The study centres will be the basis for the establishment of international partnerships to create fortification networks, engaging international entities, carrying out promotion, research and cooperation actions, namely classification proposals and applications for funding.

Again, a reference to Almeida. The exemplary work that the Municipality of Almeida has been carrying out in this domain (much of which is the result of the commitment and competence of Architect João Campos), with the creation of CEAMA, a structure that is perfectly established and has its own facilities, the constitution of the Cross-Border Cooperation Agreement between Almeida and Ciudad Rodrigo and the current application to see the Bulwarked Fortresses of the Raia nominated as a World Heritage Sites are the great reference of the project, embodying the so-called land border pole, an inspiration for the pole to be developed in the city of Lagos.

However, it must be said that the strategy had already been brewing in Lagos since 2015 and that some actions were developed, timidly, generated no traction but did lay the foundations for the project. We are particularly referring to a contact with the authorities of the Autonomous City of Ceuta with the intention of creation a Maritime Border Fortification Network, a contact that generated no traction, and of a cross-border application to the POCTEP Program carried out with Olhão and the Ayuntamiento of Lepe, which took up this idea again and established the acronym FRON-TEMAR for the network.

It is true that, in Lagos, the process of creating the Study Centre has made



little progress so far, but important steps have been taken for the creation of the network, even looking at it in a broader sense, integrating elements of the intangible heritage associated with it, especially based on an alignment policy with Morocco, developed since 2016.

ACTIONS TAKEN

The actions carried out in 2016 were the initiative and led by the author of this article in collaboration with the Embassy of Portugal in Morocco and with the delegation of Morocco Tourism in Portugal, following the publication of the book “Portugal em Marrocos, olhar sobre um património comum”, including the book presentation during the Moroccan week in Lisbon, on the 25 May 2016, and in the city of Marrakesh, on the 27 October 2016; this action was also supported by the Regional Directorate of Culture of Marrakesh and the National School of Architecture in Marrakesh.

In 2017, the Municipality of Lagos joined these activities, although only institutionally, that is, by allowing the city’s logo to be included in the promotional materials:

Organisation of a Training Session for Official Tourism Guides in Marrakesh, 22-26 May 2017, with the support of the Embassy of Portugal in Morocco, the Marrakesh-Safi Region and the Regional Directorate of Culture of Marrakesh.

Organisation of a conference in Mazagão integrated in the XXV Festival Sete Sóis, Sete Luas, on 9 July 2017, with the support of the Portuguese Embassy in Morocco and the Ministry of Culture of the Kingdom of Morocco.

Trip to Ksar el-Kebir in December 2017, in a personal capacity, but duly authorised by the Municipality of Lagos and with the support of the

Portuguese Embassy in Morocco, to establish contacts with the Municipality of Ksar el-Kebir, to further strengthen the bonds of friendship and cooperation.

In 2018 the Municipality of Lagos started being fully involved, from an institutional point of view, welcoming, in February, two interns from the Ministry of Culture of the Kingdom of Morocco, specifically the Head of Heritage Services of the Regional Directorate of Casablanca-Settat and the Curator of Heritage of the Cities of El Jadida, Azemmour and Sidi Bennour, also relying on the support of the Embassy of Portugal in Morocco.

In April of that same year, a delegation from the Lagos City Council, the Lagos Municipal Assembly, the city’s School District, the Algarve Regional Culture Directorate and the Associação Vicentina went to Morocco, to sign a Twinning Protocol with Ksar el-Kebir and two Cooperation Agreements with El Jadida and Azemmour, actions sponsored by the Portuguese Embassy in Morocco. The Ksar el-Kebir Twinning Protocol intends to connect both cities to the figure of King D. Sebastião, who has an interesting connection to Lagos, where he left for his fateful journey of Ksar el-Kebir, where, in turn, he was buried for about five weeks. The Cooperation Agreement with El Jadida intends to connect both cities to the figure of Miguel de Arruda, coordinator of the project of the Portuguese Citadel of Mazagão and author of the project for the 16th-century walls of Lagos. The Cooperation Agreement with Azemmour is based on the fact that Lagos and Azemmour were the first two Portuguese slave markets, as attested by most historical sources.

In parallel, the author of this article organised and carried out a Training Action for Tourist Guides of the Citadel of Mazagão, on 13-15 April, with the

support of the Portuguese Embassy in Morocco and the Regional Directorate of Culture of Casablanca-Settat, and delivered a presentation in the City of Salé on the Rehabilitation of the Heritage of the City of Lagos, on 18 April 2018, with the support of the Portuguese Embassy in Morocco and the Association Rabat-Salé Mémoire. On 4 August of that year, Lagos took part in the commemorations of the Battle of Ksar el-Kebir with a communication on the short, medium- and long-term cooperation measures programme between the two municipalities. This programme, established and approved by both municipalities, was of pivotal importance to guarantee that the signed protocol does not fall into oblivion and is guided by defined objectives.

IN OCTOBER A DELEGATION FROM THE COMMUNE OF KSAR EL KEBIR WENT TO LAGOS.

2019 WAS PARTICULARLY RICH IN CONCRETE ACTIONS:

In compliance with the aforementioned programme, the project for the Interpretation Centre for the Battle of Ksar el-Kebir was started, to be inaugurated in the old house of Alcaide Ibrahim Soufiani, where the body of King D. Sebastião was buried for four months under the custody of nobleman Belchior do Amaral, and that Commune purchased for the purpose. The Preliminary Study was presented at the Lagos City Council meeting on 17 July and at the Ksar El Kebir Communal Council on 27 August.

NAMING “AVENUE OF LAGOS” ONE OF THE MAIN ARTERIES IN THE CITY OF KSAR EL KEBIR.

In November 2019 the event of the 250th Anniversary of the Abandonment of Mazagão Fortress was

held, organized by APMCH and with the collaboration of the Portuguese Embassy in Morocco, the Ministry of Culture of the Kingdom of Morocco, CHAM, Centre for Humanities at the Universidade Nova de Lisboa and the Commune of Ksar El Kebir. The event was also institutionally supported by the Directorate General for Cultural Heritage, the Centre for the Study of Military Architecture of Almeida, the Portuguese Association of Military Tourism and the Portuguese-Arab Studies Centre in Silves.

The event took place for three days and was attended by 60 participants and representatives of 11 Portuguese municipalities. On the 7th, a session was held at the Portuguese Cultural Centre of Rabat, including conferences by Maria Augusta Lima Cruz, João Campos and Otmane Mansouri, the APMCH Medal of Honour was awarded to His Excellency the Ambassador of Portugal in the Kingdom of Morocco, Maria Rita Ferro, and also included the presentation of the book “Histórias de Portugal em Marrocos” by Frederico Mendes Paula. On the 8th, a visit was carried out to the historic centre of Asilah and to the battlefield of the Battle of Ksar el-Kebir, after which the local authority organised a lunch, the programme being complemented with a visit to the former house of the alcalde Ibrahim Soufiani, where the Interpretation Centre for the Battle of Ksar el-Kebir will be installed, and finally the “Avenue of Lagos” was inaugurated in that city. On the 9th the visit focused on the Portuguese Citadel of Mazagão and the historic centre of Azemmour. Accompanying the visits, in addition to the speakers of the session held on the 7th, researchers Luís Costa e Sousa and Jorge Correia.

The programme intended to make participants aware of the history of the Portuguese presence in Morocco,

the testimonies that remained there and the importance it had in the development of military architecture and modern urbanism. The objective of this event was also to establish bonds of friendship and cooperation for the future, based on exchanges and the promotion of military tourism, which at this moment continue with contacts with the Tourism of Morocco and with national tour operators, as to create Portuguese heritage routes in the country.

BACKGROUND AND RELEVANCE OF THE PORTUGUESE PRESENCE IN MOROCCO

CREATION OF A NETWORK OF PORTUGUESE STRONGHOLDS IN MOROCCO

In the early days of the Age of Discovery, the Portuguese built a group of strongholds on the Moroccan Atlantic coast, which survived for decades, some even for centuries, thanks to the introduction of elements and defence mechanisms that ensured their viability in an isolated and hostile environment. The occupation of the Moroccan coast happened in different stages and took on different forms regarding the model deployed, the result of the geopolitical conditions of each particular moment and the characteristics of the settlement of the territory in question.

A network of stronghold was thus created that guaranteed the Portuguese strategic supremacy in the Sea of the Algarves and ensured the safe circulation of commercial ships that transported slaves, gold and spices from the South Atlantic. However, regarding its management in Moroccan territory, such network was not continuous, integrating two distinct areas, the so-called “Green Morocco” and “Yellow Morocco”,

among which one found an area controlled by several privateers’ nests, which guaranteed that the Kingdom of Fez had access to the sea and kept the Corsican war alive, as well as the permanent threat to the navigation and the safety of the Portuguese coast. The two areas referred to were very different from many reasons.

The strongholds of “Green Morocco” were cities that had been conquered during the 15th century, specifically Ceuta, Ksar es-Seghir, Asilah and Tangier. They had a vital political and strategic importance for the navigation in the Strait of Gibraltar and for the control of the threat that privateers’ nests posed to Portuguese ships and to the safety of the Portuguese coast. After the conquest of Asilah by the Portuguese in 1471, a twenty-year peace agreement was signed between the kingdoms of Portugal and Fez. This agreement legitimised the Portuguese possession of the four strongholds that the country occupied in the region and the villages within their limits, and allowed the sultan of Fez, involved in internal struggles for power, to concentrate his efforts on them, enjoying some tranquillity on the border with the Kingdom of Portugal. The Treaty was annulled mainly due to the death of the king of Fez Mulai Sheikh in 1504 and from then war became permanent and the fields were depleted from people, crops and livestock.

The strongholds of Yellow Morocco were mainly cities that had evolved from a situation of vassalage to their effective conquest, as in Azemmour and Safi, fortresses that evolved into citadels, such as Santa Cruz do Cabo Guer and the Royal Castle of S. Jorge de Mazagão, or simple isolated forts, like Ben Mirão, the Royal Castle of Mogador and the Castle of Aguz. Its conquest - or construction - was extremely fast, since the area was



sparsely populated and there was no centralised and organised political power in place to counter the Portuguese occupation. They had a fundamentally economic, but also political, importance in the affirmation of the Portuguese domination of the coast of Africa, threatened by the Spanish pretensions. They lived in a state of constant war with the tribes of the region, but since there was no centralised political power to confront them, vassalage relations could be established on a tribe-by-tribe basis. The submission of rebel tribes and the agreements with the so-called “Moors of Peace” or “Moors of Sign”, those who submitted to the Portuguese occupiers, gave rise, between 1510 and 1518, to a vast area of an authentic protectorate, known as the Protectorate of the Duquela, under the command of the then captain of Safi, Nuno Fernandes de Ataíde and his alliance with the Moorish alcaide Yahia Bentafuft.

A SINGULAR PROCESS OF APPROPRIATION AND MANAGEMENT OF THE TERRITORY

The survival of the strongholds in Morocco depended on the introduction of built elements and defence mechanisms that would ensure their viability in a hostile environment, clearly isolated by a land blockade and constant threats. These elements and mechanisms, which were introduced quite widely, were based on the expulsion of the residents of the conquered cities and the reduction of their area, their fortification, by opening up to the sea and by turning their back to the land, the urban structuring and the organisation of the surrounding lands in a logic of daytime use.

Most of the conquered cities were urban structures that were too large

and, therefore, ungovernable. To solve this problem, the Portuguese reduced the area of the conquered cities through a process based on shortcuts, sections from the wall inside the walled perimeter, which divided it, therefore dividing the city into two areas. Thus, the New Town and the Old Town were created. Vila Nova [New Town], where the Portuguese settled, was invariably smaller and encompassed the area closest to the sea, where it was possible to obtain the necessary provisions. The buildings and wall of Vila Velha [Old Town] were progressively demolished, and the area ended up becoming cultivated fields, orchards and pastures. The construction of the shortcuts thus had the objective of creating a new outer defensive structure and not a simple interior partition, so its construction was carefully carried out, in an attempt to correct weaknesses found in the original enclosure.

Another fundamental element of the Portuguese fortifications were the “corachas”, sections of wall perpendicular to the main enclosure, which extended to the sea. The corachas would become a constant and striking element of Portuguese fortifications in Morocco, making sure not only that the supply manoeuvres were carried out safely, but also ensuring control of the beach as a vital territory for their survival. They were advanced artillery outposts on the sea and fortified corridors for loading and unloading. Satellite fortresses, although, as far as strategy went, were a failure in terms of effectiveness, except for the two that have evolved into Citadels, Santa Cruz and Mazagão, which were an innovative initiative in terms of their implementation, as they were conceived through standardized projects, using prefabricated materials transported from Portugal in the construction, from stonework, carpentry or hardware, and the

fact that the construction process itself was based on the previous construction of a wooden castle, to house workers, materials and soldiers, around which the definitive fortress was being built.

Despite being closed in on themselves, the Strongholds were unable to live completely dissociated from the surrounding territory, at least from the territory that was closest to them. All of them had a so-called “Outer Field”, an area outside its walls for daytime use, defended by precarious built elements combined with routine procedures, during which firewood was gathered, subsistence agriculture was developed and the livestock grazed. But the outer field was not just that, since it played a very important role as an escape to the feeling of imprisonment experienced by the population, making sure that the people could go outside the fortification’s gates, which was particularly necessary for the mental welfare of the residents. To make sure these tasks were carried out, the Portuguese developed ingenious defensive systems, subject to rigid routine procedures, structuring a surveillance and defence model capable of ensuring the safety of agricultural workers and of the stronghold itself, which was momentarily unprotected during the periods when the doors were open.

In the early hours of the day, the field guards went out, who carefully examined the entire field, looking for infiltrators that could have hidden during the night to ambush the farmers. After the field guards inspected the fields, the watchmen would leave, who occupied their positions on top of certain hills. These were accompanied by the bodyguards, who offered them protection, positioning themselves at the base of the same hills. If the field was safe, the watchmen informed the Torch of

the same situation and the torch hoisted a basket lined with cloth on a mast located at the top of the tower. The signal was received in the keep of the castle and the governor would then order the work in the field to begin by ringing the bell five times. At the slightest sign of danger, the torch was harnessed, giving the warning. The order to evacuate the outer field came from the keep, communicated using cannon shots, bell chimes or smoke signals. Everyone returned to the square as quickly as possible and the door was closed.

This was the defensive system, which combined precarious defences with rigid routine procedures, to make the field safe, and thanks to this organisation it was possible to take advantage of the external fields without permanently occupying them and, consequently, without making the military and financial effort that such occupation would imply.

THE MILITARY ARCHITECTURE

The establishment of the Portuguese in Moroccan strongholds happens during a time of transformation of military structures, the result of the replacement of mechanical propulsion weapons with gunpowder-propelled weapons. Morocco was a de facto laboratory of military architecture, both when reinforcing existing structures and when building structures ex nihilo. The interventions took place in three different periods - during the 15th century, when they clearly have a late medieval character, not yet being influenced by the new concepts of gunpowder artillery; during the first quarter of the 16th century, in which they are characterised as “transitional” fortifications (, that is, despite maintaining late-medieval features, they begin to transform to adapt themselves to the use of gunpowder); and from the

middle of the sixteenth century, when they clearly become Renaissance fortifications, freeing themselves from the medieval restraints and taking full advantage of the possibilities that the use of gunpowder allowed.

The first case encompasses the interventions in the four strongholds conquered in the 15th century, Ceuta, Ksar es-Seghir, Asilah and Tangier, and basically consisted of repairing and maintaining the existing fences and creating conditions for the settlement of Portuguese garrisons. The works would be supervised by Rodrigo Anes.

In the second case, we find the bulk of the interventions carried out, corresponding to a modernisation of the existing structures and an adaptation to the new concepts of gunpowder artillery. During this period - called “transitional”, the medieval model coexists with Renaissance innovations, but the medieval concepts of military constructions are being abandoned and the fortresses begin to undergo modifications, to increase their resistance to artillery attacks. The concept of defence along the entire walls remains, maintaining the *chemin de ronde* and merlons, with the first gun platforms appearing, located on different levels to guarantee long- and short-distance shoots, combined with arrow loops, embrasures and machicolations. Bulwarks begin to extend to the outside of the walled curtain, in an attempt to increase the firing angle and assume rounded shapes, to make sure projectiles ricochet. The *alambors* appear to keep the assailant away from the walls and to prevent mining actions, and enclosures are broken with indentations, creating lateral openings for the so-called grazing fire. The height of the walls is reduced, their thickness increased and the surface slopes to better resist impacts and facilitate ricocheting.

During this period Francisco Danzilho and Diogo Boitaca left their mark in the strongholds in the North, and in the South, brothers Diogo and Francisco de Arruda.

After the fall of Santa Cruz do Cabo Guér in 1541, the entire philosophy behind the Portuguese intervention in Morocco changed; the option was to abandon the vast majority of the strongholds, maintaining only Ceuta and Tangier in the north and Mazagão in the south, fortresses that would be reinforced according to the most recent principles of the Renaissance military architecture. Miguel de Arruda is entrusted with this task, who uses Benedetto da Ravenna, an architect working for Charles V of Spain, and João de Castilho to supervise the works. Miguel de Arruda already belongs to the second generation of gunpowder artillery draughtsmen, during a period where concepts evolve very quickly. At this moment, the military architecture had already been freed from medieval concepts, becoming an exercise of geometry, since fortifications are designed entirely based on the study of firing angles. Bulwarks appear with pentagonal or wedge shapes, with gun platforms on the side for grazing fire, protected by orillions. The wall sections gain an impressive thickness, steep slopes, and cease to function as continuous defences, but rather as elements connecting the bulwarks, on which the entire defence is concentrated. The wall sections break to the inside, opening the firing angle, and the moat-wall combination takes on a predominant role, ensuring a more effective defence of the built-up wall sections. The grazing shot is of decisive importance for the defence of the wall, since it came to solve the problem of proximity shooting and blind spots, previously solved with gun platforms on various levels, which raised safety issues



in relation to those located on the lower level, needing complementary defences such as embrasures and machicolations.

The construction of the Citadel of Mazagão is the corollary of this evolution, becoming an example of the perfect war machine that would continue in Portuguese hands for more than 200 years, with its square floor plan and about six hectares of area, with the sides broken into four-pointed stars, to increase the firing angle, with four bulwarks on the corners, topped by casemates, walls twelve meters thick, where one could find the *chemin-de-ronde*, and a moat on the south, west and north sides.

URBANISM

The mark of the Portuguese presence in Moroccan cities was not limited to the most evident built testimonies. The fact that the Portuguese lived in pre-existing urban structures, not settling in areas created from scratch, forced them not only to adapt them to the Western way of life, but above all to the needs of colonial management, closely linked to defence and logistics. In fact, this last aspect would be the determining factor, since medieval Portuguese and Moroccan urbanism were not that different, both being marked by irregular road layouts, the result of organic development and adaptation to topography, and by the hierarchisation of public spaces. And while it is true that the rationalisation of urban structures became widespread during the Renaissance and become a constant feature of colonial urbanism, it is also true that the medieval urbanism produces orthogonal structures, a result of its foundation through urban operations. The rationalisation and consequent geometrisation of urban routes are thus the result of planning or adap-

tation actions, in which spontaneity and organic growth had no place. The specific mark of Portuguese urbanism is visible in these adaptive interventions in Morocco, which are the genesis of Portuguese colonial urbanism, materialised, in all its fullness, in the construction of the Citadel of Mazagão in 1541. Urban planning interventions were inseparable from the concepts of defence of the strongholds, since they were closely linked to easier of movement of the troops and their quick access to *chemin-de-rondes* and the strategic location of the logistics and defence equipment.

In terms of urban design, urban intervention in the fortifications of Morocco did not have the same expression in all of them, as a result of the existing conditions. In Ceuta, Ksar es-Seghir, Tangier and Safi interventions were smaller, based mainly on the affirmation of the “Rua Direita” as the main axis and the regularisation of the layout in some blocks. In Asilah and Azemmour, interventions were more profound. In the first case, due to the reconstructions carried out following the destruction caused by the 1508 attack. In the second, because Vila Nova de Azamor is located on land with no buildings at that time. Mazagão, a city planned from the ground up, is practically entirely designed *ex nihilo*, except for a small area on the northwest side where the former suburb of Castelo Real was located.

CONCLUSIONS

For obvious reasons, the cooperation process with Morocco saw its actions postponed for better days, with the aggravating factor that, in 2020, there will be municipal elections in both countries, a fact that may change the terms for the construction of the Fortification Network.

In Lagos, we continued to work in this direction, be it in decisive projects for the Network, such as the continuation of the process of rehabilitation and promotion of the Lagos Walls and the beginning of the rehabilitation process of the Ponta da Bandeira Fort, or in carrying out the programme with the Commune of Ksar El Kebir, with an important road of the city being names “Avenida de Alcácer-Quibir” and construction of a memorial to those killed in the Battle of Ksar El Kebir.

Rui Carita*

INTRODUÇÃO

Decorreu no Rio de Janeiro, entre 3 e 5 de dezembro do passado ano de 2019, o seminário supracitado, para o qual a Comissão Portuguesa de História Militar indicou o nome do signatário. A comunicação depois solicitada, **“O Sistema das Fortificações Portuguesas no Brasil”**, integrava-se no painel *“Desafios estratégicos para o Sistema de Fortificações”*, que abriu o seminário propriamente dito e se destina, em princípio, a integrar a abertura do dossier final de candidatura de **19 conjuntos fortificados brasileiros** para serem integrados na lista UNESCO de bens culturais edificados, a ser apresentado no próximo ano de 2022.

Depois de complexas negociações entre os estados brasileiros, foi assente integrar nesta lista, de sul para norte, a Fortaleza de Santa Cruz de Anhantomirim, em Governador Celso Ramos (SC); Forte de Santo Antônio de Ratonas, em Florianópolis (SC); Forte de Santo Amaro da Barra Grande, no Guarujá (SP); Forte São João, em Bertiooga (SP); Fortaleza de Santa Cruz da Barra, em Niterói (RJ); Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro, onde decorreu o seminário

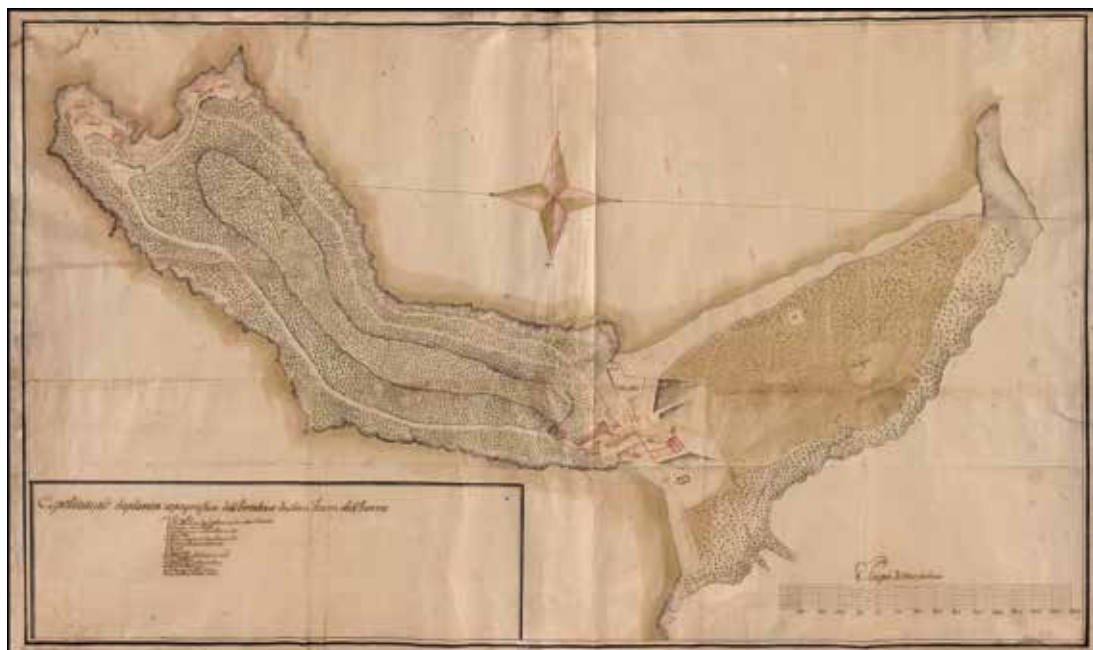
(RJ); Forte de Nossa Senhora de Monte Serrat e Forte de Santo Antônio da Barra, Salvador (BA); Forte de Santa Maria, Forte São Diogo e Forte de São Marcelo, também em Salvador (BA); Forte São Tiago das Cinco Pontas, Recife (PE); Forte São João Batista do Brum, Recife (PE); Forte de Santa Cruz (Fort Orange), Itamaracá (PE); Forte de Santa Catarina, Cabedelo (PB); Forte dos Reis Magos, em Natal (RN); Fortaleza de São José, em Macapá (AP); Forte do Príncipe da Beira, em Costa Marques (RO); e Forte Coimbra, em Corumbá (MS).

É uma versão reduzida da comunicação ali feita, que aqui apresentamos, onde refletimos os trabalhos em que temos participado em Almeida, especialmente, os conducentes à delimitação e à contínua variação dos conceitos de fronteira e de raia, nem sempre coincidentes, onde, aliás, têm participado muitos dos elementos também presentes no II Seminário Internacional do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O conhecimento do Brasil é anterior à viagem oficial de Pedro Álvares Cabral (1467-1520), de abril de 1500, tendo havido

Fortaleza de São João do Rio de Janeiro, reforma de 1778 a 1779, Centro de Capacitação Física do Exército/Fortaleza de São João, Brasil.





várias viagens pelas décadas anteriores e, com certeza, a instalação de “lançados” ou similares, como quase sempre se fazia. Tal foi, depois, declarado por vários habitantes de Fernão Buco no Tribunal de Baiona, numa queixa sobre um assalto feito em 1531 ou 32 pela nau francesa “Peregrina”, que fora a portuguesa “Sam Tomé, a Estirada”, capturada poucos anos antes, afirmando “que tinham ali suas casas de morada [havia] 30 anos e mais”¹. A existência de ilhas e terra firme para ocidente das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde era do conhecimento dos navegadores portugueses, cujas informações foram passadas a Cristóvão Colombo (1451-1506), como atestam os seus biógrafos², pelos anos de 1474, tendo a sua viagem de 1492 às Antilhas obrigado depois a novas negociações entre Portugal e Castela, tal como a um novo reconhecimento geográfico e mais preciso das costas do futuro Brasil³.

Nos primeiros anos do século XVI, os interesses da coroa portuguesa centravam-se no Índico e na Costa do Ouro, com toda uma outra atividade económica, estabelecendo feitorias e tratados com os potentados asiáticos. Nessas primeiras viagens às futuras costas do Brasil, no entanto, recolheu-se tal quantidade de pau-brasil que o seu comércio foi declarado monopólio régio em 1516 pelo rei D. Manuel (1469-1521). Duas décadas depois os interesses portugueses no Índico estabilizavam e, face aos interesses fran-

ceses nestas terras, a coroa mandou estabelecer pequenas feitorias em Cabo Frio, Bahia e, de novo, em Pernambuco, a que se seguiu a partilha do vasto território em capitânicas, em 1532, doadas nos anos seguintes a fidalgos de segunda linha, salvaguardando uma capitania para a coroa, doações que seguiram o modelo ensaiado nas ilhas da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde.

AS INICIAIS DEFESAS DAS POVOAÇÕES BRASILEIRAS

Os primeiros tempos de instalação das novas comunidades nas terras de Santa Cruz, entretanto, foram algo precários e, embora sob controlo à distância da coroa, dado que entregues a fidalgos de segunda linha, não se envolveram dos cuidados e da preparação, por exemplo, da fundação de São Jorge da Mina. Nesse quadro, não implicaram de imediato especiais obras de fortificação, como viria a ocorrer nas décadas seguintes. Claro que os iniciais aglomerados populacionais tinham defesas, como paliçadas, estacadas de pau-a-pique e, inclusivamente, improvisadas torres de vigia, assim como uma ou outra plataforma para colocação das modestas peças de artilharia de então. As condições foram de início insipientes, ao contrário das instalações no Norte de África e nas margens do Índico, onde a presença de forças com uma

¹ A documentação deste incidente julgado pelo tribunal de Baiona encontra-se treslada na Torre do Tombo, CC, P I, 65-13 e foi estudada e publicada, entre outros, pelo Dr. Jordão de Freitas (1883-1934), “O descobrimento Pré-colombiano da América Austral pelos Portugueses. A Fortaleza e a Feitoria de Pernambuco”, in *Lusitânia, revista de estudos portugueses*, fasc. 9, vol. III, Lisboa, abril de 1926, pp. 315-327.

² Como Bartolomeu de Las Casas (1574-1566), que participou na 2ª viagem de Cristóvão Colombo, de 1493, in *Historia de las Indias*, ed. A. Millares Carlo & L. Hanke, T 1, México / Buenos Aires, 1951, p. 67, que refere ter sido o seu informador na Madeira, António Leme, estabelecido no Funchal antes de 1483, ou Fernando Domingos do Arco, que pede a D. João II, em 1484, a capitania de uma “ilha para Oriente que tencionava descobrir”.

³ Francisco Contente Domingues, *A Travessia do Mar Oceano. A viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498*, Lisboa, Tribuna da História, 2012.



Treslado de 13 jul. 1539, da queixa feita no Tribunal de Baiona sobre um assalto em 1531 ou 32 da nau francesa “Peregrina”, que fora a portuguesa “Sam Tomé, a Estirada”, capturada poucos anos antes, afirmando os povoadores de Fernão Buco que à data do assalto, “tinham ali suas casas de morada [havia] 30 anos e mais”. IAN/TT, CC, P 1-65-13.

outra organização e armamento obrigaram logo a uma outra organização defensiva ⁴. Só a partir dos meados do século XVI, os governadores ultramarinos portugueses passaram a fazer-se acompanhar de mestres das obras reais que, para além das diretivas específicas de defesa, levavam também diretivas urbanísticas, embora as mesmas passassem depois progressivamente para o controlo camarário. Assim o aparecimento, embora vago, das designações de *arruadores* e *cordeadores*, assim como *arruamentos* e *cordeamentos*, indicativos da passagem ao ultramar das práticas existentes no continente do reino. A *prática dos arruadores*, palavra sem tradução noutras línguas, remonta à época medieval e refinou-se nos séculos XV e XVI com a introdução das práticas náuticas, embora

⁴ O trabalho provavelmente mais amplo e conciso sobre este assunto deve ser o do professor Pedro Dias, *História da Arte Luso-Brasileira, Urbanização e Fortificação*, Coimbra, Almedina, 2004, fruto de muitos anos de estudo, investigação e lecionação nas duas margens do Atlântico, a que se seguiram os volumes da *Arte de Portugal no Mundo*, com o vol. 5 dedicado ao *Brasil, Urbanização e fortificação*, Lisboa, Público, dezembro de 2008, mas a bibliografia geral, sectorial e outra, é, antes e depois, imensa.

Le Brésil, Jacques de Vau de Claye, Dieppe, 1579, Bibliothèque Nationale de France (BNF), Paris, *Cartes et Plans*, Rés. Ge D 13871, França.



só venha a ser teorizada muito depois e sob a influência do imenso espaço brasileiro. Daí a introdução da bússola e de cordas para as medidas e definição dos alinhamentos (*cordeamentos*).

A situação não era nova, embora só revelada pontualmente por informações dispersas, decorrendo já dos anteriores reinados de D. Afonso V (1432-1481) e de D. João II (1455-1495), assim como da circulação dos humanistas italianos e das ideias que os mesmos trouxeram das suas cidades de origem. Acrescia ainda a centralização progressiva do poder régio, assim como da reunião no gabinete real de cartógrafos e homens ligados às ciências náuticas e da guerra. Com a reunião destes homens à volta do rei, para além dos assuntos ligados aos descobrimentos, passaram igualmente a ser discutidos assuntos vários ligados às novas tecnologias militares, surgindo uma nova compreensão da gestão dos espaços. A situação paradigmática teria sido a fundação de S. Jorge da Mina, onde para além de uma fortaleza o rei mandou levantar uma cidade, não sendo assim por acaso que o cronista Rui de Pina (1450-1522/23) dedicou um capítulo inteiro a este assunto na sua *Crónica de D. João II* ⁵. Sob diretivas de D. João II, Diogo de Azambuja (1432-1518) deslocou-se para o golfo da Guiné com seiscentos homens, entre os quais cerca de cem carpinteiros e pedreiros. Nos barcos seguiu ainda toda a pedra aparelhada para a fortaleza, então designada como *castelo*, assim como cal, telha e ferramentas várias, o que implicava toda uma nova conceção de gestão nos *descobrimientos* portugueses. A inicial ocupação das futuras terras brasileiras não teria envolvido esses cuidados, embora se tendo estabelecido, sempre que possível em lugares mais elevados, nos chamados *morros* e chegaram a fazer-se, pontualmente, torres ao gosto medieval, que serviam de habitação ao donatário da capitania ou o seu representante, como ocorreu em Olinda. Destas iniciais instalações só ficaram os registos dos cronistas

⁵ Helder Carita, *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época Moderna (1495-1521)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, pp. 47 e 48.



e as comunicações para o reino do que se havia feito, dado o desenvolvimento que nos anos seguintes a ocupação territorial de todo o imenso espaço do Brasil veio a conhecer.

A inicial instalação foi determinada e orientada pelos vários donatários, ou seus representantes, mas a partir dos meados do século XVI a coroa viria a assumir de uma outra forma este e outros assuntos. Com vista à criação de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil, já por 1529 e 1530, D. João III (1502-1557) teria pedido pareceres aos seus conselheiros, inclusivamente, ao doutor Diogo de Gouveia (c. 1471-1557), então em Paris a dirigir o colégio de Santa Bárbara, no seio de cujos alunos veio a surgir a Companhia de Jesus. Nessa altura se ofereceram Cristóvão Jacques (c. 1470-1530), que já prestara serviços vários nas costas Brasil, prontificando-se a seguir com 1.000 colonos para aquela área e João de Melo da Câmara, com 2.000 açorianos, sendo ambos recomendados pelo *sénior* Diogo de Gouveia ⁶. No entanto, foi necessário ocorrer a morte do capitão da Bahia Francisco Pereira Coutinho (c. 1490-1548) às mãos dos índios, em 1548, para o governo de Lisboa acionar toda uma outra organização.

A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Neste enquadramento geral se coloca a fundação da nova cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. O início do povoamento do Brasil teve como *modelo* o dos arquipélagos atlânticos, com a divisão do vasto espaço de costa por paralelos, entregues a capitães donatários e com *regimentos* onde são referidas as anteriores doações insulares. O velho *modelo* das capitanias-donatarias não se adaptava então à época e a breve trecho, o rei cativava a capitania do falecido Francisco Pereira Coutinho para a coroa e o sistema era alterado com

⁶ José António Soares de Sousa, "Açorianos na cidade do Salvador", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.º 219, Rio de Janeiro, abril e junho de 1953, pp. 3 a 26.

a nomeação de um governador-geral: Tomé de Sousa (1503-1579). O novo governador foi despachado com carta de 7 de janeiro de 1549, partindo de Lisboa a 1 de fevereiro e fundeava na Bahia de Todos os Santos a 29 de março do mesmo ano.

O governador Tomé de Sousa era acompanhado de um mestre-de-obras, Luís Dias (c. 1505-c. 1560) e levava a indicação de fazer "*uma fortaleza e uma cidade grande e forte*" para futura capital do novo estado, "*cabeça do Brasil*", como se refere, "*para dali se dar favor e ajuda às outras povoações e se administrar justiça, e prover nas coisas que cumprem*" ao serviço real e, principalmente, acrescentando-se, aos negócios da sua fazenda. Os trabalhos deveriam ser efetuados como planeado em Lisboa, indicando D. João III taxativamente no *regimento* de Tomé de Sousa: "*conformando-vos com as traças e amostras que levais*" ⁷.

O assunto fora debatido em Lisboa, intervindo o velho mestre Miguel de Arruda (c. 1500-1563), mestre dos paços de Santarém,

⁷ Entre outros, José Luiz Mota Menezes e Maria do Rosário Rosa Rodrigues, *Fortificações Portuguesas no Nordeste do Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII*, Recife, 1986, p. 29.



Mapa do Brasil com a distribuição das capitanias, *Roteiro de todos os Sinais*, Luís Teixeira, 1578 (c.), Biblioteca Nacional da Ajuda.

Almeirim e Muge desde 1543 e, em 1548, nomeado *mestre dos muros e fortalezas do Reino e Senhorios*, ou seja, reino e ultramar, como depois também se cita: *Reino, Lugares de Além e Índias*. A cidade de São Salvador foi implantada num dos terrenos mais altos e escarpados da Bahia de Todos os Santos, escolhida por ser um excelente porto, mas o que dificultou inicialmente a implantação das muralhas, não se conseguiu à primeira vez, tendo havido uma derrocada em 1550, motivada por uma “*tormenta que nunca nesta terra se viu*”, como depois refere Luís Dias⁸.

O *mestre das obras da fortaleza e cidade do Salvador*, Luís Dias teria trabalhado alguns anos antes como *mestre-de-obras de pedraria* em Safim, residindo ao tempo na Batalha, em cujas obras por certo também trabalhara e escreveria ainda a Miguel de Arruda, “*meu senhor*”, durante a sua estadia em Salvador, a dar conta dos trabalhos. Nessas cartas informava que teria enviado a

⁸ Cf. Américo Simas Filho, *A propósito de Luís Dias, mestre das obras da cidade do Salvador e decano dos arquitectos brasileiros*, 1978, reedição da Fundação Gregório de Matos, Salvador, 1998.



Vila de Olinda, Terra de Engenhos e Fazendas, Roteiro de todos os Sinais, Luís Teixeira, 1578 (c.), Biblioteca Nacional da Ajuda.

Lisboa o seu sobrinho Diogo Peres, também pedreiro⁹, que infelizmente viria a naufragar por duas vezes, com “*amostras*” onde iam descritas as várias obras feitas¹⁰. Nos trabalhos de Salvador tinha sido assistido pelos mestres Pero Góis, Filipe Guilherme e Pedro de Carvalhaes, o qual por sua indicação o deveria substituir, quando no primeiro semestre de 1553 voltou a Portugal com o governador-geral Tomé de Sousa¹¹. A cidade do Salvador teve por base os trabalhos então feitos na de Angra, na ilha Terceira, nos Açores, como refere uma carta do governador Tomé de Sousa ao provedor das armadas, Pedro Anes do Canto (1480-1556), que tinha sede naquela cidade¹². Nesse quadro e com base nas primeiras informações de Tomé de Sousa, D. João III, logo em setembro de 1550, escrevia ao provedor das armadas a pedir povoadores para a Baía. Escreve o rei que a cidade que mandara fazer estava quase acabada, e estavam “*prontas as paredes em altura que se fecha de noite*”, e bem defendida com artilharia que tinha vindo de Lisboa, colocada em quatro baluartes, e que a terra era “*tão grossa e fértil, que havendo gente em abundância que a plante*”, em breve seria terra de grande proveito. Em face do desenvolvimento da nova cidade do Salvador, o rei pedia que fossem recrutados nas *Ilhas Terceiras*, designação genérica para as ilhas dos Açores, até 300 pessoas, com viagem paga pela fazenda real, para povoarem a capitania e especificando ainda que, se

⁹ Cf. alvará de 14 jan. 1549, como auxiliar de Luís Dias, com 36 mil réis (Viterbo, id., p. 551). O padre Manuel da Nóbrega viria a solicitar os seus serviços por carta de 9 ago. 1549, para as obras do colégio da Baía (ibidem).

¹⁰ Cartas de 13 jul. e 15 ago. 1551 (pub. a primeira in *Anais da Biblioteca do Rio de Janeiro*, vol. 57, pp. 24 a 28 e a segunda, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. 3, Litografia Nacional, Porto, 1924, pp. 362 e 363 e por Viterbo, ob. e vol. cit., p. 552).

¹¹ Alvará de 22 jul. 1552 com ordenado de 20 mil réis cada ano como tinha Luís Dias, o que não condiz com o alvará de 14 jan. 1549. Trans. por Pedro de Azevedo, in “A instituição do Governo Geral”, *História da Colonização do Brasil*, ob. cit., vol. 3, p. 364.

¹² Padre Manuel Luís Maldonado, *Fénix Angrense*, 1^o vol., Angra do Heroísmo, 1990, p. 172.



possível, as pessoas a enviar deveriam ser casadas¹³.

Estas *levas* teriam seguido mais tarde, havendo ordem de D. João III, datada de 1551 e depois novamente referida em carta de 1554, onde se escreve: “*que nos ditos dois anos tenho ordenado que vão da ilha da Madeira e dos Açores, e de São Tomé, e de outras partes, para moradores da dita cidade do Salvador, e que mando dar à custa da minha Fazenda embarcação e mantimentos para a viagem, e para alguns meses em terra...*”¹⁴. Pelo menos quanto às *levas* dos Açores, temos confirmação da sua chegada, referida em carta de Simão da Gama de Andrade, de 12 de junho de 1555, e da qual carta se pode deduzir ter seguido logo uma *leva* em 1552 e ter-se efetuado ainda

outra, que seguiu da ilha de São Miguel, nos Açores, a 27 de novembro de 1554¹⁵.

Neste caso é possível que tivesse havido igualmente gente açoriana a sair da ilha Terceira, pelo menos, incentivada pela família do provedor das armadas, assim como da ilha da Madeira, de onde seguiram, não só as primeiras plantas para a cultura da cana-de-açúcar, como toda a tecnologia açucareira, com certeza, acompanhada por mestres e oficiais de engenho, aos quais se juntaria, depois, o polémico João Fernandes Vieira (c. 1602-1681). Da ilha de São Tomé sabemos, essencialmente, terem saído escravos oriundos da costa da Guiné e das costas de Angola.

O início do povoamento do Brasil teve como *modelo* o dos arquipélagos atlânticos, com a divisão do vasto espaço de costa por paralelos, entregues a capitães-donatários e com regimentos onde são referidas as anteriores doações insulares. O povoamento dos arquipélagos da Madeira e dos Açores tinha surgido como o primeiro passo de uma atividade totalmente nova. Primeira experiência de povoamento e exploração

¹³ Lisboa, 11 de setembro de 1550, in Pedro de Azevedo, *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. III, Porto, 1924, p. 337. Cit. Vicente Carlos Santos Tapajós, *História Administrativa do Brasil*, vol. 2, *A Política Administrativa de D. João III*, Universidade do Brasil, 2ª ed., Brasília, 1983, pp. 86 e 87.

¹⁴ Pub. in *Arquivo Histórico dos Açores*, vol. 12, doc. 51, pp. 414 e 415; cit. por José António Soares de Sousa, art. citado, pp. 22 e 23.

¹⁵ José António Soares de Sousa, *ibidem*, pp. 24 a 26.



Planta da Restituição da Baía, 1631, João Teixeira Albarnaz, o Velho, Biblioteca de Itamaraty, Rio de Janeiro.

das novas terras descobertas, para as ilhas vieram os pioneiros de uma nova mentalidade universalista, que ali deram assento a uma nova sociedade. Ensaiadas culturas que imediatamente deram lucros consideráveis, este *modelo* veio depois a ser exportado para as novas terras, como o Brasil, para onde foram enviados modelos administrativos e quadros próprios. Esta percepção já surge em Gilberto Freire (1900-1987) que, em 1952, não hesita em afirmar que: *“A irmã mais velha do Brasil (...) foi verdadeiramente a Madeira. E irmã que se estremou em termos de mãe para com a terra bárbara, que as artes dos seus homens (...) concorreram para transformar rápida e solidamente em nova Lusitânia”*¹⁶.

AS DEFESAS DOS MEADOS DO SÉCULO XVI

As primeiras vilas brasileiras tinham sido instituídas depois da ida de Martim Afonso de Sousa para o Brasil, em 1532. Refere o cronista Gabriel Soares de Sousa que

¹⁶ *Aventura e Rotina*, 2ª ed., pp. 440 a 446 e 448 e 449. A crescente afirmação de importância do novo espaço desenvolvido, principalmente ao longo dos séculos XVII e XVIII, criou uma quase subserviência das Ilhas e mesmo do espaço continental às novas terras brasileiras. Não foi por acaso que, no início do século seguinte, a corte se transferiu para o Brasil, invertendo a situação de metrópole-colônia até aí vigente.

foi este fidalgo que fundou a povoação de Santos e de São Vicente, onde, a 22 de janeiro de 1502 havia chegado a expedição de Gaspar de Lemos, que lhe dera então essa evocação e que teria sido a primeira povoação elevada a vila. Ainda refere o cronista que Martim Afonso teria fundado uma outra no litoral, da invocação da Conceição, mais tarde conhecida como Itanhaém. A elevação destas povoações a vila ocorreu entre 1546 ou 1547, devendo a de Santos ter sido elevada a essa categoria por Brás de Cubas, lugar-tenente do donatário, que igualmente haveria de elevar o antigo lugar de João Ramalho, na Borda do Campo, a vila de Santo André, por 1553. Quando o governador Tomé de Sousa visitou as capitanias do Sul, em 1552, Santos já tinha uma igreja, casas de pedra e cal e um colégio da Companhia de Jesus. A vila de Santo André estava cercada com muros de taipa dotados com baluartes, feitos sob a iniciativa de João Ramalho, que convocara os vizinhos para esse trabalho, defendendo a povoação dos possíveis ataques dos nativos e de outros inimigos. Refere, no entanto, o governador, que nas vilas de São Vicente e de Santos não se tinha podido, de momento, levantar muros, pois já havia



Conquista da Capitania de Pernambuco pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais em fevereiro de 1630, gravura holandesa de Nicolaes Visscher (1618-1679), 1640 (c.), BN Brasil.



construções de pedra e cal muito dispersas, inviabilizando um projeto consistente ¹⁷.

Data da visita do governador a aprovação também da antiga fortaleza de São Filipe da Bertioga, largamente descrita pelo célebre aventureiro alemão Hans Staden (c. 1525-1576) e que, regressado à Europa publicaria o relato das suas viagens, geralmente conhecidas como *Duas Viagens ao Brasil* ¹⁸. Este aventureiro passou na sua primeira viagem pela ilha da Madeira, então a bordo da nau do capitão Penteado, em 1547, voltando a fazer uma segunda viagem, em 1549, então numa embarcação castelhana e proveniente de Sevilha com destino ao Rio da Prata, naufragando perto de Santa Catarina. Tentou depois chegar a São Vicente, mas voltando a naufragar e conseguindo chegar a nado a terra. Apresentando-se como alemão e com conhecimentos de artilharia, teria estado na base da construção do forte de Santiago da Bertioga, de que fora depois nomeado condestável ¹⁹.

A nova organização da cidade da Bahia teria servido de exemplo à reforma das seguintes e o governador-geral passou mesmo a exercer alguma superintendência sobre as restantes sedes de capitanias, embora dadas as distâncias, muito longe do que era necessário. As capitanias mantiveram assim uma certa autonomia no quadro governativo e nas estruturas de defesa, tendo havido, inclusivamente, em 1621, a criação de um estado autónomo com as capitanias do Maranhão, Grão-Pará e Ceará, para além da interferência holandesa em 1624 na cidade do Salvador da Bahia, recuperada em 1631 e, depois, em Pernambuco, em 1630 e 1637, e não só, pois houve saques pontuais anteriores, não só holandeses como ingleses e franceses.

¹⁷ Jaime Cortesão, *A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil, Rio de Janeiro, 1955*, citação de Pedro Dias, ob. cit. pp. 43 e 53.

¹⁸ Hans Staden (c.1525-c.1579), *Warhaffige Historia Hud Bescherenbung Eines Landeschaft Der (...) Meusceufresseerbriten In Amerika*, Marbourg, André Kolbe, 1557; idem, *Duas Viagens ao Brasil*, tradução de Guiomar de Carvalho Franco, Universidade de São Paulo, Brasil, 1974.

¹⁹ A indicação é do próprio e não consta das chancelarias portuguesas ou da documentação brasileira da época.

A instalação holandesa em Pernambuco, no entanto, não interferiu especialmente nas estruturas defensivas anteriormente edificadas, quase se limitando à sua pontual manutenção e reforço. Como já escrevemos, temos a informação que logo com o capitão Duarte Coelho (c. 1485-1554) se levantou uma torre em Olinda, em pedra e cal e que segundo a descrição de Gabriel Soares de Sousa, em 1587, ficava no local mais elevado e ainda estava na praça da vila²⁰. A vila, entretanto, cresceu e a velha torre acabou por ser demolida, embora tenha sobrevivido, em princípio, até ao século XVIII.

A tentativa de instalação dos franceses na baía de Guanabara também levava à construção de defesas, como o forte de Coligny, em homenagem ao ministro protestante do governo francês, forte que foi depois atacado e conquistado em 1560 por Mem de Sá (1500-1572). Os franceses também construíram defesas em Pernambuco, em Itamaracá, mas que foram prontamente destruídas por Pêro Lopes de Sousa (1497-1539). O forte francês da baía de Guanabara ficava num rochedo, ou ilhota e num local perto da costa, perto da ponta onde seria depois construído o forte de Santiago. Possuía, em princípio, já algumas estruturas exteriores de pedra, embora não no interior e poderia ter uma guarnição de quase 80 homens, mas não resistiu às investidas portuguesas de 1560.

Esta inicial fortificação ainda aparece representada no *Roteiro de todos os sinais que há na costa do Brasil*, de 1574, como *Forte Vilaganhão* ²¹, nome advindo do aventureiro francês Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571), que o mandara levantar. A construção do forte e, especialmente, a sala para reuniões e práticas religiosas, foi feita pelo pastor Jean de Léry (1536-1613), um protestante suíço que ali esteve em 1556,

²⁰ *Tratado Descritivo do Brasil em 1578*, p. 58, cit. Pedro Dias, idem, pp. 51 e 53.

²¹ Luís Teixeira, *Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que há na costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho até ao estreito de Magalhães*, manuscrito da Biblioteca da Ajuda, ed. fac-símile de Melba Ferreira da Costa, Lisboa, 1988.

Forte de São João de Bertioga onde esteve Hans Staden em 1552, reconstrução de 1769 e seguintes, Barra de Santos.



Forte dos Reis Magos, reconstrução de Francisco Frias de Mesquita, 1614 a 1628. Natal, Rio Grande do Norte.



mas que nas lutas religiosas que dividiam os franceses foi obrigado a regressar a Genebra. Veio a publicar a sua viagem ao Brasil bastante mais tarde, em 1578 e daí, talvez, as várias incongruências em que veio a incorrer ²².

Desta e de outras descrições, como as informações de Tomé de Sousa ao regressar a Lisboa, se deduzem as diretivas implantadas, com a maioria das povoações cercadas de muros de taipa, dotadas de improvisados baluartes, mas já com peças de artilharia vindas da Europa. Por essa época, por exemplo, as determinações de Brás de Cubas (1507-1592), ouvidor da vila de Santo André, mostram o cuidado ali havia com os muros de defesa, tendo o ouvidor determinado que nenhuma pessoa poderia fazer casas sobre os mesmos muros, sob pena de 10 cruzados de coima ²³.

Temos assim ao longo do século XVI as normas urbanísticas e defensivas a passarem do continente europeu ao imenso espaço brasileiro e a manterem uma estreita relação com as ilhas portuguesas atlânticas. As normas urbanísticas ensaiadas por D. Manuel no Funchal, para elevarem a vila a cidade e a sede de bispado, 1508 e 1514, depois de novo ensaiadas na ribeira de Lisboa e no Bairro Alto, parecem ter passado à nova cidade de Angra, já na vigência de D. João III, sede da provedoria das armadas e daí passando à cidade do Salvador, havendo uma grande semelhança de traçado urbano entre estas duas últimas. O mesmo se teria passado, progressivamente, com as organizações defensivas e com os vários *regimentos* da organização militar, como os das vigias, *nóminas* de bombardeiros, companhias de ordenanças, etc.

A PROVIDORIA DAS OBRAS E AS FORTIFICAÇÕES REGULARES ABALUARTADAS

As fortificações portuguesas construídas a partir dos meados do século XVI apresentam-se já com as características inter-

nacionais divulgadas pelos tratadistas italianos, obedecendo às necessidades locais de implantação, aos objetivos a defender e à utilização das novas armas de fogo. Abandonaram-se então, progressivamente, as antigas tradições senhoriais medievais, os gostos pessoais dos mestres-de-obras e passou-se a construir de uma forma mais científica, se à época se pode utilizar o termo. Pela corte portuguesa circulavam os mais importantes tratados italianos em voga na Europa, que muito influenciaram a arquitetura e a fortificação portuguesas, mas construções que com o tempo foram apurando soluções próprias, muito mais flexíveis e depuradas, que viriam a constituir aquilo que se denominaria depois por “*arquitetura chã*”.

Desde o final da época manuelina que se instituíra na corte uma provedoria de obras reais, responsável pelo controlo administrativo e pela circulação dos engenheiros militares ²⁴ no quadro do império. O ensino da fortificação em Portugal processou-se de forma mais ou menos empírica até aos inícios do século XVI, mas tudo mudando face às novas necessidades da fulgurante expansão portuguesa. Com esta situação e o desenvolvimento das matemáticas, passaram a ser chamados a reunirem-se na corte um grupo de técnicos, a fim de dar parecer sobre estas matérias e dessas reuniões se fez sentir a necessidade de uma maior troca de conhecimentos.

Nas instalações da Casa da Mina e da Índia, a partir dos finais do século XV, desenvolveram-se igualmente atividades semelhantes, mesmo já como aulas de caráter prático sobre aritmética e cálculo, tal como cartografia e arquitetura, aulas que nos meados do século XVI passaram para o Paço da Ribeira, onde receberam aulas os moços fidalgos da corte e o próprio infante D.

²⁴ A utilização do termo *engenheiro militar* é algo redundante, pois que até ao século XIX, praticamente todos os engenheiros eram militares, porque pagos pela fazenda régia e o mesmo quase que se poderia aplicar ao clero. Assim, vagando o lugar de governador, por exemplo, o mesmo era ocupado pelo bispo, às vezes, mas pontualmente, à frente de uma junta governativa. No século XVIII, inclusivamente, os engenheiros tinham patentes de Infantaria para como tal serem pagos.

²² Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil, autrement Dite Amérique*, La Rochelle, 1578, com inúmeras reedições posteriores.

²³ Cit. Pedro Dias, *ob. cit.*, p. 43.



Sebastião (1554-1578). A institucionalização desta *Aula* foi feita depois em 1577, tendo sido nomeado para seu lente, em 1594, o italiano Filipe Terzio (1520-1597), já na época da monarquia dual de Filipe II (1527-1598). Saliente-se que, dentro do espírito da Contra Reforma, liderada pela Península Ibérica de D. João III e de Carlos V (1500-1558), a defesa era, primeiro da “*fé e da religião*” católica do Concílio de Trento e só depois, da “*pátria*”. Em causa estava a defesa do *Mare Clausum* do católico Tratado de Tordesilhas, reconhecido pelo papado, contra um *Mare Liberum* advogado pelos *protestantes* franceses e ingleses. Neste quadro, a fundação dos colégios das Ilhas por D. Sebastião, como se cita na carta régia de 1572 em que se funda o colégio de Angra e onde se refere: “*especialmente em tempo tão perigoso e nas Ilhas onde há tanto concurso de estrangeiros*”²⁵.

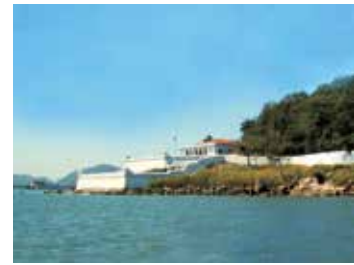
O primeiro desastre tinha ocorrido na Madeira com o ataque francês de outubro de 1566. Se até então as incursões francesas no Brasil não tinham despertado convenientemente a corte, o ataque e o saque à primeira cidade da expansão portuguesa, e a poucos dias de viagem de Lisboa, lançou o pânico na capital, tendo mesmo repercussões em Valladolid e Madrid, de onde Filipe II expede ordens para serem presos os corsários envolvidos naquele saque e o que veio a conseguir. Para o Funchal foram de imediato despachados vários fortificadores com experiência nas fortalezas do Norte de África e num curto espaço de tempo procediam-se a obras da responsabilidade de um novo órgão: a provedoria das fortificações e obras reais, à frente da qual se colocara Álvaro Pires de Landim (c. 1513-c. 1581).

A provedoria das fortificações passou a partir desta data a controlar todas as obras do vasto império, distribuindo regimentos, diretivas e plantas por todos os engenheiros militares, recebendo depois as várias propostas e respondendo com as suas correções. Data assim dos meados do

século XVI a internacionalização do maneirismo internacional, numa divulgação até então nunca atingida, podendo dizer-se que pela primeira vez na história internacional, era possível divulgar diretivas arquitetónicas à escala quase universal.

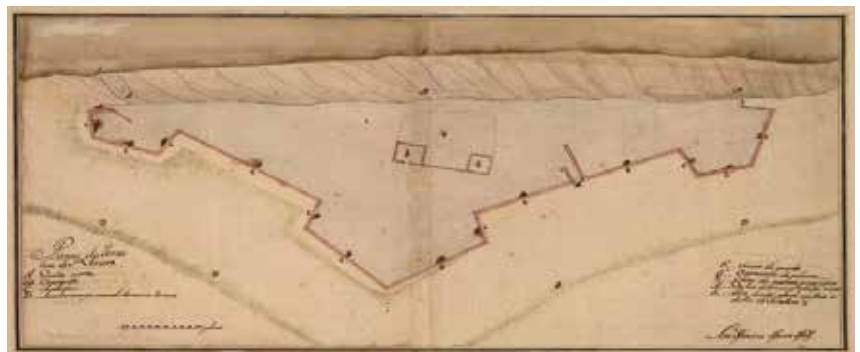
Na segunda metade do século XVI, no entanto, nasceu mais que um estilo arquitetónico internacional, nasceu uma nova forma de ocupação defensiva dos espaços, transformando-se a fortificação em arquitetura militar e esta em determinante do que depois se viria a denominar por urbanismo. Sendo a ocupação do espaço condicionado pelas necessidades de defesa, como bem sabem os militares, a mesma defesa tinha de englobar todo um conjunto de questões políticas e culturais, condicionando as áreas sociais de habitação e, decididamente, todos os itinerários logísticos de reabastecimento. Neste quadro, os portugueses viram-se obrigados não só a desenvolver uma nova política urbanística, como uma verdadeira rede de pequenos centros populacionais fortificados, muitos deles, hoje, das maiores metrópoles do Mundo. Ora todo esse monumental trabalho foi obra dos engenheiros militares, que no Brasil ainda aparecem associados aos padres da Companhia de Jesus, que não poucas vezes também aparecem com funções de engenheiros militares.

Numa primeira apreciação, podemos encontrar imediatas diferenças entre as condicionantes iniciais do povoamento português dos séculos XV/XVI com o seu principal concorrente, o castelhano, depois genericamente identificado como espanhol. As condições iniciais portuguesas foram



Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, 1584 a 1715 e seguintes, Barra Grande de Santos, Guarujá, São Paulo.

Projeto de ampliação da fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande de Santos, António Máximo de Souza, 1790 (c.), BN Brasil.



²⁵ Cf. nosso trabalho *Ponta Delgada e os problemas de defesa nos séculos XVI e XVII. Os Militares e os Jesuítas*, comunicação ao colóquio comemorativo dos 450 anos da cidade de Ponta Delgada, março de 1997.



Forte de São Diogo da Bahia, 1722 (c.) e seguintes, São Salvador da Bahia.



Edifício do comando do forte de São Diogo da Bahia, 1722 (c.) e seguintes, São Salvador da Bahia.

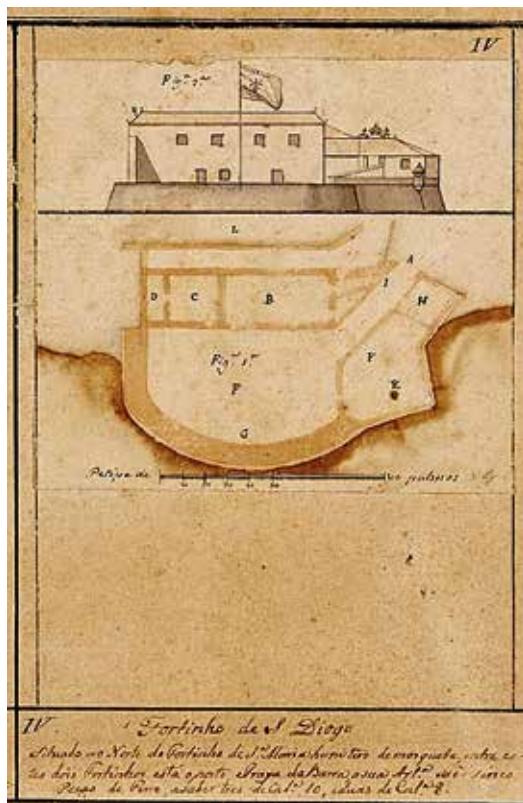
muito mais primárias e simples, ou mais pobres em meios, dada a época em que decorreram, enquanto as castelhanas e depois espanholas, numa fase subsequente, dispuseram de uma muito mais rica disponibilidade. Assim, os espanhóis, por exemplo, escolheram sítios mais planos e abertos, onde podiam espriar as rígidas determinações que traziam, enquanto os portugueses, anteriormente, tinham optado quase sempre por instalação em zonas anexas a elevações, para onde, em caso de perigo, se podiam refugiar.

Os portugueses utilizaram como métrica, por outro lado, o triângulo/retângulo, logo uma forma muito mais flexível, do que resultaram quarteirões retangulares, servidos por uma rua principal e estruturante, e ruas travessas, com a primeira muitas vezes articulada com uma “*rua direita*” e uma “*rua carreira*” ou “*rua da carreira*”, para desenrolar os cavalos, os principais meios de transporte e igualmente essenciais na defesa geral. Os espanhóis utilizaram como métrica, por seu lado, o cubo/quadrado,

obtendo urbanizações muito mais regulares, mas também muito mais rígidas.

Para os portugueses, dada a falta de meios, havia que rentabilizar ao máximo tudo o que encontraram disponível, muitas vezes mesmo obras locais, preexistentes, assim como mão-de-obra e até tecnologias. Este aspeto levantou alguns problemas no sentido mesmo das estéticas seguidas e criou algumas clivagens com os vários técnicos estrangeiros a trabalhar em Portugal. Principalmente os italianos, habituados a uma outra filosofia de vida e disponibilidade, colocavam quase sempre a estética acima da funcionalidade, enquanto para os portugueses, era o contrário. Quase contra os próprios ventos da História, as métricas e filosofias manuelinas foram sendo sempre seguidas, como o palmo e meio para o avanço das varandas, a métrica retangular para o quarteirão, a inexistência de grandes praças com arcarias de origem, filosofia que tentaram implantar os italianos, por exemplo, tudo sendo essencialmente prático e funcional. Para um pequeno país, que no espaço de pouco mais de dois séculos, “*deu novos mundos ao mundo*”, era a única forma possível.

A subida ao trono português de Filipe II de Castela e a sua instalação pontual em Lisboa nos anos de 1581 a 1583, onde chegou a equacionar montar a capital dos seus reinos, representaram também uma nova forma de entender a expansão ultramarina ibérica. O soberano do império unido Portugal-Castela ter-se-ia deslumbrado com o clima e a beleza de Lisboa, tal como dos seus arredores, tendo a partir dali tomado uma série de iniciativas e pedido uma série de elementos, dentro do que já fizera para o Brasil, por exemplo, com o célebre *Roteiro de todos os sinais que há na costa do Brasil*, de Luís Teixeira (c. 1540-1604), datável de 1574 e costume que se manteve no século seguinte com a família deste cartógrafo sob o apelido de Albernaz. Em breve também era montada em Madrid uma provedoria de obras, tal como uma aula de arquitetura e fortificação, paralela à que continuou a funcionar em Lisboa e para a qual viria a ser nomeado, oficialmente, Filipe Terzio, em



Planta e alçado do fortinho de São Diogo, Carlos Julião, maio de 1779, Bahia (DSIE, GEAEM, 4756, 3/38/52).



1594, que já aí deveria lecionar desde 1578²⁶. Este arquiteto era desde 1590 “*mestre das Obras de el-Rei*”, substituindo o arquiteto-mor do reino, António Rodrigues (c. 1525-1590), entretanto falecido.

A fortificação sistemática da costa brasileira começou a ser planeada com o novo governador Manuel Teles de Meneses, nomeado em 1581 e com os arquitetos que participaram na armada de inspeção de Diego Flores Valdez (1530-1598), que o acompanhou e viagem que só terminou em 1584. As fortificações até então levantadas eram quase todas de pequenas dimensões, feitas para responder a ameaças imediatas, mas muito longe das que se já configuravam então, não resistindo ao clima e aos nativos, quanto mais às novas armadas internacionais de corsários. As referências que se fazem no *Roteiro de todos os sinais*, de 1574 e no *tratado* de Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), de 1587, são bem eluci-

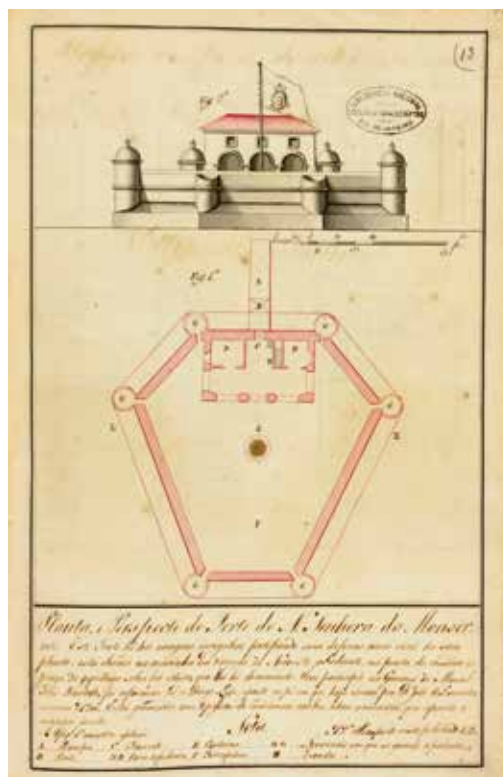
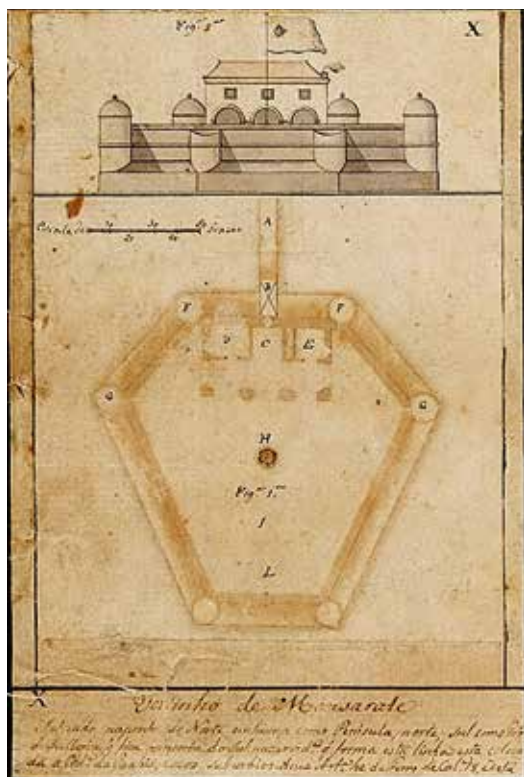
²⁶ Cf. Filippo Terzi, “architetto e ingegnere militare in Portogallo 1578”, *Estudos sobre embadometria, estereometria e as ordens de arquitectura*, cod. 12956 da BNP Portugal, Lisboa, Portugal



Forte de Monte Serrat em Salvador

dativas do modo precário como quase tudo havia sido feito até então.

A importância do Brasil e a cobiça dos holandeses para ali se instalarem e dos ingleses, quase sempre, para puro saque, entretanto, determinava novas nomeações e, em 1597, acompanhava o novo governador-geral D.



Planta e alçado do fortinho de Monsarate, Carlos Julião, maio de 1779, Bahia (DSIE, GEAM, 4756, 3/38/52).

Planta e projeto do forte de Nossa Senhora de Monsarate, 1799 (c.), Bahia (BN Brasil).

Forte de Nossa Senhora de Monserrate ou Monte Serrat, reconstrução de 1700 a 1724, Bahia, Brasil.





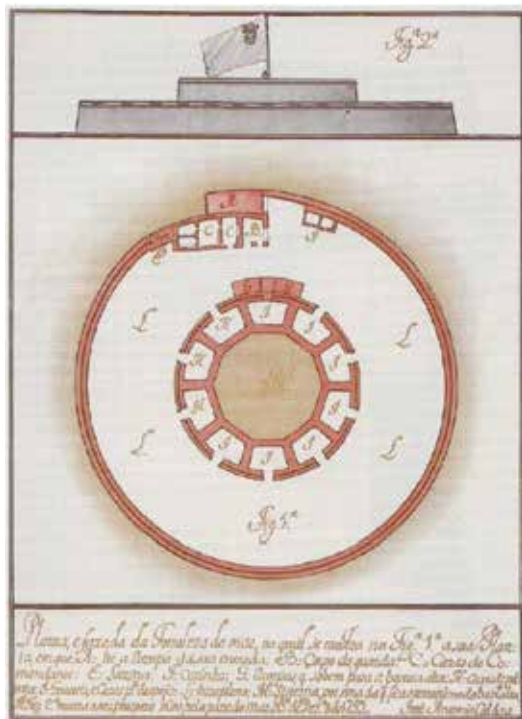
Forte de São Marcelo ou Forte do Mar, reconstrução de 1620 a 1690. Fotografia de Aline Brando Oliva-Roberto Furtado (Fac. Letras da Universidade de Lisboa). Bahia, Brasil.

Forte de São Marcelo ou Forte do Mar, reconstrução de 1620 a 1690, Bahia, Brasil.

Francisco de Sousa (c. 1540-1611) o engenheiro Baccio de Filicaia (1565-1638)²⁷, que se manteria nesse posto até 1602 ou 1603. Nesse último ano foi nomeado Francisco Frias de Mesquita (c.1578-c.1645) para as “partes do Brasil”, com um ordenado de 400 cruzados a serem pagos pela fazenda da capitania de Pernambuco, onde viria a desenvolver um extraordinário trabalho e circulando pelas outras capitanias. Francisco de Frias frequentara a aula de Arquitetura como aluno de Nicolau de Frias, provavelmente, seu tio, a partir de 1598, tendo a obrigação de aprender geometria com cosmógrafo-mor João Baptista Lavanha (c. 1550-1624) e onde teve então 20\$000 réis anuais como pensão²⁸.

²⁷ Existem poucas referências ao trabalho de Baccio de Filicaia, que parece se ter mantido no Brasil após a chegada de Francisco Frias. Existem referências à sua presença em Santos e São Vicente em 1599, devendo ter trabalhado nas primeiras reformas urbanísticas de São Paulo, mas parece que em Salvador se dedicou mais à artilharia que à arquitetura e, com a chegada de Francisco de Frias, teria seguido para o Maranhão e para a Amazônia, embora seja dado como tendo falecido depois em Salvador, em 1629.

²⁸ Sousa Viterbo, *ibidem*, vol. I, pp. 377 a 380.



Planta e fachada do Forte de São Marcelo, José Antônio Caldas, 8 de dezembro de 1759 (BN Brasil).

Não podemos, no entanto, deixar de pedir a atenção para as questões da autoria tão caras à maior parte dos investigadores. A arquitetura militar é, essencialmente, uma obra coletiva e, para mais sujeita a uma contínua manutenção, pelo que a tentação de se atribuir uma taxativa autoria é no mínimo perigosa. Nesse quadro, teremos que entender sempre que o projeto inicial é, na generalidade, do engenheiro em serviço nessa área, mas sob as ordens de um superior, geralmente o governador, que lhe fornece as diretivas. O projeto ia depois à aprovação superior da Provedoria das Obras do Reino, onde muitas vezes era retificado, senão totalmente reformulado de raiz, só depois indo a despacho régio para voltar a ser enviado à origem, onde muitas vezes não era aceite, voltando todo o procedimento a fazer-se de novo.

Temos assim como exemplo a reforma da fortificação da Bahia feita após o assédio holandês de Paulus van Caarden (c. 1569-1615/16), em 1604. O levantamento topográfico foi, por certo do engenheiro Francisco de Frias e foi levado em mão ao rei Filipe II pelo sargento-mor Diogo Campos Moreno (1566-1617). A 31 de julho de 1605 o rei escrevia ao vice-rei de Portugal D. Pedro de Castilho (c. 1535-1615) a dar conta de ter recebido as ditas plantas e que em breve emitiria as suas decisões. Estas plantas e os relatórios que as acompanharam seriam transcritos depois nas diretivas do sargento-mor brasileiro, escrevendo-se que as plantas tinham vindo do Brasil “para dar-se execução à fortificação” e que o projeto fora da autoria de Leonardo Turriano (1559-1628), engenheiro-mor de Portugal, que em 1598 substituíra Filipe Terzio, entretanto falecido²⁹, e que tivera a aprovação do enge-

²⁹ *Ibidem.*, vol. III, pp. 145-148, alvarás de 20 abr. e 28 ago. 1598. Existem manuscritos seus na BNL e na Torre do Tombo, e a sua *Descrittione et Historia del regno de l’Isole Canarie*, de 1592, encontra-se na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Mss. 314, encontrando-se publicada, entre outros, por Fernando Gabriel Martim Rodriguez, *La primera imagen de Canárias. Los dibujos de Leonardo Torriani*, Santa Cruz de Tenerife, 1987.



nheiro régio Tibúrcio Spanochi (1541-1609), em Madrid ³⁰.

Face aos desenhos que chegaram aos nossos dias, deste e de outros autores, como de João Teixeira Albernaz I (c. 1580-c. 1662) ³¹, onde se regista: “*tudo é traça de Leonardo Turriano, engenheiro-mor do reino*”, Nicolau de Frias enviou, por certo, várias sugestões para servir de base ao projeto de Turriano, que embora conhecesse Castela, Portugal, o Norte de África e também tivesse sido engenheiro-mor das Canárias, nunca foi ao Brasil. Acresce que o engenheiro Spanochi ainda teria interferido depois no projeto, dado que o chamado Forte do Mar, sucessivamente reconstruído, nessa época aparece como quadrado e passou depois a redondo.

Outras fortalezas têm sido atribuídas a nomes conhecidos de então, como a fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande de Santos, ao arquiteto militar italiano Giovanni Battista Antonelli (1527-1588), que integrara a armada Flores Valdez, entre 1582 e 1584, tendo então sido artilhada com algumas peças de um galeão capturado a corsários na ocasião. Antonelli ficou depois em Cartagena das Índias, Vera Cruz e Havana, mas a atual fortaleza de Santo Amaro nada possui do século XVI ou mesmo do XVII, tendo sido reformulada de raiz no século XVIII, primeiro com projeto de Manuel Pinto Vilalobos (c. 1670-1734), de 1712 e, depois, com direção de Alexandre Massé, em 1714, ainda sendo reformulada depois entre 1731 e 1732, quando foi acrescentada com nova casa da pólvora pelo brigadeiro José da Silva Pais (1679-1760), que transformou a antiga em capela. Face ao exposto,

³⁰ Diogo de Campos Moreno, *Livro que dá razão ao Estado do Brasil*, 1612, p. 141; Biblioteca da Ajuda, 51-VII-8, fls. 99 v. e 227 v a 230. Pub. entre outros por Nestor Goulard Reis, *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, São Paulo, 2000.

³¹ Além do exemplar da biblioteca do Porto, cópia de João Teixeira Albernaz I, de c. 1640, existe outro exemplar no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. O original de Campos Moreno, provavelmente, é o que se encontra no Arquivo da Torre do Tombo como *Relação das Praças Fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil*, c. 1609, de onde não constam os documentos da Bahía, que teriam seguido para Madrid, mas que não chegaram aos nossos dias.

a atribuição da fortaleza de Santo Amaro a Antonelli é, como muitas outras, mais do que hipotética.

Alguns padres jesuítas também funcionaram como engenheiros militares no Brasil, tal como viria a acontecer em Portugal, tendo sido um desses casos o do valenciano Gaspar de Samperes (c. 1560-1635), que também acompanhara a viagem de Flores Valdez e que estivera no Rio de Janeiro em 1582. Regressado à Europa entraria para a Companhia de Jesus e, regressando ao Brasil, integrou o colégio jesuíta de Pernambuco, onde fez um primeiro projeto para a célebre Fortaleza dos Reis Magos, mas que não era então mais que uma estacada de pau-a-pique, embora pouco tempo depois já com guarnição militar. O padre Samperes, entretanto, viria a ser preso pelos holandeses e desterrado para Cartagena das Índias, onde viria a falecer em 1635 ³².

A célebre fortaleza dos Reis Magos da Barra do Rio Grande, em Natal, teve assim um primeiro projeto de Gaspar de Samperes, mas estava inacabada em 1612 e foi redenhada por Francisco de Frias de Mesquita (c.1578-c.1645) a partir de 1614. A fortaleza dos Reis Magos é ainda hoje um dos ícones da fortificação brasileira, especialmente pelo enquadramento e estado de conservação, mas é um projeto com grandes semelhanças com os de outras fortalezas portuguesas, como a monumental fortaleza de Jesus em Mombaça, atribuível a João Baptista Cairato (c.1520-1596/97) e cujo desenho circulava no espaço português desde os finais do século XVI ³³. A fortaleza dos Reis Magos apresenta um outro apuramento no desenho

³² Nestor dos Santos Lima, “Sobre a Fortaleza dos Reis Magos”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, 1948-1950, vol. XLV-XLVII, pp. 5-20; Ib., Hélio Galvão, *História da Barra do Rio Grande*, Rio de Janeiro, MEC/Conselho Federal de Cultura, 1979; e outros.

³³ Representada, entre outros, por Manuel Godinho de Erédia (1563-1623), *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feitas por ordem de Ruy Lourenço de Távora, Vizorey da Índia. Por Manuel Godinho de Erédia, cosmographo em 1610*, BNBrasil (Cart 990145-2) e no *Lyvro das Plantaformas da Índia*, edição fac-simile do exemplar da biblioteca da fortaleza de São Julião da Barra, com estudo de Rui Carita, Ministério da Defesa e Inapa, Lisboa, 1999, fol. 52 v., Portugal.



Forte de Santa Marta ou forte de Santa Maria, reforma de José Pais Esteves, 1696 e seguintes, Bahia.



Forte de Santiago das Cinco Pontas, reconstrução de 1655 e seguintes, Recife, Pernambuco, Brasil.

nos orelhões, mas que também aparece na mesma época na de São Julião da Barra de Lisboa, em Oeiras, na de São Lourenço do Funchal, na ilha da Madeira, entre muitas outras.

A RECONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS FORA DA UNIÃO IBÉRICA

Toda a primeira metade do século XVII foi marcada por uma certa instabilidade e um contínuo confronto, principalmente com as esquadras e forças flamengas, não só nas costas do Brasil, onde se instalam, como nas Ilhas Atlânticas e no Oriente. Com a aclamação de D. João IV (1604-1656) abriu-se um novo quadro político-militar, onde a principal preocupação seria a afirmação da soberania sobre o território continental europeu, mas onde o quadro ultramarino e, de um modo especial o Brasil, principal suporte económico da coroa portuguesa, passaram progressivamente a pesar nas opções tomadas.

Para o controlo das principais medidas militares a nova coroa de D. João IV constitui o Conselho da Guerra, órgão formado por homens de franca experiência castrense. As primeiras diretivas foram assim para a reforma em larga escala do sistema defensivo continental europeu e, embora houvesse consciência da absoluta necessidade de assegurar o território brasileiro, a necessidade de obter apoios nas mesas de negociações europeias, em especial com a Holanda, levou a uma política muito cautelosa nessa área.

Para este vasto esforço foram chamados a Portugal vários engenheiros militares fran-

ceses e até holandeses. Ciente da necessidade técnicos militares portugueses, revitalizou-se logo em 1641 a antiga aula de arquitetura militar no Paço da Ribeira, então com o nome de *Aula de Artilharia e Esquadria*. Esta *aula* seria depois instituída em 13 de julho de 1647, como *Aula de Fortificação e Arquitetura Militar*, a funcionar na Ribeira das Naus e recuperaria oficialmente o antigo espírito da *Aula de Arquitetura*, passando de três pensionistas para dez *partidos* de estudantes, em permanência e destinados ao serviço de engenharia, embora número que nunca se teria atingido³⁴.

Com a reabertura oficial desta *Aula* em 1647, foi colocado na sua direção o engenheiro Luís Serrão Pimentel (1613-1679), que provavelmente já aí se encontrava desde 1641 e que tinha sido aluno do colégio jesuíta de Santo Antão, em Lisboa. Este engenheiro exercia desde 1641 as funções de cosmógrafo-mor, embora só tenha recebido a competente nomeação em 1671, aliás como também só recebeu a de engenheiro-mor em 1676, embora já

³⁴ Uma lista sumária de alguns dos *partidistas* encontra-se publicada por Viterbo, *ob. cit.*, vol. II, pp. VI e VII, muito longe como se pode ler dos dez elementos indicados no alvará de instituição.

Forte Frederick Hendrik, em taipa e quando tinha cinco pontas, óleo de Frans Post, 1640. Coleção do Instituto Ricardo Brennand, Recife, Pernambuco, Brasil.



Forte Frederick Hendrik, em taipa e quando tinha cinco pontas, pormenor da planta do Recife, Pernambuco, Johannes Vingboons, 1665, Kaartcollectie Buitenland Leupe do Arquivo Nacional da Holanda.





em 1663 a tivesse requerido. Como cosmógrafo-mor competia-lhe ensinar e examinar os pilotos e mestres de cartas de marear. O ensino dos engenheiros continuou assim ligado ao dos homens do mar, feito como desde os inícios do século anterior, também na Ribeira das Naus.

Luís Serrão Pimentel, para além de um vasto conjunto de obras da área náutica³⁵, embora pouco inovadoras, foi também autor de um importante conjunto de trabalhos bem elucidativos da anterior prática pedagógica da fortificação e da arquitetura portuguesa, assim como da sua ligação a um certo experimentalismo que desde o século anterior informava esta área e após as guerras da *Aclamação*, ou da *Restauração*, atualizada pelo contacto com os inúmeros teóricos internacionais. Os seus manuscritos autógrafos são bem elucidativos da preocupação em compor instrumentos de trabalho práticos, capazes de proporcionar uma atuação no terreno e de divulgar técnicas e

métodos adaptáveis às circunstâncias e aos terrenos.

Falecido de uma queda desastrosa de cavalo junto à igreja da Madalena, em Lisboa, deixou pronta para publicação a sua obra capital: o Método Lusitano de Desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares, dedicado já ao príncipe D. Pedro (1648-1706), com data de 1678 e editado em Lisboa, em 1680³⁶ e, embora não o primeiro de um português editado nesta área³⁷, permaneceu durante décadas como uma obra de referência. O *Método Lusitano* é assim uma interes-

³⁵ Na sua carta de nomeação de 14 dez. 1671 (Viterbo, *ib.*, vol. II, pp. 270 e 271) referem-se que tinha feito os “Regimentos Reformados da Viagem da Índia, por se achar o antigo errado e o da Viagem de Itália, pelo não haver daqueles mares”. Deixou ainda o *Tratado da Navegação e Prática Especulativa*, 1669 e *Prática da Arte de Navegar* (...), António Craesbeeck de Melo, Lisboa, 1673 (BNPortugal, *Res.*, 156).

³⁶ Lisboa, António Craesbeeck de Melo, 1680. Impresso com gravuras de René Bietry e Manuel Mendes, 666 pp., 34 x 23 cm., existe publicação em fac-simile da Direção da Arma de Engenharia, Lisboa, 1993.

³⁷ A primeira publicação parece ter sido de D. Diego Enríquez de Villegas, general do Exército da Catalunha, *Academia de fortificación de Plazas Y Nuevo modo de Fortificar una Plaza Real diferente en todo, de todos, que se hallan en los autores que desta Ciencia, y Arte escrivieran*, Madrid: Alonso de Paredes, 1651. Diogo Henriques ou Diego Enríquez de Villegas (Lisboa, c. 1600; Catalunha, 11 fev. 1671) ingressou nas forças castelhanas na época do império unido de Castela e Portugal, tendo escrito diversos trabalhos e sendo os de fortificação citados por vários autores posteriores. Pub. por Fernando Cobos-Guerra in “Henriques de Villegas, primer gran tratadista portugués de la Fortificación en el siglo XVII”, revista *CEAMA*, n.º 9, Câmara Municipal de Almeida, 2013, pp. 181 a 200.



Forte de Santa Cruz de Anhatomirim, 1739, Governador Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil.



Porta de inspiração oriental do forte de Santa Cruz de Anhatomirim, 1739 (c.), Governador Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil.



Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim.



Porta do forte de Santo António de Ratonés, 1740 a 1744, Governador Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil.

Fachada, Plano e Explicação do Forte de S. António de Ratonés, José Correia Rangel, 1789, Arquivo Histórico Militar, 3/26/17773, Lisboa.

Porta do forte de Santo António de Ratonés, 1740 a 1744, Governador Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil.

Vista aérea do Forte de Santo António de Ratonés, 1740 a 1744, Governador Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil.

Vista do Forte de Santo António de Ratonés, 1740 a 1744, Governador Celso Ramos, Santa Catarina, Brasil.

sante tentativa de procura de um apurado equilíbrio entre a tradição portuguesa e o mais atualizado corpo teórico internacional, que informou a fortificação dos meados do século XVII.

A sua elaboração só foi possível graças ao contacto estabelecido com os inúmeros técnicos que passaram por Portugal, assim como dos diversos manuais então editados, mas e ao mesmo tempo, por quem no terreno teve oportunidade de trabalhar e colocar à prova todos esses conhecimentos. É assim patente um certo desprendimento crítico em relação à tratadística internacional, alicerçada na prática efetiva da construção e do combate, a que não são igualmente alheias uma sólida formação matemática e uma prática pedagógica formada no decorrer de muitos anos de prática de cosmógrafo-mor.



Ao longo do seu trabalho Serrão Pimentel não se coíbe de criticar as práticas demasiadamente teóricas do tratado do conde de Pagan (Blaise François, 1604-1665), que chegara a ser convidado para vir a Portugal, assim como intercala habilmente uma série de tabelas de medidas proporcionais, recolhidas das práticas holandesas e adaptáveis às fortificações irregulares. O engenheiro afasta-se prudentemente das fórmulas teóricas tratadísticas da *cidade-ideal*, elaborando um programa muito mais flexível para a urbanização das praças de guerra, não tendo dúvidas em explicar porque não apresentava desenhos nessa área, dado os achar contraproducentes, “*porque muito poucas vezes se podem dispor na forma apontada para a praça em tudo regular*”. Abria assim o caminho para uma prática científica e académica das bases de um urbanismo especificamente português, assente numa prática ancestral de um país de nautas e que nos anos seguintes daria corpo ao que talvez de melhor se produziu nessa área: a expansão para o interior do Brasil.

O AUMENTO DAS FRONTEIRAS DO BRASIL

Estabelecida a paz com Castela, em 1680, os interesses portugueses voltaram-se essencialmente para o Brasil e para a tentativa de manutenção das fantásticas fronteiras desenhadas pela expansão bandeirante e que definiam para Portugal um terço da América Latina. Vai ser essencialmente nesse quadro que se vai desenvolver a engenharia e a arquitetura militar portuguesas dos anos seguintes.

A chamada *cultura de longitude* teorizada por Jaime Cortesão (1884-1960)³⁸ e levada a cabo pelas *bandeiras*, que a partir dos meados do século XVI foram partindo da Baía, Pernambuco e São Paulo, aproveitaram a abertura das fronteiras de Castela aos portugueses concedida por Filipe II e alargaram sucessivamente as parcas fronteiras definidas pelo Tratado de Tordesilhas de 1494 ao imenso *sertão* brasileiro,

³⁸ Cf. entre outros trabalhos de Jaime Cortesão, *História do Brasil nos Velhos Mapas*, 2 vols., Instituto Rio-Branco, Rio de Janeiro, 1971.



considerado vagamente como “*terra de ninguém*”. O conhecimento desse vasto sertão constituiu também o alargamento da fronteira, embora não oficial, do Brasil ³⁹.

Até ao descobrimento de ouro e pedras preciosas no sertão brasileiro, a penetração fez-se esporadicamente, sem propósitos de fixação, ressalvando os casos de algumas missões católicas, principalmente jesuítas, que o fizeram com outros objetivos. No entanto o efetivo povoamento das imensas regiões do *recôndito* sertão foi sendo progressivamente negado pela oposição dos povos naturais, ou fugidos ao povoamento oficial sob controlo da coroa, assim como pela oposição do clima, hostilidade do meio ambiente e até pelas fronteiras definidas em Tordesilhas quase duzentos anos antes. Mas com o surto de ouro encontrado nas Minas Gerais, entre 1693 e 1696, a posição geral passou a ser outra, levando à elaboração progressiva de uma política totalmente diferente por parte da coroa, visando então a ocupação efetiva de todo esse imenso território ⁴⁰.

Com a celebração em 1660, do casamento da infanta D. Catarina de Bragança (1638-1705) com o futuro rei Carlos II de Ingle-



Fortaleza de São José de Macapá, c. 1782. Amapá, Brasil.

terra (1630-1685), um importante dote de milhões de cruzados passou a ser pago pelo Brasil. Foi com base nesse dinheiro que a corte inglesa pôde reconstruir as finanças reais, reconstruir Londres, palco de enorme incêndio em setembro de 1666 e, principalmente reequipar a sua armada que, a breve prazo, se tornaria a mais importante do mundo. Com o apoio da Inglaterra criavam-se as bases internacionais para o reconhecimento da independência de Portugal perante a coroa castelhana, sendo o tratado de paz assinado em 1668. Com a assinatura desse tratado, logo o regente D. Pedro determinou ao governador do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo (1635-1683), a fundação de uma praça-forte na margem oriental do Rio da Prata. A expedição só largou de S. Vicente nos finais de 1679, depois de ter sido assegurada em Roma a definição dos limites da diocese do Rio de Janeiro até às margens daquele rio, diocese criada a 16 de novembro de 1676 e a praça da Colônia do Sacramento viria a ser ao longo de quase 100 anos, uma das moedas

Fortaleza de São José de Macapá, projeto de c. 1764, Vista aérea, pontes de acesso de madeira nos fossos e porta monumental com parte levadiça. Antiga província de Tucujus, Amapá, Brasil.

³⁹ Cf. J. R. Russel-Wood, “Fronteiras no Brasil Colonial”, in *Oceanos*, n.º 40, *A formação territorial do Brasil*, CNCDP, Lisboa, outubro / dezembro 1999, pp. 8 a 20 e Maria Beatriz Nizza da Silva, “A saga dos sertanistas”, *ibidem*, pp. 148 a 158.

⁴⁰ Cf. Inácio Guerreiro, “Fronteiras do Brasil Colonial. A cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII”, in revista *Oceanos* citada, pp. 24 a 42.





Forte Coimbra, projeto de 1775, Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil.

de troca nos seguintes tratados de limites do Brasil entre Portugal e Espanha.

Ciente das necessidades crescentes de engenheiros militares, principalmente para acompanhar o crescimento fulgurante da América Latina, D. Pedro II (1648-1706) apoiou decididamente as *Aula da Esfera* e da *Arquitectura*, que colocou inclusivamente os seus filhos ⁴¹. A Aula Régia era novamente reformulada por decreto de 27 de maio de 1693 e o *modelo da Aula* de Lisboa estendia-se às *Províncias de Armas* do continente português e igualmente aos domínios ultramarinos. No Brasil surgiu a aula de S. Salvador da Bahia, em 1696 e dois anos depois, em 1698, a do Rio de Janeiro e já em 1701, a do Recife.

A qualidade destas Aulas pode ser avaliada pelos inúmeros trabalhos que chegaram até nós. Em 1738 foi por exemplo criada a *Aula do Terço de Artilharia*, no Trem do Rio de Janeiro, reformulando a anterior determinada em 1698 e sobre a qual poucos

⁴¹ *Tratado da Architectura Militar* (depois emendado para *Exame Militar*). Mandado ditar por ordem do Augustissimo Dom Pedro 2º em o mosteiro de Santo Antão e mandado ensinar a todos os seus filhos pelo Padre Luiz Gonzaga. Lisboa s/data (fins do século XVII) (BNAjuda, 46-VIII-23).

elementos possuímos. O curso, como o entenderíamos hoje, estendia-se por 5 anos, com *leitura* de aulas, ou seja, com discussão de temas vários dos *partidistas* perante o lente, a cópia de desenhos e muito provavelmente exames dos vários graus. À frente da nova *Aula* foi colocado José Fernandes Alpoim (1700-1765), como sargento-mor do Terço e que nos legou mais tarde as apostilhas das suas lições, sob o nome de *Exame de Artilheiros* e *Exame de Bomb(ard)eiros* ⁴². Alpoim era neto do célebre Manuel Pinto de Vilalobos ⁴³, lente da *Aula* do Minho, fundada em 1701 e com quem por certo aprendeu os rudimentos da sua profissão, depois aperfeiçoada no Brasil. A qualidade destas aulas pode ainda ser averbada pelos trabalhos deixados por Diogo da Silveira Veloso (c.

⁴² José Fernandes Pinto de Alpoim, *Exame de Artilheiros que comprehende Arithmetica, Geometria, e Artilharia, com quatro appendices*, Officina de José António Plates, Lisboa, 1744, reed. com nota biográfica e análise crítica de Paulo Pardal, rep. Xerox, Rio de Janeiro, 1987; idem, *Exame de Bombeiros, que comprehende dez tratados...*, Officina de Francisco Martinezabal, Madrid, 1748.

⁴³ Miguel Soromenho, *Manuel Pinto de Vilalobos, da Engenharia Militar à Architectura*, 3 vols., dissertação de Mestrado em História da Arte, FCSH-UNLisboa, 1991.



Forte Coimbra, projeto de 1775, Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil.



1680-1750), antigo aluno da Academia Real da Fortificação, onde era então lente Francisco Pimentel (1652-1706).

Diogo da Silveira Veloso foi nomeado como capitão engenheiro para a Colônia do Sacramento em 1702 e especificamente indicado para vir a desenhar a futura fortaleza de Montevideo ⁴⁴, servindo depois em várias capitanias e sendo nomeado sargento-mor e engenheiro *ad honorem* em 1720, pelos serviços prestados ⁴⁵. Viria a servir como tenente de mestre de campo general de Infantaria e de Artilharia com o exercício de engenheiro na capitania de Pernambuco, lecionando na aula daquela capitania, de que nos deixou três longos manuscritos, um dos quais das lições que recebera em 1699, de Francisco Pimentel, então citado como engenheiro-mor ⁴⁶.

O ENGENHEIRO MANUEL DE AZEVEDO FORTES E OS MANUAIS MILITARES

A engenharia em Portugal seria marcada nos inícios do século XVIII pela figura ímpar de Manuel de Azevedo Fortes (1660-1748), que estudou nos colégios de Madrid, Alcalá de Henares e Plessis, em França. Findos os seus estudos concorreria com êxito apositor da cadeira de Filosofia da Universidade de Siena, em Itália, mas não chegaria a tomar conta do lugar. Regressaria então a Portugal em 1695, como aparece registado a 25 de fevereiro de 1705, quando contava

⁴⁴ 22 fev. 1702. BNPortugal, *Res.*, Livro 11 dos ofícios do *Conselho Ultramarino*, fl. 18 v. Infelizmente a fortaleza não deve ter passado do desenho, pois em breve os espanhóis de Buenos Aires desalojavam os portugueses de Montevideo.

⁴⁵ Viterbo, *ob. cit.*, vol. III, pp. 48 a 51. Cf. *Geometria Prática (...)* por Diogo da Sylveyra Vellozo, *Tenente de Mestre de Campo General (...)* Anno 1699 (BNAjuda, 49-III-2); *Opusculos Geometricos (...)* Recopilados por Diogo da Sylveyra Vellozo, (...), Pernambuco. Anno de 1732; e *Architectura Militar ou Fortificação Moderna. Escrita por Diogo de Sylveyra Vellozo, Tenente General de Artilharia da praça de Pernambuco, anno Salutis 1743*, 1º tomo (BNAjuda, 49-III-3), editado com leitura e comentários de Mário Mendonça de Oliveira, Salvador, EDUFBA, 2005

⁴⁶ Embora tenhamos conhecimento de pareceres do lente Francisco Pimentel sobre fortificação, como já referimos, em 1699, não conhecemos a sua nomeação como engenheiro-mor. Acrescente-se que em 1699, aparece somente referido como sargento-mor.



“nove anos, dez meses e três dias” de serviço, tendo começado a servir a 18 de abril de 1695 ⁴⁷.

Data da época de D. João V (1689-1750) e do engenheiro-mor Manuel de Azevedo Fortes uma alteração fundamental da prática do ensino em geral, da fortificação e do urbanismo português ultramarino, que passa da anterior “*cultura de latitude*” que informara o período anterior, de fixação essencialmente costeira, para uma nova “*cultura de longitude*”, teorizada como já referido por Jaime Cortesão e onde se iria privilegiar a penetração oficial no imenso território ultramarino do Brasil. A proliferação de aldeamentos pelo interior do Brasil, os chamados “*arraiais*”, fora do controlo régio e, logicamente, não pagando os *quintos da coroa*, especialmente nas zonas mineiras, obrigava a redobrado trabalho de militares e funcionários régios para a sua organização e controlo.

Essa época era já anunciada militarmente com a ordem da Junta dos Três Estados, da qual passaram a ficar dependentes esses assuntos, para a tradução e publicação de dois trabalhos importantes dessa área: as traduções do *Governador de Praças* de Antoine de Ville (1596-1656), de 1639 e o

⁴⁷ IAN/TT, *Chanc. D. Pedro II, Doações*, 56, fl. 174 v. 12 set. 1705. *A Rainha*. Trans. Viterbo, *ob. cit.*, vol. I, pp. 80 e 81.



Forte Príncipe da Beira, projeto de 1776, Costa Marques, Rondônia, Brasil.



Porta e fachada do forte Príncipe da Beira, projeto de 1776, Costa Marques, Rondônia, Brasil.



célebre *Manual de Fortificação Moderna* de Johann Friedrich Pfeffinger (1667-1730), de Amsterdão, 1698, com a compilação dos principais métodos de fortificação utilizados na Europa e ainda acompanhado com um glossário ⁴⁸. A edição de ambos em verdadeiros “livros de bolso” ou “manuais” e sem especiais luxos gráficos, anunciava já uma época nova para os engenheiros militares. Na transição do século XVII para o XVIII separam-se os cargos de cosmógrafo-mor e de engenheiro-mor, deixando assim o urbanismo português de ter por prática a teoria naval da bússola e da corda, para o que, logo em 1720, Azevedo Fortes mandava editar um novo manual de topografia, essencial para os trabalhos de campo: *Tratado do Modo o mais fácil e exacto de fazer as cartas geographicas, assim de terra como do mar, e tirar as plantas das Praças, e edificios com instrumentos e sem instrumentos (...)*, editado 2 anos depois ⁴⁹. Poucos anos depois saíam os manuais de *O Engenheiro Português*, a mais importante obra de referência desta área e onde na gravura que abre o primeiro volume, Azevedo Fortes se apresenta com o título de acadêmico ⁵⁰.

⁴⁸ *Fortificação moderna ou recompilação de diferentes methodos de fortificar (...) composto na Lingua Francesa por Mr. Pfeffinger & traduzido por ordem de Sua Magestade que Deos guarde*. 2 vols. Lisboa, 1713.

⁴⁹ Of. Pascoal da Silva, Lisboa, 1722.

⁵⁰ Manoel de Azevedo Fortes, *Academico da Academia Real da Historia portuguesa, cavaleiro professo na Ordem de Christo, Brigadeiro de Infantaria*

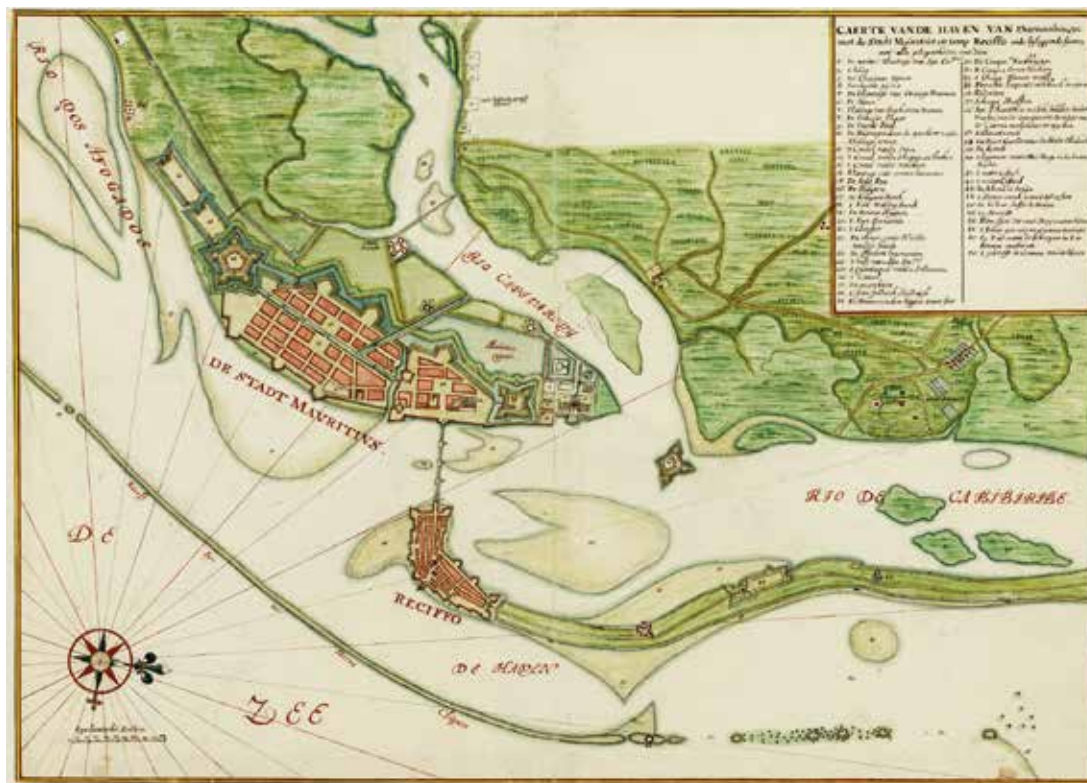
O Engenheiro Português é uma obra crítica, que na sequência do *Método Lusitânico* de Serrão Pimentel, a que aliás faz menção logo no prólogo, e dos mais importantes trabalhos dos finais do século XVII e inícios do XVIII, reformula e reordena logicamente a longa experiência portuguesa e internacional neste campo. Azevedo Fortes insiste logo no prólogo nos pressuposto da formação do *engenheiro português*, considerando o seu trabalho como não feito especificamente para o público em geral, mas para a instrução dos mesmos engenheiros e que “se passou depois em postilha para servir de Método aos praticantes da Academia Militar”, insistindo sempre no contínuo trabalho de campo e no desenho e redesenho das várias hipóteses.

Deixaram-se assim os pomposos álbuns de fortificação dos séculos XVI e XVII para se passarem a utilizar verdadeiros manuais, capazes de serem manuseados no campo e transportados na mochila. O reforço dado então à prática do desenho indica que o trabalho do engenheiro militar tinha deixado de ser predominantemente de gabinete, situado nas cidades costeiras e passava para o interior ⁵¹. Assim, o contínuo trabalho levado a efeito no Brasil ao longo de grande parte do século XVIII para as várias demarcações de limites, como o restante trabalho dos engenheiros militares no interior do território brasileiro, a que não podemos deixar de acrescentar as explorações de carácter mais alargado, filosófico, como então se referia e que a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), já natural da Bahia, trabalho especialmente desenvolvido entre 1783 e 1792, é talvez o melhor e mais divulgado exemplo ⁵².

dos Exercitos de Sua Magestade, e Engenheiro mór destes Reynos, etc., Lisboa, Manuel Fernandes da Costa, 1728-29, 2 vols, com gravuras, 22 x 32 cm.

⁵¹ Claro que tal não exclui um importante trabalho de retaguarda, levado a efeito junto dos vários centros de decisão e destinados a informar e policopiar os trabalhos de campo, de que os arquivos portugueses e brasileiros são prova, como os Histórico Ultramarino, Histórico-Militar ou da Engenharia Militar, em Lisboa, ou Histórico do Exército, no Rio de Janeiro com várias versões dos mesmos trabalhos.

⁵² Cf. entre muitos, os trabalhos a *Viagem Philosophica; uma descoberta da Amazónia: 1792-1799*, Associação



Caerte van de haven van Pharnambocque met de stadt Mouritius en het dorp Recife met bijleggende forten en alle gelegtheden van dien.

Manuel de Azevedo Fortes foi substituído por outro nome importante na engenharia portuguesa, o sargento-mor e depois brigadeiro Manuel da Maia (1677-1815), com quem trabalhava, guarda-mor da Torre do Tombo na altura do terramoto de 1755 e o responsável técnico pela reconstrução da cidade de Lisboa. Entretanto, no Brasil atuavam alguns dos mais importantes militares desta área, como os brigadeiros José da Silva Pais (de Vasconcelos) (1679-1760), que culminara a sua atividade no continente português com o projeto e direção do paço real de Vendas Novas e Custódio de Faria e Sá (1710-1792), por exemplo, entre muitos outros e seria do Brasil que depois viria o substituto de Manuel da Maia, Carlos Mardel (1695-1763) e Eugénio dos Santos de Carvalho (1711-1760): o depois general Miguel Ângelo de Blasco (c. 1720-c. 1770). Nos meados do século XVIII o Brasil representa assim o principal suporte de todo o espaço colonial português, por aí circulando

Promotora da Instrução, Editora Index, Rio de Janeiro, 1992 e outros.

os principais engenheiros, alargando mesmo os seus trabalhos a outras áreas e, pouco mais de 50 anos depois, a corte portuguesa deslocava-se para a Bahia e, depois para o Rio de Janeiro, invertendo a anterior prática de colónia e metrópole.

Não cabe neste nosso trabalho a descrição do imenso trabalho de fortificação levado a efeito no monumental espaço que é o Brasil, onde se terão levantado quase 1000 fortificações desde o assentamento pelos primeiros anos do século XVI e das quais subsistem muito mais de 100, embora quase todas bastante posteriores⁵³. Não vamos também entrar na organização das

⁵³ Cit. por Ricardo Siqueira, *Fortes e Faróis*, Rio de Janeiro, 1997, p. 91 e tomando os valores do coronel Annibal Barreto, *Fortificações do Brasil (Resumo Histórico)*, Rio de Janeiro, 1958, então de 860 fortes levantados e dos quais subsistiam 109, número já baixo para os estudos depois desenvolvidos, principalmente com os recursos informáticos hoje disponíveis, de que é exemplo o portal fortalezas.org desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina pelo arquiteto Roberto Tonera e hoje com um avultado número de colaboradores por todo o Brasil, pelo mundo lusófono e não só.

36 Vista aérea do forte de São João Batista do Brum, reconstrução de 1668 a 1690, Recife, Pernambuco, Brasil.



construções específicas militares das várias capitanias, que se levantaram ou tentaram levantar, até por não termos nem conhecimentos nem capacidade para tal, dada a monumentalidade do trabalho, tal como nas questões de financiamento, que assumiram especificidades nas várias capitanias.

CONCLUSÕES

A construção de defesas no vasto território do Brasil foi uma das grandes epopeias da expansão europeia da Época Moderna, face às enormes dimensões do espaço em causa, à inicial falta de meios humanos e materiais, condições adversas do clima e que, em determinada medida, antecedeu a prática do urbanismo. Mais tarde, a sua reformulação condicionaria ainda toda o tecido construído anterior, tornando-se numa apurada ciência teórica, mas no caso português, de aplicação essencialmente prática e ensaiada ao longo das ilhas e das costas Atlântico, de um e de outro lado, para além do Índico. Nesse quadro e no imenso espaço do Brasil, as fortificações portuguesas que chegaram aos nossos dias apresentam um verdadeiro catálogo do que todo o engenho militar nacional e internacional ao longo de 500 anos alguma vez executou.

Fortaleza de Santa Cruz da Barra de Niterói, reconstrução a partir de 1765, Rio de Janeiro, Brasil.



A história, como ciência humana por excelência que é, encontra-se sujeita a inúmeros mitos e lendas, que a vivência atual imediatista e sensacionalista não deixa de ampliar. Assim acontece com as fortalezas atribuídas, por vezes, a determinados engenheiros e arquitetos, o que não resiste depois a qualquer análise, pois que, essencialmente são uma obra coletiva de governadores, claro que também de engenheiros e arquitetos, mas e essencialmente, depois obra de mestres locais e militares brasileiros, que as levantaram e ao longo de centenas de anos as mantiveram. O mesmo se coloca com a ideia da fortificação regular pura, só pontualmente consistente no caso do Real Forte do Príncipe da Beira, pois em quase todos os restantes casos as fortalezas adaptaram-se aos locais onde foram levantadas e aos objetivos a que se propunham.

As técnicas de fortificação são quase exclusivamente europeias e internacionais, divulgadas, primeiro, pelos inúmeros técnicos italianos ao serviço de Portugal e, depois, do império unido de Castela e Portugal. A partir dos meados do século XVII juntam-se também os contributos das chamadas escolas flamenga e francesa, mas às quais os portugueses adicionaram sempre toda uma longa prática muito mais flexível, como Serrão Pimentel e Azevedo Fortes citam taxativamente nos seus trabalhos. Com as alterações estratégicas da corte portuguesa e face ao declínio do comércio na Ásia, a partir dos meados do século XVII, todo o potencial humano disponível português passou para o Brasil, transferindo-se, inclusivamente, capitais, técnicas e modelos orientais, não tendo o território brasileiro parado de aumentar ao longo do século seguinte e obrigando a todo um novo trabalho de defesa dessas novas fronteiras. As fortalezas brasileiras e as fronteiras que defendiam têm ainda que ser entendidas, como quase toda a história brasileira, no contexto alargado em que se processaram. Primeiro, na sua articulação com as ilhas atlânticas, onde foram ensaiadas as iniciais formas de povoamento e de culturas, depois com as costas de África, onde recrutaram



Forte de Santa Cruz
Forte Orange em Itamaracá

parte da mão-de-obra e ainda com o Índico, pois existiu sempre uma determinada circulação de quadros, de armadas, de bens e de serviços. Todo o pano de fundo tem sempre e prioritariamente, de ser visto dentro do quadro da expansão europeia, mas com uma específica capacidade de adaptação a um novo espaço e com uma nova sociedade, fruto do cruzamento de múltiplas culturas e credos, num processo de globalização verdadeiramente original.

O património brasileiro edificado de cariz militar é excepcionalmente vasto e diversi-

ficado, poucas vezes densificado e visualmente agressivo, como ocorre com o congénere sul-americano de origem castelhana, mas integrando-se comoda e esteticamente na paisagem urbana ou natural em que se insere, ganhando assim uma humanidade que o seu congénere referido poucas vezes consegue. Constitui, no seu conjunto, de certa forma, a integração e adaptação ao meio ambiente, que sempre foi e é uma das grandes e mais importantes qualidades da cultura brasileira.

RUI CARITA (1946;-) é professor catedrático aposentado de Arte e Design da Universidade da Madeira, onde continua a dar aulas e foi Vice-Reitor e Pró-Reitor para a área de Projectos Científicos, tendo sido igualmente professor convidado da Universidade de Pisa, em Itália e assessor para a recuperação de património, na Universidade de Santa Catarina, no Brasil e, atualmente, do emirado de Sarjah, nos EAU. É membro do CLEPUL da Universidade de Lisboa, do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e do de São Paulo, no Brasil, membro da Comissão de História Militar Portuguesa; desde julho de 2015, membro da Academia Portuguesa da História, etc. Tem cerca de 50 livros publicados e 200 outras publicações, tendo orientado e arguido teses de Mestrado e Doutoramento em universidades portuguesas, italianas, espanholas e marroquinas, assim como participado em júris nessas universidades, especialmente nas áreas de Património Edificado, Arquitectura e Urbanismo, Arqueologia e Artes Decorativas.

Rui Carita*

INTRODUCTION

The aforementioned seminar took place in Rio de Janeiro, from 3 to 5 December of last year and I was appointed by the Portuguese Military History Commission to attend it. The communication subsequently requested, **“The Portuguese Fortifications System in Brazil”, was part of the panel “Strategic Challenges for the System of Fortifications”,** which opened the seminar itself and will integrate the opening of the final application file of **19 Brazilian fortified sets** to be included in UNESCO’s World Heritage List, to be submitted in 2022.

After complex negotiations between the Brazilian states, it was agreed that the following properties were to integrate this list (from south to north): the Fortress of Santa Cruz de Anhatomirim, in Governador Celso Ramos (SC); Fort of Santo Antônio de Ratonas, in Florianópolis (SC); Fort of Santo Amaro da Barra Grande, in Guarujá (SP); Fort of São João, in Bertioga (SP); Fortress of Santa Cruz da Barra, in Niterói (RJ); Fortress of São João, in Rio de Janeiro, where the seminar took place (RJ); Fort of Nossa Senhora de Monte Serrat and Fort of Santo Antônio da Barra, Salvador (BA); Fort of Santa Maria, Fort of São Diogo and Fort of São Marcelo, also in Salvador (BA); Fort of São Tiago das Cinco Pontas, Recife (PE); Fort of São João Batista do Brum, Recife (PE); Fort of Santa Cruz (Fort Orange), Itamaracá (PE); Fort of Santa Catarina, Cabedelo (PB); Fort of Reis Magos, in Natal (RN); Fortress of São José, in Macapá (AP); Fort of Príncipe da Beira, in Costa Marques (RO); and Fort of Coimbra, in Corumbá (MS).

This is a reduced version of the communication delivered there, the one presented here, where we reflect the works in which we have

participated in Almeida, especially those leading to the definition and continuous variation of the concepts of border and “raia”, which do not always coincide, works, in fact, attended by many of the speakers that have also participated in the II International Seminar in Rio de Janeiro.

INTRODUCTION

Knowledge of Brazil predates the official trip of Pedro Álvares Cabral (1467-1520), in April 1500, with several trips in the previous decades and, certainly, the settlement of “lançados” or similar settlers, which was quite usual. This was later stated by several inhabitants of Fernão Buco in the Court of Baiona, on a complaint about an assault made in 1531 or 32 by the French ship “*Peregrina*” (once a Portuguese ship - “*Sam Tomé, Estirada*” -, captured a few years before), stating “*that they had their homes there [for] 30 years and more*”¹. The existence of islands and dry land to the west of the islands of the Azores, Madeira and Cape Verde was known to Portuguese navigators, whose information was passed on to Christopher Columbus (1451-1506), as attested by his biographers², in the years 1474, with his 1492 trip to

the Antilles later forcing new negotiations between Portugal and Castile, as well as a new and more precise geographical recognition of the coasts of the future Brazil³.

In the early years of the 16th century, the interests of the Portuguese crown were centred on the Indian Ocean and the Gold Coast, with an entirely different economic activity, establishing factories and treaties with the Asian potentates. During those first trips to the future coasts of Brazil, however, an immense quantity of brazilwood was collected, so much that its trade was declared a royal monopoly in 1516 by King D. Manuel (1469-1521). Two decades later, Portuguese interests in the Indian Ocean stabilised and, in the face of French interests in these lands, the crown ordered the establishment of small factories in Cabo Frio, Bahia and again in Pernambuco, which was followed by the division of the vast territory in captaincies, in 1532, donated during the following years that followed to second-order noblemen, safeguarding one captaincy for the crown, donations carried out according to the model tested on the islands of Madeira, the Azores and Cape Verde.

THE INITIAL DEFENCES OF BRAZILIAN SETTLEMENTS

The early times of the settlement of new communities in the lands of Santa Cruz, however, were somewhat precarious and, although controlled by the crown from the distance, since that they had been handed over to second-order gentlemen, they were not involved in the care and preparation, for example, of the foundation of São Jorge da Mina. In

¹ The documentation on this incident judged by the court of Baiona may be found in Torre do Tombo, CC, PI, 65-13 and was studied and published, among others, by Jordão de Freitas (1883-1934), “O descobrimento Pré-colombiano da América Austral pelos Portugueses. A Fortaleza e a Feitoria de Pernambuco”, in *Lusitânia, revista de estudos portugueses*, fasc. 9, vol. III, Lisbon, April 1926, pp. 315-327.

² As Bartolomeu de Las Casas (1574-1566), who participated in the 2nd voyage of Christopher Columbus, from 1493, in *Historia de las Indias*, ed. A. Millares Carlo & L. Hanke, T 1, México / Buenos Aires, 1951, p. 67, who says that his informant in Madeira was António Leme, established in Funchal before 1483, or Fernando Domingos do Arco, who asked D. João II, in 1484, for the captaincy of an “island to the East he intended to discover”.

³ Francisco Contento Domingues, *A Travessia do Mar Oceano. A viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498*, Lisbon, Tribuna da História, 2012.



this context, they did not immediately deploy significant fortification works, as would happen in the following decades. Obviously, the initial population settlements had defences, such as palisades, stockades made of wood and even makeshift watch-towers, as well as one or another platform for placing the modest artillery pieces of that time. Conditions were at first incipient, unlike facilities in the North of Africa and on the shores of the Indian Ocean, where the presence of forces with a different level of organisation and armament soon forced a different defensive organisation⁴.

Only from the middle of the sixteenth century did the Portuguese overseas governors began to travel with by “masters of royal works” that, in addition to specific defence directives, also took urban directives with them, although these were later progressively transferred to municipal control. Thus, the appearance, albeit vague, of the positions of “*arruadores*” and “*cordeadores*”, as well as “*arruamentos*” and “*cordeamentos*”, indicative of the transference, to the overseas, of practices already in place on the continent of the kingdom. The profession of “*arruadores*”, a word that can’t be translated to other languages, dates back to medieval times and was refined in the 15th and 16th centuries with the introduction of nautical science, although it was only theorised much later and under the influence of the immense Brazilian space. Hence the introduction of the

⁴ Probably the broadest and most concise work on this subject is that of Professor Pedro Dias, *História da Arte Luso-Brasileira, Urbanização e Fortificação*, Coimbra, Almedina, 2004, the result of many years of study, research and teaching on both sides of the Atlantic, followed by the volumes of *Arte de Portugal no Mundo*, with vol. 5 dedicated to *Brasil, Urbanização e fortificação*, Lisbon, Público, December 2008, but the general bibliography, sectoral or not, is, before and after, immense.

compass and ropes for measurements and definition of alignments (“*cordeamentos*”).

The situation was not new, although it was only occasionally mentioned in scattered documents, already taking place in the previous reigns of D. Afonso V (1432-1481) and D. João II (1455-1495), influenced also by the circulation of Italian humanists and ideas that they brought from their home cities. In addition, there was the progressive centralisation of the royal power, as well as the gathering, in the royal office, of cartographers and men linked to the nautical and war sciences. With these men gathered around the king, in addition to the matters related to the discoveries, various issues related to the new military technologies also began to be discussed, resulting in a new understanding of space management.

The paradigmatic situation would have been the settlement of S. Jorge da Mina, where in addition to a fortress the king ordered a city to be erected, and it is not by chance that the chronicler Rui de Pina (1450-1522 / 23) dedicated an entire chapter to this subject in his *Chronicle of D. João II*⁵. Following orders from D. João II, Diogo de Azambuja (1432-1518) travelled to the Gulf of Guinea with six hundred men, including about one hundred carpenters and stonemasons. The boats also carried all the carved stone for the fortress, then called a *castle*, as well as lime, tiles, and various tools, which promoted an entirely new conception of management in the Portuguese *discoveries*.

The initial occupation of the future Brazilian lands did not receive such great care, although they were established, whenever possible, in higher

⁵ Hélder Carita, *Lisboa Manuelina. E a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521)*, Lisbon, Livros Horizonte, 1999, pp. 47 and 48.

places, in the so-called *morros*, and medieval-like towers were occasionally built, which served as the house of the “donatary” of the captaincy or its representative, as happened in Olinda. From these initial settlements, we only have the records of chroniclers and communications to the kingdom stating what had already been done, given that, in the following years, the territorial occupation of the entire immense space of Brazil expanded exponentially.

The initial installation was determined and guided by the various donataries, or their representatives, but from the middle of the sixteenth century onwards the crown would approach this or other matters in a different way. With a view to creating a new development model for Brazil, by 1529 and 1530 D. João III (1502-1557) would have asked his advisers for opinions, including Diogo de Gouveia (c. 1471-1557), working in Paris at the time to direct the college of Santa Bárbara, among whose students the Society of Jesus came to life. At that time, Cristóvão Jacques (c. 1470-1530), who had already provided various services on the Brazilian coasts, volunteered to travel with 1,000 settlers to that area, as did João de Melo da Câmara, with 2,000 Azoreans, both of whom were recommended by Diogo de Gouveia⁶. However, the captain of Bahia Francisco Pereira Coutinho (c. 1490-1548) had to die at the hands of Indians, in 1548, for the Lisbon government to deploy an entirely new organisation.

THE FOUNDATION OF THE CITY OF SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

⁶ José António Soares de Sousa, “Açorianos na cidade do Salvador”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, no. 219, Rio de Janeiro, april and june 1953, pp. 3 to 26.

In this general context, one comes across the foundation of the new city of Salvador da Bahia de Todos os Santos. The beginning of the settlement of Brazil was *modelled* on that of the Atlantic archipelagos, with the division of the vast coastal space according to parallels, handed over to donatary captains and with *regiments*, where previous island donations are mentioned. The old *model* of captaincies-donataries failed to adapt to those times and soon the king captivated the captaincy of the late Francisco Pereira Coutinho to the crown and the system was changed entirely with the appointment of a governor-general: Tomé de Sousa (1503 -1579). The new governor was appointed by a letter of 7 January 1549, departing from Lisbon on 1 February and arriving in Bahia de Todos os Santos on 29 March of the same year.

Governor Tomé de Sousa was accompanied by a master-builder, Luís Dias (c. 1505-c. 1560) and he had been instructed to build “a fortress and a big and strong city” for the future capital of the new state, “head of Brazil”, as it is called, “in order to, from there, aid and assist other villages and to deliver justice, and to enforce all necessary things” to serve the kingdom and especially, one might add, the business of the treasury. The work should be carried out as planned in Lisbon, with D. João III clearly indicating, in the Tomé de Sousa *regiment*: “according to the plans and samples you’ll take with you”⁷.

The matter had been debated in Lisbon, with the intervention of the old master Miguel de Arruda (c. 1500-1563), master of the palaces of Santarém, Almeirim and Muge since

⁷ Among others, José Luiz Mota Menezes e Maria do Rosário Rosa Rodrigues, *Fortificações Portuguesas no Nordeste do Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII*, Recife, 1986, p. 29.

1543 and, in 1548, appointed *Master of the walls and fortresses of the Kingdom and Possession*, that is, the kingdom and the overseas, as later would also be mentioned: *Kingdom, Places from Beyond and Indies*. The city of São Salvador was implanted in one of the highest and steepest areas of Bahia de Todos os Santos, chosen for being an excellent port, but which initially hindered the construction of its walls - which could not even be built at the first attempt, since *they collapsed in 1550, due to a “storm like this land has never seen”*, as Luís Dias later says⁸.

The *master of the works of the fortress and city of Salvador*, Luís Dias, worked a few years before as *master of stone works* in Safi, at the time residing in Batalha, in which works he had certainly also worked and from where he would write to Miguel de Arruda, “My lord”, during his stay in Salvador, informing him of the works. In these letters, he informed that he sent his nephew Diogo Peres, also a stone mason⁹, to Lisbon, who unfortunately suffered two shipwrecks, as well as the “samples” describing the various works carried out¹⁰. In the works of Salvador he had been assisted by the masters Pero Góis, Filipe Guilherme and Pedro de Carvalhaes, who, by his indication, should replace him

⁸ Cf. Américo Simas Filho, *A propósito de Luís Dias, mestre das obras da cidade do Salvador e decano dos arquitectos brasileiros*, 1978, reissue from Fundação Gregório de Matos, Salvador, 1998.

⁹ Cf. order of 14 January 1549, as an assistant to Luís Dias, with 36 thousand réis (Viterbo, id., P. 551). Father Manuel da Nóbrega would later request his services by letter of 9 August 1549, for the works of the College of Bahia (ibidem).

¹⁰ Letters of 13 July and 15 August 1551 (the first published in *Anais da Biblioteca do Rio de Janeiro*, vol. 57, pp. 24 to 28 and the second, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. 3, Litografia Nacional, Porto, 1924, pp. 362 and 363 and by Viterbo, ob. and vol. cits, p. 552.

when he returned to Portugal in the first semester of 1553 with the governor-general Tomé de Sousa¹¹.

The city of Salvador was based on the work done at that time in Angra, on the Terceira island, in the Azores, as mentioned in a letter from Governor Tomé de Sousa to the military steward, Pedro Anes do Canto (1480-1556), who was based in that city¹². In this context, and based on the first information received from Tomé de Sousa, D. João III, as early as September 1550, wrote to the army steward to ask for settlers to Baía. The king writes that the city he had ordered to be built was almost finished, and that “the walls were ready, tall and that are closed during the night”, and well defended with artillery that had been sent from Lisbon, placed in four bulwarks, and that the land was “so thick and fertile, if there are enough people to farm it”, soon it would be a land of great riches. In view of the evolution of the new city of Salvador, the king asked that up to 300 people be recruited in the *Terceira Islands* - a generic name for the Azores islands - with travel expenses paid by the royal treasury, to populate the captaincy and further specifying that, if possible, the people to be sent should be married¹³.

These waves happened later, with the order of D. João III from 1551, and then again referred to in a letter

¹¹ Permit of July 22 1552 with a salary of 20 thousand réis each year, as Luís Dias had, which contradicts permit of 14 January 1549. Trans. by Pedro de Azevedo, in “A instituição do Governo Geral”, *História da Colonização do Brasil*, ob. cit., vol. 3, p. 364.

¹² Padre Manuel Luís Maldonado, *Fénix Angrense*, 1^o vol., Angra do Heroísmo, 1990, p. 172.

¹³ Lisboa, 11 de setembro de 1550, in Pedro de Azevedo, *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. III, Porto, 1924, p. 337. Cit. Vicente Carlos Santos Tapajós, *História Administrativa do Brasil*, vol. 2, *A Política Administrativa de D. João III*, Universidade do Brasil, 2^a ed., Brasília, 1983, pp. 86 and 87.



from 1554, where it is written: “*that in the said two years I have ordered that they are to be transferred from the island of Madeira and the Azores, and from São Tomé, and elsewhere, to live in the said city of Salvador, and that I order my Treasury to pay for the vessel and supplies for the trip, and for a few months on land...*”¹⁴. At least as far as the Azores waves are concerned, we have confirmation of their arrival, referred to in a letter by Simão da Gama de Andrade, of 12 June 1555, according to which one can deduce that another wave followed in 1552 and that a third one also took place, which followed from the island of São Miguel, in the Azores, on 27 November 1554¹⁵.

In this case, it is possible that there were also Azoreans leaving the Terceira island, at least encouraged by the family of the military steward, as well as the island of Madeira, from where they took, not only the first plants for the sugar cane crop, as well as the entire sugar technology, certainly accompanied by sugar masters and mill officers, who would later be joined by the controversial João Fernandes Vieira (c. 1602-1681). Essentially, we know from the island of São Tomé that slaves were brought in from the coast of Guinea and the coasts of Angola.

The beginning of the settlement of Brazil was *modelled* on that of the Atlantic archipelagos, with the division of the vast coastal space according to parallels, handed over to donatary captains and with regiments, where previous island donations are mentioned. The settlement of the archipelagos of Madeira and the Azores had emerged as the first

¹⁴ Pub. in *Arquivo Histórico dos Açores*, vol. 12, doc. 51, pp. 414 and 415; cit. by José António Soares de Sousa, art. quoted, pp. 22 and 23.

¹⁵ José António Soares de Sousa, *ibidem*, pp. 24 to 26.

step towards an entirely new activity. The first experience of settlement and exploration of the newly found lands, the pioneers of a new universalist mentality came to the islands, which became the basis for a new society. After testing crops that immediately generated considerable profits, this *model* was later exported to new lands, such as Brazil, to where administrative models and staff were also sent. This perception already appears in Gilberto Freire (1900-1987) who, in 1952, does not hesitate to state that: “*Brazil’s oldest sister (...) truly was Madeira. And a sister that went above and beyond in being a mother to the barbarian land, which the mastery of her men (...) contributed to quickly and solidly transform into a new Lusitania*”¹⁶.

THE MID-16TH CENTURY DEFENCES

The first Brazilian villages had been instituted after Martim Afonso de Sousa left for Brazil in 1532. The chronicler Gabriel Soares de Sousa mentions that this nobleman founded the villages of Santos and São Vicente, where, on 22 January 1502, the expedition of Gaspar de Lemos had arrived, who had given him this evocation and which would have been the first settlement to become a “village”. The chronicler also mentions that Martim Afonso would have founded another one on the coast, with the invocation of Conceição, later known as Itanhaém. These settlements became villages

¹⁶ *Aventura e Rotina*, 2ª ed., pp. 440 to 446 and 448 and 449. The growing affirmation of the importance of the new developed space, mainly throughout the 17th and 18th centuries, created an almost subservience of the Islands and even of the continental space to the new Brazilian lands. It was not an accident that, at the beginning of the following century, the court moved to Brazil, reversing the metropolis-colony situation in place until then.

between 1546 or 1547. Santos was promoted to this category by Brás de Cubas, Senior Lieutenant of the donatary, who would also promote the old place of João Ramalho, in Borda do Campo, the village of Santo André, around 1553.

When Governor Tomé de Sousa visited the southern captaincies in 1552, Santos already had a church, stone and lime houses and a school of the Society of Jesus. The village of Santo André was surrounded by rammed earth walls with bulwarks, built by the initiative of João Ramalho, who had summoned the resident for this work, defending the population from possible attacks by the natives and other enemies. However, the governor mentions that in the villages of São Vicente and Santos it had not been possible, at that time, to build walls, as there were already very scattered stone and lime constructions, making a consistent project impossible¹⁷.

Date of the visit of the governor, the approval also of the old fortress of São Filipe da Bertioiga, widely described by the famous German adventurer Hans Staden (c. 1525-1576) and who, returning to Europe, would publish the account of his travels, generally known as *Duas Viagens ao Brasil*¹⁸. On his first trip, this adventurer stopped at the island of Madeira, then aboard Captain Penteadó’s ship, in 1547, returning for a second trip, in 1549, then on a Castilian vessel from Seville bound for the Rio da Prata, sinking near

¹⁷ Jaime Cortesão, *A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil, Rio de Janeiro*, 1955, quoted by Pedro Dias, *ob. cit.* pp. 43 and 53.

¹⁸ Hans Staden (c.1525-c.1579), *Warhaffige Historia Hud Bescherenbung Eines Landeschaft Der (...) Meuseufresseerbriten In Amerika*, Marbourg, André Kolbe, 1557; *idem*, *Duas Viagens ao Brasil*, translated by Guiomar de Carvalho Franco, Universidade de São Paulo, Brasil, 1974.

Santa Catarina. Then he tried to get to São Vicente, but he was shipwrecked again and managed to swim ashore. Presenting himself as a German and with some knowledge in artillery, he would have been at the base for the construction of the Fort of Santiago da Bertioga, of which he was later appointed constable¹⁹.

The new organisation of the city of Bahia would have served as an example for the reform of the following cities, and the governor-general even began to exercise some stewardship over the remaining captaincies, although given the distances, far from what was necessary. The captaincies thus maintained a certain autonomy in the governmental framework and in their defence structures, and in 1621 an autonomous state was even created with the captaincies of Maranhão, Grão-Pará and Ceará, in addition to the Dutch interference in 1624 in the city of Salvador da Bahia, recovered in 1631 and, later, in Pernambuco, in 1630 and 1637, and not only that, since there had been some plundering in the past, not only by the Dutch but also by the English and French.

The Dutch settlement in Pernambuco, however, did not particularly interfere with the defensive structures previously built, almost being limited to their punctual maintenance and reinforcement. As we have already written, we have the information that, already with Captain Duarte Coelho (c. 1485-1554) a tower was built in Olinda, in stone and lime and which, according to the description of Gabriel Soares de Sousa, in 1587, was in the highest location and was still in the village's square²⁰. The

village, however, grew and the old tower was eventually demolished, although it survived, in principle, until the 18th century.

The French attempted to settle in Guanabara Bay, which had also led to the construction of defences, such as the fort of Coligny, in honour of the Protestant minister of the French government, a fort that was later attacked and conquered in 1560 by Mem de Sá (1500-1572). The French also built defences in Pernambuco, in Itamaracá, but they were promptly destroyed by Pêro Lopes de Sousa (1497-1539). The French fort in Guanabara Bay was located on a rock, or islet and in a place near the coast, close to the tip where the fort of Santiago would later be built. In principle, it already had some exterior stone structures, although not inside and could have a garrison of almost 80 men, but it failed to resist 1560 Portuguese attacks.

This initial fortification still appears represented in the "*Roteiro de todos os sinais que há na costa do Brasil*", from 1574, as Fort Vilaganhão²¹, named after the French adventurer Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571), who had ordered its construction. The construction of the fort and, especially, the room for meetings and religious practices, was made by Pastor Jean de Léry (1536-1613), a Swiss Protestant who was there in 1556, but who, during the religious skirmishes that divided the French, was forced to return to Geneva. He published a book on his trip to Brazil much later, in 1578,

which could justify perhaps the various inconsistencies in his story²². From this and other descriptions, such as the information from Tomé de Sousa on his return to Lisbon, the implemented guidelines may be deduced, with the majority of the villages surrounded by rammed earth walls, equipped with improvised bulwarks, but already with artillery pieces from Europe. At that time, for example, the determinations of Brás de Cubas (1507-1592), magistrate in the village of Santo André, show the care taken there with the defence walls, with the magistrate determining that no person could build houses over those walls, under penalty of being fined 10 cruzados²³. Thus, throughout the sixteenth century, we have urban and defensive norms being transferred from the European continent to the immense Brazilian space and maintaining a close relationship with the Portuguese Atlantic islands. The urbanistic norms tested by D. Manuel in Funchal, to transform the town into a city and the Episcopal see, 1508 and 1514, after being rehearsed on the Lisbon riverside and in Bairro Alto, seem to have been transferred to the new city of Angra, already during the reign of D. João III, headquarters of the Armed Forces Steward and from there to the city of Salvador, since there is a great similarity between the latter in terms of urban layout. The same would have happened, progressively, with defensive organisations and with the various *regiments* of the military organisation, such as those of watchmen, gunners, ordinances, etc.

¹⁹ The indication was given by him himself and does not appear in the Portuguese chancelleries or in the Brazilian documentation of the time.

²⁰ *Tratado Descritivo do Brasil em 1578*, p. 58, cit. Pedro Dias, idem, pp. 51 and 53.

²¹ Luís Teixeira, *Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que há na costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho até ao estreito de Magalhães*, manuscript of Biblioteca da Ajuda, ed. fac-simile of Melba Ferreira da Costa, Lisbon, 1988.

²² Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil, autrement Dite Amérique*, La Rochelle, 1578, with numerous subsequent reissues.

²³ Cit. Pedro Dias, *ob. cit.*, p. 43.



THE STEWARDSHIP OF WORKS AND REGULAR BULWARKED FORTIFICATIONS

The Portuguese fortifications built from the middle of the 16th century onward already display the international characteristics disclosed by the Italian treatises, obeying to the needs of adaptation to the location, the objectives to defend and the use of the new weapons. Then, the old medieval traditions, as well as the personal taste of master-builders were progressively abandoned and a more scientific construction process was started, if the term can be used at the time. The most important Italian treatises in vogue in Europe circulated in the Portuguese court, which greatly influenced Portuguese architecture and fortification, but constructions, over time, developed their own solutions, much more flexible and refined, which would become what would later be called for “*plain architecture*”.

From the end of the Manueline era, a royal works stewardship had been established at the court, responsible for the administrative control and the deployment of military engineers²⁴ within the empire. The teaching of fortification in Portugal took place in a more or less empirical way until the beginning of the 16th century, but everything changed in the face of the new needs brought on by the meteoric Portuguese expansion. With this situation and the development of mathematics, a group of technicians began to be summoned to meet in

²⁴ The use of the term “*military engineer*” is somewhat redundant, since until the 19th century, practically all engineers belonged to the military, because they were paid by the royal treasury and almost the same could also be said of the clergy. Thus, if the position of governor was made vacant, for example, it was occupied by the bishop, sometimes, but occasionally leading a governing board. In the 18th century, engineers had Infantry ranks, to be paid accordingly.

the court, in order to give their opinion on these matters and these meetings eventually highlighted the need for a greater exchange of knowledge.

In the facilities of Casa da Mina and of India, from the end of the 15th century, similar activities had also been developed, even already including practical lessons on arithmetic and calculus, such as cartography and architecture, classes that in the middle of the 16th century were transferred to the Paco da Ribeiro, where noble young men from the court and prince D. Sebastiano (1554-1578) were taught. The institutionalisation of this Class happened later in 1577 and Italian Filipe Terzio (1520-1597) was appointed as the teacher, already during the dual monarchy of Philip II (1527-1598).

It should be noted that, in the spirit of the Counter-Reformation, led by the Iberian Peninsula of D. João III and Carlos V (1500-1558), the defence was, first of the Catholic “*faith and religion*” of the Council of Trent and only then, of the “*homeland*”. The defence of the *Mare Clausum* was at stake, of the *Catholic Treaty of Tordesillas*, recognised by the pope, against a *Mare Liberum* policy advocated by French and English *Protestants*. In this context, the foundation of the colleges of the Islands by D. Sebastião is important, as mentioned in the royal charter of 1572, according to which the college of Angra is established, and where it refers: “*especially in such a dangerous time and in the Islands where there is so much competition from foreigners*”²⁵.

The first disaster occurred in Madeira with the French attack of October 1566. If, until then, the French incursions in Brazil had not properly

²⁵ Cf. our work *Ponta Delgada e os problemas de defesa nos séculos XVI e XVII. Os Militares e os Jesuítas*, communication to the colloquium commemorating the 450 years of the city of Ponta Delgada, March 1997.

awaken the court’s interest, the attack and the looting of the first city of the Portuguese expansion, and a few days’ journey from Lisbon, caused widespread panic across the capital, having repercussions in Valladolid and Madrid, from where Philip II issued orders to arrest the corsairs involved in such looting, which he achieved eventually. Several fortifiers with experience in the fortresses of North Africa were immediately sent to Funchal and in a short period of time works were under the responsibility of a new body: the stewardship of fortifications and royal works, led by Álvaro Pires de Landim (c. 1513-c. 1581).

The fortification stewardship started to control all the works across the vast empire, distributing regiments, directives and plans to all military engineers, receiving the various proposals and responding with their corrections. Thus, the internationalisation of international mannerism dates back to the mid-16th century, in a dissemination that had never been reached before, and it can be said that for the first time in international history, it was possible to disseminate architectural directives on an almost universal scale.

In the second half of the 16th century, however, there was more than a single international architectural style; there was also a new form of defensive occupation of spaces, transforming fortifications into military architecture elements and this became a determinant of what would later be called urban planning. Since the occupation of space was conditioned by defence needs, as the military well knows, that exact defence would also have to encompass an entire set of political and cultural issues, conditioning social housing areas and, decisively, all logistical routes for supplies. In this context, the Portuguese were forced

not only to develop a new urban policy, but a true network of small fortified population centres, many of them today found on the largest metropolises in the World. Well, this entire monumental work was the work of military engineers, who in Brazil still appear associated with the priests of the Society of Jesus, who often also work as military engineers. At a first glance, we can find immediate differences between the initial conditions of the Portuguese settlement of the 15th/16th centuries with its main competitor, the Castilian settlement, later generically identified as Spanish. The initial Portuguese conditions were much more primary and simpler, or poorer in resources, given the time in which they happened, while the Castilians and the later Spanish, in a subsequent phase, had many more resources available. Thus, the Spanish, for example, chose flatter and wider places, where they could expand the rigid determinations they brought with them, while the Portuguese, previously, had almost always opted for building in areas attached to hills, where, in case of danger, if they could seek refuge.

On the other hand, the Portuguese used the triangle/rectangle as a metric, therefore a much more flexible shape, which resulted in rectangular blocks, served by a main and structuring street, and perpendicular streets, with the first often articulated with a “*rua direita*” and a “*rua carreira*” or “*rua da carreira*”, for unloading the horses, the main means of transport and equally essential for general defence purposes. The Spaniards used the cube/square as a metric, obtaining much more regular urban plans, but also much more rigid.

The Portuguese, due to the lack of resources, had to make the most of everything they found, often even

local and pre-existing works, as well as labour and even technologies. This aspect raised some issues regarding the aesthetics followed and created some divisions between the various foreign technicians working in Portugal. Especially the Italians, accustomed to a different philosophy of life and availability, almost always placed aesthetics above functionality, while for the Portuguese, it was the opposite that was true. Almost against the very winds of history, the Manueline metrics and philosophies were always followed, such as the “span and a half” for the advancement of the balconies, the rectangular metric for the block, the absence of large squares with arcades, a philosophy that the Italians also tried to use, for example, everything being essentially practical and functional. For a small country, which over the course of just over two centuries, “*gave new worlds to the world*”, this was the only possibility.

The rise to the Portuguese throne of Philip II of Castile and his sporadic stay in Lisbon from 1581 to 1583, where he even considered setting up the capital of his kingdoms, also represented a new way of understanding the Iberian overseas expansion. The king of the united empire of Portugal and Castile was apparently dazzled by the climate and beauty of Lisbon, as well as its surroundings, and, after that moment, he undertook several initiatives and asked for a series of elements, within what he had already done for Brazil, for example, with the famous “*Roteiro de todos os sinais que há na costa do Brasil*” by Luís Teixeira (c. 1540-1604), dating back to 1574 and a custom that was maintained in the following century with the family of this cartographer, the Albernazes. Soon, a works stewardship would also be set up in Madrid, as

well as an architecture and fortification class, similar to the one that continued to function in Lisbon and for which Filipe Terzio was officially appointed in 1594, since he had been teaching there since 1578²⁶. This architect was, since 1590, “*Master of the Works of the King*”, replacing the chief architect of the kingdom, António Rodrigues (c. 1525-1590), who had passed away.

The systematic fortification of the Brazilian coast began to be planned with the new governor Manuel Teles de Meneses, appointed in 1581 and with the architects who participated in the inspection expedition of Diego Flores Valdez (1530-1598), who accompanied him; this trip was only completed in 1584. The fortifications hitherto built were almost all small, built to respond to immediate threats, but a far cry from those that were already configured by then, not being able to resist to the climate and to the natives, let alone the new international armadas of corsairs. The references that are made in 1574’s *Roteiro de todos os sinais* and in the *treatise* by Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), from 1587, shed a light on the precarious way in which almost everything had been done until then. The importance of Brazil and the greed of the Dutch to settle there and of the English, almost always, to simply loot the place, however, determined new appointments and, in 1597, accompanying the new governor-general D. Francisco de Sousa (c. 1540- 1611), we find engineer Baccio de Filicaia (1565-1638)²⁷,

²⁶ Cf. Filippo Terzi, “architetto e ingegnere militare in Portogallo 1578”, *Estudos sobre embadometria, estereometria e as ordens de arquitectura*, cod. 12956 da BNPortugal, Lisbon, Portugal

²⁷ There are few references to the work of Baccio de Filicaia, who seems to have continued in Brazil after the arrival of Francisco Frias. There are references to his presence in Santos and São Vicente in 1599 and he



who would remain in that position until 1602 or 1603. In that final year, Francisco Frias de Mesquita (c.1578-c.1645) was appointed for the “*parts of Brazil*”, with an salary of 400 cruzados to be paid by the treasury of the captaincy of Pernambuco, where he would carry out an extraordinary work and circulating through the other captaincies. Francisco de Frias had attended the Architecture class as a student of Nicolau de Frias, probably his uncle, from 1598, having also learnt geometry with chief cosmographer João Baptista Lavanha (c. 1550-1624) and where he received an annual pension of 20\$000²⁸.

We must, however, draw your attention to the issues surrounding the authorship, a matter so dear to most researchers. Military architecture is, essentially, a collective work (ever more, also subjected to continuous maintenance), and, therefore, the temptation to attribute a definite authorship is dangerous, to say the least. In this context, we will always have to understand that the author of the initial project is, in general, the engineer working in that area, but under the orders of a superior, usually the governor, who provides the directives. The project then would have to be approved by the Stewardship of the Works of the Kingdom, where it was often rectified, if not completely reformulated from scratch, and then approved by royal order to be sent back to its origin, where it was often not accepted, and the only option was to go through the entire procedure again.

must have worked on the first urban reforms in São Paulo, but it seems that, in Salvador, he dedicated himself more to artillery than to architecture and, with the arrival of Francisco de Frias, he travelled to Maranhão and the Amazon, although apparently he died in Salvador in 1629.

²⁸ Sousa Viterbo, *ibidem*, vol. I, pp. 377 to 380.

We may, for example, consider the reform of the fortification of Bahia, made after the Dutch siege of Paulus van Caarden (c. 1569-1615 / 16), in 1604. The topographic survey was surely conducted by engineer Francisco de Frias and was taken in hand to King Philip II by Sergeant Major Diogo Campos Moreno (1566-1617). On 31 July 1605, the king wrote to the viceroy of Portugal, D. Pedro de Castilho (c. 1535-1615), to report that he had received the said plans and that he would soon issue his decisions. These plans and the reports that accompanied them would later be transcribed in the directives of the Brazilian sergeant major, writing that the plants had come from Brazil “*to carry out the fortification*” and that the project was by Leonardo Turriano (1559-1628), chief engineer of Portugal, who in 1598 replaced Filipe Terzio, meanwhile deceased²⁹, and which had been approved by the royal engineer Tibúrcio Spanochi (1541-1609), in Madrid³⁰.

In view of the drawings that have reached our days, by this and other authors, such as João Teixeira Albernaz I (c. 1580-c. 1662)³¹, where

²⁹ *Ibidem.*, Vol. III, pp. 145-148, permits of 20 April and 28 August 1598. His manuscripts may be found in BNL and in Torre do Tombo, and *his Descrittione et Historia del regno de l'Isola Canarie*, 1592, is in the General Library of the University of Coimbra, Mss. 314, being published, among others, by Fernando Gabriel Martim Rodriguez, *La primera imagen de Canarias. Los dibujos de Leonardo Torriani*, Santa Cruz de Tenerife, 1987.

³⁰ Diogo de Campos Moreno, *Livro que dá razão ao Estado do Brasil*, 1612, p. 141; Biblioteca da Ajuda, 51-VII-8, fls. 99 v. and 227 to 230. Pub. among others by Nestor Goulard Reis, *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, São Paulo, 2000.

³¹ In addition to the copy found at Porto's library, a copy by João Teixeira Albernaz I, c. 1640, there is another example at the Historical and Geographic Institute of Rio de Janeiro. Campos Moreno's original is probably the one in the Torre do Tombo Archive as a *Relação das Praças Fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil*, c. 1609,

it is registered: “everything was drawn by Leonardo Turriano, chief engineer of the kingdom”, Nicolau de Frias certainly sent several suggestions to serve as the basis for Turriano's project, who although he knew Castile, Portugal, North Africa and had also been a chief engineer in the Canaries, he had never been to Brazil. In addition, engineer Spanochi would still have interfered in the project afterwards, given that the so-called Forte do Mar, which was successively rebuilt, at that time appears as a square and then became a round structure.

Other forts have been attributed to well-known names of the time, such as the Santo Amaro da Barra Grande de Santos fortress, to Italian military architect Giovanni Battista Antonelli (1527-1588), who was part of the Flores Valdez armada, between 1582 and 1584, having then been equipped with artillery with some pieces of a galleon captured by privateers at the time. Antonelli later stayed in Cartagena de Indias, Vera Cruz and Havana, but the current fortress of Santo Amaro has nothing from the 16th or even the 17th century, having been redesigned from the ground up in the 18th century, first with the design of Manuel Pinto Vilalobos (c.1670 -1734), from 1712 and, later, under the direction of Alexandre Massé, in 1714, still being reformed later, between 1731 and 1732, when it was added with a new gunpowder magazine by Brigadier José da Silva Pais (1679-1760), who transformed the old chapel. In view of the above, the attribution of the Santo Amaro fortress to Antonelli is, like many others, more than hypothetical.

Some Jesuit priests also worked as military engineers in Brazil, as would happen in Portugal, one of whom was

which does not include the Bahia documents, which probably went to Madrid, but which have not yet reached our days.

Valencian Gaspar de Samperes (c. 1560-1635), who also accompanied the journey of Flores Valdez and who was in Rio de Janeiro in 1582. Returning to Europe, he would join the Society of Jesus and, returning to Brazil, he joined the Jesuit College of Pernambuco, where he made a first project for the famous Fortaleza dos Reis Magos, but which was nothing more than a wooden stockade at the time, although shortly afterwards already including a military garrison. Father Samperes, however, was to be arrested by the Dutch and banished to Cartagena de Indias, where he died in 1635³².

The famous Reis Magos da Barra do Rio Grande fortress, in Natal, had a first project by Gaspar de Samperes, but it was unfinished in 1612 and was redesigned by Francisco de Frias de Mesquita (c.1578-c.1645) from 1614 onwards. The Reis Magos fortress is, still today, one of the main icons of Brazilian fortification, especially due to its surrounding environment and state of conservation, but it is a project very similar to those of other Portuguese forts, such as the monumental fortress of Jesus in Mombasa, attributable to João Baptista Cairato (c.1520-1596/ 97), the drawing of which circulated in Portuguese space since the end of the 16th century³³. The Reis Magos fortress presents

³² Nestor dos Santos Lima, "Sobre a Fortaleza dos Reis Magos", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, 1948-1950, vol. XLV-XLVII, pp. 5-20; lb., Hélio Galvão, *História da Barra do Rio Grande*, Rio de Janeiro, MEC/Conselho Federal de Cultura, 1979; and others.

³³ Represented, among others, by Manuel Godinho de Erédia (1563-1623), *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feytas por ordem de Ruy Lourenço de Távora, Vizorey da Índia. Por Manuel Godinho de Erédia, cosmographo em 1610*, BNBrasil (Cart 990145-2) and in *Lyvro das Plantaformas da Índia*, facsimile edition of the copy of the library of the fortress of São Julião da Barra, with study by Rui Carita, Ministry of Defence and Inapa, Lisbon, 1999, fol. 52 v., Portugal.

another refinement in the drawing of the orillions, but this also appears at the same time in São Julião da Barra de Lisboa, in Oeiras, in São Lourenço do Funchal, on Madeira Island, among many others.

THE RECONSTRUCTION OF THE PORTUGUESE EMPIRE OUTSIDE THE IBERIAN UNION

The entire first half of the 17th century was marked by a certain instability and continuous confrontations, mainly with the Flemish squadrons and forces, not only on the coast of Brazil, where they settled, but also in the Atlantic Islands and the East. With the acclamation of D. João IV (1604-1656) a new political-military framework was opened, where the main concern would be the affirmation of sovereignty on the European continental territory, but where the overseas space and, in a special way, the Brazil - the main economic support of the Portuguese crown - gradually began to have more weight on the options taken.

For the control of the main military measures, the new crown of D. João IV establishes the War Council, an institution formed by men with a proven experience in fortification. The first directives were thus for the large-scale reform of the European continental defensive system and, although there was an awareness of the absolute need to secure the Brazilian territory, the need to obtain support at the European negotiation tables, especially with the Netherlands, led to a very cautious policy in this area.

For this vast effort, several French and even Dutch military engineers were called to Portugal. Aware of the need for Portuguese military technicians, the old military architecture class in Paço da Ribeira was restored

in 1641, then under the name of "Class of Artillery and Drawing". This class would later be instituted on 13 July 1647, as a "Fortification and Military Architecture Class", operating in Ribeira das Naus and would officially recover the old spirit of the *Architecture Class*, going from three "pensionistas" to ten parties of students in permanence and destined to the engineering service, although this number would never have been reached³⁴.

With the official reopening of this class in 1647, engineer Luís Serrão Pimentel (1613-1679), who had probably been there since 1641 already and who had been a student at the Jesuit college of Santo Antão, in Lisbon, was appointed as director. This engineer had been working as chief cosmographer since 1641, although he only received the official appointment in 1671; in fact, he also only appointed chief engineer in 1676, although he had requested such appointment already in 1663. As the chief cosmographer, he was responsible for teaching and examining pilots and masters of seafaring maps. The education of engineers continued, therefore, connected to the education of seafarers, as from the beginning of the previous century, also in Ribeira das Naus.

Luís Serrão Pimentel, in addition to a vast set of works in the nautical field³⁵, although not very innovative,

³⁴ A summary list of some of the supporters was published by Viterbo, *ob. cit.*, vol. II, pp. VI and VII, quite distant what may be read from the ten elements indicated in the institution permit.

³⁵ In his appointment letter, 14 December 1671 (Viterbo, *ib.*, Vol. II, pp. 270 and 271) they refer that the "Reformed Regiments of the *Voyage of India* [had been created], because the old one was found to be wrong and that of the *Voyage of Italy*, since there were none in those seas". He also left the *Tratado da Navegação e Pratica Especulativa, 1669 e Pratica da Arte de Navegar* (...), António Craesbeeck de Melo, Lisbon, 1673 (BNPortugal, Res., 156).



was also the author of an important set of works that clearly explain the previous pedagogical practice of Portuguese fortification and architecture, as well as its connection to a certain experimentation that, since the previous century, had shaped this area and after the Acclamation or *Restoration* wars, updated by the contact with the innumerable international theorists. His manuscripts clearly explicit the concern to compose practical work instruments, capable of carrying out a performance on the terrain and of disseminating techniques and methods adaptable to circumstances and terrains.

Killed in a disastrous horse accident near the church of Madalena, in Lisbon, he left his capital work ready to be published: o Método Lusitanico de Desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares, already dedicated to Prince D. Pedro (1648-1706), dated 1678 and published in Lisbon in ³⁶ 1680 and, although it was not the first published by a Portuguese in this area³⁷, it became a reference work during the following decades. The *Método Lusitânico* is, therefore, an interesting attempt to seek a refined

³⁶ Lisbon, António Craesbeeck de Melo, 1680. Printed with engravings by René Bietry and Manuel Mendes, 666 pp., 34 x 23 cm., There is a facsimile publication by the Direção da Arma de Engenharia, Lisbon, 1993.

³⁷ The first publication seems to have been by D. Diego Enríquez de Villegas, general of the Army of Catalonia, *Academia de fortificación de Plazas Y Nuevo modo de Fortificar una Plaza Real diferente en todo, de todos, que se hallan en los autores que desta Ciencia, y Arte escrivieran*, Madrid: Alonso de Paredes, 1651. Diogo Henriques or Diego Enríquez de Villegas (Lisbon, c. 1600; Catalonia, 11 February 1671) joined the Castilian forces at the time of the united empire of Castile and Portugal, having written several works and his fortification works were later cited by several later authors. Pub. by Fernando Cobos-Guerra in "Henriques de Villegas, primer gran tratadista portugués de la Fortificación en el siglo XVII", CEAMA magazine, no. 9, Town Council of Almeida, 2013, pp. 181 to 200.

balance between the Portuguese tradition and the most updated international theories, which shaped the fortification of the mid-17th century. Its elaboration was only possible thanks to the contact established with the countless technicians who passed through Portugal, as well as the various manuals published at the time, but at the same time, by those who, on the ground, had the opportunity to work and put this entire knowledge to the test. It is thus clear that there is a certain critical detachment from international treatises, based on the effective practice of construction and combat, which cannot be unrelated to a solid mathematical background and a pedagogical practice formed during the many years of experience of the chief cosmographer.

Throughout his work, Serrão Pimentel is not shy to criticise the excessively theoretical practices of the treatise of the Count of Pagan (Blaise François, 1604-1665), who was even invited to come to Portugal, as well as skilfully inserting a series of tables of proportional measures, taken from Dutch practices and adaptable to irregular fortifications. The engineer prudently moves away from the theoretical formulas dealing with the *ideal city*, devising a much more flexible program for the urbanisation of war fortresses, being adamant as to why he did not present any drawing in this matter, given that he found them counterproductive, "because only seldom they can be arranged in the form pointed to the fortress that only has regular elements". Thus, he paved the way for a scientific and academic practice of the bases of a specifically Portuguese urbanism, based on a centuries-old practice of a nautical country and that, in the following years, would give shape to what was perhaps best produced

in this area: the expansion into the interior of the Brazil.

THE INCREASE OF THE BORDERS OF BRAZIL

Once peace with Castile was established in 1680, Portuguese interests turned essentially to Brazil and to the attempt to maintain the fantastic borders designed by the Bandeirante expansion and which defined, for Portugal, one third of Latin America. It will be essentially in this context that the Portuguese military engineering and architecture of the following years will be developed.

The so-called *culture of longitude* theorised by Jaime Cortesão (1884-1960)³⁸ and carried out by the "bandeiras", which from the middle of the sixteenth century left from Bahia, Pernambuco and São Paulo, took advantage of the opening of the borders of Castile to the Portuguese, granted by Philip II, and successively extended the very few borders established by the Treaty of Tordesillas of 1494 to the immense Brazilian *hinterland*, considered vaguely as "no man's land". The knowledge of this vast hinterland also constituted an expansion of the border, although not official, of Brazil³⁹.

Until the discovery of gold and precious stones in the Brazilian hinterland, penetration was sporadic, with no purpose of settling in the territory, except for the cases of some Catholic missions, mainly Jesuits, who did it for other purposes. However, the effective settlement at the immense regions of the remote

³⁸ Cf., among other works by Jaime Cortesão, *História do Brasil nos Velhos Mapas*, 2 vols., Instituto Rio-Branco, Rio de Janeiro, 1971.

³⁹ Cf. J. R. Russel-Wood, "Fronteiras no Brasil Colonial", in *Oceanos*, n.º 40, *A formação territorial do Brasil*, CNCDP, Lisbon, October/December 1999, pp. 8 to 20 and Maria Beatriz Nizza da Silva, "A saga dos sertanistas", *ibidem*, pp. 148 to 158.

hinterland was progressively denied by the opposition of the indigenous peoples, or escaping from the official settlement under the control of the crown, as well as by the opposition of the climate, hostility of the environment and even the borders defined in Tordesillas almost two hundred years earlier. But with the gold found in Minas Gerais, between 1693 and 1696, the general position changed, leading to the progressive elaboration of an entirely different policy by the crown, aiming at the effective occupation of the entirety of this immense territory⁴⁰.

With the celebration in 1660 of the marriage of the Infanta D. Catarina de Bragança (1638-1705) with future King Charles II of England (1630-1685), an important dowry of millions of cruzados was paid by Brazil. Supported by this money, the English court was able to rebuild the royal finances, rebuild London, the victim of a huge fire in September 1666 and, mainly, to re-equip its armada, which would soon become the most important in the world. With the support of England, international bases were created for the recognition of Portugal's independence from the Castilian crown, and the peace treaty was signed in 1668. With the signing of this treaty, the regent D. Pedro determined that the governor of Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo (1635-1683) should found a fortress on the eastern bank of River Plate. The expedition did not leave São Vicente until the end of 1679, only after Rome guaranteed the definition of the limits of the diocese of Rio de Janeiro up to the banks of that river, a diocese created on 16 November 1676 and the fortress of Colônia do Sacramento would become, over almost

⁴⁰ Cf. Inácio Guerreiro, "Fronteiras do Brasil Colonial. A cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII", in the quoted *Oceanos* magazine, pp. 24 to 42.

100 years, one of the exchange currencies in the subsequent treaties on the boundaries of Brazil between Portugal and Spain.

Aware of the growing needs for military engineers, mainly to accompany the dazzling growth of Latin America, D. Pedro II (1648-1706) decided to support the creation of *the Classes of the Sphere and Architecture*, which even his sons⁴¹ attended. The Royal Class was again reformulated by decree of 27 May 1693 and the *model* of the *Class* of Lisbon was extended to the *Provinces of Arms* of the Portuguese continent and also to the overseas domains. In Brazil, the class of S. Salvador da Bahia appeared, in 1696 and two years later, in 1698, that of Rio de Janeiro and in 1701, that of Recife.

The quality of these classes can be assessed by the countless works that have reached us. In 1738, for example, the *Class of the Artillery Tercio* was created, on the Rio de Janeiro Train, reformulating the previous one established in 1698, regarding which we have very few elements. The course, as we would understand it today, lasted for 5 years, with the *reading* of classes, that is, with the discussion of various subjects from the partisans before the teacher, the copying of drawings and most likely exams of the various degrees. José Fernandes Alpoim (1700-1765) was placed at the head of the new class, as chief sergeant of the Tercio and who later bequeathed us the notes of his lessons, under the name of "*Exame de Artilheiros and Exame de Bomb(ard)eiros*"⁴². Alpoim was

⁴¹ *Tratado da Architectura Militar* (later amended to *Exame Militar*). *Mandado ditar por ordem do Augustissimo Dom Pedro 2º em o mosteiro de Santo Antão e mandado ensinar a todos os seus filhos pelo Padre Luiz Gonzaga*. Lisbon, without date (late 17th century) (BNAjuda, 46-VIII-23).

⁴² José Fernandes Pinto de Alpoim, *Exame de Artilheiros que comprehende Arithmetica,*

the grandson of the famous Manuel Pinto de⁴³Vilalobos, teacher of the *Class* of Minho, founded in 1701 and with whom he certainly learned the rudiments of his profession, later perfected in Brazil. The quality of these classes can also be seen in the works left by Diogo da Silveira Veloso (c. 1680-1750), a former student at the Royal Academy of Fortification, where Francisco Pimentel (1652-1706) was the teacher.

Diogo da Silveira Veloso was appointed as an engineer captain for Colonia del Sacramento in 1702 and specifically appointed to design the future fortress of Montevideo⁴⁴, later serving in several captaincies and being appointed chief sergeant and engineer *ad honorem* in 1720, for the services rendered⁴⁵. He would eventually serve as a lieutenant for the Mestre de camp général of Infantry and Artillery working as an engineer in the captaincy of Pernambuco, teaching in that captaincy's class, and leaving three long manuscripts, one

Geometria, e Artilharia, com quatro appendices, Officina de José António Plates, Lisboa, 1744, reed. with biographical note and critical analysis by Paulo Pardal, rep. Xerox, Rio de Janeiro, 1987; idem, *Exame de Bombeiros, que comprehende dez tratados...*, Officina de Francisco Martinezabal, Madrid, 1748.

⁴³ Miguel Soromenho, *Manuel Pinto de Vilalobos, da Engenharia Militar à Arquitectura*, 3 vols., Master's dissertation in Art History, FCSH-UNLisboa, 1991.

⁴⁴ 22 February 1702. BNPtugal, *Res.*, Livro 11 dos officios do *Conselho Ultramarino*, fl. V. Unfortunately, the fortress never left the paper, because the Spanish of Buenos Aires would soon remove the Portuguese from Montevideo.

⁴⁵ Viterbo, *ob. cit.*, vol. III, pp. 48 to 51. Cf. *Geometria Pratica (...) por Diogo da Sylveyra Vellozo, Tenente de Mestre de Campo General (...) Anno 1699* (BNAjuda, 49-III-2); *Opusculos Geometricos (...) Recopilados por Diogo da Sylveyra Vellozo, (...), Pernambuco. Anno de 1732; e Architectura Militar ou Fortificação Moderna. Escrita por Diogo de Sylveyra Vellozo, Tenente General de Artilharia da praça de Pernambuco, anno Salutis 1743*, 1º tomo (BNAjuda, 49-III-3), edited with analysis and comments by Mário Mendonça de Oliveira, Salvador, EDUFBA, 2005



of which from the lessons he received in 1699, from Francisco Pimentel, then cited as chief engineer⁴⁶.

ENGINEER MANUEL DE AZEVEDO FORTES AND HIS MILITARY HANDBOOKS

Engineering in Portugal would be marked in the early 18th century by the unique figure of Manuel de Azevedo Fortes (1660-1748), who studied at the colleges of Madrid, Alcalar de Henares and Plessis, in France. Having finished his studies, he would apply, successfully, to become a teacher of Philosophy at the University of Siena, in Italy, but he would never occupy that position. He would then return to Portugal in 1695, as it appears registered on 25 February 1705, when he already had “*nine years, ten months and three days*” of service, having started to serve on 18 April 1695⁴⁷.

From the time of D. João V (1689-1750) and of chief engineer Manuel de Azevedo Fortes, one observes a fundamental change in teaching, in general, of Portuguese fortification and overseas urbanism, which passes from the previous “*latitude culture*” that had informed the previous period, of essentially coastal settlement, for a new “*culture of longitude*”, theorised as already mentioned by Jaime Cortesão and according to which the official penetration into the immense overseas territory of Brazil would be privileged. The proliferation of settlements throughout the hinterland of Brazil, the so-called “*arraiais*”, outside of

royal control and, *of course, not paying any taxes to the crown*, especially in mining areas, forced the military and the royal officials to work even harder for their organisation and control.

That time was already announced, from a military point of view, with the order of the Junta dos Três Estados, which began overseeing these matters, for the translation and publication of two important works in this area: the translations of the *Governador de Praças*, by Antoine de Ville (1596-1656), from 1639, and the famous *Manual de Fortificação Moderna* by Johann Friedrich Pfeffinger (1667-1730), from Amsterdam, 1698, with the compilation of the main fortification methods used in Europe and also accompanied with a glossary⁴⁸. The edition of both of these works as real “*pocketbooks*” or “*handbooks*” and without special graphic luxuries, already announced a new time for military engineers.

In the transition from the 17th to the 18th centuries, there was the separation of the positions of chief cosmographer and chief engineer, thus leaving Portuguese urbanism to practice the naval theory of compass and rope, and, therefore, in 1720, Azevedo Fortes had a new topography manual edited, essential for field work: *Tratado do Modo o mais fácil e exacto de fazer as cartas geographicas, assim de terra como do mar, e tirar as plantas das Praças, e edificios com instrumentos e sem instrumentos* (...), published 2 years later⁴⁹. A few years later the *manuals O Engenheiro Português* came out, the most important reference work in

this area and where in the engraving that opens the first volume, Azevedo Fortes presents himself with the title of “*scholar*”⁵⁰.

The *Engenheiro Português* is a pivotal work, which, following the *Método Lusitânico* by Serrão Pimentel, which is moreover mentioned in the *prologue*, and of the most important works of the late 17th and early 18th centuries, logically reformulates and reorders the long and international Portuguese experience in this field. Azevedo Fortes insists, immediately on the *prologue*, in the assumption of the training of the *Portuguese engineer*, considering his work as not specifically done for the general public, but for the teachings of the same engineers and that “*later became the reference, to serve as the Method, for the practitioners of Military Academy*”, always insisting on continuous fieldwork and the drawing and redrawing of the various hypotheses.

Thus, the pompous fortification albums of the 16th and 17th centuries were left behind and real *handbooks* began to be used, capable of being handled in the field and carried in one’s backpack. The emphasis placed, at the time, in drawing indicates that the work of the military engineer had ceased to be predominantly carried out in a cabinet, located in coastal cities and was now moving towards the hinterland⁵¹. Thus, the continuous work carried out in Brazil

⁴⁶ Although we are aware of the opinions of the teacher Francisco Pimentel on fortification, as we have already mentioned, in 1699, we are not aware of his appointment as chief engineer. It should be added that in 1699, he appears only referred to as chief sergeant.

⁴⁷ IAN / TT, *Chanc. D. Pedro II, Doações*, 56, fl. 174 v. 12 September 1705. *A Rainha*. Trans. Viterbo, *ob. cit.*, vol. I, pp. 80 and 81.

⁴⁸ *Fortificação moderna ou recompilaçam de diferentes methodos de fortificar (...) composto na Lingua Francesa por Mr. Pfeffinger & traduzido por ordem de Sua Magestade que Deus guarde*. 2 vols. Lisbon, 1713.

⁴⁹ Of. Pascoal da Silva, Lisbon, 1722.

⁵⁰ Manoel de Azevedo Fortes, *Academico da Academia Real da Historia portuguesa, cavaleiro professo na Ordem de Christo, Brigadeiro de Infantaria dos Exercitos de Sua Magestade, e Engenheiro mór destes Reynos, etc.*, Lisboa, Manuel Fernandes da Costa, 1728-29, 2 vols, com gravuras, 22 x 32 cm.

⁵¹ Of course, this does not exclude important second-line defence work, carried out with the various decision-making centres and aimed at informing and coping the field work, of which the Portuguese and Brazilian archives are proof, such as the Overseas Historical, Historical-Military or Military Engineering, in Lisbon,

throughout much of the eighteenth century for the various demarcations of its limits, like the remaining work of military engineers within the Brazilian territory, to which we cannot fail to add explorations of a broader and *philosophical* character, as these were called at that time, of which the journey of Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), already born in Bahia, a work specially developed between 1783 and 1792, is perhaps the best and most publicised example⁵².

Manuel de Azevedo Fortes was replaced by another important name in Portuguese engineering, chief sergeant major and later brigadier Manuel da Maia (1677-1815), with whom he worked, guardian of Torre do Tombo at the time of the 1755 earthquake and the person in charge for the reconstruction of the city of Lisbon. However, some of the most important military personnel in this area worked in Brazil, such as brigadiers José da Silva Pais (de Vasconcelos) (1679-1760), who had achieved the highlight of his career in the Portuguese continent with the project and direction of the royal palace of Vendas Novas, and Custódio de Faria and Sá (1710-1792), for example, among many others, and it would be from Brazil that the substitute of Manuel da Maia, Carlos Mardel (1695-1763) and Eugénio dos Santos de Carvalho (1711-1760) would come: the later general Miguel Ângelo de Blasco (c. 1720-c. 1770). In the middle of the 18th century, Brazil thus represents the main support of the entire Portuguese colonial space, around which the main engineers circulated, even extending their work to other areas

or History of the Army, in Rio de Janeiro with several versions of the same works.

⁵² Among many, the works a *Viagem Filosófica; uma descoberta da Amazônia: 1792-1992*, Associação Promotora da Instrução, Editora Index, Rio de Janeiro, 1992 and others.

and, a little more than 50 years later, the Portuguese court moved to Bahia and then to Rio de Janeiro, reversing the previous practice of colony and metropolis.

This work does not fit the description of the immense fortification work carried out in the monumental space that is Brazil, where almost 1000 fortifications would have been built since the settlement in the first years of the 16th century and of which many more than 100 remain, although almost all quite later⁵³. We are also not going to enter into the organisation of the specific military constructions of the various captaincies, which were built or tried to be built, even because we have neither the knowledge nor the capacity to do so, given the monumentality of the work, as well as the questions of financing, which assumed specificities in the various captaincies.

CONCLUSIONS

The construction of defences in the vast territory of Brazil was one of the great epic feats of the European expansion of the Modern Period, given the enormous dimensions of the space in question, the initial lack of human and material resources, adverse climate conditions and, to a certain extent, preceded the practice of urbanism. Later, its reformulation would still condition the entire previous constructed fabric, becoming a refined theoretical

⁵³ Cit. by Ricardo Siqueira, *Fortes e Faróis*, Rio de Janeiro, 1997, p. 91 and taking the figures cited by Colonel Annibal Barreto, *Fortificações do Brasil (Resumo Histórico)*, Rio de Janeiro, 1958, so of the 860 forts built and of which 109 remained, a low number for the studies later developed, mainly with the computer resources today available, an example of which is the portal fortalezas.org, organised by the Federal University of Santa Catarina by the architect Roberto Toner and today with a large number of collaborators throughout Brazil, the Portuguese-speaking world and even beyond.

science, but in the Portuguese case, with an essentially practical and tested application along the islands and the Atlantic coasts, on either side, far beyond the Indian. In this context and in the immense space of Brazil, the Portuguese fortifications that have reached our days become a true catalogue of what the entire national and international military device has ever achieved throughout more than 500 years.

History, as a human science par excellence, is subject to innumerable myths and legends, which the current immediate and sensational experience does not fail to expand. It so happens that some fortresses are sometimes attributed to certain engineers and architects, which fail to be attested by any further analyses, since, essentially, they are a collective work of governors and, of course, also of engineers and architects, but and essentially, works of Brazilian local and military masters, who built them and maintained them for hundreds of years. The same is true of the idea of the pure regular fortification, which is only occasionally consistent in the case of the Real Forte do Príncipe da Beira, since in almost all other cases the fortresses have adapted to the places where they were built and to the objectives they intended to achieved.

Fortification techniques are almost exclusively European and international, first disseminated by countless Italian technicians working in Portugal and, later, by the united empire of Castile and Portugal. From the mid-seventeenth century onwards, the contributions of the so-called Flemish and French schools also took the stage, but to which the Portuguese always added a long, much more flexible practice, as Serrão Pimentel and Azevedo Fortes clearly demonstrate in their



works. With the strategic changes of the Portuguese court and in view of the decline in trade in Asia, from the mid-seventeenth century onwards, all the human potential available in Portugal was transferred to Brazil, even transferring oriental capital, techniques and models, without the Brazilian territory having stopped from increasing over the next century and calling for a new effort to defend these new borders.

Brazilian fortresses and the borders they defended must also be understood, like almost all of Brazilian history, in the broad context in which they took place. First, in their artic-

ulation with the Atlantic islands, where the initial forms of settlement and cultures were tested, then with the coasts of Africa, where they recruited part of the labour force, and also with the Indian Ocean, as there was always a certain circulation of staff, armadas, goods and services. The whole background must always and primarily be seen within the framework of European expansion, but with a specific capacity to adapt to a new space and a new society, the result of the crossing of multiple cultures and beliefs, in a truly original globalisation process.

The Brazilian built heritage of a military nature is exceptionally vast and diverse, rarely densified and visually aggressive, as occurs with the South American counterpart of Castilian origin, but integrating itself comfortably and aesthetically in the urban or natural landscape in which it is inserted, thus gaining a humanity that its aforementioned counterpart seldom achieves. As a whole, it constitutes, in a way, the integration and the adaptation to the environment, which has always been and is one of the great and most important qualities of Brazilian culture.

Jose Javier de Castro Fernandez*

INTRODUÇÃO

As fortificações abaluartadas de Cascais têm sido objecto de estudo nas últimas décadas e, parecendo embora conclusivas as análises, no caso da fortaleza de Nossa Senhora da Luz comprova-se que vários aspectos continuam em questão.

A fortaleza – um forte de planta triangular com três baluartes modernos – chamou a atenção para estudos de arquitectura militar devido à sua original e infrequente planta. Neste sentido, o uso deste modelo verificou-se em casos extraordinários e todos os tratados de fortificação redigidos a partir do século XVI consideraram-no como má escolha, aplicando-lhe uma crítica demolidora, em regra geral.

Praticamente todos os estudiosos dataram a fortificação da época filipina, existindo dentro deles duas correntes. Em primeiro lugar, a que assevera a sua construção em 1581 – isto é, imediatamente com a chegada de Filipe II de Espanha ao trono português – sob direcção do engenheiro Fratin; e, em segundo lugar, a que defende a datação da construção na sequência do ataque inglês a Lisboa em 1589, seguindo o desenho de Tiburcio Spannocchi. Ao longo do estudo veremos que ambas as datações e atribuições são erróneas.

Um segundo campo de estudo que permanece aberto é conformado pelos diversos projectos traçados para Cascais pelos engenheiros da Coroa Hispânica, documentados em diversos planos conservados no Arquivo Geral de Simancas. A atribuição do desenho dos planos a quem os assina tem dado origem a erros, tanto de atribuição de autoria dos projectos, como da datação da sua realização. Este ensaio trata de aclarar ambas as problemáticas, assim como alargar os dados referentes a estes projectos.

De forma resumida, veremos como o projecto atribuído pela literatura científica a Terzi, a Fratin e mesmo a Casale, não lhes correspondem, mas antes a Spannocchi, o qual não somente realizou este mas três projectos diferentes para a defesa de Cascais. O ensaio

trata da perda de importância de Terzi como construtor de fortificações na época filipina, contrastando com a atribuição do desenho de São Filipe de Setúbal, quando na verdade foi criado por Fratin. Por último estuda um caso amplamente versado anteriormente: o projecto de Leonardo Turriano, o qual fez um arremedo de um projecto preliminar do engenheiro Cristóbal de Rojas. A análise a que procederemos deste caso permitirá – novamente – comprovar que, no domínio da poliorcética, o autor do plano nem sempre é o criador da ideia desenhada.

Daremos a conhecer duas cartas inéditas da barra do rio Tejo existentes no Arquivo da Casa de Alba, datados do período dos Governadores, dos primeiros meses do ano de 1580, nas quais se detalham as fortificações existentes nesse momento crucial da história portuguesa.

01. A TORRE DE D. JOÃO II DE AVIS

João II de Avis (1481-1495) foi um rei zeloso da segurança e integridade do seu reino e este desejo reflecte-se numa política de melhoramento das fronteiras com duas grandes actuações: a primeira na fronteira terrestre, contra uma possível interferência dos Reis Católicos, e a segunda na defesa do estuário do Tejo, para proteger a capital do reino e a chegada das riquezas do ultramar. A crónica de D. João II de Portugal fala-nos desta política defensiva do rei de forma bastante clara num parágrafo correspondente ao ano de 1488: *“Estando el Rey em muyta paz, e amizade com os Reys de Castella, como muyto prudente Principe fazia sempre, e ordenava suas cousas antes de auer necessidade dellas. E no começo do anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, com muyto cuidado, e diligencia mandou prouer, fortalecer, e repartir todas as Cidades, Villas, e Castellos dos extremos de seus Reynos, assi no repairo, e defensam dos baluartes, cauas, muros, e torres, como em artilharias, poluora,*



salitre, armas, almazens, e todallas outras cousas necessarias”¹.

A situação não era tão idílica quanto poderia parecer no texto do cronista real, e as suspeitas permaneceram entre as duas monarquias. Juana la Beltraneja estava exilada em Portugal, o que constituía um perigo constante para os Reis Católicos e a relação de João com parte da alta nobreza portuguesa não era muito boa, chegando a ser chamado de “*príncipe tirano*” ou também de “*príncipe perfeito*” – qualificativos nada antagónicos, mas complementares –, após as execuções de vários dos principais nobres do reino, como o Duque de Bragança, o Duque de Viseu ou o Bispo de Évora. Esta situação de confronto com a alta nobreza era um perigo que podia derivar em seu domínio ou levar a uma intervenção externa, para além de sempre existirem atritos entre nobres fronteiriços² que podiam atear a chama de um conflito entre os reinos de Portugal e de Castela.

Entre as fortificações realizadas por D. João II a partir de 1488 para defender a fronteira terrestre contra Castela, destaca-se o castelo de Pinhel, na zona da Beira, as reformas de vários castelos, como Olivença e Montalegre, com “*baluartes*”, ou os três castelos que em 1494 decidiu construir e melhorar “*mas abaxo de Miranda a la raya de Castilla*”, destacando, pela sua importância, o situado “*en el lugar de Bemioso que es en la frontera de Alcañices entre Miranda y Braganza y es dos leguas de la raya de Castilla*”³. Conhecemos também importantes acções globais, como a reparação das fortalezas da zona entre o Tejo e o Guadiana⁴.

A segunda acção de fortificação realiza-se na barra do Tejo, a chamada “*garganta do*



Figura 1. Vista de Cascaes por Georg, Braun e Franz Hogenberg em Civitates Orbis Terrarum / Vista de Cascaes por Georg, Braun y Franz Hogenberg en Civitates Orbis Terrarum.

reino”, para evitar uma invasão estrangeira que pudesse sufocar a capital, ou que os corsários se apoderassem das mercadorias e riquezas do Oriente, e para isso delineou um projecto interessante com novas fortificações. Mais uma vez, a crónica⁵ de D. João II dá-nos uma informação preciosa quando narra que: “*mandou fazer entam a torre de Cascaes com sua caua, com tanta e tam grossa artilharia, que defendia o porto; e assi outra torre, e baluarte de Caparica defronte de Belém, em que estaua muyta e grande artilharia, e tinha ordenado de fazer hua forte fortaleza, onde ora está a fermosa torre de Belem, que el Rey dom Manoel, que santa gloria haja, mandou fazer, pera que a fortaleza de hua parte, e a torre da outra tolhessem a entrada do rio*”. Vemos que existem três fortificações propostas por D. João II para a defesa da barra do rio Tejo e da capital do reino: Cascais, Caparica e Belém, embora apenas as duas primeiras tenham sido feitas durante o seu reinado, visto que a terceira foi concluída no século XVI pelo seu sucessor, D. Manuel I de Portugal.

Para se conhecer o âmbito do projecto de Cascais temos, para além da crónica régia, duas outras fontes principais que são duas representações gráficas do século XVI e parte da torre e plataforma de artilharia que ainda se mantêm integradas na fortificação abaluartada, construída na segunda metade do século XVI.

A defesa construída em Cascais por D. João II é constituída por três elementos principais⁶: uma grande torre quadrada coroada com quatro guaritas nos cantos, à moda da segunda metade do século XV no

¹ Chronica del rey dom loam II de gloriosa memoria por García de Resende, capitulo LXX.

² Como a disputa ocorrida em abril de 1487 entre o Senhor de Alcoutim e o Conde de Ayamonte, por este estar a construir um novo castelo no seu domínio de Sanlúcar de Guadiana.

³ José Javier de Castro Fernández. A riqueza cartográfica das fortificações da Raia na Época Moderna através de quatro exemplos. CEAMA 2016, p. 64-65.

⁴ Marco Oliveira Borges. A torre defensiva que D. João II mandou construir em Cascais: novos elementos para o seu estudo. História. Revista da FLUP. Porto, IV Série, vol. 5 - 2015, 104.

⁵ Chronica del rey dom loam II de gloriosa memoria por García de Resende, capitulo CLXXXI.

⁶ Georg, Braun y Franz Hogenberg. Vista de Cascaes em Civitates Orbis Terrarum.

Figura 2. Cascaes por Antonio de Holanda inserta na Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal. / Cascaes por Antonio de Holanda inserta en la Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal.



reino de Castela e Leão, tendo anexado um edifício rectangular com comprimento igual à altura da torre e, por último, uma grande plataforma de artilharia com a sua parede de defesa perimetral que apresenta várias troneiras voltadas para o rio Tejo (figura 1). Estes dados, retirados do desenho incluído na obra “*Civitates Orbis Terrarum*”, são complementados com um desenho datado de cerca de 1530, atribuído a António de Holanda⁷, e que se insere na obra “*Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal*”, e onde é desenhado a torre de Cascais com uma linha de ameias e rodeada por uma poderosa muralha que possui aberturas para a boca de artilharia voltadas para o rio Tejo (figura 2).

Uma diferença importante entre os dois desenhos é o coroamento da torre: enquanto o desenho do *Civitates Orbis Terrarum* tem uma cobertura com estrutura em ardósia, muito comum no norte da Europa, mas totalmente descontextualizada com a época e a área geográfica de Portugal – para ser obra do final do século XV –, no desenho de António de Holanda a torre aparece com uma simples ameia. Esta segunda opção é mais lógica se pensarmos que uma cobertura tão ostentativa impediria o terraço de ser utilizado como plataforma de artilharia e como farol, servindo para avisar as outras torres do complexo defensivo da barra do Tejo de qualquer ameaça naval. Esta composição de torre com edifício anexo e plataforma de artilharia em Cascais

é semelhante à construída na Caparica e guarda uma semelhança, não estilística mas funcional, com a de Belém.

Na estrutura da actual fortificação abaluartada de Cascais está englobada a torre de D. João II, o que nos permite conhecer as dimensões da sua planta e altura actuais - as mesmas do castelo, pelo que está seguramente demolida –, assim como a sua distribuição interior que deve ter atingido quatro pisos e a edificação anexa com duas alturas. As medidas da torre são de cerca de 8 metros, lateralmente, com espessura de parede de um metro, e a plataforma de artilharia onde assentava a edificação teria cerca de 22 por 24 metros de lado. Um elemento interessante para datar o edifício são as troneiras de orbe e cruz⁸, semelhantes às existentes na cerca urbana de Cascais⁹ e também na torre da Caparica, que nos remetem em ambos os casos para a segunda metade do século XV, muito distintas das canhoneiras do início do século XVI que a torre de Belém possui. Estamos perante uma instalação militar em Cascais que, apesar de não apresentar grande poder de fogo ou grande dimensão, seria suficiente para a época em que foi construída - finais do século XV - e que contava com duas grandes vantagens face aos efeitos da débil artilharia naval inimiga disponível – ao passo que, muito pelo contrário, no que diz respeito aos efeitos que provocaria no navio atacante - e os sempre complicados baixios da foz do rio Tejo que embaraçariam as manobras de aproximação das embarcações inimigas. Na foto aérea do castelo (figura 4) pode ver-se perfeitamente a situação da torre, a sua dimensão em relação à fortaleza abaluartada, e a posição e dimensão da plataforma de artilharia situada entre a torre e as margens do rio Tejo, confirmando a disposição que se encontra na gravura do *Civitates Orbis Terrarum*, e que mais tarde foi

Figura 3. Troneira de orbe e cruz na torre de D. João II. / “Orb and cross” embrasure in the tower of D. João II.



⁷ Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal.

⁸ Margarida Magalhães Ramalho. A torre de Cascais. Uma perspectiva arqueológica. Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município. Nº 7. 1988.

⁹ Guilherme Cardoso y João Pedro Cabral. Apontamentos sobre os vestígios do antigo Castelo de Cascais. Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município. Nº 7, 1988, pp. 77 a 90.



usada por Filipe Terzi (1580) para construir uma bateria de pedra que tentaria impedir o desembarque das tropas do Duque de Alba durante a “Felicíssima Jornada”.

A crónica de D. João II diz que a torre dispunha também de um fosso, construção que lhe permitiria uma melhor defesa contra um inimigo que desembarcasse e atacasse pela retaguarda. Não devemos esquecer que Cascais era uma vila senhorial enquanto a torre tinha um carácter régio, pelo que importava a D. João II que a nobreza pudesse ocupar a fortificação e, para evitar qualquer revés, o melhor seria dispor de uma defesa forte também do lado de terra, aspecto que vemos na cava e, sobretudo, na gravura de António de Holanda, onde se representa uma poderosa muralha que circundava e isolava a torre de menagem do rei da muralha e castelo senhorial de Cascais.

É possível que a altura da torre tenha sido rebaixada na época Filipina, para regularizar toda a fortaleza e poder formalizar uma grande plataforma de artilharia contínua, pois nessa altura a função de farol já não era tão importante – comunicação por sinais com as outras fortalezas do Tejo – mas antes alcançar uma poderosa capacidade de fogo que impedisse o acesso de navios inimigos. Esse processo de rebaixar a torre de menagem daria sentido à informação

oferecida na crónica de Herrera¹⁰: “Mando el Duque ahorcar luego de las almenas del castillo de Cascaes al alcaide y dos artilleros de dos piezas que tenían asentadas contra la villa”, dados que o cronista Escobar¹¹ completa: “Y confessados y ordenadas sus ánimas los subieron a lo más alto del castillo donde los ahorcaron, al alcayde de una almena, y a los dos artilleros de dos gruesas piezas de las que allí havia, a la parte de afuera del omenaje, para que toda la gente los pudiesse ver desde Cascaes”. Vemos como ambos os cronistas se referem à existência de uma grande torre que sobressaía da altura média do castelo, que se avistava da vila e que, portanto, não pode ser outra que a torre da época de D. João II. Sobre o momento do desmonte da torre de D. João II contamos com um documento de Junho de 1597¹², sobre o que é proposto fazer na zona superior do castelo: “retirar-lhe-emos a gentileza que ficará oculta pela elevação da plataforma”.

02. O CASTELO ABALUARTADO DO REGENTE D. HENRIQUE

Na segunda metade do século XVI o modelo defensivo de D. João II, e especificamente a torre de Cascais, era insuficiente face aos ataques navais cada vez mais frequentes dos corsários franceses. A partir da crónica do Rei D. Sebastião, vemos como o regente e seu tio, o cardeal D. Henrique, tentou reforçar a defesa do estuário do rio Tejo com um novo programa.

O dia 20 de Janeiro de 1568 é a maioria de D. Sebastião, ao cumprir os 14 anos, e seu tio, o cardeal Infante D. Henrique, perante toda a Corte, faz uma lista das conquistas em matéria militar que alcançou durante a regência e entre elas está: “Fesce a fortificação de S. Gaião; de Cascaes, de Setuvel, da Atouguia, & dos mais lugares

Figura 4. A torre de D. João II está marcada com “x”, observando-se como ficou englobada pela estrutura abaluartada. / The tower of D. João II is marked with an “x” and it is clear that it was enveloped by the bulwarked structure.

¹⁰ Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 112.

¹¹ Antonio de Escobar. Recopilación de la felicísima jornada que la catholica real magestad del rey don Phelipe nuestro señor hizo en la conquista del reyno de Portugal. Valencia 1586. capitulo XXIV, p. 31.

¹² BNM. Mss. 6.198.



Figura 5. Plano da fortificação de Cascais. Manuel Acácio Pereira Lourenço, 1966. / *Plan of the Fortification of Cascais. Manuel Acácio Pereira Lourenço, 1966.*

Figura 6. Baluarte frontal da fortificação. Podemos apreciar a sua forma tão aguda e estreita, e como as casamatas dos flancos dos baluartes opostos ficam descobertas perante o ataque da artilharia inimiga. / *Frontal bulwark of the fortification. We can appreciate its very sharp and narrow shape, and how the casemates on the flanks of the opposing bastions are uncovered in the face of an attack by enemy artillery.*



do Algarve, & a Torre da banda de Caparica; proveo-se para se fazerem fortificações em, todas as Ilhas, & haver ordem na gente delias; & se mandou para isso artilharia, munições, & armas”.¹³

Da citação pode deduzir-se que o Regente fala de duas coisas, a primeira das obras que realizou enunciando as fortalezas onde trabalhou durante o período da sua regência entre os anos 1562-68, destacando as realizadas na zona de Lisboa (S. Julião da Barra, Cascais, Setúbal e a torre da Caparica); e, em segundo lugar, afirma que, além de construí-los, dotou-os de meios para se defenderem com soldados, artilharia, munições e armas.

O problema é determinar qual o grau de realização do Regente, embora possamos pensar que se ele disse tal num momento tão solene - a coroação do rei - e perante as mais altas instâncias do reino, tinha que ser algo importante, e não esqueçamos que são fortificações situadas nos arredores de Lisboa, pelo que todos os presentes sabiam perfeitamente se o que ele dizia era verdade. Em todo caso, era absurdo e desnecessário para seu prestígio que mentisse ou quisesse alardear algo que não era verdade ou que as obras executadas fossem insignificantes. Portanto, pensamos que as fortificações abaluartadas de S. Julião e de Cascais, o beneficiamento da torre velha da Caparica e da grande torre que se ergue na baía de Setúbal - elementos recolhidos na planta inédita da Casa de Alba que reproduzimos neste artigo - são deste período da regência, de grande importância e novidade dentro da situação defensiva da capital do reino, conforme registado na crónica real.

O cardeal D. Henrique manda construir em Cascais uma nova fortificação abaluartada, mas com uma curiosa planta triangular com três baluartes nos cantos, o que não é muito comum na fortificação abaluartada, visto que se considera na maioria dos tratados de fortificação que é o traçado mais imperfeito de todos. Não obstante, podemos pensar que, dado o propósito principal de ter uma

grande capacidade ofensiva contra o rio Tejo, por isso que se colocam os seus dois baluartes enquanto que para a frente de terra bastava um baluarte, defesa suficiente ao supor que os corsários não desembarcariam e, menos ainda, que atacariam a povoação de Cascais.

Apesar de tudo, o que é desconcertante é a utilização de um baluarte tão pontiagudo na frente de terra, quando a utilização deste tipo de baluarte está totalmente defasada para o período da sua construção, na década de 60 do século XVI, e muito menos pela datação dada pela maioria dos estudiosos da edificação, que remonta ao ano de 1590.

Dado o pequeno tamanho do baluarte, é escassa a defesa a partir das casamatas nos flancos, pois possui apenas um canhão, enquanto que a praça superior mal dá para o manuseio de dois canhões. As medidas deste baluarte apresentam-se muito reduzidas para uma fortificação abaluartada, com as faces de 26 e 24 metros, os traveses de 5 metros e uma gola de 9 metros, dispoendo ainda de orelhões para defesa das casamatas, mas são tão pequenos que não impedem que sejam perfurados pelas peças da artilharia inimiga.

Outro elemento que indica a sua antiguidade ou obsolescência - seja a partir dos anos 60 ou dos anos 90 do século XVI - é que os baluartes são ocós, com várias salas abobadadas no interior, um grave defeito para o que se encontra na frente de terra, sofrendo o assédio da bateria de artilharia de cerco. Novamente, este detalhe nos remete-nos para os baluartes desenhados antes de 1540, pois nessa época os baluartes começavam a deixar de ser ocós para se terraplanarem e, sem esquecer que as muralhas também não têm terraplenos (outro grave inconveniente em caso de ataque de artilharia), constituindo elemento comum nas fortalezas com baluartes da segunda metade do século XVI. Este defeito é afirmado em 1590 pelo governador da fortificação de Cascais, Nuño Orejón, quando advertia que “com qualquer pequena bateria o inimigo abrirá a porta sem

¹³ Manoel dos Santos. História Sebástica, contém a vida do augusto príncipe o senhor D. Sebastião, rey de Portugal. Lisboa 1735, fol. 120.



ser impedido, por ser de abóbada e pedra sem qualquer terrapleno".¹⁴

Este tipo de baluarte pontiagudo também estava presente na fortaleza de S. Julião da Barra, outra das fortificações construídas durante a regência do Cardeal D. Henrique, e esse detalhe chamou a atenção de Giovanni Battista Gesio, um dos informantes de Felipe II, avisando em 1580 que os dois baluartes da frente de terra têm ângulos muito agudos¹⁵. Esta característica comum a ambas as fortalezas permite-nos atribuí-las ao mesmo engenheiro, convindo pelo menos considerá-las da mesma altura, durante a menoridade de D. Sebastião.

03. AS FORTIFICAÇÕES ABALUARTADAS TRIANGULARES

As fortalezas de planta triangular, com três baluartes muito pontiagudos, são bastante raros na arquitectura militar, já que a partir de meados do século XVI os diversos tratados consideravam errada essa forma de construir e que só podiam ser usados em áreas onde não poderia haver outra. No caso de Cascais, não apenas se observa uma planta

¹⁴ AGS. GA, leg. 288, fol. 112.

¹⁵ Sylvie Deswarte-Rosa. De l'emblemata à l'espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal, in II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.182.

com forma inusitada como ainda, e isso é o fundamental, está mal colocada, ao situar frontalmente um baluarte contra a frente de ataque.

A mais famosa fortaleza de planta triangular com três bastiões da Coroa Hispânica foi projectada por Antonio Ferramolino para La Goleta de Túnez, em 1535, após a conquista da cidade por Carlos V (figura 8). Uma vez ocupada a cidade, e para ser subjugada, o imperador reúne, na própria Túnis, os seus principais especialistas para acertar a melhor forma de fortificar La Goleta. Entre os membros destacam-se militares e engenheiros da estatura de Hernando de Alarcón, Antonio Ferramolino, Juan María Buzzacarino, Ferrante Gonzaga, Benedito de Ravena, Luis Pizaño, o conde de La Torela e os irmãos Betto e Gerolamo Medici¹⁶. A decisão desta reunião de especialistas presidida pelo próprio Carlos V foi construir um forte de forma triangular com três bastiões, e colocar um deles apontado para a frente de ataque. Modelo que, como podemos comparar entre as figuras 8 e 9, foi seguido pelo engenheiro que mais tarde desenhou a fortaleza de Cascais.

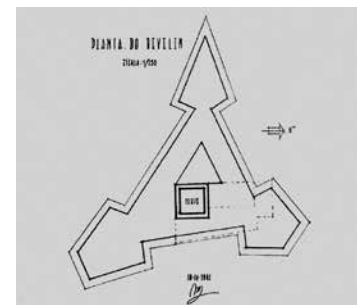
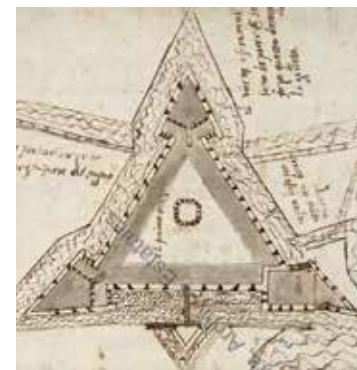
O reino de Portugal receberá estes conhecimentos sobre o forte triangular de La Goleta por duas vias: uma após a viagem a Itália de Francisco de Holanda (1538-1540), patrocinada por D. João III; e a segunda pelo engenheiro Benedito de Ravenna, um dos engenheiros que participaram da viagem africana a Túnis, e que em 1541 dirigia a novas fortificações de Mazalquivir e Ceuta em conjunto com o engenheiro Miguel de Arruda.

O problema é que as mudanças drásticas sofridas pelo projecto imperial para a Tunísia não chegaram a Portugal. Já em 1539, o governador de La Goleta criticou muito acertadamente as falhas do traçado do novo forte de três bastiões e a colocação de um deles voltado para o local onde o inimigo podia assentar a bateria de ataque: "porque

Figura 7. Baluarte frontal da frente de ataque. Vemos como o reduzido tamanho não permite cobrir as canhoneiras dos flancos do baluarte oposto, no caso de ataque com artilharia. / *Front bulwark of the attacking front. We see how the small size does not allow to cover the embrasures on the flanks of the opposite stronghold, during an artillery attack.*

Figura 8. Plano de La Goleta de Túnez em 1535. AGS. MPD. 19-104. / *Plan of La Goleta de Túnez in 1535. AGS. MPD. 19-104.*

Figura 9. Plano da fortaleza de Cascais. Manuel Acácio Pereira Lourenço, 1965. / *Plan of the Cascais fortress. Manuel Acácio Pereira Lourenço, 1966.*



¹⁶ José Javier de Castro Fernández y Javier Mateo de Castro. Tijeras y tenazas como innovación tecnológica: De San Telmo de Nápoles a La Goleta de Túnez (1535-1574), p. 177. Guerra y tecnología. Interacción desde la Antigüedad al Presente. María Gajate y Laura González (Editoras). Madrid 2017.

como a fortaleza está apontada e a ponta vai à parte... onde a artilharia pode ser colocada nesta fortaleza, deixa os traveses descobertos”; e propôs por sua vez um modelo diferente, para fazer uma “cortina direita entre os seus dois torreões, um do lado do mar e o outro do lado de terra, ficando cobertos os traveses, que não podiam ser batidos de nenhuma extremidade”, isto é ter uma tenaz, como seria plasmada pelo engenheiro Pedro Luis Escrivá na sua obra inédita *“Apología en excusación y favor de las fabricas que se hacen por designio del comendador Scriva en el reino de Napoles y principalmente de la del castillo de San Telmo compuesto en dialogo entre el Vulgo que la reprueba y el Comendador que la defiende”*.

Tampouco é de estranhar que Francisco de Holanda e Miguel de Arruda não soubessem dessa importante modificação, porque o alcaide de La Goleta, Fernando de Tovar, o fez sem a autorização expressa da Corte, e assim se expressou um desconcertado Bernardino de Mendoza ao reportar à Coroa, em Julho de 1545, sobre a evolução das obras do castelo: *“a obra e o traçado desta fortaleza são muito diferentes do que tinha compreendido e no meu tempo sua majestade havia ordenado”*.¹⁷

Vemos que a concepção dos fortes de La Goleta de Túnez e de Cascais é idêntica, ao usar um forte triangular e colocar um baluarte frontal muito acentuado na frente de terra e na área do canal (em Cascais seria o rio Tejo) os dois baluartes. Comparando os dois planos, vemos que o desenhador de Cascais – já no período da regência do cardeal D. Henrique – assume um desenho antigo de 1535, e não sabe que este modelo estava desactualizado antes do final dos anos trinta do século XVI.

Vimos que Francisco de Tovar aponta que o principal defeito da força tunisina é que *“esta fortaleza deixa os traveses descobertos”* à artilharia inimiga e que, em caso de ataque, o inimigo tentará desmontar os

¹⁷ José Javier de Castro Fernández, Javier Mateo de Castro. Las primeras fortificaciones abaluartadas en La Goleta de Túnez. International Conference on Modern Age fortifications of the Mediterranean coast. Firenze 2016, p. 295-302.

canhões do flanco dos bastiões para tornar o forte indefeso. É curioso que nos dois ataques que Cascais sofreu com a artilharia durante o século XVI, o resultado foi uma rendição rápida e, em ambos os casos, o inimigo utilizou o mesmo sistema. No cerco de 1580, o Duque de Alba atacou o castelo com apenas três peças de artilharia e, como nos conta o cronista Antonio de Herrera, *“uma peça do exército desalojou outra do castelo, fazendo-a em pedaços com a morte de um artilheiro”*¹⁸, dados que Alonso Zimbron complementa: *“desde o primeiro tiro abateram uma peça de artilharia que tinham contra a nossa, com a qual nos podiam ofender mais”*¹⁹; e em 1589, durante o cerco inglês, ocorreu a mesma acção e novamente o cronista narra que o castelo *“teve duas peças de artilharia explodidas”*²⁰. O engenheiro Tiburcio Spannocchi no seu relatório à Coroa de 1590 sobre Cascais dava conta deste grave defeito do forte: *“os dois travesilhos que guardam as frentes desta ponta são de pouco espaço e descobertos de tal forma que com alguns tiros são retirados e derrubados”*²¹.

O alcaide do forte de Cascais, Capitão Nuño Orejón, com grande experiência em questões de fortificação, tenente-general da artilharia do reino de Portugal, indica num relatório de Outubro de 1590 que nos dois cercos foram causados muitos danos, a partir de uma das torres do recinto da vila, dado que Spannocchi também relata acrescentando que: *“Será bom mandar arrasar uma torre na muralha da vila que está mais eminente que a fortaleza”*²². Graças aos planos existentes desde finais do século XVI, podemos determinar claramente qual é a torre da zona urbana de Cascais de onde

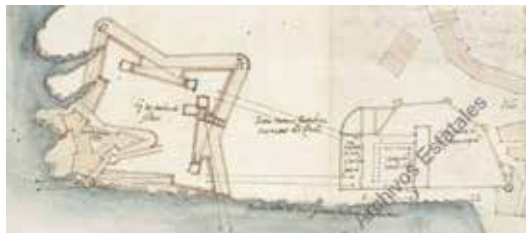
¹⁸ Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 111vº.

¹⁹ Carta de Alonso Zimbrón a García Pareja, fecha en Badajoz a 5 de agosto de 1580. CODOIN, Madrid 1862, tomo XL, p. 366.

²⁰ Relación de lo sucedido del armada enemiga del reyno de Ynglaterra a este de Portugal con la retirada a su tierra este año de 1589. BNM, Mss. 18579/8, fol. 81.

²¹ AGS. SGU, leg. 3694. “Hay un torreón que ya hecho mucho daño al castillo en los dos sitios pasados y convendría bajarlo hasta la mitad”.

²² AGS. SGU, leg. 3694.



a artilharia inimiga descobria e anulava as duas canhoneiras que defendiam o bastião da frente de ataque (figura 10). Na figura 11 vemos a solução que Tiburcio Spannocchi deu no seu projecto de 1590, que consistia na construção de uma pinça formada por dois bastiões inteiros unidos por uma cortina recta que protegia completamente os flancos dos canhões do atacante.

04. OUTROS FORTES TRIANGULARES ABALUARTADOS PORTUGUESES

A fortaleza triangular de Cascais é frequentemente comparada a duas outras fortificações portuguesas. O primeiro é o castelo de Santa Maria de Larache ou Nossa Senhora da Europa, de planta triangular, construída na segunda metade do século XVI, sobre a qual o engenheiro Bautista Antonelli comenta (Dezembro de 1610 que *“Tem forma triangular, toda abobadada, tem pouco espaço e por ter uma forma tão má como é a triangular, não se lhe pode construir fortificação alguma e ter pouco aproveitamento das muralhas por serem os ângulos tão muito agudos”*²³. Vemos que esta fortaleza tem os mesmos defeitos de Cascais, a figura triangular, não tem terraplenos, é pequena, e com baluartes de ângulos muito agudos. Este castelo de Larache foi considerado, com base na afirmação do engenheiro Antonelli²⁴, que

²³ AGS, GA, leg. 744.

²⁴ Francisco Javier Bueno Soto. Larache y la La Mamora. Dos fortificaciones españolas en tiempos de Felipe III. p. 57.

foi construído por engenheiros ao serviço do Rei D. Sebastião de Portugal após o desastre de Alcácer-Quibir²⁵.

A segunda fortaleza é Santa Catarina de Figueira da Foz, construída por ordem de Filipe I de Portugal a partir de 1585, com uma planta triangular de três baluartes, podendo relacionar-se com a fortaleza de Cascais para mostrar que ambas são do período filipino. Porém, excepto pela traça triangular com seus três baluartes, nada mais existe de semelhante entre as duas fortalezas. As diferenças começam pela implantação respeitante à frente de ataque: enquanto a da Figueira, estando bem posicionada, apresenta uma cortina recta e com as casamatas abrigadas da artilharia inimiga, em Cascais existe um baluarte agudo deixando os seus canhões sem defesa dos flancos.

A solução da forma dos baluartes também é totalmente diferente. Enquanto Santa Catarina dispõe de pequenas tenazes denominadas *“cauda de andorinha”* (idênticos aos que constam na planta de um castelo triangular no Arquivo da Casa de Alba, realizada durante as campanhas italianas do III Duque Fernando Álvarez de Toledo, 1555-1558), os baluartes dos Cascais são muito pontiagudos e, portanto, muito longos. Vemos com esses dois exemplos uma evolução, sobre como os engenheiros militares tentam adaptar a planta

²⁵ Sobre a construção dos fortes de Larache ver: Fernando Cobos Guerra. Espías, traidores y renegados. Fortificación y espionaje en los siglos XV y XVI. En El ingeniero espia. Alicia Cámara Muñoz y Bernardo Revuelta Pol, coordinadores. Madrid 2018, p. 30-33.

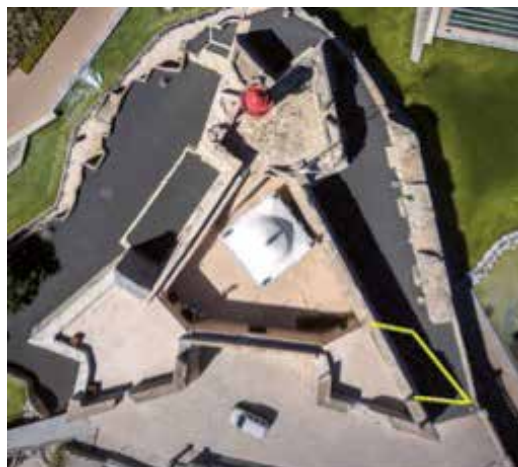


Figura 10. A partir do plano de Felipe Terzi recriamos a torre da cerca urbana que foi utilizada para atacar a fortaleza nos assédios de 1580 e de 1589. AGS. MPD, 31-006. / From Felipe Terzi's plan, we recreate the tower of the urban enceinte that was used to attack the fortress during the sieges of 1580 and 1589. AGS. MPD, 31-006.

Figura 11. Projecto de Tiburcio Spannocchi, desenhado por Felipe Terzi. / Tiburcio Spannocchi project, drawn by Felipe Terzi.

Figura 12. Planta do forte de Santa Catarina de Figueira da Foz, com os seus característicos baluartes em cauda de andorinha. / Plan of the fort of Santa Catarina de Figueira da Foz, with its characteristic *“swallow tail”* ramparts.



Figura 13. Planta inédita de um projecto de fortificação para el III duque de Alba, de mediados del siglo XVI, idéntica a la que se construyó en Figueira da Foz en 1585. / Unpublished plan of a fortification project for the III Duke of Alba, from the middle of the 16th century, identical to the fortification built in Figueira da Foz in 1585.

triangular e eliminar parte dos defeitos e inconvenientes detectados na década de 40 do século XVI. Tenta-se eliminar os baluartes pontiagudos, longos e estreitos, e desenhar um novo sistema a partir desta cauda de andorinha que corta o baluarte, o que o torna menos vulnerável, e também aproveita melhor o espaço da plataforma superior do baluarte para o local da artilharia frontal. Tudo isto leva-nos a poder demonstrar que quem desenhou o castelo triangular de Cascais teve a sua formação nos anos 30-40 do século XVI e que não evoluiu com a adopção das novas tendências e avanços no domínio da fortificação.

05. OS ENGENHEIROS DO FORTE TRIANGULAR DE CASCAIS

Vimos que o forte de Cascais foi construído com uma tecnologia dos anos 30-40 do século XVI, tendo uma planta triangular, baluartes muito agudos e estreitos, vazios (com salas abobadadas) e cortinas sem terraplano; e temos para a sua autoria dois candidatos que são os engenheiros portugueses, Francisco de Holanda e Miguel de Arruda.

A formação militar de Francisco de Holanda iniciou-se quando viajou pela Itália e Espanha, enviado por D. João III de Portugal entre os anos 1538-40, e numa altura em que o forte de La Goleta de Tunis acabava de ser construído por Antonio de Ferramolino, seguindo o modelo proposto pelos principais engenheiros da Coroa Hispânica no conselho de especialistas presidido pelo próprio imperador, após a conquista da cidade do norte da África. Francisco de Holanda esteve em Nápoles, local de desembarque do Imperador após a captura de Túnis, e onde o traçado do novo forte foi conhecido em primeira mão.

Holanda parece ter sido, ao regressar a Portugal, o mais indicado para dirigir e desenhar as novas fortalezas abaluartadas que D. João III de Portugal pretendia construir. No entanto pede a Carlos V que lhe empreste um dos seus engenheiros mais qualificados, nomeadamente Benedito de Ravenna. Este técnico é destacado para

o Norte de África para desenhar as novas defesas de Mazagão e Ceuta, mas o engenheiro português para o acompanhar e conhecer o novo sistema abaluartado não é Holanda, mas Miguel de Arruda.

Miguel de Arruda tornou-se o principal engenheiro militar do reinado de D. João III e do período de regências, até a sua morte em 1563. A sua formação militar nasceu pela mão do engenheiro Benedito de Ravenna, um dos principais engenheiros do reinado de Carlos V e que esteve no conselho de engenheiros que decidiu a forma da fortaleza de La Goleta de Túnis. Ele trabalha com Ravenna no desenho das novas muralhas de Mazagão e de Ceuta e o conhecimento da validade do sistema de um castelo triangular apontado para a frente de ataque vem, em primeira mão, do engenheiro Ravenna.

Em Dezembro de 1548 Miguel Arruda é nomeado “*mestre das fortificações*” em Portugal e na Índia²⁶, passando a chefiar o projecto e execução das fortalezas militares do Rei D. João III, o que faz com que Francisco de Holanda não só seja postergado mas também que os seus projectos futuros devam passar pelo filtro de Arruda.

Há um momento em que Arruda pode ter sabido da modificação do projecto original de La Goleta, quando coincide em 1549 com Ferramolino²⁷ na fortificação de Seinal (Norte da África), embora pensemos que o engenheiro italiano não deveria ter-lhe falado sobre o assunto depois da humilhação sofrida, ao ver como um engenheiro de sua qualidade teve que modificar um projecto aprovado pelo imperador, criando um descrédito excessivo sob pressão de um alcaide.

Francisco de Holanda foi desprezado ao longo do reinado de D. João III e das regências subsequentes de Dona Catarina e de D. Henrique, em favor de Miguel de Arruda e seu sucessor no cargo de “*Mestre das Obras de Fortificação*”, até à chegada do novo Rei D. Sebastião, para quem

²⁶ Sousa Viterbo. Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portugueses ao serviço de Portugal. Lisboa 1899, tomo I, p. 72.

²⁷ Luiz Walter Coelho Filho. A fortaleza de Salvador na Baía de Todos os Santos. Petropolis 2015.

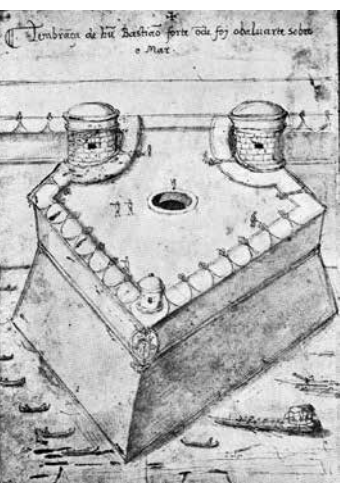


Figura 14. Projecto de um baluarte vazio por Francisco de Holanda, incluído no seu tratado “Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa”, de 1571. / Project of a hollow bastion by Francisco de Holanda, included in his 1571 treatise “Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa”, de 1571.

realizou, em 1571, um interessante projecto de melhoramento das fortificações da barra do rio Tejo. Apesar dos seus esforços, o novo rei também não o terá em consideração como engenheiro militar, embora as suas ideias sejam retomadas anos mais tarde por Manuel de Portugal – durante o “reinado” de D. António, prior do Crato. O projecto de Holanda para melhorar a defesa do estuário do rio Tejo consistia em: “as fortalezas de Belém e de S. Julião reforçadas, reparadas e terminadas; (...) e isto, com alguns baluartes fortes que respondam da outra banda da Trafaria e da zona da Adiça (...) ou, se for possível, tendo uma pedra ou um alicerce seguro, este baluarte poderia ser feito no meio do cabeço onde rebenta o mar dos cachopos [baixios], que responde mais certo a S. Julião”²⁸.

A principal obra que propõe é a construção de um forte de forma triangular no meio do rio – a zona de Cachopos – em frente ao forte de S. Julião da Barra, e destaca-se pelo plano que propõe – triangular –, embora o que finalmente será feito nos fins do século XVI, tenha uma planta circular. Este forte é a ideia principal do tratado, já que com respeito a S. Julião da Barra se limita a indicar que deverá melhorar-se a defesa e omite qualquer relação com a fortificação de Cascais. Podemos considerar que Francisco de Holanda não faz um estudo global sobre a defesa do estuário, mas se limita a propor uma nova obra (ideia inovadora que será levada em conta por engenheiros posteriores do final do século XVI) mas que não possui a importância atribuída pela maioria dos autores que estudaram seu tratado.

Existem dois elementos no forte de Cascais que podem servir para fazer pender a balança para um ou outro dos engenheiros. A primeira é a decoração almofadada que adorna a fortaleza, e que parece mais ao gosto de Francisco de Holanda, se contarmos com os desenhos que ele incorporou após a sua viagem à Itália no “*Álbum dos Desenhos das Antigualhas*” (1538-1540) ou na “*Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa*” (1571), elemento decorativo

²⁸ Francisco de Holanda. *Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa*. 1571, capítulo IV, fol. 6.



Figura 15. Projecto de Francisco de Holanda de 1571 para construir un fuerte en Los Cachopos del rio Tajo. / Francisco de Holanda's project, 1571, to build a forte in the shallows of river Tagus.

que, pelo contrário, não se encontra nos projectos de Miguel Arruda.

O segundo elemento é de natureza técnica e consiste na forma da casamata e do orelhão do baluarte que a fortaleza de Cascais possui, com um curioso corte recto que se assemelha ao dos baluartes da muralha de Lagos. Parece que esta fortificação no sul de Portugal foi construída por volta de 1553 durante o reinado de D. João III, razão pela qual Miguel de Arruda teve de intervir como responsável pelas fortificações reais, senão no seu desenho, pelo menos para dar a sua aprovação.

06. AS FORTIFICAÇÕES DE D. ANTÓNIO, PRIOR DO CRATO

D. Henrique de Avis morre a 31 de Janeiro de 1580, sem nomear um sucessor ao trono português, mas um dos pretendentes, D. António, Prior do Crato, consegue ser proclamado Rei de Portugal a 19 de Junho de 1580 mas, pese embora a existência de um conselho de regência, pode considerar-se que ele agiu de facto como rei desde a morte do rei-cardeal.

Uma das principais medidas tomadas por D. António – e antes de ser nomeado rei – foi melhorar a defesa da barra do rio Tejo para

Figura 16. Portada da fortaleza de Cascais com decoração almofadada. / Entrance of the fortress of Cascais, with decoration.





Figura 17. Flanco e orelhão recto do baluarte do forte de Cascais. / Straight flank and orillion of the bulwark of the fort of Cascais.

evitar que o outro pretendente, Filipe II de Hausburg, invadisse Lisboa para conseguir a anexação do reino. Para tanto, D. António terá como base duas personalidades de prestígio: por um lado o governador da Índia Diogo de Meneses, e em segundo lugar Manuel de Portugal, como perito em fortificações. D. António nomeia-o responsável pelo projecto das novas fortificações de defesa de Lisboa, com o título de “*Fortificador-mor do Reino*”²⁹, e contará com a colaboração dos engenheiros Filipe Terzi, para a zona do rio Tejo, e Juan Núñez para o Rio Sado, na zona de Setúbal³⁰.

Conhecemos o alcance das obras concebidas por Manuel de Portugal e executadas por estes engenheiros³¹, graças às informações que vários informantes sediados na Corte de Lisboa durante os primeiros meses de 1580 forneciam à Coroa Hispânica de vez em quando, e que alargavam e completavam os dados dos dois cronistas castelhanos.

A crónica de António de Escobar narra que uma das primeiras medidas do Prior do Crato foi a fortificação de Cascais: “*E dali embarcou para Cascais, onde colocou Henrique Pereyra de la Cerda como prefeito do castelo com oitenta soldados, e daí foi entrincheirando dois lugares da marina onde os castelhanos pudessem tomar o porto, e neles colocou muita quantidade de peças de combate nas trincheiras com um grande número de soldados*”³². Por seu turno, a história de Antonio Herrera eleva as posições defensivas “*em três fortes que os portugueses fizeram na marina para defender do desembarque*”³³.

Os primeiros dados documentais das construções para melhorar as defesas

de Cascais, levadas a cabo por ordem de D. António, datam de Março de 1580 e mostram que o objectivo principal era tentar impedir o desembarque de tropas filipinas nas praias de Cascais. Temos três cartas entregues por Juan Antonio de Merlo e Oberto Spinola que nos informam do desenvolvimento dessas obras. No dia 12 de Março alertaram para o início das obras “*de fábrica*”³⁴ em Cascais; posteriormente, em 21 de Abril, confirmaram que as obras foram ideia de Manuel de Portugal e materializadas pelo engenheiro Filipe Terzi e que trabalhavam até 400 pessoas, sendo o objectivo das obras, no que diz respeito a Cascais, “*impedir a entrada do porto aos navios*”³⁵. Dois dias depois detalham o âmbito das construções, informando que “*em Cascais fazem-se quatro baluartes, um de cal e pedra e os outros de pedra sem cal*”. Além disso, revelam dados importantes sobre o desenvolvimento e execução das obras, como terem para financiá-las 100 ducados, que os vizinhos sejam obrigados a trabalhar de graça e que quem não compareça tem uma pena de meio tostón – que o próprio Spinola quantifica em dois reais e meio –, que a execução das obras decorre lentamente e que ao construir essas plataformas de artilharia “*com cimentos fracos e finos*”³⁶, não seriam capazes de resistir a um ataque de canhão.

Por outro lado, um informante chamado Gregorio Sarmiento de Valladares, em 4 de Maio de 1580, alertou para a construção de dois fortes, um localizado próximo ao mosteiro de Santo António de Cascais – onde, em 1590, Giovanni Vincenzo Casale construiria um forte – e outro próximo do forte triangular de Cascais. O objectivo deste último forte é “*para a artilharia atirar baixo porque, segundo o que me dizem, onde está agora (o castelo) não pode pescar nábio de remo*”³⁷. Três dias depois, ampliou a informação: “*Em Cascais estão prontos dois fortes de madeira terraplanados para*

²⁹ Rafael Moreira y Miguel Soromenho. Engenheiros militares italianos em Portugal. (Séculos XV-XVII). p. 115. In *Architetti e ingegneri militari italiani all'estero dal XV al XVIII secolo*. Volume secondo. 1999. A cura di Marino Viganó.

³⁰ AGS. Estado, leg. 416, fol. 170-1.

³¹ Informe del licenciado Padilla, finais de Março de 1580. Estado 415, fol. 281.

³² Antonio de Escobar. Recopilación de la felicísima jornada que la catholica real magestad del rey don Phelipe nuestro señor hizo en la conquista del reyno de Portugal. Valencia 1586. cap. III, p. 14.

³³ Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 112.

³⁴ AGS. Estado, leg. 415, fol. 337.

³⁵ AGS. Estado 415 fol. 342.

³⁶ AGS. Estado 415 fol. 343.

³⁷ AGS. Estado 415, fol. 171.

Figura 18. Flanco e orelhão recto de um baluarte da muralha urbana de Lagos. / Straight flank and orillion of the bulwark of the urban wall of Lagos.



*impedir qualquer desembarque que se proponha de pessoas*³⁸.

Além dos dados escritos dos informantes remunerados de Filipe II, vários desenhos também foram feitos para delimitar com maior precisão não só o local preciso de construção, mas também a envergadura da obra, sendo bom exemplo disso um plano existente no Arquivo da Casa de Alba. Neste desenho (figura 20), a localização de um forte na praia entre o castelo triangular e a cidade fortificada foi indicada com a legenda “*aqui foram feitas as novas estacas*”, e outro forte depois da cidade, em direcção ao mosteiro de Santo António em que aparece: “*Desembarcadero principal*”.

Assim, vemos como Manuel de Portugal, com a ajuda do engenheiro Terzi realiza vários trabalhos nas praias de Cascais para evitar o desembarque das tropas de Filipe II, colocando terraplenos onde colocar peças de artilharia, e linhas de estacas de madeira. Para além de uma interessante obra no forte de Cascais, constituída por uma plataforma de pedra calcária entre o castelo e a margem do rio, mais baixa que o castelo e praticamente ao nível do rio, para atacar com artilharia e armas ligeiras sobre as galés quando se aproximavam da costa. Os vestígios existentes de uma plataforma anexa ao castelo e construída em cal e pedra na zona exterior da margem do rio podem ser os restos desta obra documentada nos primeiros meses de 1580.

Contamos com um interessante plano de Felipe Terzi, feito “*in tempo dos sres. governadores*”³⁹, em que se destacam as principais obras realizadas durante os primeiros meses de 1580 para o Prior do Crato, e em que Cascais é representada como uma fortaleza de forma triangular e com uma pequena plataforma de artilharia nas margens do rio Tejo. Este mapa inclui também os novos fortes de Cabeça Seca, Trafaria e uma fortificação de Setúbal, embora sejam omitidas todas as pequenas obras que foram realizadas nas margens do Tejo e do Sado. Temos uma importante informação enviada à Coroa Hispânica que detalha essas obras:

*“Na Barra de Setúbal está iniciado um forte; na torre de S. Julião, que fica em Lisboa, fazem-se quatro fortes; um na Cabeça Seca sobre madeira; um diferente na Trafaria que fica na banda de Almada e fica em frente a S. Julião e Cabeça Seca; Outro forte é construído onde surgem as galeras, que se chama Paço de Arcos, em uma colina chamada Santa Catarina de Ribamar. Outro forte se faz na outra banda da Trafaria. Frente da marina do Senhor de Cascais. Mais um desembarcadero em Santo António de Cascais onde agora fazem um forte”*⁴⁰.

Em Junho de 1580, Felipe Terzi já tinha certeza do desfecho da luta desigual entre D. António e Felipe II, por isso decidiu passar para o lado dos Hausburg⁴¹, deixando as obras de fortificação de Cascais e seu litoral

⁴⁰ AGS. Estado 416, fol. 125.

⁴¹ F Ribeiro da Silva. A diplomacia secreta de Filipe II em Portugal e os mesteiros de Lisboa (1579-1580).

Figura 19. Plano de Felipe Terzi que mostra as fortificações que projectou em inícios de 1580 por orden de Manuel de Portugal. PT-TT-CCDV-29, 016. / Felipe Terzi's plan showing the fortifications he projected at the beginning of 1580 by order of Manuel de Portugal. PT-TT-CCDV-29, 016.



³⁸ AGS. Estado 416, fol. 172-31.

³⁹ PT-TT-CCDV-29, 016.

sem engenheiro militar, e certamente por terminar na sua totalidade.

07. O PLANO DO ARQUIVO DA CASA DE ALBA

Vimos a importância dos informantes filipinos para se conhecer a situação das fortificações da barra do rio Tejo, mas esta obra já tinha começado antes da morte de D. Henrique. Um dos primeiros relatos é feito por despacho do Marquês de Santa Cruz⁴², em Abril de 1579, com o objectivo de recolher dados sobre o forte de Cascais e saber se “o castelo das Cascaes foi fortificado e que gente está nele, que artilharia

Figura 20. Planta existente no Arquivo da Casa de Alba da ribeira do rio Tejo, destacando-se o forte de S. Julião da Barra com uma planta errónea de quatro baluartes e o forte triangular e muralha urbana de Cascais. / *Plan existing in the Archives of House of Alba on the banks of the river Tagus, highlighting the fort of S. Julião da Barra with an erroneous plan of four bulwarks and the triangular fort and urban wall of Cascais.*

Estudos de Homenagem a Jorge Borges de Macedo. Lisboa 1992, p. 263.

⁴² AGS. GA, leg 89, fol. 65.

e que munições”, ou qual a melhor posição para “plantar artilharia” contra a fortaleza. Também dignos de nota são os dados fornecidos pelo embaixador Juan de Borja entre 1569-1575, perante D. Henrique I de Portugal, e que definiu “Cascais que é um lugar, cinco léguas de Lisboa ao norte, um lugar aberto, tem um Castillejo até à marina, coisa de muito pouca importância”⁴³.

No Arquivo da Casa de Alba encontramos três importantes planos que datamos do período de regência e mesmo dos últimos meses do reinado de D. Henrique I, entre 1579-80, que relatam a situação das fortificações existentes na foz dos rios Tejo e Sado, e que serviram a Fernando Álvarez de Toledo, III Duque de Alba, na Campanha de Portugal.

Num primeiro plano⁴⁴ (figura 20) desenha-se a zona mais afastada da foz do rio Tejo, incluindo a fortaleza triangular de Cascais e a de S. Julião, desenhada com planta de quatro baluartes, quando na realidade tem cinco, erro para o qual não foi dada uma explicação plausível por aqueles que estudaram este plano. Esta falha da espionagem filipina é esclarecida pelo informante Juan Bautista Gesio⁴⁵, numa carta de Julho de 1580 dirigida à Coroa Hispânica, avisando que apesar de se considerar que este forte tinha “*quatro baluarti a modo de bonete di clerigo*”, afirma que “*lo chi le ho visto*” para então afirmar que a planta correcta do edifício é “*cinque baluarte*”, especificando que dois se encontram na frente de terra e os outros três na margem do rio Tejo.



⁴³ Carta remetida por Juan de Borja a Felipe II desde Praga em 27 de febrero 1580, in Sylvie Deswarte-Rosa. De l’emblemata à l’espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal. II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.172.

⁴⁴ Reproducido em Margarida Magalhães Ramalho. Roteiros do Património de Cascais. Fortificações Marítimas. Cascais 2010, p. 15.

⁴⁵ Carta remetida em 4 de Julho de 1580 por Gesio a Felipe II, in Sylvie Deswarte-Rosa. De l’emblemata à l’espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal. II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.182.



Este primeiro plano completa-se com outro (figura 23) – não publicado até à data –, em que a descrição da barra do Tejo prossegue no sentido de Lisboa, destacando-se a torre de Belém e a ilha da Cabeça Seca⁴⁶, não estando porém desenhado o forte de madeira que Manuel de Portugal mandara construir ao engenheiro Filipe Terzi, pelo que podemos considerar que o plano é anterior a Março de 1580.

O terceiro plano inédito da Casa de Alba⁴⁷ (figura 24) é fantástico e de grande importância para compreender a evolução da fortificação portuguesa na época anterior à chegada ao trono de Filipe II, visto que representa todas as defesas do rio Tejo, desde a foz até Lisboa, inclui também o rio Sado com as fortalezas deste sector. Consideramos que foi desenhado nos primeiros meses de 1580 por vários motivos. O primeiro porque não há obras provisórias – especialmente da Cabeça Seca – executadas por Terzi e que ele considera no seu plano⁴⁸, sem esquecer que em meados de 1580 Felipe II já havia recebido uma cópia dos projectos de Terzi⁴⁹; o segundo porque a fortaleza de S. Julião da Barra está bem representada com os seus cinco baluartes; e o terceiro porque não aparecem as obras realizadas por Fratin, a partir de 1581, para a construção da nova fortaleza de S. Filipe em Setúbal e das extensões da fortaleza de S. Julião da Barra.

A existência destes três planos da documentação pessoal do III Duque de Alba só pode dever-se ao facto de fazerem parte dos vários desenhos que utilizou para a campanha em Portugal e ocupação de Lisboa, e dizemos que devem ser anteriores porque não faz sentido que fossem desenhados durante o vice-reinado de Fernando Álvarez de Toledo (1581-1582), por já não terem qualquer valor estratégico e já ter sido ordenado pelo rei a Fratin para fazer uma cartografia precisa da barra dos rios Tejo e

Sado, para construir as duas novas fortificações de S. Julião da Barra e de S. Filipe de Setúbal.

Podemos pensar que o autor desta grande planta do Arquivo da Casa de Alba, que inclui as fortificações situadas nos rios Tejo e Sado, foi Juan Bautista Antonelli, porque em Março de 1580 este engenheiro já tinha dado conta de todos os pormenores defensivos “de Setúbal, e da foz do porto de Lisboa”⁵⁰ ao Duque de Alba. Estes sítios são precisamente aqueles de que trata a planta existente no arquivo da Casa de Alba, representando em pormenor as fortalezas que o Duque de Alba teve de atacar e os vários locais onde o Duque de Alba liderou o seu ataque a Lisboa. Em todo caso, o plano foi feito por quem sabia espanhol – já que se usam termos como “La torre vieja” ou o uso dos artigos “la, los, del”. (*La Trafaria, Los Cachopos* ou *N^a S^a del Cabo*).

Passamos a detalhar as fortalezas desenhadas no plano.

Cascais

Na margem direita do rio Tejo, quase na foz, a vila está representada com a legenda “Cascais” como uma vila heterogénea em que se destaca a igreja paroquial. Um forte triangular é desenhado com três baluartes, dois localizados em direcção ao mar e um em direcção à terra, rodeados por um fosso. Este dado reafirma a tese de que o forte foi construído antes da entrada de Filipe II em Portugal e, portanto, durante a regência do cardeal D. Henrique, não incluindo também as obras concebidas por Manuel de Portugal e executadas pelo engenheiro Filipe Terzi no início de 1580, principalmente o terraplino de pedra situado na cortina das margens do rio Tejo.

Santo António da Barra

Continuando ao longo da costa entre Cascais e S. Julião, o forte de Santo António, projectado por Casale no início de 1590, não aparece no mapa, embora em 1 de agosto



Figura 21. Detalhe do forte de S. Julião da Barra, representado com quatro baluartes. / Detail of the S. Julião da Barra fort represented with four bulwarks.



Figura 22. Detalhe da muralha e forte triangular de Cascais. / Detail of the wall and triangular fort of Cascais.

Figura 23. Plano existente no Arquivo da Casa de Alba da ribeira do rio Tejo, destacando-se a Torre de Belém e a ilha da Cabeça Seca, antes das fortificações propostas por Filipe Terzi. / Plan existing in the Archives of House of Alba on the Tagus River, with the Torre de Belém and the Cabeça Seca island standing out before the fortifications proposed by Filipe Terzi.



⁴⁶ Arquivo da Casa de Alba. Plano inédito.

⁴⁷ Arquivo da Casa de Alba. Plano inédito.

⁴⁸ PT-TT-CCDV-29,161.

⁴⁹ A 6 de Maio de 1580 o informante Gregorio Sarmiento obtivera uma cópia do projecto de Terzi para a fortificação da Cabeça Seca. AGS. Estado 416, fol. 172-31.

⁵⁰ Carta do duque de Alba ao secretario Delgado, datada de Llerena a 6 de abril de 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 41.



Figura 24. Plano existente no Arquivo da Casa de Alba, dos estuários Tejo e Sado. / *Plan existing in the Archives of House of Alba, on the banks of river Tagus and Sado.*

de 1580 Juan de Albornoz tenha escrito ao secretário Delgado que: *“Este lugar (Cascais) foi tomado ontem; hoje o forte foi tomado e aprisionado nele D. Diego de Meneses, e o forte de Santo António também foi tomado”*⁵¹. Este forte foi mandado construir por Manuel de Portugal conforme consta de uma lista das suas obras: *“Outro desembarcadouro em Santo António de Cascais, onde agora*

⁵¹ Carta de Juan de Albornoz ao secretário Delgado, datada de Cascais a 1 de agosto 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 343.

*se constrói um forte para aí ter artilharia porque a de Cascais não chega lá”*⁵², dados confirmados pelo informante Valladares em Maio de 1580: *“dizem que junto do forte de Santo António de Cascais há outro forte”*⁵³. Como esta obra do forte de Santo António não consta da planta, temos uma nova informação que reafirma que foi realizada antes dos primeiros meses de 1580.

São Julião da Barra

Seguindo a margem da margem direita temos o forte que leva o nome de “S. Giam”, desenhado com um total de cinco baluartes, dois para a frente de terra e três para a frente de mar. Consideramos que quem desenhou este plano visitou todos e cada um dos locais, como vimos anteriormente como fez o informante Juan Bautista Gesio, e não como aquele que desenhou a outra planta do Arquivo da Casa, ao representar um forte com quatro bastiões, seguramente porque só o via – se o via – de terra e não a partir do rio Tejo. Por tudo isso podemos considerar que os diversos espíões ao serviço de Filipe II não estavam relacionados entre si, mas que cada um dava conta das informações que estava colectando, e já na Corte estava sendo processado para ratificar ou descartar os dados de cada uma das fortalezas.

S. Lourenço da Cabeça Seca

No mapa, em frente ao castelo de S. Julião da Barra, está inscrito o termo “*Los Cachopos*”, mas não se desenha nenhuma fortificação que Manuel de Portugal mandou construir a Filipe Terzi, e que este anota no seu mapa de 1580. A 26 de Junho de 1580, o duque de Alba escreveu ao secretário Zayas: *“Que tenham uma boa guarda no castelo de San Jean, e no que foi fortificado novamente em Cabeça Seca, se aqueles que o fortificaram já não são mais por D. António”*⁵⁴. O cronista António de Herrera⁵⁵ data estas obras da

⁵² AGS. Estado 416, fol. 125.

⁵³ AGS. Estado 416, fol. 170-1.

⁵⁴ Carta do duque de Alba a Filipe II, datada de Cantillana em 26 de Junho de 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 175.

⁵⁵ Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro segundo, p. 62.



época dos Governadores: “Na foz do Tejo encomendaram a D. Manuel de Portugal e ordenaram-lhe que fortificasse a ilha de Cabeça Seca e o Cachopo, que fica à entrada do mar no rio Tejo”, dados ratificados por dois espíões de Filipe II, Juan Antonio Merlo e Oberto Spinola, em relatório de 4 de Março⁵⁶. Novamente, esta omissão das fortificações de Cabeça Seca no plano ajuda-nos a datá-lo dos primeiros meses de 1580, ou mesmo de antes da morte do rei D. Henrique.

Torre de Belém

Depois do forte de S. Julião da Barra está representada a Torre de Belém, sem as modificações que Manuel de Portugal se propôs construir em particular: “dizem-me que querem pavimentar o topo desta torre de Belém”⁵⁷, nem sequer constam as obras provisórias que foram feitas na zona de Santa Catarina de Ribamar⁵⁸.

Lisboa

Chegamos a Lisboa, que é defendida no topo pelo castelo de São Jorge, representado por quatro torres circulares de aspecto muito medieval, e ao qual não foram incorporadas as benfeitorias propostas por Francisco de Holanda no seu estudo de 1571⁵⁹. Ressalta também que as muralhas da cidade não estão desenhadas, o que pode significar que o redactor do plano não considerou que possuísem entidade defensiva suficiente para resistir a um cerco ou, como era sabido, presumiu que seria inútil explicitá-las.

Torre Velha da Caparica

na margem esquerda do Tejo temos, em frente à Torre de Belém, uma construção denominada “La Torre Vieja” que corresponde à que D. João II mandou construir no final do século XV, na zona da Caparica. Esta fortificação tinha uma estrutura semelhante à de Cascais, com torre, corpo e plataforma de artilharia ao nível da água mas, devido ao enquadramento do desenho, não pode

⁵⁶ AGS. Estado, leg. 415, fol. 336.

⁵⁷ AGS. Estado 416, fol. 170-1.

⁵⁸ AGS. Estado 416, fol. 125.

⁵⁹ Francisco de Holanda. Fabrica que faleça ha cidade de Lysboa. 1571, capítulo III, fol. 8.

ser apreciada a extensão da obra, embora possamos intuir que o desenhador não prestou mais atenção ao considerar que esta torre teria pouca importância militar para a manobra de ataque do III Duque de Alba sobre Lisboa.

Almada

Também na margem esquerda do Tejo e em frente de Lisboa encontra-se o castelo de Almada, representado por quatro torres circulares de aspecto medieval, sem qualquer obra moderna, e a vila sem muralhas, o que fez com que fosse tomada sem resistência pelas tropas do duque de Alba.

Sesimbra

mais a Sul encontra-se o castelo de Sesimbra, o denominado “Castelo dos Mouros” de planta regular, com ameias nas muralhas e quatro torres circulares que lhe conferem um aspecto medieval e sem qualquer fortificação moderna a ser registada, o que coincide com a descrição feita em 20 de Julho de 1580 pelo duque de Alba ao rei: “Sesimbra, que é um local com até quinhentas casas com o seu castelito”⁶⁰. Apesar de tudo, deveria haver alguma fortificação na vila porque em Maio de 1582 foi levado de Sesimbra para o novo castelo de S. Filipe de Setúbal um canhão de bronze que pesava 80 quintais e disparava balas de 30 libras⁶¹.

Setúbal

A vila de Setúbal é representada por uma muralha que a rodeia, sem aditamentos do século XVI, desenho que corresponde à descrição do cronista Herrera: “são velhas cercas e torres quadradas”.⁶²

A TORRE DE OUTÃO

Nos arredores de Setúbal, o plano da Casa de Alba desenha uma torre de planta

⁶⁰ Carta do duque de Alba a Filipe II, datada do cabo Espichel a 20 de Julho de 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 334.

⁶¹ AGS. CMC, 2ª época, leg. 496.

⁶² Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 101.



Figura 26. Planta da fortaleza de S. Julião da Barra. / Plan of the fortress of S. Julião da Barra.

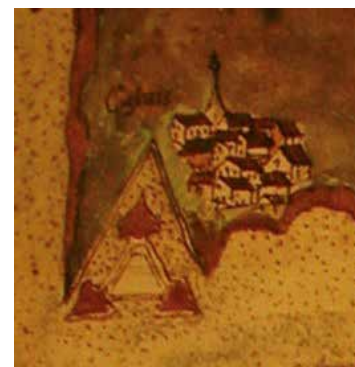


Figura 25. Desenho da vila e forte triangular de tres baluartes de Cascais. / Drawing of the village and triangular fort, with three bulwarks, of Cascais.

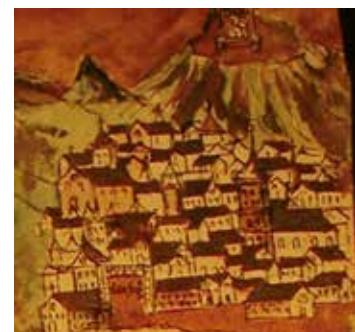


Figura 27. Desenho da cidade de Lisboa. / Drawing of the city of Lisbon.



Figura 28 Desenho da vila e castelo de Almada. / Drawing of the village and castle of Almada.



Figura 29. Desenho da vila e castelo triangular de Sesimbra. / Drawing of the village and triangular castle of Sesimbra.

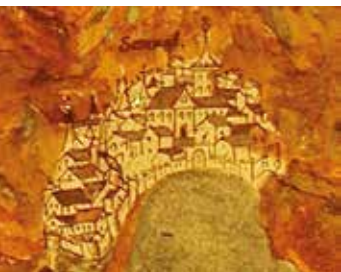


Figura 30. Desenho da vila e muralhas de Setúbal.



Figura 31. Desenho da torre de Outão. / Drawing of Outão Tower.

regular bastante elevada e com três linhas de canhoneiras mais o terraço superior, e um recinto baixo que envolve a torre e que funcionaria como grande plataforma de artilharia. Esta torre é certamente aquela que o Cardeal D. Henrique de Avis mandou construir durante a regência de D. Sebastião, e descrita em 1580 por Juan de Borja, ex-embaixador de Filipe II na Corte de Portugal: “Setúbal, que é um porto capaz de grandes armadas e está a cinco léguas de Lisboa, da parte de Poente, tem um pequeno castelo na foz do rio”.⁶³

A importância desta torre é destacada pelo duque em carta dirigida ao rei em 14 de Julho de 1580: “o que pensei até agora é atacar primeiro a torre da cidade, para limpar o porto para a armada, porque uma vez ganha a torre, os navios podem entrar sem serem ofendidos a partir da cidade”.⁶⁴ No dia 18 de Julho o duque deu nova informação ao rei sobre a torre do porto de Setúbal: “a maior força que a torre tem é a dificuldade com que lá pode ser transportada a artilharia, que depois de transportada é fácil tomá-la, segundo me dizem”.⁶⁵ Francés de Álava, capitão-geral da artilharia, ratifica esta opinião e numa carta de 25 de Julho de 1580, relata que o castelo de Outão “ali era considerado implacável, porque não podia ser vencido por terra, e por mar é impossível afrontá-lo, porque dispõe de cinquenta grandes peças de artilharia e outras pequenas, assente sobre uma rocha muito forte”.⁶⁶

O cronista Antonio de Herrera traz uma nova informação: “É assim reconhecida a torre da barra do porto, que é fortificada a la Moderna com três cavaleiros, embora

⁶³ Carta remetida por Juan de Borja a Filipe II desde Praga em 27 de Fevereiro de 1580, in Sylvie Deswarte-Rosa. De l’emblemata à l’espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal. II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.172.

⁶⁴ Carta do duque de Alba a Filipe II, datada de Alandeira a 14 de Julho de 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 246.

⁶⁵ Carta do duque de Alba a Filipe II, datada de Setúbal a 18 de Julho de 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 279.

⁶⁶ Carta de Francés de Álava ao secretário Zayas, datada de Setúbal em 25 de Julho de 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 297.

pequenos, tendo por alcaide um nobre chamado Mendo de la Mota, com cem soldados e quarenta e sete peças de artilharia, dezassete de espessura em bronze e o resto em ferro fundido e bronze”, dados muito semelhantes aos contidos num documento depositado na Biblioteca da Ajuda em Lisboa⁶⁷. Por seu turno o cronista Escobar localiza com precisão a fortificação: “um grande castelo a que chamam torre de Outão, que ficava a uma légua de Setúbal, que dali aparece no sopé de uma montanha muito alta e acidentada, e em frente ao castelo golpeia-o o mar”.⁶⁸

Mais uma vez vemos que o desenho do Arquivo da Casa de Alba foi feito nos primeiros meses de 1580 por não contemplar a obra provisória do forte que Manuel de Portugal⁶⁹ mandou fazer, e de que o licenciado Padilla informava Filipe II, a 30 de Março de 1580.

08. A DATAÇÃO DO FORTE TRIANGULAR ABALUARTADO

A primeira datação do castelo triangular de Cascais foi efectuada em meados da década de 1960 pelo estudioso Acácio Pereira Lourenço que propôs um período de construção entre 1576/1580, durante o reinado de D. Sebastião⁷⁰. Mais tarde, já na década de 80 do século passado, Rafael Moreira atrasou o período de construção para o período de 1563/64 durante a regência do cardeal infante D. Henrique, e outorgou a sua autoria ao engenheiro Tommaso Benedetto de Pésaro⁷¹.

Posteriormente, iniciaram-se os estudos de Margarida de Magalhães, que em 1991 defendeu que o forte é do período filipino ao

⁶⁷ Miguel Soromenho. Portugal na monarquia ibérica en Omaggio agli Antonelli (a cura di Mario Sartor). Udine 2004, p. 275.

⁶⁸ Antonio de Escobar. Recopilación de la felicísima jornada que la catholica real magestad del rey don Phelipe nuestro señor hizo en la conquista del reyno de Portugal. Valencia 1586, cap. XI, p. 21.

⁶⁹ AGS. Estado 415, fol. 281.

⁷⁰ Lourenço, Acácio Pereira, Jornal da Costa do Sol, 26/2/66.

⁷¹ Moreira, Rafael, A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal, in Actas do Simpósio Internacional do IV centenário da morte de João de Ruão (separata), Coimbra, 1981.



afirmar que “em 1580 a fortaleza de N.^a S.^a da Luz, tal como a conhecemos, ainda não estava construída, estando, pois, ou porto e a vila de Cascais defendida pela velha torre joanina, única fortificação permanente, com excepção do castelo medieval”⁷².

Com base no seu trabalho, os estudiosos das fortificações de Cascais que se seguiram aceitam este mesmo critério, e mesmo Acácio Pereira Lourenço e Rafael Moreira rejeitam as suas afirmações anteriores e defendem o novo postulado, e até este último também aceita a nova atribuição da fortaleza triangular ao engenheiro Tibúrcio Spannochchi⁷³ e que foi construída a partir de 1590.

Tornado consensual que o trabalho do forte triangular é do período filipino, o problema surge entre os vários estudiosos sobre qual período a atribuir. Existem duas correntes, uma minoritária que considera que o castelo foi construído logo que o trono foi ocupado por Filipe II (portanto, a partir de cerca de 1581), com a atribuição imediata ao engenheiro Fratin. A segunda corrente, que é maioritária, seguindo os postulados de Margarida e Moreira, considera que o edifício foi construído pouco depois do ataque inglês de 1589 e sob a autoria de Tiburcio Spannocchi, embora existam outros autores que atribuam o seu desenho ao engenheiro Giovanni Vincenzo Casale⁷⁴. Quanto à primeira possibilidade, a de o forte triangular ter sido desenhado por Fratin e, portanto, construído no início da ocupação da Coroa Hispânica, temos dois dados muito interessantes para afastar essa hipótese. A primeira, aquando da ampliação do castelo de S. Julião da Barra, os habitantes de Cascais foram obrigados a ir às obras mas desculparam-se, em Outubro de 1581, dizendo: “estão ocupados a preparar estradas e a



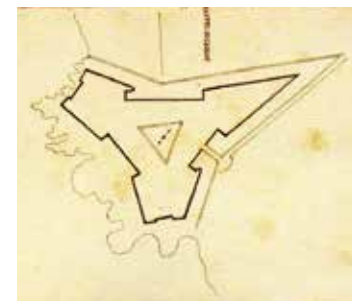
Figura 32. Plano do forte de Cascais. Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, M. II.I.281. / Plan of the Cascais fort. Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, M. II.I.281.

levar mantimentos para a corte de S.Mag.”⁷⁵ e, curiosamente, em nenhum momento eles afirmaram que estavam construindo o castelo triangular; o segundo dado é quando Filipe II vai a Cascais e relata, numa carta de 2 de Outubro de 1581 às filhas que: “fomos a uma casa (o palácio de António de Castro, senhor da vila) que está boa e algumas peças pintada”⁷⁶, mas não comenta o facto de o castelo poder estar em construção, facto que não teria passado despercebido, quão meticuloso era, e estando o forte tão perto do palácio. No entanto, outras cartas de Filipe II dirigidas às suas filhas informavam sobre os trabalhos que estavam a ser realizados nas fortalezas de S. Julião da Barra e de S. Filipe de Setúbal.

A segunda linha de atribuição, que afirma que foi construída em 1590 e projectada por Tiburcio Spannocchi é muito fácil de descartar, já que o próprio engenheiro, num relatório daquele ano, expôs os defeitos defensivos do forte triangular e propôs algumas melhoramentos⁷⁷, pelo que dificilmente poderia tê-lo projectado.

Há uma segunda informação para negar que tenha sido construída depois do ataque inglês: uma carta do director Nuño Orejón de 1590, na qual informa que: “Naquela cidade não havia mais que uma igreja que, por ser muito pequena, estava sendo aumentada e o príncipe cardeal ordenou que as obras parassem porque ficava a 300 passos do

Figura 33. Planta do forte de Cascaes. Istituto Storico e di Cultura dell' Arma del Genio, Roma, Códice BB 951/C.51, fol. 26. / Planta do forte de Cascaes. Istituto Storico e di Cultura dell' Arma del Genio, Roma, Códice BB 951/C.51, fol. 26.



⁷² Margarida de Magalhães Ramalho. A Fortaleza de Nossa Senhora da Luz. Arquivo de Cascais - Boletim Cultural do Município. Nº 10, 1991, pp. 28.

⁷³ Rafael Moreira. Leonardo Turriano em Portugal. In Leonardo Turriano ingeniero del Rey. Madrid 2010, p. 136.

⁷⁴ Jorge Correia. “Determino mandar um destes italianos ... para melhor poderdes efetuar essa fortificação”. Estudos Italianos em Portugal, 12, 2017: 157.

⁷⁵ Marino Vigano. El Fratin mi ynginiero. 2004, p. 341.

⁷⁶ Fernando Bouza. Cartas de Felipe II a sus hijas. Madrid 1998, p. 57.

⁷⁷ AGS. SGU, leg. 3694.



Figura 34. Detalhe da fortaleza de Cascais pelo Conde Stefano Angaro. / Detail of the Cascais fortress by Count Stefano Angaro.

castelo”⁷⁸. No mesmo sentido Spannochi regista no seu relatório: “a igreja da cidade que agora começa a ser fabricada seria muito conveniente que fosse construída em outro lugar onde não precisaria ser demolida em tempo de suspeita porque a parte onde tem actualmente obras pode ter efeitos de danos pelo castelo”.

Vemos como em 1590 o arquiduque Alberto da Áustria, (vice-rei entre 1583-1593), decidiu interromper as obras de ampliação da igreja por estar demasiado próximo do forte. O alcaide Nuño Orejón fala-nos de uma distância de 300 passos (que equivale a cerca de 210 metros), e usando uma das plantas do final do século XVI vemos que a distância em linha recta entre a ponta do baluarte do castelo e a igreja é de cerca de 1.000 palmos, o que ronda os 228 metros. Com estes dados vemos que a fortificação existente era o castelo triangular e não a torre de D. João II, por esta se encontrar muito mais afastada da igreja.

Há uma hipótese nova e posterior, também formulada por Margarida de Magalhães⁷⁹, que abre a possibilidade de a edificação ter sido realizada por Terzi nos primeiros meses de 1580, antes do ataque do Duque de Alba. Porém, como já vimos nos pontos anteriores, nenhum dos informantes de Filipe II dá essa informação, limitando-se a verificar uma série de obras provisórias e também não há indícios de que Filipe Terzi ou Manuel de Portugal tenham projectado a construção do forte abaluartado triangular de Cascais.

⁷⁸ AGS. GA, leg. 288-112.

⁷⁹ Margarida de Magalhaes Ramalho. A defesa de Cascais. Monumentos cidades patrimonio reabilitação. nº 31 (2011), p. 34-43.



Figura 35. Plano realizado pelo conde Stefano Angaro do estuário do rio Tajo, destacando-se as plantas das fortalezas de Cascais, S. Julião da Barra, Cabeça Seca. E também se regista a disposição das tropas na batalha de Alcântara. / Plan made by Count Stefano Angaro of the estuary of the river Tagus, with emphasis on the plants of the fortresses of Cascais, S. Julião da Barra, Cabeça Seca. The troops' disposition in the battle of Alcântara is also recorded.

Temos também a descrição do embaixador veneziano “conte Stefano Angaro” da captura de Cascais pelo Duque de Alba e que não deixa dúvidas que o forte triangular já estava construído: “Adi 30 andassimo ad alloggiare presso Cascais la qual terra e posta sul mare, e há un castello de forma triangulare com baluardo alla moderna per guarda del mare, sotto il quale adi p. Agosto impiantata l’artiglieria et fu batuto fin sui tardi”⁸⁰. O cronista veneziano diz-nos de uma forma muito clara que havia em Cascais a 30 de Julho de 1580 é um castelo de forma triangular, com baluartes modernos e situado junto ao mar. Portanto, não há dúvida de que se referia ao actual forte de Nossa Senhora da Luz, e caso houvesse alguma dúvida, o próprio Stefano Angaro inclui no seu *Relatione de la guerra di Portogalo* um desenho das fortificações da barra do rio Tejo – e aí o castelo triangular com três baluartes no estilo moderno de Cascais é desenhado de forma nítida (figura 34), e não o complexo militar construído por D. João II no final do século XV.

Neste plano vemos como o conde Stefano Angaro (figura 35) desenha com cinco baluartes da fortaleza de S. Julião da Barra, regista as obras realizadas nos Cachopos por ordem do Prior do Crato e detalha a disposição das tropas na batalha de Alcântara, em Agosto de 1580.

09. OBRAS E PROJECTOS PARA CASCAIS NA ÉPOCA FILIPINA

Durante a época filipina foram realizadas várias acções no forte triangular de Cascais, destacando-se a demolição da torre de D. João II para conseguir um terraço totalmente unificado – com a mesma altura – permitindo uma colocação mais racional dos canhões, e a reparação dos estragos causados pela mina explosiva que os ingleses colocaram na sua retirada em 1589: “Com a notícia da sua chegada, o inimigo embarcou toda a sua gente, roubou tudo o que havia no castelo de Cascais e fez explodir com uma

⁸⁰ Julieta Teixeira Marques Oliveira. Fontes documentais de Veneza referentes a Portugal. Lisboa 1997, p. 377



*mina um pedaço dele*⁸¹, dano diligentemente reparado pelo alcaide Nuño Orejón, conforme relatado em carta de Novembro de 1590: “Vai-se reparando o castelo, como dantes estava”⁸²; e a terceira acção foi a construção do revelim que Tiburcio Spannocchi propôs num relatório de 1590. Além de vários projectos de fortificação desenhados por engenheiros da Coroa Hispânica, como Giovanni Vincenzo Casale, Tiburcio Spannocchi, Leonardo Turriano e Cristóbal de Rojas. Em Cascais houve o erro típico de considerar que o engenheiro que assina um plano é o autor do projecto e, como veremos a seguir, os projectos foram desenhados por Spannocchi e embora dele não tenhamos o traçado, dispomos da memória escrita (inédita até agora), como é o caso do projecto de forte com quatro baluartes – desenho de Filipe Terzi – e também da tenaza atribuída a Turriano – pelo plano existente – mas que retomava projecto anterior de Cristóbal de Rojas.

Após a manobra do Duque de Alba para ocupar a cidade de Lisboa, verifica-se a fragilidade do sistema de defesa da dinastia de Avis na foz do rio Tejo, que o engenheiro Juan Bautista Antonelli explica de forma simples e clara num relatório de 14 de Dezembro de 1580: da fortaleza de S. Julião da Barra diz que é “*pequena, vencível e sujeita a padraço*”, as torres de Belém e da Caparica são “*muito fracas para resistir a um exército*” e a de Cascais, “*por não proteger mais do que um abrigo, que não é porto, basta-se com o que está feito*”⁸³.

Numa primeira fase, logo que terminou a guerra com o Prior do Crato, a Coroa confiou ao engenheiro Fratin a construção da fortaleza de S. Filipe de Setúbal no rio Sado, para dominar a baía e impedir que um exército inimigo ancorasse. e a segunda acção no rio Tejo, consistindo na beneficiação da fortaleza de S. Julião da Barra, para impedir a entrada de navios inimigos em Lisboa e também, em caso de ataque terrestre, impedir a passagem para a capital do reino.

A segunda fase de melhoramento das defesas ocorre após o ataque inglês de 1589. Em meados de Março de 1590 o arquiduque Alberto da Áustria, vice-rei de Portugal, decide fazer uma visita para verificar o estado das fortalezas da barra do rio Tejo e convocar uma reunião de especialistas para discutir as novas fortificações projectadas. Este conselho era formado pelos principais militares e engenheiros ao serviço de Felipe II em Portugal: Conde de Fuentes, Gabriel Niño, Franco Coloma, Bernardino Avellaneda, Esteban de Ibarra, Pero Benegas, Capitão Hernando de Acosta, Fray Giovanni Vincenzo Casale e Tiburcio Spannocchi. Debateram então a traça do novo forte de Santo António da Barra, os projectos de Spannocchi para Cascais ou o novo forte para a Cabeça Seca⁸⁴.

É interessante como o vice-rei enquadra os dois engenheiros com uma série de militares qualificados, pois embora possuam grande conhecimento teórico, têm pouca formação prática em campanhas militares. Esta junta serviu também como atenuante para a má relação entre os dois engenheiros, verificada na execução do projecto da Cabeça Seca em que as suas discrepâncias quanto à forma dos perfis do forte chegaram ao Conselho de Guerra, acabando este por adoptar por uma solução um tanto salomónica, ao aceitar a altura da fábrica proposta por Casale e a largura e profundidade do fosso propostas por Spannocchi⁸⁵. A essa má relação entre os engenheiros juntou-se o péssimo carácter de Tibúrcio, como afirmava em 1591 Alonso de Vargas, capitão-general do exército de Aragão, quando o chamava de “amigo de sua opinião... e se irritava facilmente”⁸⁶.

10. O PROJECTO CASALE PARA CASCAIS

Fray Giovanni Vincenzo Casale foi enviado por Felipe II a Lisboa no final de 1589 para trabalhar no melhoramento das defesas da barra do Tejo e uma das suas primeiras atribuições foi a realização de um projecto de

⁸¹ Relación de lo sucedido de la armada enemiga del reyno de Ynglaterra a este de Portugal con la retirada a su tierra este año de 1589. BNM, Mss. 18579/8, fol. 83

⁸² AGS. GA, leg. 288-112

⁸³ AGS. Estado, leg. 413, fol. 9.

⁸⁴ AGS. GA, leg. 282, fol. 149.

⁸⁵ AGS. MPD, 12, 162.

⁸⁶ AGS. GA, leg. 359.



Figura 36. Plano de Cascais segundo Casale. Descrição do Reino de Portugal de Alexandre Massai; 1621, fol. 76. / *Plano de Cascais segundo Casale. Descrição do Reino de Portugal de Alexandre Massai; 1621, fol. 76.*

Figura 37. Plano de Cascais segundo Fratin. PT-TT-CCDV-29-190. / *Plano de Cascais segundo Fratin. PT-TT-CCDV-29-190.*

fortificação de Cascais. A ordem consistia em “fazer de Cascais modelo tanto do castelo como da vila, colocando dentro a Igreja que agora se faz e a casa do senhor e uns redutos que há”⁸⁷. Por isso pede-se-lhe um projecto muito ambicioso, englobando na mesma fortificação a vila, o palácio, a igreja, o forte triangular e os fortins que foram construídos na praia, que estariam nos mesmos locais onde Manuel de Portugal os mandou construir durante a campanha de 1580.

Infelizmente não conhecemos o projecto, pois só temos um mapa da situação de Cascais em 1590 (figura 36) e que é muito semelhante ao desenhado em 1581 pelo engenheiro Fratin (figura 37), incluindo as suas anotações na margem indicando que a parte mais alta da vila se situa entre a igreja e o palácio do Senhor de Cascais, sendo também praticamente idênticas.

11. OS TRÊS PROJECTOS DE SPANNOCCHI PARA CASCAIS

Enquanto o engenheiro Casale fazia a sua inspecção chegou a Lisboa, com o mesmo encargo, Tiburcio Spannocchi. Felipe II adorava mandar dois engenheiros para a mesma tarefa, sabia que não iam concordar e que ambos dariam o melhor para superar o seu contrário. O ego dos engenheiros era imenso, Felipe II sabia disso e já havia fomentado com sucesso as rivalidades entre Fratin, Vespasiano Gonzaga e Juan Bautista Antonelli.

Em Fevereiro de 1590 Spannocchi inicia a sua visita à margem do rio Tejo e entre as localidades que visita é Cascais. Se o seu trabalho noutras obras da barra está mais estudado, no que respeita a Cascais não só é uma incógnita como até lhe é atribuída erroneamente a construção do forte triangular⁸⁸. A mesma ordem de fortificação de Cascais dada a Casale seria recebida por Tiburcio, mas como este já tinha mais experiência, não se limitou a fazer uma única

proposta, antes chegou a realizar um total de três projectos⁸⁹, cada um mais complexo que o anterior, e graças a essa versatilidade o Conselho de Guerra aceita o segundo modelo apresentado.

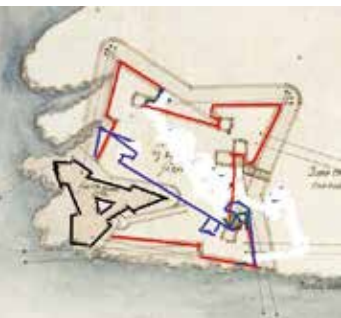
11.1. Primeiro projecto

Tiburcio Spannocchi, no seu relatório do início de 1590, descreve o primeiro projecto afirmando que: “O que esta praça me parece adequado é o que no traçado vai marcado a amarelo e que são dois baluartes e uma frente com o seu fosso e o resto que vem até ao mar, fazê-lo com simples parapeito que inclui alguns barrancos terraplanados, para tornara praça maior e livre”. Vemos que é um projecto rápido, pouco dispendioso, entre 10 a 12 ducados⁹⁰, e que permite uma defesa eficaz substituindo o obsoleto sistema de um baluarte pontiagudo por uma tenaza com dois baluartes e cortina recta. Portanto, adopta o critério defensivo proposto em 1565 por Alonso Pimentel para a ampliação da fortaleza de La Goleta de Túnis contra a qual Pachiotto se defendia por meio de um baluarte apontado para a frente de ataque⁹¹.

Este mesmo projecto é o mencionado pelo alcaide do castelo Nuño Orejón numa carta de Outubro de 1590 ao solicitar à Coroa “que com 10 mil ducados se poderiam fazer dois cavaleiros e cortinas que cingissem o velho com os quais poderíamos resistir a qualquer exército por muitos dias, e isso poderia ser feito com terra e faxina”⁹².

Nuño Orejón foi nomeado alcaide de Cascais em Janeiro de 1590⁹³ após a derrota inglesa de 1589, e não era um militar qualquer: fora treinado sob as ordens de Sancho de Ávila, um dos grandes generais do Duque

Figura 38 Proposta para os projectos de Tiburcio Spannocchi sobre um desenho de Felipe Terzi. AGS. MPD, 31-006. / *Proposal for Tiburcio Spannocchi's projects on a drawing by Felipe Terzi. AGS. MPD, 31-006.*



⁸⁷ Descrição do Reino de Portugal de Alexandre Massai; 1621, fo. 76.

⁸⁸ Rafael Moreira. Leonardo Turriano en Portugal. in Leonardo Turriano ingeniero del Rey. Madrid 2010, p. 136.

⁸⁹ AGS. SGU, leg. 3694.

⁹⁰ Juan de Silva, em Janeiro de 1597 informava que o projecto tinha este custo. AGS. GA, leg. 481, fol. 88.

⁹¹ José Javier de Castro Fernández y Javier Mateo de Castro. Baluartes contra tenazas: El caso de la Goleta en 1565. Defensive Architecture of the Mediterranean. XV to XVIII centuries / Vol I / Rodríguez-Navarro (Ed.) Valencia 2015, p. 263-270.

⁹² AGS. GA, leg. 288-112.

⁹³ AGS. Libros Registro de Guerra Antigua, Lº 56, fol. 132.



de Alba⁹⁴, e tinha conhecimentos de fortificação, como é demonstrado pelo facto de em Julho de 1588 ter sido nomeado tenente de capitão-geral da artilharia do reino de Portugal⁹⁵ - esta é a segunda autoridade militar em matéria de fortificação e artilharia em Portugal - pelo que devia ter sólidos conhecimentos de fortificação e capacidade para compreender perfeitamente o projecto proposto por Tiburcio, que apoiou sem reservas.

Talvez por este motivo a sua nomeação como alcaide de Cascais - Janeiro de 1590⁹⁶ - coincida com a visita de Tibúrcio ao estuário do rio Tejo, e os seus conhecimentos sobre o assunto é demonstrado pelos interessantes dados com que contribui sobre a construção do castelo ao afirmar que “com qualquer pequena bateria o inimigo abrirá a porta sem ser impedido por ser de abóbada e pedra sem qualquer terraplano nem praça para poder cobrir-se ou a artilharia onde estar”⁹⁷, neste parágrafo detalhando que é um castelo abaluartado de antigamente por ser abobadado, sem terraplano e não possuir ampla plataforma de artilharia nos baluartes.

Nuño Orejón, para além dos seus conhecimentos de fortificação, artilharia e experiência militar, teve de valorizar outras qualidades de comando e organização, visto que após o seu destino em Cascais foi promovido a um cargo de grande responsabilidade ao ser nomeado pelo Rei Governador de Orbitello, nos presídios italianos da Toscana⁹⁸. Lá permaneceu até 1617, quando retornou à sua terra natal, Ávila, sendo sepultado na capela de San Miguel da basílica de San Vicente⁹⁹.

⁹⁴ Carta de Sancho de Ávila ao duque de Alba, datada de Palmela em 28 de Outubro de 1580. CODOIN, Madrid, 1857, tomo XXXI, p. 300.

⁹⁵ AGS. Libros Registro de Guerra Antigua, L^o 50, fol. 57.

⁹⁶ AGS. Libros Registro de Guerra Antigua, L^o 56, fol. 132v^o.

⁹⁷ AGS. GA, leg. 288, fol. 112.

⁹⁸ Gil González Dávila. Teatro eclesiástico de las iglesias metropolitanas y catedrales de los reinos de las dos Castillas. Madrid 1647, volumen 2, p. 204.

⁹⁹ Félix A. Ferrer García. Clérigos y feligreses en la Basílica de San Vicente de Ávila: Actividades litúrgicas, lúdicas y funerarias (SIGLOS XVI-XVII). *Hispania*, 2008, vol. LXVIII, n^o. 229, p. 371.

11.2. Segundo projecto:

Tiburcio Spannocchi propõe um segundo projecto: “outros pareceres, um com um baluarte no meio e dois nas extremidades que seriam porventura algo melhor, porém de maior custo e mais vasto presidio”. O engenheiro agora propõe defender a frente de terra com três baluartes completos unidos por duas cortinas rectas, e mantém o antigo castelo para servir de plataforma de artilharia sobre o estuário, e para formar o quarto baluarte para flanquear as duas cortinas localizadas sobre o rio Tejo. Este projecto coincide plenamente com o plano traçado por Filipe Terzi¹⁰⁰ em 1594 em que indica: “Forte como está / O que se pretende fazer. Esta planta é da vila de Cascais para que se veja o que se destina fazer para se assegurar mais aquela fortaleza”.

Terzi dá-nos duas informações muito importantes: a primeira é o projecto que foi aprovado pelo Conselho de Guerra e, a segunda, que não é dele. Se fosse seu indicá-lo-ia e diria algo mais do que um lacónico “o que se pretende fazer”, mas como bom engenheiro não quer denunciar a autoria do projecto, voltamos a ver os receios que existiam entre os engenheiros militares.

Neste projecto, Tiburcio substitui a frente do baluarte agudo por uma tenaza com dois baluartes, protegendo mais efectivamente as canhoneiras dos flancos, além de equipá-las com orelhões separados. No plano da figura 40 vemos como agora o ataque da vila de Cascais, apesar de estar numa posição mais elevada, não consegue eliminar as defesas dos traveses e se limita a atacar as faces dos baluartes, existe uma segunda tenaza que defende um possível ataque a partir da zona da igreja, uma proposta semelhante que veremos mais tarde quando estudarmos o projecto de Leonardo Turrano e Cristóbal de Rojas.

O engenheiro indica na sua Memória que este projecto tem um custo maior, até 50.000 ducados¹⁰¹, já que devem ser cons-

¹⁰⁰ AGS. MPD, 31,6.

¹⁰¹ Esta avaliação “para terminar o castelo de Cascaes segundo o plano de Tiburcio Spannocchi” foi dada por Jerónimo de Soto no início do século XVII. Este dado é fornecido por J.M. Ferreira Boiça, M.F. Rombouts

Figura 39. Assinatura de Nuño Orejón, alcaide do castelo de Cascais. / Signature of Nuño Orejón, mayor of the Cascais castle.

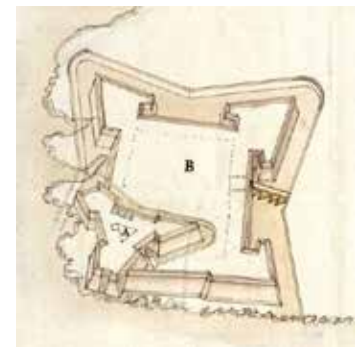
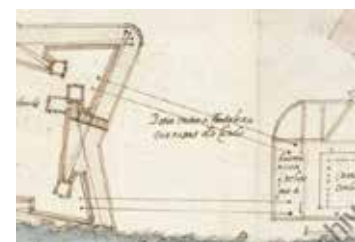


Figura 40. Plano baseado no projecto de Tiburcio Spannocchi. AGS. MPD, 12-161. / Plan based on the Tiburcio Spannocchi's project. AGS. MPD, 12-161.

Figura 41. A adopção de uma tenaza defensiva permite proteger eficazmente as canhoneiras dos flancos e a artilharia inimiga somente pode bater as faces dos baluartes. / The adoption of a defensive tenaille allows to effectively protect the embrasures of the flanks and the enemy artillery would only be able to hit the faces of the bulwarks.



truídos três baluartes em vez de dois e duas cortinas em vez de uma, o que faz com que os gastos com guarnições e artilharia também aumentem, embora em troca o local fique mais bem protegido e, em caso de ataque a Lisboa ou de desembarque, será necessário antes de tudo vencer esta posição, pois o inimigo não pode deixar para trás uma força com uma guarnição tão grande. Assim se expressou o Conde de Portalegre: “*Sou da opinião que Cascais se fortifique, porque quando o for, mais poderão lá fundear ou desembarcar para caminhar deixando-o para trás*”¹⁰², opinião que o Capitão Hernando de Acosta não partilhava, para quem o forte de Cascais deixara de ser necessário quando se construiu o de Santo António da Barra: “embora o castelo de Cascais se tenha perdido, não se podia ver navios inimigos que do forte (Santo António) não se desalojassem e dali a artilharia chega e passa onde chega o de San Gian”¹⁰³.

11.3. Terceiro projecto:

O terceiro projecto que propõe consiste em: “há outro que é o dos pontinhos incolores que abraça o palácio do conde e a igreja matriz da vila que parecem ser padraços do castelo que hoje existe, e com este parecer obriga-se a demolir boa parte da vila para deixar praça em frente à fortaleza e deixando a igreja dentro, sem que os vizinhos a pudessem usar e, embora os demais ditos pareceres tenham alguma ofensa, este, devido ao seu grande desvio, teria muitas mais, sem o gasto excessivo que seria causado, tanto na construção como no sustento da fortaleza depois de acabada”.

Vemos que cumpre os mesmos requisitos que a encomenda recebida por Fray Giovanni Vincenzo Casale, pelo que este deveria ser o objectivo traçado pelo Conselho de Guerra,

de Barros e M. Magalhaes Ramalho. As fortificações marítimas da costa de Cascais, Quetzal, 2001, p.45, ainda que erradamente em relação ao castelo triangular.

¹⁰² Carta do conde de Portalegre de 4 de Janeiro de 1597. AGS. GA, leg. 481, fol. 88.

¹⁰³ Informe de Hernando de Acosta de 1590. AGS. GA, leg. 282, fol. 180

embora Spannocchi, dada a impossibilidade de realizar um bom projecto, tenha feito outras variações, aceitando a Coroa um deles. A principal desvantagem que Tiburcio encontra é a grande extensão da fortificação, o que resultou em áreas vulneráveis devido à existência de padraços, e que as principais edificações da cidade seriam afectadas, bem como grande parte da área urbana, e principalmente os grandes custos, não só de construção mas para a sua manutenção. Os projectos que Nicolás de Langre desenvolveu em meados do século XVII para Cascais podem ajudar-nos a ter uma ideia de como seria este terceiro projecto Spannocchi.

12. SISTEMA DE TRINCHEIRAS

Depois dos projectos realizados e uma vez que o Conselho de Guerra escolheu o segundo modelo de Tiburcio Spannocchi, a Coroa Hispânica confrontou-se com o eterno problema da falta de dinheiro para levá-lo a cabo, embora no último ano do século XVI se estivesse próximo de iniciar as obras, mas no final o dinheiro arrecadado teve que ser usado para outras necessidades mais urgentes¹⁰⁴.

Durante o período filipino, na zona de acesso à barra do Tejo foram construídas as fortalezas de Santo António da Barra, S. Lourenço da Cabeça Seca e a ampliação de S. Julião da Barra, mas devido ao atraso na construção da nova fortaleza de Cascais decidiu-se atenuar esta deficiência através da construção de várias obras provisórias, com o objectivo principal de evitar o desembarque inimigo como acontecera em 1580 durante o ataque do duque de Alba e o posterior ataque inglês, em 1589.

Para tal, refizeram em 1590¹⁰⁵ as obras provisórias construídas por Manuel de Portugal, e face às novas ameaças inglesas de 1595 voltaram a melhorar, como advertia o Conde de Portalegre: “*Entendendo que o desembarque mais cómodo que os inimigos*

¹⁰⁴ Assim o manifestava o conde de Portalegre em carta dirigida à Coroa, em Janeiro de 1599. AGS. GA, leg. 539, fol. 22.

¹⁰⁵ Na ordem dada a Casale especifica-se que deve incluir nas novas defesas “*unos redutos q ai*”.



podem ter é nas praias que existem entre o castelo de Sano António e Cascais e uma légua e meia mais acima em duas posições, uma das quais o Duque de Alba escolheu, foi ordenado entrincheirar no ano 95 e foram guarnecidos com infantaria e cavalaria a cargo de Don Fadrique del Águila, que também ele teve que fazer os reparos e fez isso com diligência”¹⁰⁶. No ano seguinte os trabalhos continuaram, conforme relatado pelo alcaide Nuño Orejón: “seria fortificado pois quando fosse possível evitar as trincheiras e a gente que se tornam caras e desnecessárias a cada verão, e não serão suficientes para impedir as tentativas do inimigo”¹⁰⁷.

13. OS PROJECTOS DE LEONARDO TURRIANO E DE CRISTOBAL DE ROJAS.

Esta situação de obras provisórias de pouca importância tenta-se resolver em 1597 e, para isso, João da Silva, governador encarregado dos assuntos da Guerra, enviou carta¹⁰⁸ a 4 de Janeiro de 1597 a Felipe II indicando a precária situação defensiva de Cascais. O rei toma nota e responde no dia 18 de Abril, informando-o de que o Conselho de Guerra decidiu que: “para assegurar o castelo de Cascais e a barra daquele rio, parecia que o castelo se alargava da forma que vereis pela traçado realizado por Leonardo Turriano”, que consiste em fazer “da esquina ao mar um «trincheirão» que vai designado no mesmo traçado”. Informa-o dos possíveis inconvenientes deste projecto na medida em que afecta a igreja e o palácio do Senhor de Cascais, pelo que lhe manda constituir um conselho de técnicos para discutir o novo projecto no local: “Encarrego-te e ordeno-te que o vejas e reconheças, juntando-se o Mestre de Campo General Don Gabriel Niño e Leonardo Turriano e as demais pessoas práticas que vos parecer”. Mas ordena-lhe, sem rodeios, que as conclusões dessa reunião sejam enviadas a Madrid para que a última palavra sobre a nova fortificação seja dada ao Conselho de



Figura 42. Projecto de Leonardo Turriano baseado num prévio de Cristóbal de Rojas. AGS. MPD, 42-061. / Leonardo Turriano's project based on a previous project by Cristóbal de Rojas. AGS. MPD, 42-061.

Guerra: “Enviar-me-eis a traça e uma lista do que parecerá para que, uma vez visto, se tome a resolução que mais conveniente parecer”¹⁰⁹.

Temos novamente um problema de autoria do novo projecto. Todos os autores consideraram que como a traça foi trazida por Leonardo Turriano, o projecto é seu, mas há vários dados que indicam que o projecto foi do engenheiro Cristóbal de Rojas. É o que sugere João de Silva numa carta dirigida a Cristóbal de Melo, que esteve em Cascais a 5 de Julho de 1597. “As linhas de Cascais devem estar boas, pelo menos entendo que o que Rojas fez lá, como um homem que não estava no local e tem mil dificuldades e agora se pergunta sobre algumas trincheiras ou tenazas que Rojas havia desenhado, imagino que bem satisfaria Turriano”¹¹⁰.

O conde de Portalegre dá várias pistas, falando em primeiro lugar das “linhas”, isto é, da existência de um traçado ou desenho do novo projecto de Cascais; em segundo lugar, que foi feito por Cristóbal de Rojas; terceiro, que não o fez em Cascais, mas sim em Madrid; em quarto lugar, o projecto inclui trincheiras e tenazes, elementos que constam da planta que Turriano trouxe de Madrid.

Durante este período, Cristóbal de Rojas era um engenheiro sob a proteção de Tiburcio Spannocchi¹¹¹, pelo que então Rojas, além de ter a documentação depositada nos arquivos do Conselho de Guerra, teve que ter o conselho de Spannocchi que lhe forne-

¹⁰⁶ BNM. Mss. 6.198.

¹⁰⁷ AGS.GyM, leg. 460-41.

¹⁰⁸ BNM. Mss. 10.259.

¹⁰⁹ AGS. GA, leg. 552, fol. 135.

¹¹⁰ BNM. Mss. 6.198.

¹¹¹ Alicia Cámara. Cristóbal de Rojas. De la cantería a la ingeniería. En Ingenieros del Renacimiento. Alicia Cámara Muñoz y Bernardo Revuelta Pol (coord.). Madrid 2014, p. 135.

ceria seus próprios planos e explicaria as particularidades do terreno onde se localizaria a tenaza defensiva e as dimensões das edificações que poderiam dificultar o projecto, como a igreja e o palácio.

O plano enviado de Madrid em Abril de 1597 não é o que se pensava até agora (figura 42) porque foi alterado por Leonardo Turriano, e João da Silva assim o avisava: “*traçou sobre o que antes tinha sido rascunhado*”¹¹². Turriano escreve ao rei que chegou a Lisboa no dia 16 de Maio e “mostrei ao conde de Portalegre os traçados que fiz e a relação que V. Mag me enviou. Depois concordou em ir para Cascais, o tempo ainda não deu lugar”¹¹³.

Em 20 de Setembro de 1597 o conde de Portalegre convocou uma reunião de técnicos, incluindo Juan Bautista Lovaña, Baltasar Alvarez e Leonardo Turriano, com a ausência de Nicolao de Frías. As conclusões são resumidas por Turriano em relatório dirigido à Coroa em que mantém a ideia de demolir a igreja e incorporar o palácio e jardins do Senhor de Cascais ao sistema defensivo, a fim de reduzir o perímetro defensivo e minimizar o custo de construção e a guarnição militar; graças a esta redução considera que o custo deste trabalho provisório de terra, cal e madeira seria entre 5 e 6 mil ducados e duraria 45 dias¹¹⁴. Será neste momento que Leonardo Turriano fará o novo plano (figura 42) com base nas ideias de Cristóbal de Rojas, embora possamos pensar que quase não fez nenhuma modificação importante. Este novo plano é o que é citado numa lista de obras do reino de Portugal, em 1600: “Este castelo tem a casa do conde a cavaleiro, por causa da qual não pode ser melhorada a fortificação sem a colocar no seu interior e demolir a igreja e o mosteiro, conforme o último traçado”¹¹⁵.

¹¹² Alicia Cámara. Leonardo Turriano al servicio de la Corona de Castilla. In Leonardo Turriano ingeniero del Rey. Madrid 2010, p. 44.

¹¹³ AGS. GA, leg. 485, fol. 284 y AGS, GA, 496, fol. 373.

¹¹⁴ AGS. GA, leg. 552, fol. 136. No reverso da carta escreve: “Cascaes (tachado), papel de Turriano”.

¹¹⁵ Margarida Magalhães Ramalho. Cascais em finais do século XVI: duas plantas inéditas. Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município. Nº 9. 1990.

***JOSÉ JAVIER DE CASTRO FERNÁNDEZ:** Desde 1998 es Tesorero de la Asociación Nacional de los Amigos de los Castillos, entidad fundada en 1952. Ha recibido diversos premios por sus trabajos sobre fortificación como la Medalla de Plata de la Asociación Española de Amigos de los Castillos y el Premio al Mejor Libro Cultural sobre León y su provincia.

Profesor en varios cursos específicos sobre fortificación organizado por la Universidad SEK, Fundación Cultural Santa Teresa, Ministerio de Defensa, UNED, y la Universidad de Granada.

Como documentalista ha sido codirector en el estudio de 67 fortalezas y 14 monumentos nacionales de las provincias de Burgos, Soria y Valladolid; Planes Directores de diversas fortificaciones y de la obra *Almeida/Ciudad Rodrigo La fortificación en la Raya Central*.

De sus publicaciones destacan *Castillos y fortalezas de Castilla y León, Guía de la Ruta de las fortificaciones de frontera Salamanca* y, entre los artículos, “Reformas y adaptaciones de las fortificaciones de Ciudad Rodrigo al uso de la artillería”. *Actas Simposio Internacional de Castillos. Palmela 2001*; Los Ingenieros Reales de los Reyes Católicos. Su nuevo sistema de fortificación. En *Artillería y Fortificaciones en la Corona de Castilla durante el reinado de Isabel la Católica (1474-1504)*. Madrid 2004; Las fortificaciones de la Corona Hispánica en el Mediterráneo durante los siglos XVI y XVII (1492-1700). En *Actas del 4º Congreso de Castellología. Madrid 2012*. “Ingenieros y artilleros en la Guerra de las Comunidades de Castilla”. *Segundo Congreso Internacional de la Cátedra Complutense de Historia Militar*. Madrid 2016. “Tijeras y tenazas como innovación tecnológica: de San Telmo de Nápoles a La Goleta de Túnez (1535-1574)”, En *Guerra y tecnología. Interacción desde la Antigüedad al Presente*. Madrid 2017. “La artillería en el Reino de Castilla y León durante el siglo XV”. *Revista Gladius*, XXXVIII (2018). “Las fortificaciones episcopales de la Corona de Castilla”. *Revista de Historia Militar* I extraordinario de 2018.

The projects of Tiburcio Spannocchi for the reform of the Pre-Philippine castle of Cascais

Jose Javier de Castro Fernandez

INTRODUCTION

The bulwarked fortifications of Cascais have been studied over the last few decades and, although the analyses carried out seem conclusive, in the case of the Nossa Senhora da Luz fortress several aspects are still not quite clear.

The fortress - a triangular fort with three modern bulwarks - drew the attention of scholars in military architecture due to its original and unusual plan. In this sense, this model was used in extraordinary cases and all fortification treatises written since the 16th century claim it was a bad choice, normally approaching it with devastating criticism.

Virtually all scholars place the fortification in the Philippine period, and, among this opinion, we find two trends. Firstly, the one that claims it was constructed in 1581 - that is, immediately after Philip II of Spain rose to the Portuguese throne - under the direction of engineer Fratín; and, second, the theory that defends that the construction took place after the English attack on Lisbon in 1589, according to a drawing by Tiburcio Spannocchi. Throughout our study we will see that both dates and assignments are wrong.

A second field of study that remains open deals with the various projects drawn for Cascais by the engineers of the Spanish Crown, documented in several plans preserved in the Archives General of Simancas. Claiming that the author of the drawing was the person signing such drawings has given rise to errors, both in the attribution of the authorship of the projects and in the date of their construction. This essay tries to shed some light on both problems, as well as to expand the data related to these projects.

In summary, we will see how the project attributed by the scientific literature to Terzi, Fratín and even Casale, were not actually done by them, but rather by Spannocchi, who not only carried out this but another three additional projects for the defence of Cascais. The essay deals with the loss of importance of Terzi as a builder of fortifications during the Philippine era, contrasting with the attribution of the drawing of São Filipe de Setúbal, when in fact it was created by Fratín. Finally, we shall study a case widely discussed previously: the Leonardo Turriano project, which made a cheap imitation of a preliminary project by engineer Cristóbal de Rojas. The analysis that we will conduct on this case will allow - once again - to prove that, in the field of poliorcetics, the author of the plan is not always the creator of the drawing.

We will analyse two unpublished maps from the Tagus river bar found in the Archives of House of Alba, dating from the period of the Governors, of the first months of 1580, which details the fortifications existing at this crucial moment of Portuguese history.

01. THE TOWER OF D. JOÃO II DE AVIS

João II de Avis (1481-1495) was a king zealous of the safety and integrity of his kingdom and this desire was translated into a policy of improvement at the borders, with two major undertakings: the first on the land border, against a possible interference from the Catholic Kings, and the second in the defence of the Tagus estuary, to protect the capital of the kingdom and the arrival of the riches coming from the overseas.

The chronicle of D. João II of Portugal tells us about this defensive policy

of the king in a very clear way in a paragraph corresponding to the year 1488: *“Since the King is at peace and in friendly terms with the Kings of Castile, he ordered things before they were needed, as the prudent Prince always did. And at the beginning of the year of fourteen hundred and eighty-eight, with great care and diligence, he ordered to build, to strengthen, and to repair all of the Cities, Towns, and Castles of the extremes of his Kingdoms, as well as the defences of the bulwarks, moats, walls, and towers, with artillery, gunpowder, salt-petre, guns, magazines and all things necessary”*¹.

The situation was not as idyllic as it might appear in the text of the royal chronicler, and both monarchies remained quite suspicious of one another. Joanna la Beltraneja was exiled in Portugal, which constituted a constant danger for the Catholic Kings and João's relationship with a portion of the Portuguese high nobility was not that good, and he even began to be called *“tyrant prince”* or also *“perfect prince”* - not antagonistic, but complementary qualifications - after the executions of several of the main noblemen of the kingdom, such as the Duke of Bragança, the Duke of Viseu or the Bishop of Évora. This confrontation with the high nobility was dangerous; it could derive the king being overthrown or lead to an external intervention; moreover, there were always tensions between border nobles², which could ignite the flame of a conflict between the kingdoms of Portugal and Castile.

¹ Chronica del rey dom loam II de gloriosa memoria por García de Resende, capitulo LXX.

² Like the skirmish that took place in April 1487 between the Lord of Alcoutim and the Count of Ayamonte, because he was building a new castle in his domain of Sanlúcar de Guadiana.

Among the fortifications carried out by D. João II from 1488 to defend the land border against Castile, the Pinhel castle in the Beira area stands out, as well as the reforms of several castles, such as Olivença and Montalegre, with “bulwarks”, or the three castles that, in 1494, he decided to build and improve “further down Miranda in the raia with Castile”, highlighting, due to its importance, the one located “in the town of Vimioso that is on the border of Alcañices between Miranda and Bragança, two leagues away from the raia of Castile”³. We are also aware of important global actions, such as the repair of fortresses in the area between the Tagus and the Guadiana⁴.

The second fortification undertaking takes place in the Tagus Bar, the so-called “gorge of the kingdom”, to avoid a foreign invasion that could suffocate the capital, or to prevent privateers from seizing the goods and riches coming in from the East, and for that the king outlined an interesting project with new fortifications. Once again, the chronicle⁵ of D. João II gives us precious information when it claims that: “he ordered the Cascais tower to be made with its moat, with plenty and heavy artillery, that defended the port; and also another tower, and a bulwark at Caparica in front of Belém, also with plenty and heavy artillery, and he ordered the construction of a strong fortress, where the beautiful tower of Belem

may be found now, that was ordered by King Dom Manoel, praised be him, so that the fortress on one side and the tower on the other could block the entrance to the river”. We see that there are three fortifications proposed by D. João II for the defence of the Tagus river and the capital of the kingdom: Cascais, Caparica and Belém, although only the first two were built during his reign, since the third was concluded already in the 16th century by his successor, D. Manuel I of Portugal.

In order to understand the scope of the Cascais project we have, in addition to the royal chronicle, two other main sources which are two 16th century graphic representations and part of the tower and artillery platform that still remain integrated in the bulwarked fortification, built during the second half of the 16th century.

The defence built in Cascais by D. João II consists of three main elements⁶: a large square tower crowned with four sentry boxes at the corners, as was used during the second half of the 15th century in the kingdom of Castile and Leon, with a rectangular building attached, with a length equal to the height of the tower and, finally, a large artillery platform with its perimeter defence wall that features several embrasures facing the Tagus River (figure 1).

These data, taken from the drawing included in the work “*Civitates Orbis Terrarum*”, are complemented with a drawing dated around 1530, attributed to António de Holanda⁷, which is part of the work *Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal*, and where the Cascais tower is drawn with a line of battlements and

surrounded by a powerful wall with openings for the artillery weapons facing the Tagus River (figure 2).

An important difference between the two drawings is the crowning of the tower: while the drawing of *the Civitates Orbis Terrarum* has a roof with slate structure, quite common in northern Europe, but totally out of context with the time and the geographical area of Portugal - especially a work from the end of the 15th century -, in António de Holanda's drawing, the tower appears with a simple battlement. This second option is more logical if we think that such an ostentatious roof would prevent the terrace from being used as an artillery platform and as a lighthouse, serving to warn the other towers of the Tagus bar defensive complex of any naval threats. This composition (tower plus annex building and artillery platform) in Cascais is similar to the one built in Caparica and has a similarity, not in terms of style but in terms of functionality, with the tower of Belém.

The structure of the current fortified bastion of Cascais includes the tower of D. João II, which allows one to know the dimensions of its current plan and height - the same as the castle, so it has surely been demolished - as well as its interior distribution which must have reached four storeys and the attached building with two heights. The tower measures about 8 meters on the side, with a wall thickness of one meter, and the artillery platform on which the building was located would be about 22 by 24 meters on the side. An interesting element to help us date the building are the “orb and cross⁸” embrasures, similar to those existing in the urban enceinte

³ José Javier de Castro Fernández. A riqueza cartográfica das fortificações da Raia na Época Moderna através de quatro exemplos. CEAMA 2016, p. 64-65.

⁴ Marco Oliveira Borges. A torre defensiva que D. João II mandou construir em Cascais: novos elementos para o seu estudo. História. Revista da FLUP. Porto, IV Série, vol. 5 - 2015, 104.

⁵ Chronica del rey dom loam II de gloriosa memoria por García de Resende, capítulo CLXXXI.

⁶ Georg, Braun y Franz Hogenberg. Vista de Cascaes en Civitates Orbis Terrarum.

⁷ Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal.

⁸ Margarida Magalhães Ramalho. A torre de Cascais. Uma perspectiva arqueológica. Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município. N.º 7. 1988



of Cascais⁹ and also in the Caparica tower, which refer in both cases to the second half of the 15th century, very different from the battlements found at Belém Tower, from the beginning of the 16th century.

We stand before a military installation, in Cascais, that, despite not having a great firepower or large dimensions, would be sufficient for the time when it was built - at the end of the 15th century - and which had two major advantages over the effects of the weak naval artillery available to the enemy - whereas, on the contrary, with regard to the effects it would have on the attacking ship - and the always complicated shallows of the mouth of the Tagus river, which would hinder the manoeuvres of any enemy vessels approaching.

The aerial photo of the castle (figure 4) clearly shows the situation of the tower, its dimension in relation to the bulwarked fortress, and the position and dimension of the artillery platform located between the tower and the banks of the Tagus river, confirming the disposition found in the engraving of the *Civitates Orbis Terrarum*, which was later used by Filipe Terzi (1580) to build a stone battery that would try to prevent the troops of the Duke of Alba from landing during the “Felicissima Jornada”.

The chronicle of D. João II says that the tower also had a moat, a construction that would allow it a better defence against an enemy that could land and attack from the rear-guard. We must not forget that Cascais was a stately town while the tower had a royal character, so it was important, to D. João II, that the nobility could occupy the fortification

⁹ Guilherme Cardoso y João Pedro Cabral. Apontamentos sobre os vestígios do antigo Castelo de Cascais. Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município. No. 7, 1988, pp. 77 to 90.

and, to avoid any setbacks, it would be better to have a strong defence also on the land side, an aspect that we see in the moat and, above all, in the engraving of António de Holanda, where a powerful wall is represented that surrounded and isolated the keep of the king of the wall and the castle of Cascais.

It is possible that the height of the tower was lowered during the Philippine era, in order to regularise the entire fortress and to formalise a large continuous artillery platform, since at that time it functioning as a lighthouse was no longer as important - communication by signals with the other fortresses of the Tagus - but before reaching a powerful fire power that would prevent the access of enemy ships.

This process of lowering the keep would mean¹⁰ *that the information offered in Herrera’s chronicle made sense: “The Duke immediately ordered the lowering of the battlements of the castle of Cascais of the mayor’s structure and two artillery platforms of two pieces that were placed against the village”, data that chronicler Escobar¹¹ completes: “And confessed and ordered these changes, they were placed at the highest point of the castle, the one of the mayor of one battlement and the one of the artillery of two heavy pieces, on the outside of the keep, so that all the people could see them from Cascais”*. We see how both chroniclers refer to the existence of a large tower that stood out from the average height of the castle, which could be seen from

¹⁰ Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 112.

¹¹ Antonio de Escobar. Recopilación de la felicísima jornada que la catholica real magestad del rey don Phelipe nuestro señor hizo en la conquista del reyno de Portugal. Valencia 1586. capitulo XXIV, p. 31.

the village and, therefore, cannot be other than the tower of the time of D. João II. Regarding the dismantling of the tower of D. João II, we have a document from June 1597¹², about what is proposed to do in the upper part of the castle: *“we will remove the structure that will be hidden by the elevation of the platform”*.

02. THE BULWARKED CASTLE OF HENRY, KING OF PORTUGAL

During the second half of the 16th century, the defensive model of D. João II, and specifically the Cascais tower, was insufficient considering the increasingly frequent naval attacks by French privateers. From the chronicle of King D. Sebastião, we see how the regent and his uncle, Cardinal D. Henrique, tried to reinforce the defence of the Tagus river estuary with a new programme.

On 20 January 1568, D. Sebastião came of age, when he turned 14, and his uncle, Cardinal D. Henrique, before the whole Court, makes a list of his military achievements during the regency and among them we find: *“The fortification of S. Julião was built; also from Cascais, from Setúbal, from Atouguia, and of the most places in the Algarve, and the Tower of Caparica; he undertook to build fortifications in all islands and enforce order in their people; and, therefore, he sent artillery, ammunition and weapons”*.¹³

It can be deduced, from the quotation, that the Regent speaks of two things, the first of the works he carried out listing the fortresses where he worked during the period of his regency between the years 1562-68, highlighting those carried out in the Lisbon

¹² BNM. Mss. 6.198.

¹³ Manoel dos Santos. iSebastiã history, contains the life of the august prince, Mr. D. Sebastião, king of Portugal. Lisboa 1735, fol. 120.

area (S. Julião da Barra, Cascais, Setúbal and the Caparica tower); and secondly, he claims that, in addition to building them, he endowed them with the means to defend themselves with soldiers, artillery, ammunition and weapons.

The problem is to determine the degree of involvement of the Regent, although we can think that if he said this much in such a solemn moment - the coronation of the king - and before the highest-ranking individuals of the kingdom, it had to be something important, and we mustn't forget that they are fortifications located on the outskirts of Lisbon, so everyone present knew perfectly well if what he said was true or not. In any case, it was absurd and unnecessary, for his prestige, to lie or to have any intention of gloating about something that was not true or that the works performed were insignificant.

Therefore, we think that the bulwarked fortifications of S. Julião and Cascais, the improvement of the old tower of Caparica and the big tower that rises in the bay of Setúbal - elements collected in the unpublished plan of the House of Alba that we reproduce herein - were built during this period of the regency, of great importance and novelty in the context of the defensive situation of the capital of the kingdom, as recorded in the royal chronicle.

Cardinal D. Henrique ordered the construction of a new bulwarked fortification in Cascais, but with a curious triangular plan with three bulwarks at the corners, which is not very common in bulwarked fortifications, since most of the fortification treatises consider this outline as the most imperfect of all. Nevertheless, we may think that, given the main purpose of having a great offensive capacity against the river Tagus, that is why its

two bulwarks are placed there while for the land front one single bulwark was enough, a sufficient defence assuming that the corsairs would not land there and, even less, that they would attack the village of Cascais.

In spite of everything, what is disconcerting is the use of such a pointed bulwark on the land front, when the use of this type of bulwark is totally out of date for its constructive period, in the 1660s, and even less according to the dating made by the majority of the experts on the building, who place it around the year of 1590.

Given the small size of the bulwark, the defence from the casemates on the flanks is scarce, since it only has one cannon, whereas the higher platform could barely handle two cannons. The dimensions of this bulwark are very small for a bulwarked fortification, with its 26 and 24 meters faces, the traverses with 5 meters and a neck with 9 meters, still having orillions to defend the casemates, but they are so small that they cannot be prevented from being pierced by enemy artillery pieces.

Another element that indicates its antiquity or obsolescence - whether from the 60s or the 90s of the 16th century - is the fact that the bulwarks are hollow, with several vaulted rooms inside, a serious defect for the land front, suffering the attack of siege artillery. Again, this detail takes us back to the bulwarks designed before 1540, because at that time the bastions stopped being hollow and began being filled with earth and, without forgetting that the walls were also not filled (another serious inconvenience in case of an attack with artillery), constituting a common element in strongholds with bulwarks from the second half of the 16th century. This defect was affirmed in 1590 by the governor of the fortifi-

cation of Cascais, Nuño Orejón, when he warned that *"with any small battery the enemy will be able to open the door without being hindered, since it is a vault and stone without any fill"*.¹⁴

This type of pointy bulwark was also present in the fortress of S. Julião da Barra, another fortification built during the regency of Cardinal D. Henrique, and this detail caught the attention of Giovanni Battista Gesio, one of Felipe II's informants, warning in 1580 that the two bulwarks of the land front have very sharp angles¹⁵. This characteristic, common to both forts, allows us to attribute them to the same engineer, at least considering they are both from the same time, when D. Sebastião was still a minor.

03. TRIANGULAR BULWARKED FORTIFICATIONS

Triangular fortresses, with three very pointed bulwarks, are quite rare in military architecture, since from the middle of the sixteenth century various treatises considered this way of construction to be wrong and that they could only be used in areas where no other format was possible. In the case of Cascais, the structure not only has a plan with an unusual shape, but it is also essentially poorly placed, by placing a bulwark right in front of the attack front.

The most famous triangular fortress with three bulwarks of the Hispanic Crown was designed by Antonio Ferramolino for La Goleta de Túnez, in 1535, after the conquest of the city by Carlos V (figure 8). Once the city was occupied, and to be subdued,

¹⁴ AGS. GA, leg. 288, fol. 112.

¹⁵ Sylvie Deswarte-Rosa. De l'emblema à l'espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal, in *II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos*. Coimbra 1987, p.182.



the emperor gathered, precisely in Tunis, his main specialists to come up with the best way to fortify La Goleta. Among the members stand out soldiers and engineers of the stature of Hernando de Alarcón, Antonio Ferramentasolino, Juan María Buzzacarino, Ferrante Gonzaga, Benedito de Ravena, Luis Pizaño, the count of La Torela and the brothers Betto and Gerolamo Medici¹⁶. The decision of this meeting of experts chaired by Carlos V himself was to build a triangular fort with three bastions, and to place one of them aimed at the attack front. Model that, as may be compare between figures 8 and 9, was followed by the engineer who later designed the Cascais fortress.

The kingdom of Portugal will receive this knowledge about the triangular fort of La Goleta in two ways: after Francisco de Holanda's trip to Italy (1538-1540), sponsored by D. João III; and also through engineer Benedito de Ravenna, one of the engineers who participated in the African trip to Tunis, and who in 1541 was heading to the new fortifications in Mers El Kébir and Ceuta together with engineer Miguel de Arruda.

The problem is that the drastic changes suffered by the imperial project for Tunisia did not reach Portugal. As early as 1539, the governor of La Goleta very correctly criticised the flaws in the layout of the new three bastion fort and the placement of one of them facing the place where the enemy could establish the attack battery: "because as the fortress is pointed and the point goes separately... where artillery

¹⁶ José Javier de Castro Fernández and Javier Mateo de Castro. Tijeras y tenazas como innovación tecnológica: De San Telmo de Nápoles a La Goleta de Túnez (1535-1574), p. 177. Guerra y tecnología. Interacción desde la Antigüedad al Presente. María Gajate and Laura González (Publishers). Madrid 2017.

may be placed in this fortress, leaving the traverses exposed"; and in turn proposed a different model, to make a "straight curtain between its two turrets, one on the sea side and the other on the land side, the traverses being, thus, covered, which could not be hit from either end", or, in other words, a tenaille, as would be shaped by the engineer Pedro Luis Escrivá in his unpublished work *"Apología en excusación y favor de las fabricas que se hacen por designio del comendador Scriva en el reino de Napoles y principalmente de la del castillo de San Telmo compuesto en dialogo entre el Vulgo que la reprueba y el Comendador que la defiende"*.

Nor is it surprising that Francisco de Holanda and Miguel de Arruda did not know about this important change, because the Alcalde de La Goleta, Fernando de Tovar, built it without the express authorisation of the Crown, which was precisely what a bewildered Bernardino de Mendoza stated when reporting to the Crown, in July 1545, on the evolution of the castle's works: *"the work and layout of this fortress are very different from what I had understood and what, in my time, Your Majesty had ordered"*.¹⁷

We see that the design of the forts of La Goleta de Túnez and Cascais is identical, by using a triangular fortress and placing a very sharp frontal bastion on the land front and in the canal area (in Cascais, this would be the river Tagus) the two bulwarks. Comparing the two plans, we see that the draughtsman of Cascais - already during the regency of Cardinal D. Henrique - assumes an old design from 1535, and is not aware that this

¹⁷ José Javier de Castro Fernández, Javier Mateo de Castro. Las primeras fortificaciones abaluartadas en La Goleta de Túnez. International Conference on Modern Age fortifications of the Mediterranean coast. Firenze 2016, p. 295-302.

model was out of date before the end of the 1730s.

We saw that Francisco de Tovar points out that the main defect of the Tunisian force is that *"this fortress leaves the traverses exposed"* to the enemy artillery and that, in case of attack, the enemy will try to dismantle the cannons of the flank of the bastion to render the fort defenceless. It is curious that in the two attacks that Cascais suffered with artillery during the 16th century resulted in a quick surrender and, in both cases, the enemy used this exact system. During the 1580 siege, the Duke of Alba attacked the castle with only three pieces of artillery and, as the chronicler Antonio de Herrera tells us, *"one piece from the army dislocated another from the castle, breaking it to pieces and killing a gunner"*, ¹⁸data that Alonso Zimbron complements: *"immediately with the first shot, they shot down a piece of artillery that they had against ours, with which they could offend us more"*¹⁹; and in 1589, during the English siege, the same action took place and again the chronicler recounts that *"two artillery pieces exploded"* ²⁰in the castle. Engineer Tiburcio Spannocchi, in his report to the Crown of 1590 about Cascais, accounted for this serious defect of the fort: *"the two beams that guard the fronts of this point are quite small and so exposed that, with only a few shots, they could be removed and knocked over"*²¹.

¹⁸ Antonio de Herrera. Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 111v^o.

¹⁹ Letter from Alonso Zimbrón to García Pareja, in Badajoz on 5 August 1580. CODOIN, Madrid 1862, tomo XL, p. 366.

²⁰ Relación de lo sucedido del armada enemiga del reyno de Ynglaterra a este de Portugal con la retirada a su tierra este año de 1589. BNM, Mss. 18579/8, fol. 81.

²¹ AGS. SGU, leg. 3694. "There is a tower that has caused a lot of damage in the past sieges

The mayor of the Cascais fort, Captain Nuño Orejón, with extensive experience in fortification matters, lieutenant-general of the artillery of the kingdom of Portugal, indicates in a report of October 1590 that much damage had been caused by the two sieges, from one of the towers of the village enclosure, a fact that Spannochi also reports adding that: *“It will be good to order the demolition of a tower on the wall of the village, which is higher than the fortress”*²². Thanks to the plans existing since the end of the 16th century, we can clearly determine which is the tower in the urban area of Cascais from where the enemy artillery discovered and overthrown the two cannon platforms that defended the bastion of the attack front (figure 10). In figure 11 we see the solution that Tiburcio Spannocchi discussed in his 1590 project, which consisted of the construction of a tenaille formed by two whole bulwarks joined by a straight curtain that completely protected the flanks from the attacker’s cannons.

04. OTHER PORTUGUESE TRIANGULAR BULWARKED FORTRESSES

The triangular fortress of Cascais is often compared to two other Portuguese fortifications. The first is the castle of Santa María de Larache or Our Lady of Europe, with a triangular plan, built during the second half of the 16th century, about which engineer Bautista Antonelli comments (December 1610) that *“It has a triangular shape, entirely vaulted, has little space and since it has such a poor shape - triangular - no other fortification can be built there and the wall is also of little use, since all the angles*

and it would be convenient to lower its height by half”.

²² AGS. SGU, leg. 3694.

*are so very sharp”*²³. We see that this fortress shares the same defects as Cascais: the triangular figure, no embankments, small in size, and the bulwarks have very acute angles. This castle of Larache was considered, based on the statement by engineer Antonelli²⁴, to have been built by engineers serving King D. Sebastião of Portugal after the Ksar-el-Kebir disaster²⁵.

The second fortress is Santa Catarina of Figueira da Foz, built by order of Philip I of Portugal from 1585, with a triangular plan of three bulwarks, which may be related to the Cascais fortress to show that both are from the Philippine period. However, except for the triangular layout with its three bulwarks, the two fortresses share no other similarities. The differences start with the implantation concerning the attack front: while Figueira’s, being well positioned, has a straight curtain and with the casemates sheltered from the enemy’s artillery, in Cascais there is an “acute” bulwark, leaving its cannons without defence of the flanks.

The solution for the shape of the bulwarks is also entirely different. While Santa Catarina has small tenailles called “swallowtail” (identical to those on the plan of a triangular castle in Archives of House of Alba, carried out during the Italian campaigns of the III Duke Fernando Álvarez de Toledo, 1555-1558), Cascais’ bulwarks are very pointy and therefore very long. With these two examples we observe an evolution,

²³ AGS, GA, leg. 744.

²⁴ Francisco Javier Bueno Soto. Larache y la La Mamora. Dos fortificaciones españolas en tiempos de Felipe III. p. 57.

²⁵ On the construction of Larache forts see: Fernando Cobos Guerra. Espías, traidores y renegados. Fortificación y espionaje en los siglos XV y XVI. In El ingeniero espía. Alicia Cámara Muñoz and Bernardo Revuelta Pol, coordinators. Madrid 2018, p. 30-33.

about how military engineers try to adapt the triangular plan and eliminate part of the defects and inconveniences detected in the 1640s. The intention was to eliminate the pointy, long and narrow bulwarks, and to design a new system from this “swallow tail” that cuts through the bastion, which makes it less vulnerable, and also makes better use of the space of the upper platform of the bastion to the site of the frontal artillery. All of this leads us to a position in which we are able to demonstrate that who designed the triangular castle of Cascais was trained during the 1630s-1640s and that they did not evolve with the adoption of new trends and advances in the field of fortification.

05. ENGINEERS RESPONSIBLE FOR THE TRIANGULAR FORT OF CASCAIS

We saw that the Cascais fort was built with technology from 1630s-1640s, with a triangular plan, very sharp and narrow bastions, hollow (with vaulted rooms) and curtains without an embankment; and, in terms of authorship, we have two candidates, both Portuguese engineers, Francisco de Holanda and Miguel de Arruda.

The military training of Francisco de Holanda began when he travelled through Italy and Spain, sent by D. João III of Portugal between the years 1538-40, and at a time when the fort of La Goleta de Tunis was just built by Antonio de Ferramolino, according to the model proposed by the main engineers of the Hispanic Crown in the expert council chaired by the emperor himself, after the conquest of the city of North Africa. Francisco de Holanda was in Naples, where the Emperor landed after the capture of Tunis, and



where the layout of the new fort was first made public.

Holland seems to have been, on returning to Portugal, the most suitable person to direct and draw the new bulwarked forts that D. João III of Portugal intended to build. However, he asks Carlos V to borrow one of his most qualified engineers - Benedito de Ravenna. This technician is assigned to the North of Africa to draw the new defences of Mazagão and Ceuta, but the Portuguese engineer who accompanies him to learn about the new bulwarked system is not Holanda, but rather Miguel de Arruda.

Miguel de Arruda became the main military engineer of the reign of D. João III and during the regency period, until his death in 1563. His military formation was born by the hand of engineer Benedito de Ravenna, one of the main engineers of the reign of Carlos V and that attended the council of engineers that decreed the shape of the fortress of La Goleta of Tunis. He works with Ravenna on the drawing of the new walls of Mazagão and Ceuta and the knowledge of the validity of the system of a triangular castle pointed at the attack front comes, first-hand, from Ravenna.

In December 1548 Miguel Arruda is appointed “*master of fortifications*” in Portugal and India²⁶, leading the project and execution of the military fortresses of King D. João III, which means that Francisco de Holanda is not only removed from his position, but also that his future projects needed to be approved by Arruda.

There is a moment when Arruda may have learnt about the modification of the original project of La Goleta, when he works together with Ferramolino,

²⁶ Sousa Viterbo. Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e constructores portugueses ao serviço de Portugal. Lisboa 1899, tomo I, p. 72.

in 1549²⁷, in the fortification of Seinal (North of Africa), although we think that the Italian engineer probably did not mention this subject after the humiliation he suffered, seeing how an engineer of his standing had to modify a project approved by the emperor, creating excessive discredit under pressure from a mayor.

Francisco de Holanda was despised during the reign of D. João III and the subsequent regencies of Dona Catarina and D. Henrique, in favour of Miguel de Arruda and his successor in the position of “*Master of the Fortification Works*”, until the arrival of the new King D. Sebastião, for whom he carried out, in 1571, an interesting project to improve the fortifications of the river Tagus bar. Despite his efforts, the new king will also not take him into account as a military engineer, although his ideas were taken up years later by Manuel de Portugal - during the “*reign*” of D. António, Prior of Crato.

The project by Holanda to improve the defence of the river Tagus’ estuary consisted of: “*the fortresses of Belém and S. Julião strengthened, repaired and finished; (...) and this, with some strong bulwarks that respond from the other side of Trafaria and the Adiça area (...) or, if possible, having secure stone or foundations, this bulwarks could be built in the middle of the hill where the shallow sea hits, which responds more precisely to S. Julião*”²⁸.

The main work he proposes is the construction of a triangular-shaped fort in the middle of the river - the shallow area - in front of the S. Julião da Barra fort, and it stands out for its plan - triangular -, although what

²⁷ Luiz Walter Coelho Filho. A fortaleza de Salvador na Baía de Todos os Santos. Petropolis, 2015.

²⁸ Francisco de Holanda. Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa. 1571, capítulo IV, fol. 6.

will eventually be made, in the end of the 16th century, has a circular plan. This fort is the main idea of the treatise, since with respect to S. Julião da Barra, the engineer simply indicates that the defence should be improved and omits any relation with the fortification of Cascais. We can consider that Francisco de Holanda does not carry out a global study on the defence of the estuary, but is rather only focused on proposing a new work (an innovative idea that will be taken into account by subsequent engineers from the end of the 16th century) but which does not have the importance attributed by most authors who have studied their treatise.

There are two elements in the Cascais fort that may very well tip the scales for one or the other engineer. The first is the panelled decoration that adorns the fortress, and it seems more according to Francisco de Holanda’s taste, if we recall the drawings he incorporated after his trip to Italy in the “*Álbum dos Desenhos das Antigualhas*” (1538-1540) or in the “*Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa*” (1571), a decorative element that, on the contrary, is not found in Miguel Arruda’s projects.

The second element is of a technical nature and consists of the shape of the casemates and the orillon of the bulwark of the Cascais fortress, with a curious straight cut that resembles that of the bulwarks found at the Lagos wall. It seems that this fortification in the south of Portugal was built around 1553, during the reign of D. João III, which is why Miguel de Arruda had to intervene as the supervisor of royal fortifications, if not in drawing this fortification, at least approving it.

06. THE FORTIFICATIONS OF D. ANTÓNIO, PRIOR OF CRATO

D. Henrique de Avis dies on 31 January 1580, without appointing a successor to the Portuguese throne, but one of the suitors, D. António, Prior of Crato, manages to be proclaimed King of Portugal on 19 June 1580 but, despite the existence of a regency council, one might say that he was the de facto king until the death of the cardinal king.

One of the main measures taken by D. António - and before he was appointed king - was to improve the defence of the river Tagus bar to prevent the other claimant, Philip II of Hapsburg, from invading Lisbon and thus achieving the annexation of the kingdom. For that, D. António will be supported by two prestigious personalities: on the one hand, Diogo de Meneses, the Governor of India, and on the other, Manuel de Portugal, as an expert in fortifications. D. António appoints him responsible for the project of the new defensive fortifications of Lisbon, with the title "*Chief Fortifier of the Kingdom*"²⁹, and he will rely on the collaboration of engineers Filipe Terzi, for the river Tagus area, and Juan Núñez for the river Sado, in the Setúbal area³⁰.

We know the reach of the works conceived by Manuel de Portugal and executed by these engineers³¹, thanks to the information that several informants based at the Court of Lisbon during the first months of 1580 provided to the Hispanic Crown from time to time, and that extended

and completed the reports of the two Castilian chroniclers.

António de Escobar's chronicle tells that one of the first measures of Prior of Crato was the fortification of Cascais: "*And from there he moved on to Cascais, where he placed Henrique Pereyra de la Cerda as mayor of the castle, along with eighty soldiers, and from there he entrenched two locations on the marina, from where the Castilians could take the port, and placed a large number of combat pieces on the trenches with a large number of soldiers*"³². In turn, the story of Antonio Herrera raises the defensive positions "*in three forts that the Portuguese built at the marina to defend against possible invasions*"³³.

The first reports documenting the constructions to improve the defences of Cascais, carried out by order of D. António, date from March 1580 and show that the main objective was to try to prevent the landing of Spanish troops on the beaches of Cascais. We have three letters delivered by Juan Antonio de Merlo and Oberto Spinola that inform us of the development of these works. On March 12, they alerted for the start of the "*construction*"³⁴ works in Cascais; subsequently, on 21 April, they confirmed that the works were the idea of Manuel de Portugal and materialised by the engineer Filipe Terzi and involved more than 400 people labourers, the purpose of the works, as far as Cascais is concerned, was "*to prevent ships from entering the*

port"³⁵. Two days later they detail the scope of the buildings, informing that "*in Cascais, four bulwarks are being made, one made of lime and stone and the other made of stone without lime*". In addition, they reveal important data on the development and execution of the works, such as having 100 ducados to finance them, that the residents were forced to work for free and that those who fail to be present must pay a penalty of "half a tostão" - which Spinola himself quantifies as two and a half reais -, that the works were progressing slowly and that, since these artillery platforms were being built "*with weak and thin cements*"³⁶, they would not be able to sustain a cannon attack.

On the other hand, an informant named Gregorio Sarmiento de Valladares, on 4 May 1580, warned of the construction of two forts, one located near the monastery of Santo António de Cascais - where, in 1590, Giovanni Vincenzo Casale would build a fort - and another near the triangular fort of Cascais. The purpose of this last fort is "*for artillery to shoot low because, according to what they tell me, the castle, from it is standing now, is unable to attack war vessels*"³⁷. Three days later, he expanded the information: "*In Cascais, two wooden earthworks forts are ready to prevent any landings that the enemy may wish to carry out*"³⁸.

In addition to the written reports from the paid informants of Philip II, several drawings were also carried out to define with greater precision not only the precise construction site, but also the scale of the work, a good example of which is an existing plan in the Archives of House of Alba. In this drawing (figure 20), the location

²⁹ Rafael Moreira and Miguel Soromenho. *Engenheiros militares italianos em Portugal*. (Séculos XV-XVII). p. 115. In *Architetti e ingegneri militari italiani all'estero dal XV al XVIII secolo*. Volume secondo. 1999. A cura di Marino Viganó.

³⁰ AGS. Estado, leg. 416, fol. 170-1.

³¹ Informe del licenciado Padilla, finais de Março de 1580. Estado 415, fol. 281.

³² Antonio de Escobar. *Recopilación de la felicísima jornada que la catholica real magestad del rey don Phelipe nuestro señor hizo en la conquista del reyno de Portugal*. Valencia 1586. cap. III, p. 14.

³³ Antonio de Herrera. *Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583*. Madrid 1591, libro tercero, p. 112.

³⁴ AGS. Estado, leg. 415, fol. 337.

³⁵ AGS. Estado 415, fol. 342.

³⁶ AGS. Estado 415, fol. 343.

³⁷ AGS. Estado 415, fol. 171.

³⁸ AGS. Estado 416, fol. 172-31.



of a fort on the beach between the triangular castle and the fortified city was indicated with the caption “*here the new stockade was made*”, and another fort after the city, towards the Santo António monastery where it appears: “*Main landing site*”.

Thus, we see how Manuel de Portugal, with the help of engineer Terzi, carries out various works on the beaches of Cascais to prevent the landing of Philip II's troops, placing embankments to place artillery pieces and lines of wooden stockade. In addition to an interesting work at the Cascais fort, consisting of a limestone platform between the castle and the river bank, lower than the castle and practically at river level, to attack with artillery and light weapons the galleys approaching the coast. The remains of a platform attached to the castle and built in lime and stone on the outside of the riverbank may be the remains of this work, documented in the first months of 1580.

We have an interesting plan by Felipe Terzi, made “*in the time of our governors*”³⁹, in which the main works carried out during the first months of 1580 for the Prior do Crato stand out, and in which Cascais is represented as a triangular fortress and with a small artillery platform on the banks of the river Tagus. This map also includes the new forts of Cabeça Seca, Trafaria and a fortification in Setúbal, although all the small works that were carried out on the banks of the Tagus and Sado are not included. We have an important piece of information sent to the Hispanic Crown that details these works: “*In the Setúbal bar a fort has been started; in the S. Julião tower, located in Lisbon, four forts are being built; one on Cabeça Seca on wood; a different one in Trafaria which is on the side of Almada and stands in front of*

³⁹ PT-TT-CCDV-29, 016.

S. Julião and Cabeça Seca; Another fort is being built where the galleys appear, called Paço de Arcos, on a hill called Santa Catarina de Ribamar. Another fort is being built on the other side of Trafaria. In front of the marina of Senhor de Cascais. Another landing spot in Santo António de Cascais where they are now building a fort”⁴⁰. In June 1580, Felipe Terzi was already sure of the outcome of the unequal struggle between D. António and Philip II, so he decided to move to the Hapsburg side⁴¹, leaving the fortification works of Cascais and its coast without a military engineer, and most certainly the entire works unfinished.

07. THE PLAN OF THE ARCHIVES OF HOUSE OF ALBA

We saw how important Philip II's informants were to gain knowledge on the situation of the fortifications of the river Tagus, but this work had already started before the death of D. Henrique. One of the first reports is made by order of the Marquis of Santa Cruz⁴², in April 1579, to collect data on the fort of Cascais and knowing if “*the castle of Cascais was fortified and the number of persons manning it, what artillery and what ammunition*”, or what is the best position to “*plant artillery*” against the fortress. Also noteworthy are the report by ambassador Juan de Borja between 1569-1575, before D. Henrique I of Portugal, who claimed that “*Cascais is a place, five leagues from Lisbon to the north, an open place, has a castle up to the marina, something of very little importance*”⁴³.

⁴⁰ AGS. Estado 416, fol. 125.

⁴¹ F Ribeiro da Silva. A diplomacia secreta de Filipe II em Portugal e os mesteiros de Lisboa (1579-1580). Estudos de Homenagem a Jorge Borges de Macedo. Lisboa 1992, p. 263.

⁴² AGS. GA, leg 89, fol. 65.

⁴³ Letter sent by Juan de Borja to Philip II from Prague on 27 February 1580, in Sylvie

In the Archives of House of Alba we find three important plans that date back to the regency period and even the last months of the reign of D. Henrique I, between 1579-80, which report on the situation of the fortifications existing at the mouth of rivers Tagus and Sado, and which were used by Fernando Álvarez de Toledo, III Duke of Alba, during his Portuguese Campaign.

In the foreground⁴⁴ (figure 20), we find the area furthest from the mouth of the river Tagus, including the triangular fortress of Cascais and that of S. Julião, drawn with a plan of four bulwarks, when in reality it had five, an error for which no plausible explanation has been found by those who have studied this plan. This glitch in Philip II's espionage is clarified by informant Juan Bautista Gesio⁴⁵, in a letter of July 1580 addressed to the Hispanic Crown, warning that although it is considered that this fort had “*four bulwarks similar to bonnets*”, he states that “*what I have seen*” to then state that the correct plan of the building is “*five bulwarks*”, specifying that two are found on the land front and the other three on the river Tagus bank.

This first plan is completed with another one (figure 23) - unpublished to date -, in which the description of the Tagus bar continues towards

Deswarte-Rosa. De l'emblema à l'espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal. II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.172.

⁴⁴ Reproduced in Margarida Magalhães Ramalho. Roteiros do Património de Cascais. Fortificações Marítimas. Cascais 2010, p. 15.

⁴⁵ Letter sent on 4 July 1580 by Gesio to Philip II, in Sylvie Deswarte-Rosa. De l'emblema à l'espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal. II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.182.

Lisbon, highlighting the Belém tower and the Cabeça Seca island⁴⁶, although the wooden fort Manuel de Portugal had engineer Filipe Terzi built is not drawn, so we can consider that the plan dates back to March 1580.

The third unpublished plan of the House of Alba⁴⁷ (figure 24) is outstanding and of great importance to understand the evolution of the Portuguese fortification in the period before Philip II rose to the throne, since it represents all the defences of the river Tagus, from the mouth to Lisbon, even including the river Sado, with the fortresses on this sector. We consider that it was designed in the first months of 1580 for several reasons. Firstly, because there are no provisional works - especially in Cabeça Seca - built by Terzi and which he already considered in his plan⁴⁸, and keeping in mind that in the middle of 1580 Philip II had already received a copy of Terzi's projects⁴⁹; secondly, because the fortress of S. Julião da Barra is well represented with its five bulwarks; and finally because the works carried out by Fratin, from 1581, for the construction of the new fortress of S. Filipe in Setúbal and the extensions of the fortress of S. Julião da Barra, are not included.

The existence of these three plans for the personal documents of the III Duke of Alba can only be due to the fact that they are part of the various drawings he used for the campaign in Portugal and the occupation of Lisbon, and we say that they must be earlier because it does not make sense that they were drawn when

⁴⁶ Archives of House of Alba. Unpublished plan.

⁴⁷ Archives of House of Alba. Unpublished plan.

⁴⁸ PT-TT-CCDV-29,161.

⁴⁹ On 6 May 1580, informant Gregorio Sarmiento had obtained a copy of Terzi's project for the fortification of Cabeça Seca. AGS. Estado 416, fol. 172-31.

Fernando Álvarez de Toledo (1581-1582) was the viceroy, since they would no longer have any strategic value and since the king had already ordered Fratin to produce an accurate cartography of rivers Tagus and Sado, to build the two new fortifications of S. Julião da Barra and S. Filipe de Setúbal.

We can think that the author of this great plan at the Archives of House of Alba, which includes the fortifications located on rivers Tagus and Sado, was Juan Bautista Antonelli, because in March 1580 this engineer had already informed the Duke of Alba of all the defensive details *"of Setúbal, and from the mouth of the port of Lisbon"*⁵⁰. These sites are precisely those referred to in the existing plan in the Archives of House of Alba, representing in detail the fortresses that the Duke of Alba had to attack and the various places where the Duke of Alba led his attack on Lisbon. In any case, the plan was made by someone who knew Spanish - since terms like *"La torre vieja"* are used, and also the determiners *"la, los, del"*. (*La Trafaria, Los Cachopos* or *N^a S^a del Cabo*).

WE WILL NOW ANALYSE THE FORTRESSES DRAWN ON THE PLAN.

Cascais

On the right bank of the river Tagus, almost at the mouth, the town is represented with the legend *"Cascais"*, as a heterogeneous town in which the parish church stands out. A triangular fort is drawn with three bulwarks, two located towards the sea and one towards the land, surrounded by a moat. This piece of information reaffirms the thesis that the fort was

⁵⁰ Letter from the Duke of Alba to Secretary Delgado, in Llerena on 6 April 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 41.

built before the entry of Philip II in Portugal and, therefore, during the regency of Cardinal D. Henrique, not also including the works conceived by Manuel de Portugal and executed by the engineer Filipe Terzi at the beginning from 1580, mainly the stone embankment located on the curtain of the banks of the river Tagus.

Santo António da Barra

continuing along the coast between Cascais and S. Julião, the fort of Santo António, drawn by Casale at the beginning of 1590, does not appear on the map, although on 1 August 1580 Juan de Albornoz wrote to Secretary Delgado saying that: *"This place (Cascais) was taken yesterday; today the fort was taken and D. Diego de Meneses imprisoned there, and the fort of Santo António was also taken"*⁵¹. This fort was built by Manuel de Portugal as shown in a list of his works: *"Another landing spot in Santo António de Cascais, where a fort is now being built to have artillery there because the Cascais fort can't reach it"*⁵², data confirmed by the informant Valladares in May 1580: *"they say that next to the Santo António de Cascais fort there will be another fort"*⁵³. As this work, the Santo António fort, is not part of the plan, we have new information that reaffirms that it was carried out before the first months of 1580.

São Julião da Barra

Following the margin of the right bank, we find the fort that bears the name *"S. Giam"*, projected with a total of five bulwarks, two for the

⁵¹ Letter from Juan de Albornoz to Secretary Delgado, in Cascais on 1 August 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 343.

⁵² AGS. Estado 416, fol. 125.

⁵³ AGS. Estado 416, fol. 170-1.



land front and three for the sea front. We believe that whoever drew this plan visited each and every one of the locations, as we saw earlier as informer Juan Bautista Gesio did, and not as the one who drew the other plan of the Archives of House of Alba, by representing a fort with four bulwarks, surely because he could only see it - if he indeed could - from land and not from the river Tagus. For all of this, we can consider that the various spies serving Philip II were not related to each other, but that each one reported the information that he collected, and that the Court was responsible for ratifying or discarding the data regarding each fortress.

S. Lourenço da Cabeça Seca

The term “*Los Cachopos*” is inscribed on the map, in front of the castle of S. Julião da Barra, but there is no drawing of a fortification that Filipe Terzi built following orders from Manuel de Portugal, which he notes on his 1580 map. On 26 June 1580, the Duke of Alba wrote to Secretary Zayas: “*May they have a good guard in the castle of San Jean, and in what was fortified again in Cabeza Seca, if those who fortified it no longer support D. António*”.⁵⁴ Chronicler António de Herrera⁵⁵ claims these works date back to the time of the Governors: “*At the mouth of the Tagus, they ordered D. Manuel de Portugal to fortify the island of Cabeça Seca and Cachopo, which is at the entrance to the sea on the river Tagus*”, information ratified by two Philip II’s spies, Juan Antonio Merlo and Oberto Spinola, in a report of 4 March⁵⁶. Again, this omission of

⁵⁴ Letter from the Duke of Alba to Philip II, in Cantillana on 26 June 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 175.

⁵⁵ Antonio de Herrera. *Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años de 1582 y 1583*. Madrid 1591, libro segundo, p. 62.

⁵⁶ AGS. Estado, leg. 415, fol. 336.

the Cabeça Seca fortifications in the plan helps us to date it back to the first months of 1580, or even before the death of King D. Henrique.

Belém Tower

after the S. Julião da Barra fort, the Torre de Belém is represented, without the modifications that Manuel de Portugal proposed to build in particular: “*they tell me they want to pave the top of this Belém tower*”⁵⁷ and the provisional works that were made in the Santa Catarina de Ribamar area are also not included⁵⁸.

Lisbon

We arrived in Lisbon, which is defended at the top by the castle of São Jorge, represented by four circular towers with a very medieval aspect, and to which the improvements proposed by Francisco de Holanda in his study of 1571 were not incorporated⁵⁹. He also points out that the city walls were not drawn, which might mean that the person who drew the plan did not consider them to have enough defensive power to withstand a siege or, as was known, assumed that it would be useless to explain them.

Old Tower of Caparica

On the left bank of the Tagus, in front of Belém Tower, there is a building called “*La Torre Vieja*” that corresponds to the one that D. João II had built at the end of the 15th century, in the Caparica area. This fortification had a structure similar to that of Cascais, with a tower, body and artillery platform at the water level, but due to the disposition of the drawing, the extension of the work cannot be appreciated, although

⁵⁷ AGS. Estado 416, fol. 170-1.

⁵⁸ AGS. Estado 416, fol. 125.

⁵⁹ Francisco de Holanda. *Fabrica que faleçe ha cidade de Lysboa*. 1571, capítulo III, fol. 8.

we can infer that the draughtsman did not pay more attention to it for considering that this tower would be of little military importance for the III Duke of Alba’s attacking manoeuvres.

Almada

also on the left bank of the Tagus and in front of Lisbon we find the castle of Almada, represented by four circular towers of medieval appearance, without any modern works, and the town without walls, which caused it to be taken without resistance by the troops of the Duke of Alba.

Sesimbra

further south is the castle of Sesimbra, the so-called “*Castelo dos Mouros*” [Castle of the Moors] with a regular plan, with battlements on the walls and four circular towers that give it a medieval appearance and without any modern fortifications to be registered, which coincides with the description made on 20 July 1580 by the Duke of Alba to the king: “*Sesimbra, which is a place with up to five hundred houses with its small castle*”⁶⁰. In any event, the village must have had some fortifications since in May 1582 a bronze cannon that weighed 80 quintais and fired 30-pound bullets was taken from Sesimbra for the new castle of S. Filipe de Setúbal⁶¹.

Setúbal

The town of Setúbal is represented by a wall surrounding it, without any 16th-century additions, a design that corresponds to the description of Herrera, the chronicler: “*they are old walls and square towers*”.⁶²

⁶⁰ Letter from the Duke of Alba to Philip II, in Cape Espichel on 20 July 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 334.

⁶¹ AGS. CMC, 2º época, leg. 496.

⁶² Antonio de Herrera. *Historia de Portugal y conquista de las islas de los Açores en los años*

The Outão Tower

On the outskirts of Setúbal, the House of Alba plan draws a fairly high regular tower with three rows of embrasures plus the upper terrace, and a low enclosure surrounding the tower that would function as a large artillery platform. This tower is certainly the one that Cardinal D. Henrique de Avis had built during the regency of D. Sebastião, and described in 1580 by Juan de Borja, former ambassador of Philip II at the Court of Portugal: “Setúbal, which is a port capable of supporting large armadas and is five leagues from Lisbon, to the West, has a small castle at the mouth of the river”.⁶³

The importance of this tower is highlighted by the duke in a letter addressed to the king on 14 July 1580: “what I have thought so far is to attack the town’s tower first, to clear the port for the armada, because once the tower is destroyed, the ships can enter without being attacked from the city”⁶⁴. On the 18 July the duke gave the king new information about the tower of the port of Setúbal: “the greatest strength that the tower has is the difficulty with which artillery can be transported there, but, after being transported, is easy capture it, according to what I’m told”⁶⁵. Francés de Álava, captain-general of artillery, ratifies this opinion and in

a letter dated 25 July 1580, reports that the castle of Outão “there, was considered implacable, because it could not be taken by land, and by sea it is impossible to attack it, because it has fifty large pieces of artillery and other small ones, based on a very strong rock”⁶⁶.

Chronicler Antonio de Herrera brings new information: “The tower of the port bar is thus recognised, which is fortified according to modern concepts, with three cavaliers, albeit small, being ruled by a nobleman called Mendo de la Mota, with one hundred soldiers and forty-seven artillery pieces, seventeen heavy ones in bronze and the rest in cast iron and bronze”, data very similar to those contained in a document deposited at the Ajuda Library in Lisbon⁶⁷. For his part, chronicler Escobar accurately indicated the location of the fortification: “a large castle called Outão Tower, which was a league away from Setúbal, which, from there, appears at the foot of a very high and rugged mountain, and, on the front, the castle is stricken by the sea”⁶⁸.

Once again we see that the drawing of the Archives of House of Alba was made in the first months of 1580 because it did not include the provisional work of the fort that Manuel de Portugal⁶⁹ ordered to be made, and of which Padilla informed Philip II on 30 March 1580.

08. DATING THE BULWARKED TRIANGULAR FORT

The first dating of the triangular castle of Cascais was carried out in the mid-1960s by scholar Acácio Pereira Lourenço, who proposed a period of construction between 1576/1580, during the reign of D. Sebastião⁷⁰. Later, already in the 1980s, Rafael Moreira pushed the period of construction to the period of 1563/64, during the regency of the cardinal king D. Henrique, and granted claimed its author was engineer Tommaso Benedetto de Pésaro⁷¹.

Later, the studies of Margarida de Magalhães began, who in 1991 defended that the fort is was built during Philippine period, stating that “in 1580 the fortress of N.^a S.^a da Luz, as we know it, was not yet built; therefore, the port and the town of Cascais were defended by the old Tower, built during D. João II’s time, the only permanent fortification, with the exception of the medieval castle”⁷².

Based on her work, those who studied the fortification of Cascais afterwards accepted this same criterion, and even Acácio Pereira Lourenço and Rafael Moreira retracted their previous statements and began defending the new postulate, and the latter even also accepts the attribution of the triangular fortress to engineer Tibúrcio Spannochi⁷³ and the claim that it was built from 1590.

de 1582 y 1583. Madrid 1591, libro tercero, p. 101.

⁶³ Letter sent by Juan de Borja to Philip II in Prague on 27 February 1580, in Sylvie Deswarte-Rosa. De l’emblemata à l’espionnage: au tour de D. Juan de Borja, ambassadeur espagnol au Portugal. II Simpósio Luso-Espanhol de História da arte. As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos. Coimbra 1987, p.172.

⁶⁴ Letter from the Duke of Alba to Philip II, in Alandeira on 14 July 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 246.

⁶⁵ Letter from the Duke of Alba to Philip II, in Setúbal on 18 July 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 279.

⁶⁶ Letter from Francés de Álava to Secretary Zayas, in Setúbal on 25 July 1580. CODOIN, Madrid 1858, tomo XXXII, p. 297.

⁶⁷ Miguel Soromenho. Portugal na monarquia ibérica in Omaggio agli Antonelli (a cura di Mario Sartor). Udine 2004, p. 275.

⁶⁸ Antonio de Escobar. Recopilación de la felicísima jornada que la catholica real magestad del rey don Phelipe nuestro señor hizo en la conquista del reyno de Portugal. Valencia 1586, cap. XI, p. 21.

⁶⁹ AGS. Estado 415, fol. 281.

⁷⁰ Lourenço, Acácio Pereira, Jornal da Costa do Sol, 26/2/66.

⁷¹ Moreira, Rafael, A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal, in Actas do Simpósio Internacional do IV centenário da morte de João de Ruão (separata), Coimbra, 1981.

⁷² Margarida de Magalhães Ramalho. A Fortaleza de Nossa Senhora da Luz. Arquivo de Cascais - Boletim Cultural do Município. Nº 10, 1991, pp. 28.

⁷³ Rafael Moreira. Leonardo Turriano en Portugal. In Leonardo Turriano ingeniero del



Consensually agreed that the work of the triangular fort is from the Philippine period, a problem arises among the various scholars regarding the period in which it was built. There are two currents, a minority that considers that the castle was built as soon as the throne was occupied by Philip II (therefore, around 1581), with the immediate attribution to engineer Fratin. The second current, followed by most people, according to the postulates of Margarida and Moreira, considers that the building was built shortly after the English attack of 1589 and that its author was Tiburcio Spannocchi, although there are other authors who attribute the project to engineer Giovanni Vincenzo Casale⁷⁴. As for the first possibility, that the triangular fort was designed by Fratin and, therefore, built at the beginning of the occupation of the Hispanic Crown, we have two very interesting pieces of information to rule out this hypothesis. The first, when the castle of S. Julião da Barra was expanded, the residents of Cascais were forced to help with the works but excused themselves, in October 1581, saying that: “they were busy preparing roads and taking supplies to court of Your Majesty”⁷⁵ and, interestingly, at no time did they mention that they were building the triangular castle; the second data is when Philip II goes to Cascais and reports, in a letter of 2 October 1581 to his daughters, that: “we went to a house (the palace of António de Castro, lord of the village) that is in good condition and some pieces painted”⁷⁶, but does not

Rey. Madrid 2010, p. 136.

⁷⁴ JorgeCorreia. “Determino mandar um destes italianos ... para melhor poderdes efetuar essa fortificação”. Estudos Italianos em Portugal, 12, 2017: 157.

⁷⁵ Marino Vigano. El Fratin mi ynginiero. 2004, p. 341.

⁷⁶ Fernando Bouza. Cartas de Felipe II a sus hijas. Madrid 1998, p. 57.

comment on the fact that the castle could be under construction, a fact that would not have gone unnoticed, considering how meticulous he was and how close the fort was from the palace. However, other letters from Philip II addressed to his daughters informed about the work that was being carried out in the fortresses of S. Julião da Barra and S. Filipe de Setúbal.

The second attribution line, which states that it was built in 1590 and designed by Tiburcio Spannocchi, is very easy to discard, since the engineer himself, in a report from that year, exposed the defensive defects of the triangular fort and proposed some improvements⁷⁷, so it is difficult to consider that he himself would have projected it.

There is a second piece of information to deny that it was built after the English attack: a letter from director Nuño Orejón from 1590, in which he informs that: “In that city there was only one church which, being very small, was being expanded and the prince cardinal ordered the works to stop because it was 300 steps from the castle”⁷⁸. In the same sense, Spannocchi notes in his report: “the city church that is now starting to be built would be very convenient if it were to be built in another place where it would not need to be demolished in times of doubt, because the part currently receiving the works may be damaged by the castle”.

We see how in 1590 archduke Alberto of Austria (viceroys between 1583-1593) decided to interrupt the expansion works of the church because it sat too close to the fort. Mayor Nuño Orejón tells us about a distance of 300 steps (which is equivalent to about 210 meters), and using

⁷⁷ AGS. SGU, leg. 3694.

⁷⁸ AGS. GA, leg. 288-112.

one of the plants from the end of the 16th century we see that the distance, in a straight line, between the tip of the bulwark of the castle and the church is about 1,000 spans, which is around 228 meters. With this information, we see that the fortification in place was the triangular castle and not the tower of D. João II, because this is much further away from the church.

There is a new and later hypothesis, also formulated by Margarida de Magalhães⁷⁹, which claims that it is possible that the building was carried out by Terzi in the first months of 1580, before the attack by the Duke of Alba. However, as we have already seen in the previous points, none of the informants of Philip II reports on this information, only verifying a series of provisional works and there is also no evidence that Filipe Terzi or Manuel de Portugal planned the construction of the triangular bulwarked fort of Cascais.

We also have the description of Venetian ambassador “conte Stefano Angaro” of the capture of Cascais by the Duke of Alba and who undoubtedly tells us that the triangular fort was already built: “Adi 30 andassimo ad alloggiare presso Cascais la qual terra e posta sul mare, e há un castello de forma triangulare com baluardo alla moderna per guarda del mare, sotto il quale adi p. Agosto impiantata l’artigliaria et fu batuto fin sui tardi”⁸⁰. The Venetian chronicler tells us very clearly that in Cascais on 30 July 1580, there is a triangular-shaped castle, with modern bastions and located by the sea. Therefore, there is no doubt that he

⁷⁹ Margarida de Magalhães Ramalho. A defesa de Cascais. Monumentos cidades patrimonio reabilitação. n.º 31 (2011), p. 34-43.

⁸⁰ Julieta Teixeira Marques Oliveira. Fontes documentais de Veneza referentes a Portugal. Lisboa 1997, p. 377

referred to the current fort of Nossa Senhora da Luz, and if there was any doubt, Stefano Angaro himself includes, in his *Relatione de la guerra di Portogalo*, a drawing of the fortifications of the river Tagus bar - and, there, the triangular castle of Cascais, with three modern bulwarks, is drawn quite clearly (figure 34), and not the military complex built by D. João II at the end of the 15th century.

In this plan we see how Count Stefano Angaro (figure 35) draws the fortress of S. Julião da Barra with five bulwarks, records the works carried out in Cachopos by order of Prior of Crato and details the disposition of the troops in the battle of Alcântara, in August 1580.

09. WORKS AND PROJECTS FOR CASCAIS DURING THE PHILIPPINE ERA

During the Philippine era, several actions were carried out in the triangular fort of Cascais, notably the demolition of the tower of D. João II to achieve a fully unified terrace - with the same height - allowing a more rational placement of the cannons, and the repair of the damage caused by the explosive mine that the English placed during their retreat in 1589: *“With the news of his arrival, the enemy made all its people board, stole everything that was in the castle of Cascais and blew up a piece of it with a mine”*⁸¹, *damage diligently repaired by mayor Nuño Orejón, as reported in a letter of November 1590: “The castle is being repaired, to restore it to its previous state”*⁸²; and the third action was the construction of the ravelin that Tiburcio Spannocchi

proposed in a 1590 report. In addition to several fortification projects designed by engineers working for the Hispanic Crown, such as Giovanni Vincenzo Casale, Tiburcio Spannocchi, Leonardo Turriano, and Cristóbal de Rojas. In Cascais there was the typical mistake of considering that the engineer who signs a plan is the author of the project and, as we will see below, the projects were drawn by Spannocchi and although we do not have the layout, we have written documentation (unpublished until now), as is the case with the project for a fort with four bulwark - drawn by Filipe Terzi - and also of the tenaille attributed to Turriano - according to the existing plan - but which referred to a previous project by Cristóbal de Rojas.

After the Duque de Alba's manoeuvre to occupy the city of Lisbon, there is a fragility of the defence system of the Avis dynasty at the mouth of the river Tagus, which engineer Juan Bautista Antonelli explains in quite simply and clearly in a report of 14 December 1580: regarding the S. Julião da Barra fortress, he claims that it is *“small, expugnable and dominated by a hill”*, the towers of Belém and Caparica are *“too weak to resist an army”* and that of Cascais, *“since it does not protect more than a shelter, which cannot even be considered a port, what is done is enough”*⁸³.

During a first phase, as soon as the war with Prior do Crato was over, the Crown entrusted engineer Fratin with the construction of the fortress of S. Filipe de Setúbal on the river Sado, to dominate the bay and prevent an enemy army from landing and the second action on the river Tagus, which consisted of the improvement of the fortress of S. Julião da Barra, to prevent the entry of enemy ships in

Lisbon and also, in the event of a land attack, to stop enemies from reaching the capital of the kingdom.

The second phase of defensive improvements occurs after the English attack of 1589. In mid-March 1590, Archduke Alberto of Austria, viceroy of Portugal, decided to pay a visit to check the state of the fortresses of the bar of the river Tagus and to convene a meeting of specialists to discuss the new projected fortifications. This council was formed by the main military officials and engineers in the service of Philip II in Portugal: Count of Fuentes, Gabriel Niño, Franco Coloma, Bernardino Avellaneda, Esteban de Ibarra, Pero Benegas, Captain Hernando de Acosta, Friar Giovanni Vincenzo Casale and Tiburcio Spannocchi. They then debated the layout of the new fort of Santo António da Barra, Spannocchi's projects for Cascais or the new fort for Cabeça Seca⁸⁴.

It is interesting how the viceroy receives both engineers with a group of qualified military officials, because although they have great theoretical knowledge, they have little practical training in military campaigns. This Council also ended up mitigating the bad blood between the two engineers, observed during the execution of the Cabeça Seca project, in which their differences regarding the shape of the fort's profiles reached the War Council, which ended up adopting for a somewhat Solomonic solution, accepting the height of the construction proposed by Casale and the moat with the width and depth proposed by Spannocchi⁸⁵. This bad blood between the engineers was only made worse due to Tiburcio's terrible temper, as stated in 1591 by Alonso de Vargas, captain-general of

⁸¹ Relación de lo sucedido de la armada enemiga del reyno de Ynglaterra a este de Portugal con la retirada a su tierra este año de 1589. BNM, Mss. 18579/8, fol. 83

⁸² AGS. GA, leg. 288-112

⁸³ AGS. Estado, leg. 413, fol. 9.

⁸⁴ AGS. GA, leg. 282, fol. 149.

⁸⁵ AGS. MPD,12,162.



the army of Aragon, when he called him “friend of his opinion... and was easily irritated”⁸⁶.

10. CASALE’S PROJECT FOR CASCAIS

Friar Giovanni Vincenzo Casale was sent by Philip II to Lisbon at the end of 1589 to improve the defences of Tagus bar and one of his first assignments was to carry out a fortification project in Cascais. The order was to “make Cascais a model for both the castle and the town, putting the Church that is now being built and the house of the Lord and some of the redoubts there inside the enceinte”⁸⁷. That is why he is asked for a very ambitious project, encompassing, in the same fortification, the village, the palace, the church, the triangular fort and the forts that were built on the beach, which would be in the same places where Manuel de Portugal had them built during the 1580 campaign. Unfortunately we do not know the project, as we only have a map of the situation in Cascais in 1590 (figure 36) and which is very similar to the one drawn in 1581 by engineer Fratin (figure 37), including his notes at the margin indicating that the highest part of the village is located between the church and the palace of Senhor de Cascais, also being practically identical.

11. THE THREE PROJECTS FOR CASCAIS BY SPANNOCCHI

While engineer Casale was carrying out his inspection, Tiburcio Spannocchi arrived in Lisbon, with the same mission. Philip II loved sending two engineers to complete the same task, knowing that they would

⁸⁶ AGS. GA, leg. 359.

⁸⁷ Descrição do Reino de Portugal de Alexandre Massai; 1621, fo. 76.

not agree and that both would do their best to overcome the other. The engineers’ ego was immense, Felipe II was aware of this and had already successfully fostered rivalries between Fratin, Vespasiano Gonzaga and Juan Bautista Antonelli.

In February 1590 Spannocchi begins his visit to the banks of river Tagus River and, during such trip, he also visits Cascais. If his work in other works at the bar is more studied, regarding Cascais, not only is it unknown, but also the construction of the triangular fort is also erroneously attributed to him⁸⁸. Tiburcio would receive the exact same order as Casale - to fortify Cascais -, but as he already had more experience, he did not limit himself to making a single proposal, but rather delivered a total of three projects⁸⁹, each one more complex than the previous one, and thanks to his versatility, the War Council accepts the second model.

11.1. FIRST PROJECT

Tiburcio Spannocchi, in his report from the beginning of 1590, describes the first project stating that: “What seems to me to be suitable for the layout of this fortress is what is marked, which are two bulwarks and a front with its moat and the rest that comes to the sea, built it with a simple parapet that includes some embanked ravines, to make the fortress bigger and freer”. We see that it is a fast, inexpensive project, between 10 to 12 ducados⁹⁰, and that ensures an efficient defence, replacing the obsolete system of a pointy bulwark with a tenaille with

⁸⁸ Rafael Moreira. Leonardo Turriano in Portugal. in Leonardo Turriano ingeniero del Rey. Madrid 2010, p. 136.

⁸⁹ AGS. SGU, leg. 3694.

⁹⁰ Juan de Silva, in January 1597 informed that the project would have this cost. AGS. GA, leg. 481, fol. 88.

two bulwarks and a straight curtain. Therefore, he adopts the defensive criterion proposed in 1565 by Alonso Pimentel for the expansion of the fortress of La Goleta de Tunis against which Pachiotto defended himself by means of a bulwark pointed towards the front of the attack⁹¹.

This same project is the one mentioned by the mayor of the castle, Nuño Orejón, in a letter of October 1590 when he asked the Crown “that with 10,000 ducados, we could built two cavaliers and curtains could be made that could encompass the old fortress, with which we would be able to resist any army for many days, and this could be done with earth and fascine”⁹².

Nuño Orejón was appointed mayor of Cascais in January 1590⁹³ after the English defeat of 1589, and he wasn’t any ordinary soldier: he had been trained under the orders of Sancho de Ávila, one of the great generals of the Duke of Alba⁹⁴, and had some proficiency in fortification, as shown by the fact that in July 1588 he was appointed lieutenant of the captain-general of artillery in the kingdom of Portugal⁹⁵ - this is the second military authority in matters of fortification and artillery in Portugal - so he should have a solid knowledge of fortification and capacity to fully understand the project proposed by Tiburcio, which he supported without any reservations.

⁹¹ José Javier de Castro Fernández and Javier Mateo de Castro. Baluartes contra tenazas: El caso de la Goleta en 1565. Defensiva Architecture of the Mediterranean. XV to XVIII centuries / Vol I / Rodríguez-Navarro (Ed.) Valencia 2015, p. 263-270.

⁹² AGS. GA, leg. 288-112.

⁹³ AGS. Libros Registro de Guerra Antigua, L^o 56, fol. 132.

⁹⁴ Letter from Sancho de Ávila to the Duke of Alba, in Palmela on 28 October 1580. CODOIN, Madrid, 1857, tomo XXXI, p. 300.

⁹⁵ AGS. Libros Registro de Guerra Antigua, L^o 50, fol. 57.

Perhaps for this reason, his nomination as mayor of Cascais - January 1590 - ⁹⁶coincides with Tiburcio's visit to the estuary of river Tagus, and his knowledge of on the matter is demonstrated by the interesting data with which he contributes to the construction of the castle when he affirms that *"with any small battery the enemy will open the door without being hindered, because it is only a vault and some stone, without any embankment nor position to cover it or to place any artillery pieces"*⁹⁷, detailing, in this paragraph, that it is a bulwarked castle from the "past", since it is vaulted, without any embankment and without any artillery platforms on the bulwarks.

Nuño Orejón, in addition to his knowledge on fortification, artillery and military experience, also has other qualities in terms of command and organisation, since after his work in Cascais he was promoted to a position of great responsibility when he was appointed by the Governor King of Orbitello, to the Italian presidios in Tuscany⁹⁸. He remained there until 1617, when he returned to his hometown, Ávila, being buried in the chapel of San Miguel of the basilica of San Vicente⁹⁹.

11.2. SECOND PROJECT:

Tiburcio Spannocchi proposes a second project: *"other opinions, one with a bastion in the middle and two at the ends that would perhaps be*

⁹⁶ AGS. Libros Registro de Guerra Antigua, L^o 56, fol. 132v^o.

⁹⁷ AGS. GA, leg. 288, fol. 112.

⁹⁸ Gil González Dávila. Teatro eclesiástico de las iglesias metropolitanas y catedrales de los reinos de las dos Castillas. Madrid 1647, volumen 2, p. 204.

⁹⁹ Félix A. Ferrer García. Clérigos y feligreses en la Basílica de San Vicente de Ávila: Actividades litúrgicas, lúdicas y funerarias (SIGLOS XVI-XVII). *Hispania*, 2008, vol. LXVIII, n^o. 229, p. 371.

something better, but of greater cost and in need of a greater garrison". The engineer now proposes to defend the land front with three complete bulwarks joined by two straight curtains, and maintains the old castle to serve as an artillery platform over the estuary, and to form the fourth bulwark to flank the two curtains located on the Tagus River. This project fully coincides with the plan outlined by Filipe Terzi¹⁰⁰ in 1594, which states: *"Fortress as is/What is intended. This plan is from the village of Cascais so that you can see what it is intended to do to ensure that fortress is more secure"*.

Terzi gives us two particularly important pieces of information: first, this was the project approved by the War Council and, secondly, it is not his. If it were his, he would have said so and something other than a short *"what is intended"*, but as a good engineer he does not want to "betray" the author of the project (once again, we stand before the fears that existed among military engineers).

In this project, Tiburcio replaces the front of the pointy bulwark with a tenaille with two bulwarks, more effectively protecting the flanks' embrasures, while also equipping them with individual orillions. In the plan of figure 40 we see how now the attack of the village of Cascais, despite being in a higher position, cannot eliminate the defences of the traverses and is limited to attacking the faces of the bulwarks, there is a second tenaille that defends a possible attack coming in from the church area, a similar proposal that we will see later when we study the project by Leonardo Turriano and Cristóbal de Rojas.

The engineer indicates, in his Memory, that this project had a higher cost,

¹⁰⁰ AGS. MPD, 31.6.

up to 50,000 ducados¹⁰¹, since three bulwarks should be built instead of two and two curtains instead of one, which causes the expenses with garrisons and artillery to also increase, although, in return, the place would be better protected and, in the event of an attack on Lisbon or of landing, it would be necessary, first of all, to overcome this position, as the enemy would not be able to leave behind a fortress with such a large garrison. This is how the Count of Portalegre expressed himself: *"I am of the opinion that Cascais should be fortified, because when it is, more will be able to land or disembark there to march, leaving it behind"*¹⁰², an opinion that Captain Hernando de Acosta did not share, for whom the fort of Cascais was no longer necessary as soon as the Santo António da Barra was built: *"although the castle of Cascais was lost, one could not see the enemy ships that from the fort (Santo António) could not be removed and, from there, the artillery reaches where the artillery of São Julião also reaches"*¹⁰³.

11.3. THIRD PROJECT:

The third project he proposes consists of: *"there is another one which is the one with the colourless dots that embraces the Count's palace and the village's main church, which seem to be structures dominating the castle that exists today, and, with*

¹⁰¹ This assessment "to finish the castle of Cascaiss according to the plan of Tiburcio Spannoqui" was given by Jerónimo de Soto at the beginning of the 17th century. This information is given by JM Ferreira Boiça, MF Rombouts de Barros and M. Magalhaes Ramalho. As fortificações marítimas da costa de Cascais, Quetzal, 2001, p.45, albeit wrongly in relation to the triangular castle.

¹⁰² Letter from the count of Portalegre of 4 January 1597. AGS. GA, leg. 481, fol. 88.

¹⁰³ Report by Hernando de Acosta of 1590. AGS. GA, leg. 282, fol. 180



this project, a good portion of the the village would have to be demolished to create a parade ground in front of the fortress and leaving the church inside, without the residents being able to use it and, although the other projects could have a few flaws, this one, due to its great detour, would have many more, without mentioning the excessive expense that would be caused, both in the construction and in the maintenance of the fortress after it was finished”.

We see that it fulfils the same requirements as the order received by Friar Giovanni Vincenzo Casale, so this should be the objective set by the War Council, although Spannocchi, given the impossibility of carrying out a good project, made other variations with the Crown eventually accepting one. The main disadvantage that Tiburcio encounters is the great extension of the fortification, which resulted in vulnerable areas due to the existence of structures dominating the fortification, and that the main buildings in the city would be affected, as well as a large portion of its urban area, and especially the great costs, not only in terms of construction but also in terms of maintenance. The projects that Nicolás de Langre developed in the mid-17th century for Cascais can help us understand what this third Spannocchi project would look like.

12. TRENCH SYSTEM

After the projects carried out and since the War Council opted for the second model by Tiburcio Spannocchi, the Hispanic Crown was faced with the eternal problem of the lack of funds to carry it out, although in the last year of the sixteenth century the works almost started, but, in the end,

the money collected had to be used for other more urgent needs¹⁰⁴.

During the Philippine period, the forts of Santo António da Barra, S. Lourenço da Cabeça Seca and the expansion of S. Julião da Barra were built in the access area to the Tagus bar, but due to the delay in the construction of the new Cascais fortress, a decision was made to mitigate this shortcoming with the construction of several provisional works, with the main objective of preventing enemies from landing, as had happened in 1580 during the attack by the Duke of Alba and the subsequent English attack in 1589.

To this end,¹⁰⁵ they redid the provisional works built by Manuel de Portugal in 1590, and in the face of new English threats in 1595, they improved them once again, as the Count of Portalegre warned: “*Considering that the most comfortable landing position the enemies may have is on the beaches between the castle of Santo António and Cascais and a league and a half higher up from these two positions, one of which was even chosen by the Duke of Alba, in the year of 1595, an order was given to build trenches and garrisoned with infantry and cavalry under the command of Don Fadrique del Águila, who also had to carry out the repairs, which he did quite diligently*”¹⁰⁶. In the following year, the works continued, as reported by mayor Nuño Orejón: “it would be fortified, because when possible trenches should be avoided and the people, which become expensive and unnecessary each

¹⁰⁴ This was the opinion of Count of Portalegre in a letter addressed to the Crown, in January 1599. AGS. GA, leg. 539, fol. 22.

¹⁰⁵ In the order given to Casale, he is specifically instructed to include, in the new defences “*some redoubts that are there*”.

¹⁰⁶ BNM. Mss. 6.198.

summer, and that will not be enough to prevent the enemy’s attempts”¹⁰⁷.

13. THE PROJECTS BY LEONARDO TURRIANO AND CRISTOBAL DE ROJAS.

In 1597, there was an attempt to solve this situation of provisional works of little importance and, for this, João da Silva, governor in charge of war affairs, sent¹⁰⁸ a letter on 4 January 1597 to Philip II indicating the precarious defensive situation of Cascais. The king takes note and replies on 1 April, informing him that the War Council decided that: “*to secure the castle of Cascais and the bar of that river, it seemed that the castle could be expanded in the way that you will see on the plan drawn by Leonardo Turriano*”, which consists of making “*from the corner to the sea a “large trench” that is designated in this plan*”. He informs him of the possible inconveniences of this project as it affects the church and the palace of the Lord de Cascais, so he orders him to set up a technical council to discuss the new project on *the location*: “*I charge you and I order you to see and recognise it, together with Mestre de Camp General Don Gabriel Niño and Leonardo Turriano and any other individuals you may consider fit*”. But he orders him, straightforwardly, to send the conclusions of that meeting to Madrid to make sure that the War Council has the final say on the new fortification: “*You shall send me the layout and a list of what it will look like so that, one it has been analysed, we may opt for the solution that seems most fitting*”¹⁰⁹.

Once again, we stand before an authorship problem regarding the new project. All authors considered

¹⁰⁷ AGS.GyM, leg. 460-41.

¹⁰⁸ BNM. Mss. 10.259.

¹⁰⁹ AGS. GA, leg. 552, fol. 135.

that since the layout was brought by Leonardo Turriano, the project was his own, but there are several pieces of information that indicate that the project was made by engineer Cristóbal de Rojas. This is what João de Silva suggests in a letter addressed to Cristóbal de Melo, who was in Cascais on 5 July 1597. “The lines in Cascais must be good, at least I understand what Rojas did there, as a man who was not in that location and had to face a thousand struggles and now wonders about some trenches or tenailles that Rojas had drawn, I imagine that would leave Turriano very satisfied”¹¹⁰.

The Count of Portalegre gives several hints, speaking first of all of the “lines”, that is, of the existence of a layout or drawing of the new Cascais project; second, that it was done by Cristóbal de Rojas; third, that he did not do it in Cascais, but rather in Madrid; fourthly, the project includes trenches and tenailles, elements that are part of the plan that Turriano brought from Madrid.

During this period, Cristóbal de Rojas was an engineer under the protection of Tiburcio¹¹¹ Spannocchi, reason why Rojas, in addition to having the

documents deposited in the archives of the War Council, had to have the advice of Spannocchi, who would provide him with his own plans and who would also explain the particularities of the terrain where the defensive tenaille would be located and the dimensions of the buildings that could hinder the project, such as the church and the palace.

The plan sent from Madrid in April 1597 is not what was thought until now (figure 42) because it was changed by Leonardo Turriano, and João da Silva warned us precisely of this: “*he drew over what had been previously drafted*”¹¹². Turriano writes to the king who arrived in Lisbon on 16 May and “I showed count of Portalegre the drawings I made and the list that Your Majesty sent me. Then he agreed to go to Cascais, but he still hasn’t found the time”¹¹³.

On 20 September 1597, the count of Portalegre called up a meeting of technicians, including Juan Baup-tista Lovaña, Baltasar Alvarez and Leonardo Turriano, with the absence of Nicolao de Frías. The conclusions

are summarised by Turriano in a report addressed to the Crown in which he maintains the idea of demolishing the church and incorporating the palace and gardens of the Lord of Cascais in the defensive system, in order to reduce the defensive perimeter and minimise the cost of the construction and the military garrison; thanks to this reduction he considers that the cost of this provisional work of earth, lime and wood would be between 5 and 6 thousand ducados and it would take 45 days to complete¹¹⁴. It will be at this moment that Leonardo Turriano will make the new plan (figure 42) based on the ideas of Cristóbal de Rojas, although we may assume that he hardly did any major changes. This new plan is what is mentioned in a list of works from the kingdom of Portugal, in 1600: “This castle has the Count’s house as a cavalier, reason why the fortification cannot be improved without placing it inside and demolishing the church and monastery, according to the last drawing”¹¹⁵.

Bernardo Revuelta Pol (coordin.). Madrid 2014, p. 135.

¹¹² Alicia Cámara. Leonardo Turriano al servicio de la Corona de Castilla. In Leonardo Turriano ingeniero del Rey. Madrid 2010, p. 44.

¹¹³ AGS. GA, leg. 485, fol. 284 and AGS, GA, 496, fol. 373.

¹¹⁴ AGS. GA, leg. 552, fol. 136. On the back of the letter he writes: “Cascais (strikethrough), drawing of Turriano”.

¹¹⁵ Margarida Magalhães Ramalho. Cascais em finais do século XVI: duas plantas inéditas. Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município. Nº 9. 1990.

¹¹⁰ BNM. Mss. 6.198.

¹¹¹ Alicia Cámara. Cristóbal de Rojas. De la cantería a la ingeniería. In Ingenieros del Renacimiento. Alicia Cámara Muñoz and

Antonio Gil Albarracín*

UN NUEVO ESTUDIO REvisa LA VIDA Y LA OBRA DE LOS ANTONELLI

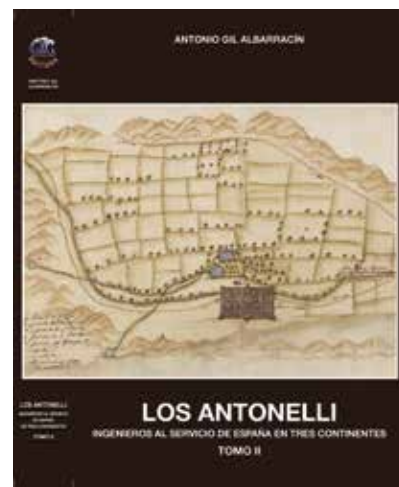
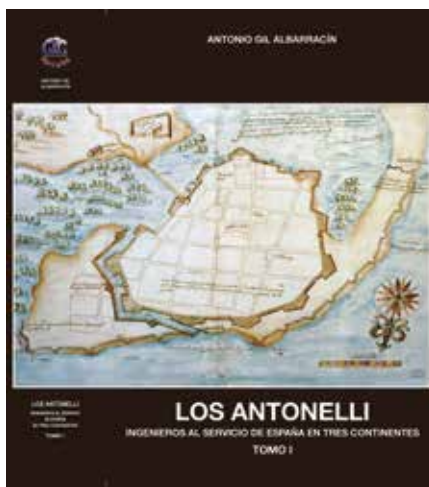
La publicación del libro en dos tomos: Los Antonelli. Ingenieros al servicio de España en tres continentes de Antonio Gil Albarracín (G.B.G. Editora, 2019, 1.570 p.) supone la aparición de un estudio pormenorizado y especialmente documentado de una familia excepcional de ingenieros militares formada por siete miembros que trabajaron para la corona española entre los años 1551 y 1649: tres con el nombre de Juan Bautista, Bautista, Cristóbal de Roda, Cristóbal y Francisco Garavelli Antonelli, de ellos cinco eran naturales de la población italiana de Gatteo (Emilia-Romagna), los dos restantes nacieron en España. Desarrollaron su trabajo en todos los continentes de la tierra reconocidos entonces: Europa, África, América y Asia; en los tres primeros al servicio de la corona española y en Asia al servicio de la Serenísima República de Venecia.

Sus trabajos, son de dimensiones descomunales y abarcan gran diversidad de campos: informes estratégicos, planes de defensa de extensos territorios y amurallamiento de ciudades, cuya planta a veces ellos mismos habían proyectado, planificación y dirección de fortificaciones portuarias, labores de espionaje; ingeniería hidráulica fluvial y construcción de embalses; comunicaciones marítimas y construcción de puertos.

La nueva publicación se basa en el estudio pormenorizado de la ingente masa documental conservada en España y otros países, renovando informaciones y documentando su autoría en actuaciones que hasta ahora resultaban insospechadas; asimismo desmantela falsas atribuciones que se han repetido durante cerca de dos siglos.

Revisión de la vida y el trabajo de esta excepcional familia de ingenieros militares que, además de la cita de miles de documentos que acreditan uno a uno de los argumentos de la obra, incluye en los anexos cien planos firmados, documentados o atribuidos a los Antonelli, con sus leyendas, y la transcripción de cien documentos, inéditos o renovados.

En definitiva: una obra de imprescindible para acometer nuevos estudios sobre una de las familias de ingenieros más notables de la historia de la humanidad.



Tengo la satisfacción de presentar al lector de esta página la publicación reciente de un extenso y pormenorizado trabajo que revisa con amplia aportación documental, en buena parte inédita, las biografías de los siete miembros de la excepcional familia de ingenieros militares Antonelli, que realizó casi todos su trabajos al servicio de la corona española entre 1551 y 1649, hallándose al frente de la misma el emperador Carlos I y los Felipes II, III y IV.

UNA FAMILIA EXCEPCIONAL DE INGENIEROS

Los Antonelli trabajaron al servicio de la corona española en Europa, África y América, y Bautista Antonelli, además de haber trabajado en los tres continentes citados, también lo hizo al servicio de la Serenísima República de Venecia, durante el asedio de Famagusta en la isla asiática de Chipre, episodio que podría haber resultado fatal, costándole la vida, junto al resto de la guarnición, en caso de no haber abandonado la plaza antes de su caída en poder de los turcos.

Título / Title: Los Antonelli. Ingenieros al servicio de España en tres continentes.
Autor / Author: Antonio Gil Albarracín
Edita / Publisher: G.B.G. Editora
Obra completa / The Complete Works: ISBN: 978-84-88538-47-5 (2 tomos / volumes) 1.570 p.
Más información en: <https://www.gbgeditora.com/>



Figura 01. Impronta del escudo de Juan Bautista Antonelli en lacre (A.D.A. C. 28. N. 46) / Figure 01. Impression of the coat of arms of Juan Bautista Antonelli in sealing wax (A.D.A. C. 28. N. 46).

Tres de los siete miembros de la familia tuvieron el nombre de Juan Bautista, los cuatro restantes fueron Bautista, Cristóbal de Roda y Cristóbal y Francisco Garavelli Antonelli.

La confusión entre la igualdad de nombres se incrementa por el hábito corriente de Bautista Antonelli de hacerse llamar Juan Bautista, hecho que ha dado lugar a numerosas confusiones, que no siempre han sido fáciles de resolver.

También ha dado lugar a la confusión de identidades el hecho de que Juan Bautista Antonelli ordenara en su testamento que para tener derecho a ser su heredero universal había de anteponer el apellido Antonelli a cualquier otro, tal como hicieron Cristóbal Garavelli, hijo de Giacomo Garavelli y Caterina Antonelli y su hijo Juan Bautista, que dejaron de emplear el apellido Garavelli, cuando el primero fue elegido como heredero universal por su tío; de Juan Bautista, hijo de Cristóbal Garavelli, no se ha localizado ningún registro que le designe con el apellido Garavelli, resultado lógico de haber atendido la cláusula testamentaria de su antepasado para heredarlo tras el fallecimiento de su padre.

Ni Cristóbal de Roda ni Francisco Garavelli renunciaron nunca, que sepamos, al empleo de su apellido paterno.

Cinco de los Antonelli eran naturales de la población italiana de Gatteo (Emilia-Romagna), los dos restantes nacieron en España, país en el que desarrollaron toda su carrera profesional, sin que haya aparecido hasta ahora noticia alguna que permita acreditar que estuvieran alguna vez en la Italia natal de sus ancestros o mantuvieran relaciones con sus familiares italianos.

Respecto a las áreas geográficas donde realizaron sus trabajos ya se ha indicado que Bautista Antonelli trabajó en los cuatro continentes reconocidos entonces, Oceanía el quinto continente es un concepto elaborado por geógrafos franceses del siglo XIX, incluyendo territorios que anteriormente eran conocidos como terra australis.

Respecto a América, el continente donde Bautista Antonelli erigió sus proyectos de mayor relevancia, realizó cuatro viajes a lo

largo de su vida y excepto el primero, que le habría de llevar al extremo meridional del continente, al que no llegó, los restantes se centraron en las costas del mar Caribe y zonas inmediatas, donde proyectó o descartó la fortificación, entre otros puertos y embarcaderos, de Araya, Campeche, Cartagena de Indias, La Habana, Isla Margarita, Portobelo, Puerto de Caballos, Puerto Rico, Río Chagre, Ríohacha, Santa Marta, Santo Domingo, Veracruz, así como el golfo de Fonseca y Panamá, en el océano Pacífico y San Agustín, en la costa atlántica de Florida; muchos de los citados enclaves también serían revisados posteriormente por su sobrino Cristóbal de Roda y su hijo Juan Bautista Antonelli.

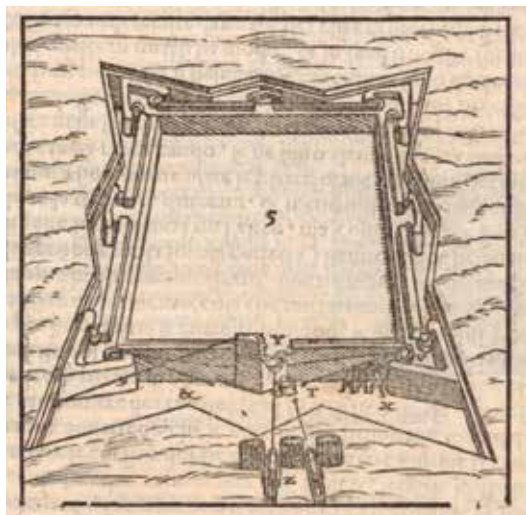
Aunque están documentadas dichas actuaciones americanas, apenas se ha conservado una ínfima parte de la planimetría que levantaron dichos ingenieros a lo largo de ocho décadas, según se desprende de la documentación consultada.

Se ha podido localizar en el Archivo de los duques de Alba (en adelante: A.D.A.) la impronta del escudo heráldico del anillo de acero y oro de Juan Bautista Antonelli en lacre y en cera, cuya imagen era desconocida, aunque sabíamos del mismo por la descripción en su testamento.

Patriarca de la saga y hermano mayor de Bautista Antonelli, Juan Bautista Antonelli comenzó a prestar servicios a la corona española en 1551, en el marco de las guerras italianas, trasladándose posteriormente a Flandes y, tras la Paz de Cateau-Cambresis, a España. Durante el resto de su vida trabajó en Europa y África. Nunca estuvo en América, a pesar de haberle atribuido proyectos que, en el imposible caso de haberlos realizado, tendría que haberlos desarrollado en sus primeros años de vida. También se ha atribuido a Juan Bautista Antonelli por parte de Ceán Bermúdez la autoría de los festejos organizados por Madrid para recibir la comitiva de Felipe II y Mariana de Austria tras la celebración de su matrimonio, atribución que han aceptado todos aquellos que han tratado sobre los Antonelli durante casi dos siglos, a pesar de que el ingeniero militar se hallaba en aquellas fechas ejecutando la fortificación de Cartagena, el principal puerto del litoral



Figura 02. Impronta del escudo de Juan Bautista Antonelli en cera (A.D.A. C. 28. N. 49) / Figure 02. Impression of the coat of arms of Juan Bautista Antonelli in sealing wax (A.D.A. C. 28. N. 49).



mediterráneo español, enorme compromiso que inició junto a Vespasiano Gonzaga, pero retirado éste a otros menesteres, quedó bajo la exclusiva responsabilidad del citado ingeniero militar. Juan Bautista Antonelli difícilmente podría haber atendido en semejantes circunstancias tan importante encargo, que suponía la construcción de una naumaquia con sus galeras y fortificaciones, varios arcos triunfales y otros adornos, cuya concepción global se debió al humanista español Juan López de Hoyos y la ejecución de las instalaciones hidráulicas a Juan Bautista Portigiani. Esta obra restituye a su auténtico autor, con la documentación acreditativa, una autoría que durante cerca de dos siglos le ha sido negada a causa de la frivolidad en este apartado del estudio de Ceán Bermúdez que todos hemos consultado desde entonces, al no atenerse al relato documentado, que garantiza la fiabilidad de la mayor parte del resto de su obra.

Sobre otras actuaciones hidráulicas de importancia estratégica indudable que proyectó y ejecutó a lo largo de su vida Juan Bautista Antonelli trataremos posteriormente. Acerca de sus esfuerzos fortificadores, Juan Bautista Antonelli desarrolló imponentes trabajos de defensivos recorriendo para ello buena parte del litoral mediterráneo peninsular español, de la costa cantábrica y del sector occidental de los Pirineos, correspondiente a la frontera de Navarra, para planificar la defensa de amplios tramos fronterizos de

la península Ibérica, tanto marítimos como terrestres.

Juan Bautista Antonelli proyectó la modernización de la defensa de plazas de las principales fronteras de la península Ibérica, como Alicante, Castellón de la Plana, Pamplona o Sagunto, entre otras, pero dichas fortificaciones habrían de ser sufragadas por los vecinos y, salvo la plaza navarra, no se llevaron a cabo casi ninguna de las mismas, a pesar del interés de alguno de sus proyectos, como el de Castellón de la Plana, único de aquel periodo cuyo plano se ha conservado, que supone la aplicación en dicha plaza de una propuesta defensiva que había publicado el tratadista Giovanni Battista Zanchi da Pesaro en su obra, como se puede constatar con la comparación de la traza del tratadista y la de Juan Bautista Antonelli.

La conservación en el Archivo Histórico Municipal de Castellón de la Plana [en adelante A.H.M.CS.] del plano de Juan Bautista Antonelli del proyecto para fortificar a la moderna la ciudad de Castellón de la Plana, en el que se aplicaban las más avanzadas teorías de fortificación que había conocido en su Italia natal, supusieron la introducción de las fortificaciones abaluartadas en España, a la que hasta ahora se les había asignado una cronología más tardía.

Figura 03. Perspectiva de proyecto de muralla urbana para resistir asedio artillero (Giovanni Battista Zanchi: Del modo di fortificar le citta, 1560, p. 35 y 44) / Figure 03. Perspective of the urban wall project to resist an artillery siege (Giovanni Battista Zanchi: Del modo di fortificar le citta, 1560, p. 35 y 44).

Figura 04. Proyecto firmado por Juan Bautista Antonelli, junto a Joaquín Scrivá, maestre racional del reino de Valencia, para la fortificación abaluartada de Castellón de la Plana. Documentado el 22-3-1563 (A.H.M.CS. Plano de Antonelli) / Figure 04. Project signed by Juan Bautista Antonelli, together with Joaquín Scrivá, "maestre racional" of the kingdom of Valencia, for the bulwarked fortification of Castellón de la Plana. Documented on 22-3-1563 (AHMCS. Plano de Antonelli).



Figura 05. Cálculo de las torres a construir en la costa del reino de Murcia, documentado en 1578 (Archivo Municipal de Lorca, en adelante: A.M.Lorca: Torres de la Marina, s. n.) / Figure 05. Calculation of the towers to be built on the coast of the kingdom of Murcia, documented in 1578 (Archivo Municipal de Lorca, hereinafter: A.M.Lorca: Torres de la Marina, s. n.).

De los muchos diseños que realizaría para la fortificación del litoral, casi todos perdidos, se conserva en el Archivo Municipal de Lorca, en adelante: A. M. Lorca: Torres de la Marina, s. n. alguno de los proyectos de torre hexagonal erigidos en la costa del reino de Murcia, incluyendo sus acotaciones y medidas básicas.

No obstante también llevó a cabo actuaciones desafortunadas, como la edificación del castillo de Bernia, muy atenta a la formalidad de su traza, pero se trata de una fortificación mal emplazada e ineficaz para la defensa. Dada su inutilidad, acabaría siendo arrasada por la corona durante el reinado de Felipe III.

Otro de los trabajos que realizó Juan Bautista Antonelli es de carácter más reservado, pues se trataba de recorrer la frontera hispano-portuguesa para conocer sus fortificaciones y capacidad defensiva, como veremos, antes de la ocupación del país por parte de las tropas de Felipe II, hijo de Isabel de Portugal y máximo pretendiente al trono portugués a causa de la crisis dinástica desencadenada por el fallecimiento sin descendencia del rey don Sebastián en la batalla de Alcazquivir (4-8-1578).

Juan Bautista Antonelli, además de redactar informes sobre las fortificaciones de la frontera portuguesa y levantar su plani-

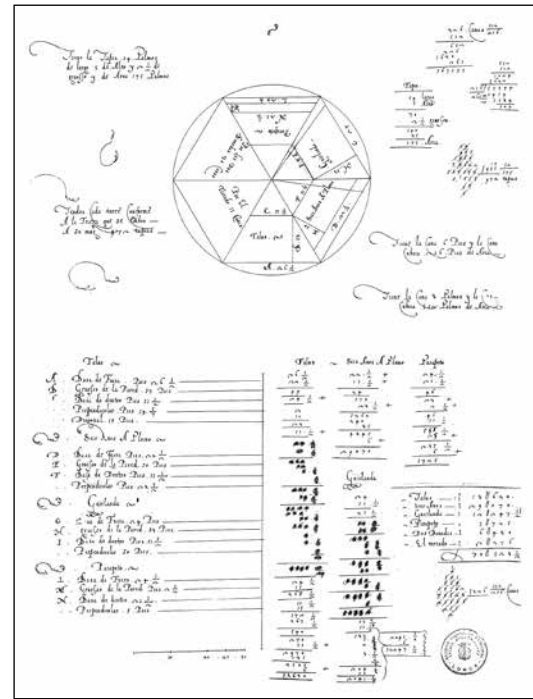


Figura 06. Actuaciones de Juan Bautista Antonelli en la península Ibérica (elaboración del autor) / Figure 06. Works of Juan Bautista Antonelli in the Iberian Peninsula (created by the author).



metría, junto a varios ayudantes de su misma familia; también propuso un plan de ataque simultáneo y por sorpresa en toda la frontera portuguesa que habría proporcionado gran ventaja a las tropas de Felipe II, facilitando un ataque naval y terrestre contra Lisboa que aceleraría el final del conflicto. Asimismo organizó la logística del notable ejército que se reunió para proceder a la ocupación militar de dicho país, cuando se comprobó la resistencia que impediría el pacífico acceso de Felipe II al trono.

Además el mismo ingeniero militar formó parte destacada de las tropas de ataque y preparó algunas de las baterías que batieron las fortificaciones que pretendieron resistir. Igualmente asistió a la batalla de Alcántara que pintó una o varias veces, obra documentada que también se ha perdido, como toda la planimetría elaborada por el ingeniero militar en la preparación de este conflicto. No obstante la correspondencia conservada sobre el plan de ataque citado y otros testimonios posteriores a la guerra describiendo la reacción de la población portuguesa ante su nueva situación se incluyen literales o resumidos en esta obra.

Tras descartar suposiciones y falsas atribuciones de su carrera profesional, el único trabajo proyectado por Juan Bautista Antonelli en América fue la fortificación del estrecho de Magallanes, que trazó en Lisboa; para su ejecución fue enviado Bautista Antonelli, su hermano, pero los azares de una expedición, en la que el ingeniero militar salvo la vida de dos de los tres naufragios que sufrió a lo largo de su existencia, le impidieron llegar a su destino y cumplir con su comisión. No obstante, realizó trabajos de fortificación en la costa brasileña que, en algunos casos habían pasado inadvertidos hasta su descripción documentada en esta publicación.

Bautista Antonelli completó su actividad americana con otros tres viajes durante los cuales procedería a la fortificación de los principales puertos del mar Caribe, así como de la costa atlántica de la península de Florida.

Del primero y el segundo viaje, a pesar de que tenía encargo de redactar los informes pertinentes y trazar la planimetría de los enclaves que había de visitar y de las fortificaciones con que se debían de defender, trabajo que realizó en su mayor parte, según la documentación consultada, no se conservan planos de Bautista Antonelli salvo uno de Panamá fechado el 15-9-1586, casi desconocido hasta ahora, que incluye en su reverso un borrador fechado cinco días más tarde sobre la misma ciudad de Panamá, con sus fortificaciones y contornos, custodiado en el Archivo del Museo Naval de Madrid (en adelante: A.M.N. Madrid).

Respecto a Cristóbal de Roda o Rota Antonelli, hijo de una hermana de los citados Juan Bautista y Bautista Antonelli, desarrolló su trabajo al servicio de España, entre la península Ibérica, desde 1578 a 1591, y América, donde prestó servicio durante cuatro décadas, fortificando diversos puertos del Caribe entre 1591 y 1631, año de su fallecimiento en Cartagena de Indias. Tras su traslado a América Cristóbal de Roda no retornó nunca a Europa.

Cristóbal de Roda contrajo a lo largo de su vida tres veces matrimonio, una en Europa y dos en América, conservándose en La



Habana una lápida funeraria del ingeniero con su segunda esposa, que acaso sirviera para el eterno descanso de ella, pues el ingeniero se trasladó a Cartagena de Indias, donde contrajo su tercer matrimonio. Cristóbal Garavelli Antonelli llegó a España cuando Juan Bautista Antonelli se hallaba fortificando Cartagena, estuvo prestando servicio en Mazalquivir, el puerto estratégico del litoral argelino, cuya fortificación proyectó y dirigió durante algunos años su tío Juan Bautista Antonelli, y posteriormente en el reino de Valencia, donde acabaría sustituyendo a su otro tío Bautista Antonelli, cuando inició el primero de sus periplos

Figura 07. Intervenciones y naufragios de Bautista Antonelli en el océano Atlántico, excepto el mar Caribe (elaboración del autor) / Figure 07. Interventions and shipwrecks of Bautista Antonelli in the Atlantic Ocean, except the Caribbean Sea (created by the author).



Figura 08. Intervenciones de Bautista Antonelli en el mar Caribe, el océano Pacífico y la costa atlántica de Florida (elaboración del autor) / Figure 08. Bautista Antonelli's interventions in the Caribbean Sea, the Pacific Ocean and the Atlantic coast of Florida (created by the author).

Figura 09. Panamá, fechado el 15-9-1586, atribuido a Bautista Antonelli (A.M.N. Madrid: 13-D-17r) / *Figure 09. Panama, dated 9-15-1586, attributed to Bautista Antonelli (AMN Madrid: 13-D-17r).*



Figura 11. Actuaciones de Cristóbal Antonelli en la península Ibérica (elaboración del autor) / *Figure 11. Works of Cristóbal Antonelli in the Iberian Peninsula (created by the author).*

americanos. También estuvo destinado, aunque brevemente, en Gibraltar (Cádiz) y en los Alfaques de Tortosa (Tarragona), para fortificar el puerto natural formado en la inmediación de la desembocadura del río Ebro, uno de los lugares más peligrosos del litoral español. El proyecto de fortificación de dicho enclave quedó entonces inconcluso a causa de los reiterados ataques islámicos que destruían los trabajos reali-



Figura 10. Lápida funeraria de Cristóbal de Roda y Francisca de Orellana, su segunda esposa, conservada en La Habana (Gentileza de Tamara Blanes y Oireniel Torres). / *Figure 10. Tombstone of Cristóbal de Roda and Francisca de Orellana, his second wife, preserved in Havana (Courtesy of Tamara Blanes and Oireniel Torres).*

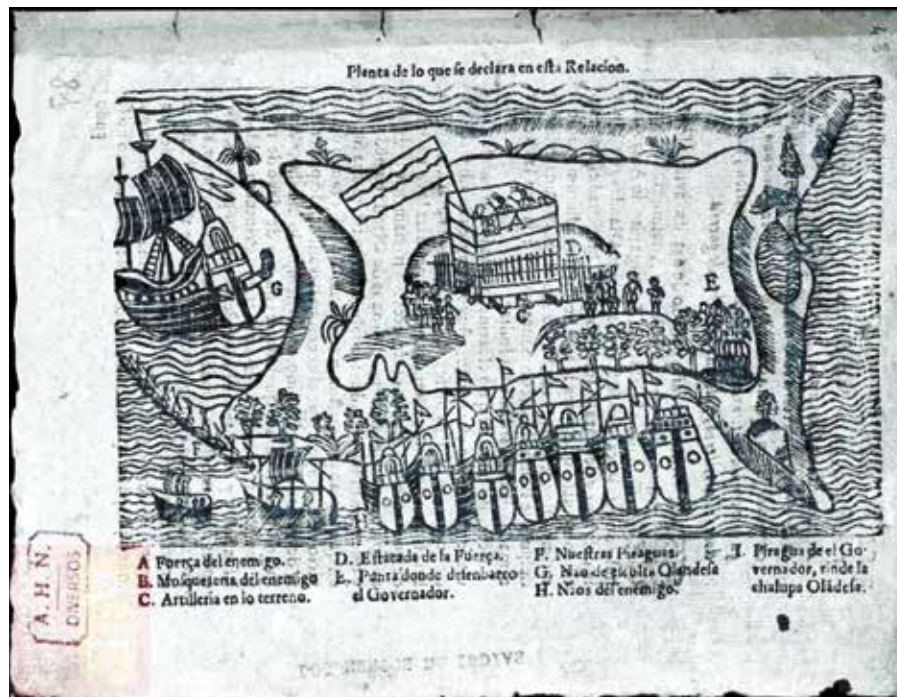


zados y esclavizaban a los trabajadores que encontraran en su inmediación.

Cristóbal Antonelli fue nombrado por su tío Juan Bautista Antonelli heredero del patronato fundado en su testamento, con la condición de que él mismo y quien le sucediera en el disfrute de la herencia habría de anteponer el apellido Antonelli a cualquier otro.

Cristóbal Antonelli aún viviría dos décadas tras la muerte del tío que le había nombrado heredero universal de todo su patrimonio, tras haber atendido a diversas mandas

particulares; continuó atendiendo su trabajo como ingeniero militar del reino de Valencia. Francisco Garavelli Antonelli, hermano menor del anterior, se trasladó a España reclamado por Juan Bautista Antonelli para ayudarlo en los trabajos para lograr la navegabilidad del río Tajo; tras la muerte de su tío intentó la aventura americana al amparo de su otro tío, Bautista Antonelli, pero su viaje no fue afortunado, tuvo una estancia relativamente breve y poco satisfactoria en América y a su vuelta a España debió de morir en 1594, pues desaparece de la documentación consultada cuando iniciaba las gestiones para retornar a América. Su tío Juan Bautista ya había observado su poca pericia para la ingeniería militar y en su testamento le doto de medios para que volviera a Italia, tras su fallecimiento. El sobrino cobraría la citada asignación, pero no atendió la propuesta del difunto. Finalmente los otros dos miembros de la familia Antonelli, también se llamaron Juan Bautista Antonelli, uno fue hijo de Bautista Antonelli, el otro de Cristóbal Antonelli o Garavelli Antonelli, aunque dejaría de emplear el apellido paterno, como se ha indicado. Juan Bautista Antonelli, el hijo de Bautista Antonelli nacido en España, realizó seis viajes a América, donde acabó por asentarse; falleció en Cartagena de Indias en 1649, cerrando con su muerte la actuación de esta saga excepcional de ingenieros militares. Hombre de acción, durante los años que estuvo al frente de la edificación del fuerte de Araya para la defensa de la salina inmediata, acumuló una dilatada experiencia en el rechazo de ataques holandeses a dicho enclave.



Asimismo durante su último viaje a América participó activamente en varios episodios de la Guerra de los Treinta años que tuvieron lugar en el mar Caribe para expulsar a los holandeses de las instalaciones fortificadas que habían establecido para explotar la riqueza salinera de diversos enclaves del Caribe como se puede contemplar en el impreso custodiado en el Archivo Histórico Nacional (en adelante: A.H.N.).

El ingeniero militar Juan Bautista Antonelli, además de sus actuaciones en Cartagena de Indias, también trabajó en la renovación de las fortificaciones de Puerto Rico y de Cuba, donde proyectó la defensa de Santiago de Cuba, y renovó el proyecto de dotar La Habana de una muralla perimetral y de fortificaciones exteriores para controlar lugares de fácil desembarco próximos a la capital cubana.

Durante sus últimos años de vida, hallándose en Cartagena de Indias, llegó a iniciar en la ingeniería militar a un hijo, del que ignoramos el nombre, para que le sucediera en el oficio, llegando incluso a solicitar salario para el mismo, pero ese miembro de la familia desaparece de la documentación consultada sin que conozcamos hasta ahora el motivo por el que no llegó a prosperar en dicha actividad.

Figura 13. Planta anónima de la isla Tortuga, inspirada en un diseño documentado de Juan Bautista Antonelli con representación de desembarco y ataque al fuerte holandés. Impreso en Sevilla, 1639 (A.H.N. Diversos-Colecciones, 26, N. 81). / Figure 13. Anonymous plant of Tortuga Island, inspired by a documented project by Juan Bautista Antonelli with a representation of the landing and attack on the Dutch fort. Printed in Seville, 1639 (AHN Diversos-Collections, 26, N. 81).

Figura 12. Actuaciones de Juan Bautista Antonelli en el mar Caribe y el océano Pacífico (elaboración del autor) / Figure 12. Juan Bautista Antonelli's works in the Caribbean Sea and the Pacific Ocean (created by the author).

Respecto al otro Juan Bautista Antonelli, el hijo de Cristóbal Antonelli, debió de desarrollar su carrera como ingeniero militar en España, hallándose documentada su formación en el levante español, en tierras murcianas y valencianas, asimismo consta su presencia en Madrid, no obstante la mayor parte de su vida profesional se desarrollaría en tierras levantinas desde donde está documentado que realizó inspecciones periódicas al conjunto defensivo de Orán-Mazalquivir.

SOBRE LOS TRABAJOS DE LOS ANTONELLI

Sus trabajos abarcan gran diversidad de aspectos de la actividad militar: labores de espionaje, informes estratégicos, planes para defender extensos territorios, especialmente litorales; el proyecto y dirección de la renovación del amurallamiento de ciudades antiguas o de las que se erigirían en su tiempo de nueva planta; planificación y dirección de fortificaciones portuarias, que se analizan pormenorizadamente a lo largo de la obra. Ante la imposibilidad de enumerar uno a uno todos los trabajos documentados de los Antonelli, destacaremos algunos aspectos de interés de su ingente labor como ingenieros militares a lo largo de casi un siglo.

El espionaje

Es de sobra conocido que disponer de información actualizada sobre el estado del enemigo es de importancia fundamental para articular estrategias y dispositivos militares que proporcionen clara ventaja sobre el enemigo. Al menos son dos las labores de espionaje documentadas que protagonizaron los Antonelli:

1. Cuando se barruntaba que Felipe II realizaría las actuaciones necesarias para hacer efectivos sus derechos hereditarios e incorporar Portugal a los Estados de su corona, Juan Bautista Antonelli recibió el encargo de reconocer la frontera portuguesa y otras fortificaciones que pudieran dificultar la ocupación de Portugal. En dicha labor acompañaron al patriarca de los Antonelli sus sobrinos Cristóbal de Roda y Francisco Garavelli. Sería una actuación fundamental

para conocer el estado del sistema defensivo que se había de superar. Juan Bautista Antonelli también organizó la logística de la intervención y participó, junto a sus familiares ayudantes, en la acción militar desarrollada para consolidar la ocupación del territorio, como se ha indicado. La labor de espionaje de Juan Bautista Antonelli continuó tras el enfrentamiento armado, como atento observador de la voluntad de los portugueses y su progresiva aceptación de la autoridad de Felipe II, el nuevo monarca de Portugal.

2. El otro trabajo de espionaje documentado es el realizado por Bautista Antonelli, previo a la toma de la plaza de Larache. El ingeniero militar había concluido sus cuatro viajes a América, cuando estaba fraguándose la operación de la toma de Larache, para impedir que continuara siendo nido de piratas y Bautista Antonelli fue destinado a dicha empresa. Antes de que se iniciaran las actuaciones armadas, embarcó en Ceuta y se trasladó a la plaza asignada como objetivo, volviendo con informes precisos de sus fortificaciones, guarnición y estado. Tras la toma de Larache, Bautista Antonelli prestó servicio como ingeniero militar durante cerca de un lustro reforzando la plaza y, cargado de experiencia, se mantuvo firme en un gran debate teórico, el último de su carrera profesional, para conseguir que se Larache se dotara de una fortificación que se adaptara a su topografía y fuera la idónea para dicho enclave. Triunfó en el debate, pero su avanzada edad y numerosos achaques le impidieron que completara las obras, viéndose obligado a retirarse del servicio activo. Murió en Madrid pocos meses después de abandonar África.

Trabajos hidráulicos

Casi todos los Antonelli trabajaron, con diversos grados de responsabilidad en trabajos de ingeniería hidráulica fluvial, desarrollando la navegación interior, la construcción de embalses y sus redes de distribución para incrementar los regadíos del levante español, que a veces se acompañaban de la erección de poblaciones de nueva planta e incluso reordenando barrancos para que sus aguas fueran



almacenadas en aljibes, para su aprovechamiento por fortificaciones o poblaciones cercanas. Igualmente proyectaron y ejecutaron muelles para facilitar cargas y descargas y los dotaron de fortificaciones adecuadas para su defensa.

Navegación fluvial

Sobre la navegación por los ríos de España Juan Bautista Antonelli tras la incorporación de la corona portuguesa a las de Felipe II, propuso al monarca el desarrollo de la navegación interior en la península Ibérica.

Teniendo en cuenta que salvo los ríos Ebro y Guadalquivir o los de la costa cantábrica, los restantes ríos españoles son compartidos con Portugal, situación que convertía dicho plan en un instrumento político de enorme importancia para lograr la unión económica entre el reino de Castilla y Portugal, convirtiendo sus ríos compartidos en vías de comunicación, mucho más eficientes y baratas que las vías terrestres, para integrar ambas economías, impulsando la mejoras de las condiciones de vida de los habitantes de ambos lados de la frontera y con ello, en definitiva, la unión efectiva entre España y Portugal.

El plan propuesto por Bautista Antonelli afectaba a los ríos Duero, Guadiana y Tajo, como grandes vías de comunicación entre España y Portugal, además del río Mondego, cuyo curso es solamente portugués; asimismo indicó que podía aprovechar la navegabilidad de los ríos Ebro, Guadalquivir y Segura, cuyo cauce solo discurre por tierras españolas.

El plan recibió el apoyo de Felipe II, al menos en los trabajos realizados en los ríos Duero Guadalquivir y Tajo, y el carácter visionario de Juan Bautista Antonelli no dudaba en denominar sus trabajos como Dueronáutica o Tajonáutica, en memoria de la Argonáutica o mítica navegación de Jasón y sus compañeros en el Argos hacia la Cólquide en busca del vellocino de oro, que en el siglo XV sería adoptado como emblema de la Orden del Toisón de Oro.

Además Juan Bautista Antonelli, que sentía auténtica admiración por Felipe II, no dudó en indicar al monarca que una empresa

similar a la propuesta de convertir en navegables los ríos de España no había sido emprendida por ningún rey ni emperador romano, por ello emprendiéndola el rey superaría en méritos y resultados a aquellos gobernantes históricos que muchos ensalzaban.

Muchos consideraron que la citada navegación, superando las dificultades hidrológicas y topográficas de la península Ibérica era una utopía irrealizable. Descalificación que superó Juan Bautista Antonelli abriendo la navegación regular entre Toledo y Lisboa poco antes de su fallecimiento. También se iniciaron trabajos en los ríos Duero, que continuaron tras la muerte del ingeniero, y se hicieron informes sobre la ampliación de la navegación en el río Guadalquivir, sin que llegaran a acometerse trabajos de entidad. Centrémonos en los trabajos realizados en el río Tajo, los únicos que llegaron a conseguir su objetivo entre Toledo y Lisboa.

La navegación del río Tajo

El documento de Juan Bautista Antonelli, firmado en Tomar el 22-5-1571, proponiendo la creación de una red de comunicaciones eficaz y más barata que los medios terrestres disponibles, cuando los había; dicha propuesta tenía una componente político-estratégica de indudable valor. Apenas hacía un mes que Felipe II había sido jurado como rey de Portugal y entendió que la propuesta de Juan Bautista Antonelli podría ser un instrumento eficazísimo para integrar las economías y voluntades de los reinos de Castilla y Portugal, convirtiendo Lisboa en el puerto de buena parte de las tierras de la meseta castellana. Téngase en cuenta que entonces el río Tajo era navegable entre Lisboa y Abrantes, muy lejos aún de la frontera española.

Recibida la idea con entusiasmo por el monarca, de inmediato comenzó a cursar las órdenes precisas para acometer tan destacada obra bajo la dirección de Juan Bautista Antonelli. La documentación conservada y consultada para la redacción de dicha parte de la obra fue ingente, la correspondencia entre el ingeniero y el monarca muy abundante, así como las

cédulas y otros mandatos librados por el rey para facilitar los trabajos de esta empresa; también se conserva notable correspondencia con Juan Delgado y otros secretarios de la monarquía; igualmente se pueden consultar los detallados libros de cuentas, y las noticias derivadas de los trabajos realizados por el mismo ingeniero militar.

De los viajes citados uno de los más interesantes fue el realizado entre 1581 y 1582 hasta Madrid, causando admiración a los habitantes próximos al río, que se trasladaron en masa para contemplar tal novedad. Llegado a Madrid, Juan Bautista Antonelli no pudo llegar hasta El Pardo, como pretendía, por carecer de caudal suficiente en aquellas fechas. Ciertamente por los pasos difíciles, como azudes o peñascales hubo de sacar la barca del agua, trasladándola por tierra para superar los obstáculos, pero aún no se había trabajado en aquellos tramos, siendo eliminados dichos problemas conforme avanzaran los trabajos hasta conseguir que el río Tajo fuera una vía fluvial accesible para embarcaciones medias en todo su curso entre Toledo y el mar.

Cuando se abrían los tramos de las obras eran inmediatamente aprovechados para todo tipo de transporte de valor económico e incluso militar, pues las tropas que se trasladaron en 1582 y 1583 a las Islas Azores se embarcaron en Alcántara para su traslado hasta Lisboa, desde donde zarparía la flota con destino al citado archipiélago.

En 1585 quedó abierta la navegación desde el mar hasta Talavera la Vieja y en 1587 hasta Toledo y, aunque faltara completar los caminos de sirga y otros reparos menores, muy pronto se iniciaron los viajes regulares entre dicha ciudad y Lisboa, pues el 31-1-1588 fueron bendecidas en Toledo las siete barcas que, bajo la capitanía de Cristóbal de Roda, el sobrino citado de Juan Bautista Antonelli, zarparon para Lisboa, llegando a dicho puerto quince días más tarde.

El éxito que se produjo fue efímero, pues Juan Bautista Antonelli, el gran impulsor de la obra, falleció el 17-3-1588 y, aunque Cristóbal de Roda fue nombrado ingeniero mayor de la obra, en sustitución de su tío, continuando los trabajos para perfeccionar

la obra, llegándose a redactar el pliego de condiciones para su reparación de la obras. Pero el impulso decayó, Cristóbal de Roda recibió autorización para trasladarse a América, desde donde nunca volvió, y Felipe II falleció el 13-9-1598, una década más tarde que el ingeniero que había conseguido la hazaña de convertir el Tajo en río navegable.

A partir de entonces la resistencia de molineros y bataneros, que se creían perjudicados por la servidumbre que suponía la navegación, junto a otros intereses, lograron bloquear la provisión de los recursos necesarios para el mantenimiento de la obra, consiguiendo que dejara de funcionar. No obstante entre los siglos XVII y XIX se sucedieron los estudios para restaurar la navegación entre Toledo y Lisboa por el río que une ambas ciudades, sin éxito en una empresa que solo Juan Bautista Antonelli consiguió hacerla efectiva.

Los embalses

El tema de los embalses alcanzó una importancia excepcional en tierras del levante español, cuyo verano como es habitual en los climas mediterráneos, hace coincidir las mayores temperaturas del año con un estiaje caracterizado por la ausencia de lluvias; la superación de dicha circunstancia dio un paso de gigante con el desarrollo de grandes presas de arco-gravedad en Almansa, Elche, Tibi y Relleu, en las dos últimas intervinieron varios de los Antonelli, pues están documentados los informes de los hermanos Juan Bautista y Bautista y su sobrino Cristóbal Antonelli, junto a otros técnicos que también dieron su dictamen de las obras a construir.

Entre ellos se suele incluir a Juan de Herrera, que algunos señalan como inspirador del proyecto. Nada más lejos de la realidad, pues según se desprende de la documentación consultada, cuando la obra estaba próxima a concluirse, en los primeros meses del año 1594, la corona le pasó la planimetría y un modelo de la misma para que diera su dictamen.

Juan de Herrera contestó indicando que la obra no estaba realizada correctamente,

siendo necesario hacerla con una sucesión de arcos que sirvieran de contrafuertes, además llamó la atención sobre otros problemas relativos a la evacuación de las aguas y arrastres de la corriente, que acabarían cegando el pantano, según su criterio.

Ese dictamen de Juan de Herrera sobre la presa de Tibi pudo influir poco en dicha construcción, pues la obra estaba prácticamente concluida cuando llegó a la corona y fue transmitida a los responsables de su ejecución.

En realidad el proyecto aprobado por el Consejo de Aragón había sido consensuado, tras días de debate, por Jorge Fratrín y Bautista y Cristóbal Antonelli el 27-9-1588, siendo encargada la dirección de la obra al citado Cristóbal Antonelli, que aún introdujo variaciones en el proyecto, que en realidad, según se desprende de los dibujos aprobados, estaba formado en su fase inicial por un muro con talud continuo entre la base y el pretil que coronaba la presa.

Sin embargo la obra que se ejecutó fue otra, pues la que figura en los planos de

la ejecución final y la obra conservada presenta la presa con muro formando un arco escalonado, que fue la solución finalmente adoptada, como se puede comprobar en los planos depositados en el Archivo de la Diputación de Castellón. Donación Conde de Cirat (en adelante: A.D.P.CS. D.C.C.).

La decisión resultó de gran eficacia pues la presa construida, que sigue activa en la actualidad para facilitar el regadío de las tierras de labor, fue durante varios siglos la presa más alta construida en Europa, un ejemplo admirado, que visitaban los técnicos que habían de construir nuevos embalses para observar la tecnología y los métodos empleados para alcanzar semejante logro.

Cristóbal Antonelli también estuvo presente en el proyecto para la construcción de otra gran presa en tierras alicantinas, la de Relleu, para ello fue convocado, entre otros, por haber alcanzado extraordinaria experiencia como ingeniero director de la presa de Tibi, visitando el valle del río Amadoiro, aprobando el emplazamiento elegido y declarando el 26-9-1607 sobre la idoneidad

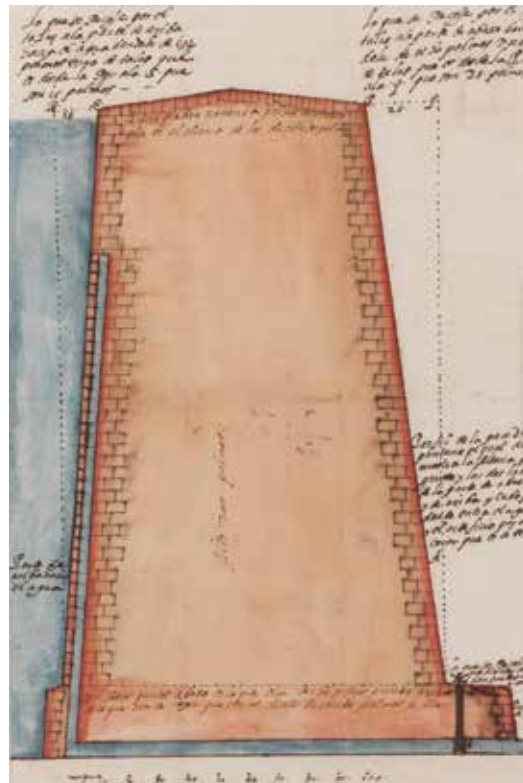


Figura 14. Proyecto embalse con presa de arco de talud continuo en Tibi (Alicante), por Cristóbal Antonelli (Colección de Alfonso Merchante, conde de Villafranqueza). / Figure 14. Project for reservoir with a dam with a continuous arch in Tibi (Alicante), by Cristóbal Antonelli (Collection of Alfonso Merchante, count of Villafranqueza).

Figura 15. Sección del proyecto con talud continuo para la presa de Tibi (Alicante), por Cristóbal Antonelli (Colección de Alfonso Merchante, conde de Villafranqueza). / Figure 15. Section of the project with continuous slope for the Tibi dam (Alicante), by Cristóbal Antonelli (Collection of Alfonso Merchante, count of Villafranqueza).

Figura 16. Sección del proyecto ejecutado, con muro escalonado, para la presa de Tibi (Alicante), por Cristóbal Antonelli, 22-5-1593 (A.D.P.C.S. D.C.C.: P. 13-03-23). / *Figure 16. Section of the project executed, with stepped wall, for the Tibi dam (Alicante), by Cristóbal Antonelli, 22-5-1593 (A.D.P.C.S. D.C.C.: P. 13-03-23).*

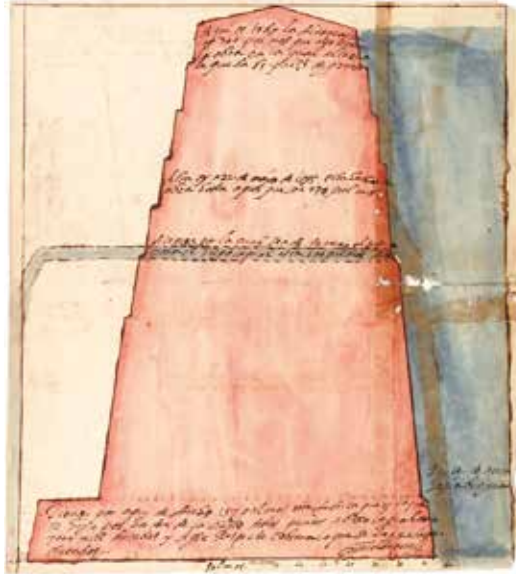


Figura 17. Proyecto ejecutado, con muro escalonado, de la presa de Tibi (Alicante), por Cristóbal Antonelli (Colección de Alfonso Merchante, conde de Villafranqueza). / *Figure 17. Project executed, with a stepped wall, of the Tibi dam (Alicante), by Cristóbal Antonelli (Collection of Alfonso Merchante, count of Villafranqueza).*

y los beneficios que se derivarían de la construcción de dicha obra, que él no pudo dirigir pues fallecería el 15-11-1607, unas siete semanas más tarde la declaración indicada y la construcción del pantano, a pesar de los informes favorables, no sería aprobada por la corona hasta el año 1653, cuando hacía más de nueve lustros que había fallecido el ingeniero citado.

Regadíos y repoblaciones

Los regadíos, como se ha indicado, se incrementarían a partir de la construcción del embalse se Tibi, cuyo almacenamiento

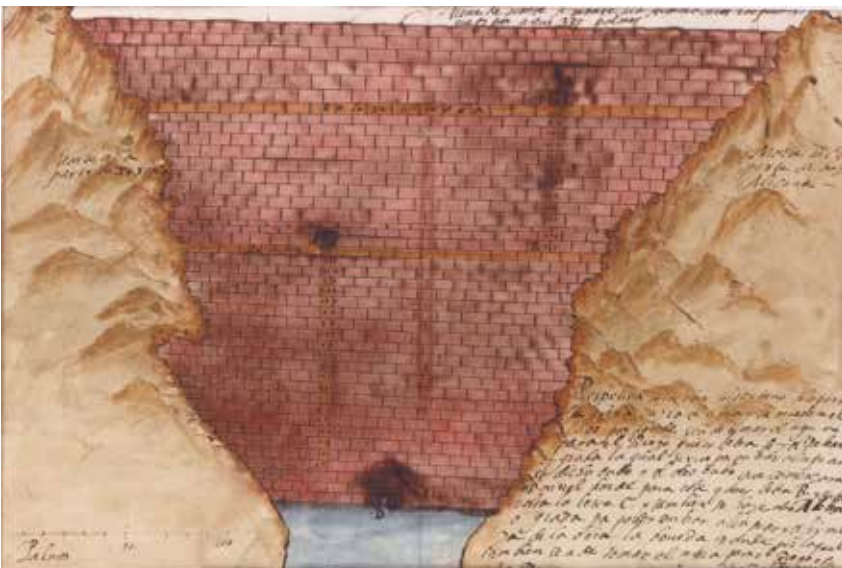
de agua aportaría los regadíos necesarios durante los estiajes, su expectativa dio lugar a corruptelas singulares pues Pedro Franqueza y Esteve, alto funcionario ligado al duque de Lerma, aprovechando su información privilegiada, adquirió a precio ventajoso una gran cantidad de tierras de secano que tras la construcción del pantano transformaría en regadío, incrementando notabilísimamente su valor. Para proceder a su explotación encargó a Cristóbal Antonelli que proyectara una población en la que albergar a los colonos que cultivarían los nuevos regadíos, que acabaría denominándose Villafranqueza, uniendo el apellido de su impulsor al tipo de población que se había fundado.

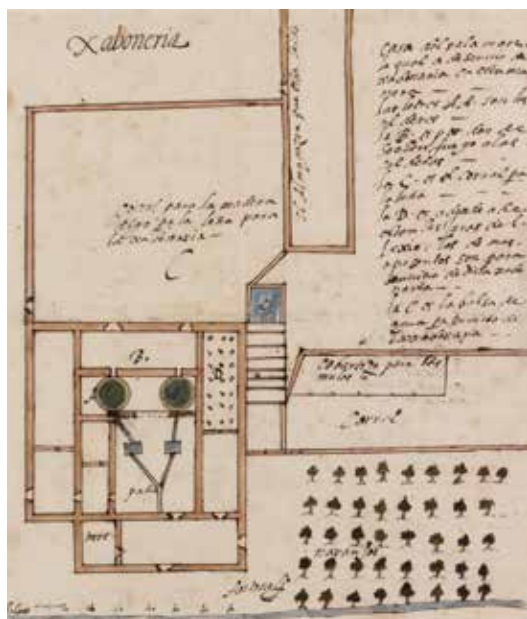
De los trabajos proyectados para la urbanización de los parajes beneficiados por el regadío y la construcción de la nueva población con trama hipodámica se han conservado un buen número de planos, hasta ahora casi desconocidos, que se incluyen conveniente comentados en esta obra.

Analizando la extraordinaria planimetría conservada de la misma probablemente se trate del ejemplo de urbanización de una colonia agraria renacentista de nueva planta mejor documentado, conservándose incluso el testimonio de pequeñas instalaciones industriales, como una jabonería que aprovecharía el agua encauzada, ejemplo de dotación de la nueva comunidad con establecimientos que atendieran el consumo de los habitantes que acababan de establecerse.

Los negocios escandalosos de Pedro Franqueza y Esteve le llevaron ante la justicia, desposeyéndolo de sus propiedades, que recuperarían sus sucesores, y falleciendo en

Figura 18. Presa de Tibi (Alicante), activa en la actualidad (Colección del autor). / *Figure 18. Tibi Dam (Alicante), currently active (Author's Collection).*





prisión; pero Villafranca prosperó y con sus calles rectas, más o menos alteradas, es actualmente una población administrada por el ayuntamiento de Alicante.

Ciudades de nueva planta en Veracruz (México) y Portobelo (Panamá)

En un territorio como el que abarcaba la corona española con posesiones en varios continentes, más aún cuando quedaron aunadas bajo la misma corona las posesiones españolas con las portuguesas, las comunicaciones marítimas se convirtieron en un medio fundamental para coordinar y unificar dichos territorios, por lo que la fábrica de puertos que facilitarían el atraque de los navíos fue una prioridad de la corona, labor en cuyo proyecto también colaboraron varios de los Antonelli, especialmente los hermanos Juan Bautista y Bautista y, al parecer en menor medida, su sobrino Cristóbal Antonelli.

La ordenación del territorio que necesariamente supuso el trabajo de los Antonelli también dio lugar a la repoblación que, por deficiencia de su defensa, habían quedado abandonadas, así como al traslado de poblaciones a emplazamientos más idóneos o al establecimiento de otras de nueva planta. Entre los ejemplos de repoblación en América probablemente el más destacado sea el de



Veracruz, el puerto de Nueva España, que había sido fundado en un lugar incómodo y peligroso y Bautista Antonelli planteó su traslado a uno más idóneo, frente a la fortificación insular de san Juan de Ulúa, aportando en alguno de sus planos la planta de la nueva ciudad, aunque Bautista Antonelli no permanecería en dicho enclave el tiempo necesario para proceder a su ejecución, que fue realizada por otros.

La actuación de Bautista Antonelli fue diferente en el caso de Portobelo.

Durante la mayor parte del siglo XVI la carga y descarga caribeña en el continente se realizaba a través de Nombre de Dios, atravesando el istmo hacia Panamá y de allí nuevamente por mar hacia el Perú y otros destinos del litoral del océano Pacífico; pero Nombre de Dios estaba situada en una playa abierta, con graves inconvenientes para cumplir con dicha labor y difícil comunicación con Panamá. Ante los problemas que suponía mantener la descarga en Nombre de Dios, tras descartar otras opciones, siguiendo la propuesta de Bautista Antonelli, la corona decidió trasladar el puerto caribeño a Portobelo, encargando al citado ingeniero militar los trabajos para establecer la nueva población en una ciudad de nueva planta y la defensa de la misma para la

Figura 19. Villafranca (Alicante): urbanismo de nueva planta y regadíos inmediatos por Cristóbal Antonelli. Remitido con carta de 10-4-1592 (A.D.P.C.S. D.C.C.: P.13-03-18). / Figure 19. Villafranca (Alicante): urban planning ex nihilo and nearby irrigated fields by Cristóbal Antonelli. Sent with a letter on 10-4-1592 (A.D.P.C.S. D.C.C.: P.13-03-18).

Figura 20. Jabonería de Villafranca (Alicante), firmada por Cristóbal Antonelli (Colección de Alfonso Merchante, conde de Villafranca). / Figure 20. Villafranca soap factory (Alicante), signed by Cristóbal Antonelli (Collection of Alfonso Merchante, count of Villafranca).

seguridad de la flota que en ella se había de cargar y descargar cada año las mercancías que transportara.

Bautista Antonelli, entre muchos aciertos, cometió varios errores graves en la planificación de Portobelo: la elección del emplazamiento de la ciudad, que se intentó corregir posteriormente, sin llevarlo a cabo, o la elección del solar para el emplazamiento de la fortificación que defendiera el acceso al río Chagres, que acabaría arruinado años más tarde, entre otros problemas.

A pesar de ello, el dispositivo defensivo establecido por Bautista Antonelli en Portobelo y sus vías de comunicación con Panamá hicieron fracasar el peligrosísimo ataque de una expedición inglesa a las órdenes de Francis Drake que pretendía el asalto y saqueo a la ciudad de Panamá, perdiendo la vida en el intento.

Las decisiones de Bautista Antonelli para conseguir el fracaso de Francis Drake en su ataque a Panamá, tras desembarcar en la inmediación de Portobelo fue ensalzada en una obra de Lope de Vega, *La Dragontea*, escrita poco después de ocurridas las acciones indicadas.

Navegación marítima

En un Estado de carácter universal, la monarquía de los Habsburgo españoles, sobre todo a partir de la incorporación a la misma de Portugal y su imperio, era necesario administrar territorios situados en todos los continentes conocidos de la tierra y para conseguirlo las comunicaciones marítimas eran fundamentales, creando instalaciones portuarias adecuadas que aseguraran el atraque de los navíos, facilitando su carga y descarga, con instalaciones defensivas que aseguraran su defensa frente a cualquier ataque enemigo.

Acerca de los muelles España está documentados los proyectos de los hermanos Juan Bautista y Bautista Antonelli, cada uno por su cuenta, para reparar y completar el muelle de Alicante y para dotar la plaza de Gibraltar de un muelle adecuado. En África Bautista Antonelli en sus últimos años de vida hizo construir un muelle en la plaza de

Larache, para facilitar el embarque y desembarco de pertrechos y bastimentos.

En América Bautista Antonelli proyectó un muelle a construir junto al nuevo establecimiento de la ciudad de Veracruz, frente al fuerte de San Juan de Ulúa.

Juan Bautista Antonelli, hijo de Bautista, también trabajó décadas más tarde, por orden de Felipe IV, en la fábrica del puerto de Cumaná.

Además de los puertos citados, fue de enorme importancia la dotación de las instalaciones navales de fortificaciones que defendieran los navíos allí amparados, entre las cuales destacan los morros caribeños de La Habana, Santiago de Cuba, San Juan de Puerto Rico y Santo Domingo, entre otras. Además de la defensa de Panamá, Cartagena de Indias, Portobelo o Veracruz, entre otras. El sistema defensivo de los puertos caribeños y del océano Pacífico que desarrollaron los Antonelli fue una de las bases fundamentales de la solidez de la implantación en el territorio, gracias a la seguridad de las comunicaciones de dichas tierras con España, que resultó eficaz durante siglos.

Importancia de los Antonelli

El estudio pormenorizado de los trabajos de los Antonelli agiganta extraordinariamente sus figuras, pues asumieron empresas de dimensiones descomunales: dotar de defensa continuada dilatados litorales, fortificar plazas de soberanía en continentes hostiles e incluso acometer la fortificación de todo un continente, controlando sus comunicaciones marítimas mediante la fortificación de sus puertos principales. Dichas empresas resultan casi inabarcables en la actualidad, mucho más en una época en que las enormes distancias exigían lentísimos traslados y tiempos dilatados para su ejecución. Cabe destacar igualmente que, integrados en los servicios técnicos de los monarcas españoles, los Antonelli se convirtieron en fieles servidores de la corona, pero nunca olvidaron su origen y en los testamentos conservados los hermanos Juan Bautista y Bautista, fallecidos respectivamente en 1588 y 1616, hicieron beneficiarios a sus familiares de Gatteo, el primero con dádivas



personales y el segundo creando un monte frumentario o pósito de granos, institución benéfica que durante siglos ha facilitado la vida y el acceso a la educación y a la cultura de los habitantes de dicha población. Respecto a los restantes miembros de la familia no se han localizado hasta ahora las últimas voluntades de aquellos que las llegaron a expresar, por lo que no podemos analizar si continuaban manteniendo el apego a la población de Gatteo y a su familia italiana o si, por el contrario, la distancia y el alejamiento cada vez mayor de su origen les llevaría a desinteresarse de dicha tierra.

El nuevo estudio, que cuenta con un elogioso prólogo de profesor Mario Sartor, renovador del estudio sobre los Antonelli en el siglo XXI, se basa en el reconocimiento de la ingente masa documental conservada en España y otros países, renovando informaciones y documentando su autoría en actuaciones hasta ahora insospechadas, indagando en

la promoción de las obras públicas como instrumentos de actuación política.

Asimismo, este novedoso estudio pone especial cuidado en desacreditar falsas atribuciones que se han repetido durante cerca de dos siglos.

En fin, una revisión a fondo de la vida y el trabajo de esta excepcional familia de ingenieros militares que, además de la cita de miles de documentos que acreditan uno a uno los planteamientos de esta obra, incluye la publicación de cien planos firmados, documentados o atribuidos a los Antonelli, con sus leyendas. La obra se completa con la transcripción literal de cien documentos de o sobre los Antonelli, la mayoría inéditos hasta ahora.

Se trata en definitiva de una obra de consulta imprescindible para acometer nuevos estudios sobre una de las familias de ingenieros más notables de la historia de la humanidad.

***ANTONIO GIL ALBARRACÍN:** Nacido en Almería. Es licenciado por la Universidad de Granada, Doctor en Historia por la Universidad Autónoma de Barcelona y Catedrático de Bachillerato por oposición. Miembro de la Junta Directiva de la Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos. Pertenece a las Reales Academias de Bellas Artes de Nuestra Señora de las Angustias de Granada, de San Fernando de Madrid, de Alfonso X el Sabio de Murcia y a la Real Academia de la Historia de Madrid.

Cuenta con más de cuarenta libros de historia y arte publicados, dedicados especialmente a arquitectura popular y culta, en sus vertientes civil, militar y religiosa, el grabado, la heráldica y la imagen; al franciscanismo, a su mística y a la religiosidad popular, así como a viajes ilustrados y literatura científica en general. Con estudios extensos sobre los ingenieros italianos Vespasiano Gonzaga Colonna o la familia Antonelli.

Ha sido invitado a numerosas reuniones científicas y congresos nacionales e internacionales, además de haber tenido especial cuidado en la divulgación y defensa de los valores patrimoniales de nuestro pasado en guías turísticas y artículos de prensa.

agilalbarracin@gmail.com

Antonio Gil Albarracín

The publication of the book in two volumes: *Los Antonelli. Ingenieros al servicio de España en tres continentes* by Antonio Gil Albarracín (GBG Editora, 2019, 1,570 p.) is a detailed and specially documented study of an exceptional family of military engineers formed by seven members who worked for the Spanish crown between 1551 and 1649: three with the names Juan Bautista, Bautista, Cristóbal de Roda, Cristóbal and Francisco Garavelli Antonelli, of which five were born in the Italian small town of Gatteo (Emilia-Romagna) and the remaining two were born in Spain. They carried out their work in the continents recognised on earth at the time: Europe, Africa, America and Asia; in the first three working for the Spanish crown and in Asia working for the Most Serene Republic of Venice.

Their works are of an enormous scope and cover a great diversity of fields: strategic reports, defence plans for extensive territories and walling of city, whose plan they sometimes projected themselves, planning and supervising port fortifications, espionage work; river hydraulic engineering and construction reservoir; maritime communications and construction of ports.

The new publication is based on the detailed study of the huge mass of documents kept in Spain and other countries, renewing information and documenting its authorship in hitherto unsuspected actions; likewise, it dismantles false attributions that have been perpetuated for nearly two centuries.

Review of the life and work of this exceptional family of military engineers that, in addition to the citation of thousands of documents that prove, one by one, the arguments of the works, including, in the annexes, the publication of one hundred plans signed, documented or attributed to the Antonelli, with their respective

captions, and the transcription of one hundred documents, unpublished or renewed.

In short, it is an essential reference work to undertake new studies on one of the most notable families of engineers in the history of mankind.

I am pleased to present to the reader of these pages the recent publication of a comprehensive and detailed work that reviews with extensive documentary support, largely unpublished, the biographies of the seven members of the exceptional family of military engineers - the Antonelli, which carried out the vast majority of their works while serving the Spanish crown between 1551 and 1649, at the time led by Charles V, Holy Roman Emperor and Philips II, III and IV.

AN EXCEPTIONAL FAMILY OF ENGINEERS

The Antonellis worked for the Spanish crown in Europe, Africa and America, and Bautista Antonelli, in addition to having worked in the three aforementioned continents, also served the Most Serene Republic of Venice, during the siege of Famagusta on the Asian island of Cyprus, an episode that could have been fatal, costing him his life, as well as the life of the rest of the garrison, if he had not abandoned the position before it was captured by the Turks.

Three of the seven members of the family were called Juan Bautista, the remaining four were Bautista, Cristóbal de Roda and Cristóbal and Francisco Garavelli Antonelli.

The confusion caused by the similar names is even more increased since Bautista Antonelli often went by the name Juan Bautista, a fact that has given rise to numerous mix-ups, which have not always been easy to solve.

Another circumstance that led to further identity confusion was the fact that Juan Bautista Antonelli ordered in

his will that, in order to have the right to be considered his universal heir, his descendants had to put the Antonelli surname before any other, as did Cristóbal Garavelli, son of Giacomo Garavelli and Caterina Antonelli and his son Juan Bautista, who stopped using the surname Garavelli, when the first was chosen has his uncle's heir; of Juan Bautista, son of Cristóbal Garavelli, no record has been found that shows that he has used the Garavelli surname, which is the logical result of having observed the testamentary clause of his ancestor, to inherit it after the death of his father.

Neither Cristóbal de Roda nor Francisco Garavelli ever renounced, to our knowledge, to the use of their father's surname.

Five of the Antonelli had been born in the Italian town of Gatteo (Emilia-Romagna), the remaining two were born in Spain, the country where they carried out their entire professional career, without any news ever having appeared to prove that they ever went to the native Italy of their ancestors or maintained any connection with their Italian relatives.

Regarding the geographical areas where they carried out their work, it has already been indicated that Bautista Antonelli worked in the four continents known at the time (Oceania, the fifth continent, is a concept elaborated by French geographers of the 19th century, including territories that were previously known as terra australis).

Regarding America, the continent where Bautista Antonelli built his most important projects, he made four trips throughout his life and except for the first, which would take him to the southern tip of the continent (which he failed to reach), the rest focused on the coasts of the Caribbean Sea and immediate areas, where he planned or dismissed the fortification, among other ports and wharfs, of Araya, Campeche, Cartagena de Indias,



Havana, Isla Margarita, Portobelo, Puerto de Caballos, Puerto Rico, Río Chagre, Ríohacha, Santa Marta, Santo Domingo, Veracruz, as well as the Gulf of Fonseca and Panama, on the Pacific Ocean and Saint Augustine, on the Atlantic coast of Florida; many of the aforementioned enclaves would also be revisited later by his nephew Cristóbal de Roda and his son Juan Bautista Antonelli.

Although these American undertakings are documented, only a tiny part of the planimetry that these engineers drew over eight decades has been preserved, according to the documentation consulted.

It has been possible to locate in the Archive of the Dukes of Alba (hereinafter: A.D.A.) the seal of the coat of arms of the steel and gold ring of Juan Bautista Antonelli in sealing wax, whose image was unknown, although we knew of its existence since it was described in his will.

The patriarch of the saga and older brother of Bautista Antonelli, Juan Bautista Antonelli began to serve the Spanish crown in 1551, in the context of the Italian wars, later moving to Flanders and, after the Peace of Cateau-Cambresis, to Spain. For the rest of his life he worked in Europe and Africa. He was never in America, although some projects were attributed to him that, even though it is impossible that he has carried them out, he would have to have developed such projects in the early years of his life. Ceán Bermúdez also claims that Juan Bautista Antonelli was also the mind behind the celebrations organized by Madrid to welcome the retinue of Felipe II and Mariana of Austria after the celebration of their marriage, an attribution that has been accepted by all those who have dealt with the Antonelli for almost two centuries, despite the fact that the military engineer was, at that time, executing the fortification of Cartagena, the

main port of the Spanish Mediterranean coast, an enormous undertaking that he began together with Vespasiano Gonzaga, but when the latter was posted to other duties, the work was left under the sole responsibility of the aforementioned military engineer. It would be quite difficult for Juan Bautista Antonelli to take on, in such circumstances, such an important commission, which involved the construction of a naumachia with its galleys and fortifications, several triumphal arches and other ornaments, whose global conception was owed to the Spanish humanist Juan López de Hoyos and the execution of the hydraulic works to Juan Bautista Portigiani. This work restores to its authentic author, with the supporting documentation, an authorship that has been denied for nearly two centuries due to the frivolity in this section of Ceán Bermúdez's study that we have all consulted since then, by not considering the properly documented story, which ensures the reliability of most of the rest of his work.

We will discuss other hydraulic works of undoubted strategic importance that Juan Bautista Antonelli projected and executed throughout his life.

Regarding his fortification efforts, Juan Bautista Antonelli carried out impressive defensive works and, for this purpose, he travelled along a good part of the Spanish peninsular Mediterranean coast, the Cantabrian coast and the western sector of the Pyrenees - corresponding to the border of Navarre - to plan the defence of extensive border sections of the Iberian Peninsula, both maritime and land.

Juan Bautista Antonelli planned the modernisation of the defence of strongholds on the main borders of the Iberian Peninsula, such as Alicante, Castellón de la Plana, Pamplona or Sagunto, among others, but said fortifications would have to be borne by

the towns' residents and, except for the stronghold of Navarra, almost none of them were carried out, despite the interest of some of their projects, such as the Castellón de la Plana one, the only one from that period whose plan has been preserved, which implies the application in said stronghold of a defensive proposal that the treatiser Giovanni Battista Zanchi da Pesaro had published in his work, as can be observed by comparing the design of the treatiser and Juan Bautista Antonelli's design.

The conservation, in the Municipal Historical Archive of Castellón de la Plana [hereinafter AHMCS], of Juan Bautista Antonelli's plan of the project to fortify the modern city of Castellón de la Plana, in which he applies the most advanced fortification theories that he had learnt in his native Italy, led to the introduction of bulwarked fortifications in Spain, to which until now a later chronology had been assigned. Of the many projects that he would carry out for the fortification of the coastline, almost all of them now lost, the Municipal Archive of Lorca (hereinafter: AM Lorca: Torres de la Marina, s.n.) still has one of the projects for hexagonal tower erected on the coast of the kingdom of Murcia, including its dimensions and basic measurements. However, this engineer has a few unfortunate projects under his belt, such as the construction of the castle of Bernia, very attentive to the formality of its layout, but it is a badly located and ineffective defensive fortification. Given its uselessness, it would end up being destroyed by the crown during the reign of Philip III.

Another of the works carried out by Juan Bautista Antonelli is of a more reserved nature: travelling along the Spanish-Portuguese border to survey its fortifications and respective defensive capacity, as we will see, before the occupation of the country by the troops of Philip II, son of

Isabella of Portugal and top pretender to the Portuguese throne, following the dynastic crisis triggered by the death without descendants of King Don Sebastian in the Battle of Alcácer Quibir (4-8-1578).

Juan Bautista Antonelli, in addition to writing reports on the fortifications of the Portuguese border and drawing up its planimetry, working with several assistants from his family, he also proposed a plan for a simultaneous and surprise attack across the entire Portuguese border that would have provided a great advantage to the troops of Philip II, facilitating a naval and land attack against Lisbon, which eventually accelerated the end of the conflict. He also organized the logistics of the notable army that was assembled to carry out the military occupation of said country, when it was observed that there was some resistance that would prevent Philip II to peacefully rise to the throne.

In addition, the same military engineer took on a prominent role in the attacking troops and prepared some of the batteries that castigated the fortifications that tried to resist. He was also present the Battle of Alcántara, which he painted once or several times, a work that has also been lost, as was the entire planimetry drawn up by the military engineer in preparation for this conflict.

However, the correspondence preserved on the aforementioned attack plan and other post-war testimonies, describing the reaction of the Portuguese to their new situation, are included verbatim or summarised in this work.

After discarding assumptions and false attributions regarding his professional career, the only work projected by Juan Bautista Antonelli in America was the fortification of the Strait of Magellan, which he drew in Lisbon; its execution was commissioned to Bautista Antonelli, his brother, but the

misfortunes of the expedition, during which the military engineer managed to save his own life during two of the three shipwrecks he suffered during his existence, prevented him from reaching his destination and fulfilling his commission. However, Bautista Antonelli carried out fortification works on the Brazilian coast that, in some cases, had gone unnoticed until being documented by this paper.

Bautista Antonelli completed his work in the Americas with three other trips during which he would fortify the main ports of the Caribbean Sea, as well as the Atlantic coast of the Florida peninsula.

Of the first and second voyages, despite the fact that he was in charge of writing the respective reports and drawing up the planimetry of the enclaves to be visited and of the fortifications to defend them, work that he carried out for the most part, according to documentation consulted, no plans of Bautista Antonelli have been preserved except for one of Panama bearing the date of 9-15-1586, almost unknown until now, which includes, on its back, a draft dated five days later on the city of Panama itself, with its fortifications and contours, kept in the Archive of the Museo Naval de Madrid (hereinafter: AMN Madrid).

Regarding Cristóbal de Roda or Rota Antonelli, son of a sister of the aforementioned Juan Bautista and Bautista Antonelli, he carried out his work at the service of Spain, between the Iberian Peninsula, from 1578 to 1591, and America, where he served for four decades, fortifying various ports in the Caribbean between 1591 and 1631, when he passed away in Cartagena de Indias. After being transferred to America, Cristóbal de Roda never returned to Europe.

Cristóbal de Roda married three times, once in Europe and twice in America; in Havana one finds a tombstone of the engineer with his second wife,

which might serve for her last resting place, since the engineer then moved to Cartagena de Indias, where he married for a third time.

Cristóbal Garavelli Antonelli arrived in Spain when Juan Bautista Antonelli was fortifying Cartagena, served in Mers El Kébir, the strategic port on the Algerian coast, whose fortification was planned and directed for some years by his uncle Juan Bautista Antonelli, and later in the kingdom of Valencia, where he would end up replacing his other uncle Bautista Antonelli, when he began the first of his American journeys. He was also posted, although briefly, to Gibraltar (Cádiz) and to the Alfaques de Tortosa (Tarragona), to fortify the natural port formed in the vicinity of the mouth of the river Ebro, one of the most dangerous places on the Spanish coast. The fortification project of this enclave was left unfinished because of the repeated Islamic attacks that destroyed the works carried out and enslaved the workers who were nearby.

Cristóbal Antonelli was appointed by his uncle Juan Bautista Antonelli heir to the estate founded in his will, on the condition that he himself and whoever succeeded him would have to use the "Antonelli" surname before any other. Cristóbal Antonelli would go on to live two decades after the death of his uncle, who had appointed him as the universal heir to his entire estate, after having worked in different private commissions; he continued working as a military engineer for the kingdom of Valencia.

Francisco Garavelli Antonelli, younger brother of Cristóbal Antonelli, moved to Spain following a request from Juan Bautista Antonelli to help him in the works to make the river Tagus navigable; After the death of his uncle, he embarked on an American adventure under the protection of his other uncle, Bautista Antonelli, but his trip was not successful, he had a rela-



tively short and unsatisfactory spell in America and, after returning to Spain, he probably died in 1594, as he disappears of the documentation consulted when he was once again planning to return to America. His uncle Juan Bautista had already observed his little ability for military engineering and in his will gave him the means to return to Italy after his death. His nephew collected the aforementioned allowance but did not comply with the deceased's final will.

Finally, the other two members of the Antonelli family were also called Juan Bautista Antonelli, one was the son of Bautista Antonelli, the other of Cristóbal Antonelli or Garavelli Antonelli, although he would stop using the paternal surname, as already stated.

Juan Bautista Antonelli, the son of Bautista Antonelli born in Spain, carried out six trips to America, where he eventually settled; He died in Cartagena de Indias in 1649, closing, with his death, the action of this exceptional saga of military engineers.

A man of action, during the years he was in charge of the construction of the Araya fort to defend the adjacent salt mine, he accumulated extensive expertise while fending off the Dutch attacks to such enclave.

Also during his last trip to America he actively participated in several episodes of the Thirty Years' War that took place in the Caribbean Sea to expel the Dutch from the fortified facilities they had built to exploit the salt wealth of various enclaves of the Caribbean, as one can observe in the print kept in the National Historical Archive (hereinafter: AHN).

The military engineer Juan Bautista Antonelli, in addition to his work in Cartagena de Indias, also worked on the renovation of the fortifications of Puerto Rico and Cuba, where he planned the defence of Santiago de Cuba, and renewed the project to build, in Havana, a perimeter wall and

outer fortifications to control locations near the Cuban capital where enemies could easily land.

During his last years of life, being in Cartagena de Indias, he came to initiate a son in the art of military engineering, whose name we do not know, to succeed him in the trade, even requesting a salary for him, but that member of the family disappears from the documentation consulted without any mention of why he was unable to succeed in this activity.

Regarding the other Juan Bautista Antonelli, the son of Cristóbal Antonelli, he must have carried out his career as a military engineer in Spain, his training being documented in the Spanish East, in Murcia and Valencia, as well as his presence in Madrid, although the greater part of his professional life would take place in the Eastern lands, where documents prove that he carried out periodic inspections of the defensive complex of Oran and Mers El Kébir.

On the works of the Antonelli

Their works encompass a great diversity of aspects of military activity: espionage work, strategic reports, plans to defend extensive territories, especially coastal areas; the design and direction of the renovation of the walls of old cities or of those that would be erected during their time according to a new plant; planning and management of port fortifications, which are analysed in full detail throughout the work. Since it is impossible to list all the documented works of the Antonellis one by one, we will highlight some interesting aspects of their enormous work as military engineers, which covered almost a century.

Espionage

It is well known that having up-to-date information on the enemy's status is of fundamental importance to articulate military strategies and devices that ensure a clear advantage over the

enemy. There are at least two documented espionage missions carried out by the Antonellis:

1. When it was suspected that Felipe II would carry out the necessary actions to enforce his succession rights and incorporate Portugal into the States of his crown, Juan Bautista Antonelli was commissioned to recognise the Portuguese border and other fortifications that could hinder the occupation of Portugal. In this work, the patriarch of the Antonellis was accompanied by his nephews Cristóbal de Roda and Francisco Garavelli. It would be an essential action to become familiar with the state of the defensive system that had to be conquered. Juan Bautista Antonelli also organised the logistics of the intervention and took part, together with his relatives and assistants, in the military action carried out to consolidate the occupation of the territory, as has been indicated. The espionage work of Juan Bautista Antonelli continued after the armed conflict, as an attentive observer of the will of the Portuguese and their progressive acceptance of the authority of Felipe II, the new monarch of Portugal.

2. The other documented espionage mission was carried out by Bautista Antonelli, before the taking of the Larache fortress. The military engineer had completed his four trips to America, when the operation to take Larache was being planned, to prevent it from continuing to be a pirate's nest and Bautista Antonelli was assigned to that undertaking. Before the armed operations began, he embarked in Ceuta and travelled to the fortress assigned as his objective, returning with precise information on its fortifications, garrison and state.

After the taking of Larache, Bautista Antonelli served as a military engineer for nearly five years reinforcing the fortress and, loaded with experience, stood firm in a great theoretical

debate, the last one of his professional career, to make sure Larache received a fortification adapted to its topography, the ideal at that enclave. He won the debate, but his advanced age and numerous ailments prevented him from completing the works, and he was forced to retire from active service. He died in Madrid a few months after leaving Africa.

Hydraulic Works

Almost all the Antonellis worked, with varying degrees of responsibility, in fluvial hydraulics and river engineering, expanding inland navigation concepts, the construction of reservoirs and respective distribution networks to increase irrigation in the Spanish east, which was sometimes included the construction of towns ex nihilo and even rearranging ravines so that their waters were stored in cisterns, to be used by fortifications or nearby towns. They also designed and built docks to facilitate loading and unloading of cargo and built the necessary fortifications for their defence.

River Navigation

Regarding the navigation of Spanish rivers, Juan Bautista Antonelli, after the incorporation of the Portuguese crown under Felipe II's rule, suggested to the monarch the development of inland navigation in the Iberian Peninsula.

Taking into account that, except for rivers Ebro and Guadalquivir or those of the Cantabrian coast, the remaining Spanish rivers are shared with Portugal, a situation that made said plan a political instrument of enormous importance to achieve economic union between the kingdom of Castile and Portugal, converting their shared rivers into communication routes, much more efficient and cheaper than land routes, to integrate both economies, promoting the improvement of the living condi-

tions of the people on both sides of the border and with it, ultimately, the effective union between Spain and Portugal.

The plan proposed by Bautista Antonelli encompassed the Duero, Guadiana and Tagus rivers, as major communication routes between Spain and Portugal, in addition to the Mondego river, which only runs in Portuguese territory; he also indicated that he could maximise the navigability of rivers Ebro, Guadalquivir and Segura rivers, which only travel Spanish lands.

The plan received the support of Felipe II, at least in the works carried out on rivers Douro, Guadalquivir and Tagus, and the visionary character of Juan Bautista Antonelli did not hesitate to call his works Douro-nautics or Tagusnautics, in memory of Argonautica or the mythical navigation of Jason and his companions on the Argos to Colchis in search of the Golden Fleece, which in the 15th century would be adopted as an emblem of the Order of the Golden Fleece.

Furthermore, Juan Bautista Antonelli, who felt genuine admiration for Felipe II, did not hesitate to indicate to the monarch that such an undertaking - to make the rivers of Spain navigable - had not been undertaken by any king nor Roman emperor; therefore, if the king decided to undertake such project, he would surpass the merits and results of those historical rulers that many praised.

Many considered that the aforementioned navigation, overcoming the hydrologic and topographic difficulties of the Iberian Peninsula, was an unattainable utopia. A condemnation that Juan Bautista Antonelli overcame by opening regular navigation between Toledo and Lisbon shortly before his death. Work was also started on the Duero rivers, which continued after the death of the engineer, and reports

were made on the expansion of navigation on river Guadalquivir, although no major work was undertaken. Let's focus on the works carried out on river Tagus, the only ones that managed to materialise Antonelli's goal between Toledo and Lisbon.

Inland Navigation in River Tagus

The document of Juan Bautista Antonelli, signed in Tomar on 22-5-1571, proposing the creation of an efficient and cheaper communication network than the available terrestrial means at the time, which sometimes didn't even exist; such proposal had an extremely valuable political-strategic component. Philip II had been sworn in as King of Portugal a month earlier and he understood that Juan Bautista Antonelli's proposal could be a very effective instrument to integrate the economies and wills of the kingdoms of Castile and Portugal, turning Lisbon into the port serving a good portion of the lands of the Castilian plateau. One must bear in mind that, at that time, the river Tagus was navigable between Lisbon and Abrantes, still very far from the Spanish border.

Since the monarch received the idea quite enthusiastically, he immediately began to issue the precise orders to undertake such an outstanding work under the direction of Juan Bautista Antonelli. The documents conserved and consulted for the writing of this section of the work was enormous, the correspondence between the engineer and the monarch quite abundant, as well as the documents and other orders issued by the king to facilitate this undertaking; There is also a remarkable correspondence with Juan Delgado and other secretaries of the monarchy; one may also consult the detailed ledgers, and the news derived from the work carried out by the same military engineer.



Of the aforementioned trips, one of the most interesting was the one made between 1581 and 1582 to Madrid, greatly surprising the people who lived by the river, who poured in to see such novelty. After arriving in Madrid, Juan Bautista Antonelli failed to reach El Pardo, as he intended, due to lack of sufficient flow at that time. Certainly due to difficult passages, such as dams or crags, the boat had to be removed from the water, moving it overland to overcome obstacles, but work had not yet been done on those sections and these problems were mitigated as the work progressed, eventually transforming the river Tagus into a waterway accessible to medium-sized boats throughout its entire course between Toledo and the sea.

When the sections of the works were opened, they were immediately used for all types of transportation, both with economic and even military value, since the troops that were transferred, in 1582 and 1583, to the Azores Islands embarked in Alcántara to be transferred to Lisbon, from where they would set sail bound for the aforementioned archipelago.

In 1585 the navigation from the sea to Talavera la Vieja was opened and in 1587 to Toledo and, although it was necessary to complete towropes and other minor repairs, the regular trips between said city and Lisbon began very quickly: in 31-1-1588 seven boats were blessed in Toledo which, under the captaincy of Cristóbal de Roda, the aforementioned nephew of Juan Bautista Antonelli, sailed for Lisbon, arriving at said port fifteen days later.

The success achieved was short-lived, since Juan Bautista Antonelli, the great promoter of the work, died on 17-3-1588 and although Cristóbal de Roda had been appointed as the chief engineer for the work, replacing his uncle, and continued

the work, even drafting a specification of conditions to repair the works. But the momentum waned, Cristóbal de Roda received authorisation to move to America, from where he never returned, and Felipe II died on 13-9-1598, a decade after the engineer who had achieved the feat of transforming the Tagus into a navigable river.

From then on, the resistance of millers and fullers, who felt affected by the right-of-way opened by the navigation, together with other interests, managed to block the provision of the necessary resources for the maintenance of the work, ultimately rendering useless. However, between the seventeenth and nineteenth centuries, studies were carried out to restore navigation between Toledo and Lisbon via that river that joins both cities, without success, in an undertaking that only Juan Bautista Antonelli managed to make effective.

The Reservoirs

The issue of reservoirs had an exceptional importance in the lands of eastern Spain, where summers -as they normally are in Mediterranean climates-, makes the highest temperatures of the year coincide with a dry season characterised by the absence of rain; to overcome this circumstance, a giant step was taken forward with the development of large arch-gravity dams in Almansa, Elche, Tibi and Rellou; several of the Antonelli intervened in the last two, as documented by the reports of the brothers Juan Bautista and Bautista and his nephew Cristóbal Antonelli, along with other technicians who also gave their opinion on the works to be built.

Juan de Herrera must also be included here, considered by some as the mentor of the project. Nothing could be further from the truth, because according to the documentation consulted, when the work was

almost completed, in the first months of 1594, the crown handed him the planimetry and a model of it so that he could give his opinion.

Juan de Herrera replied by stating that the work was not carried out correctly, being necessary to do it with a succession of arches that acted as buttresses. Furthermore, he also drew attention to other problems related to the disposal of water and dragging of the current, which would end up blocking the swamp, according to his criterion.

This opinion of Juan de Herrera on the Tibi dam could have little influence on said construction, since the work was practically completed when it reached the crown and was transmitted to those responsible for its execution.

In reality, the project approved by the Council of Aragon had been passed, after days of debate, by Jorge Fratrín y Bautista and Cristóbal Antonelli on 27-9-1588, with the aforementioned Cristóbal Antonelli being entrusted to direct the work, who still introduced some variations in the project, which in fact, according to the approved drawings, was initially formed by a wall with a continuous slope between the base and the parapet that crowned the dam.

However, the work carried out was different, since the one that appears in the plans of the final execution and the preserved work features the dam with a wall forming a stepped arch, which was the solution eventually adopted, as may be attested by the plans deposited in the Archivo de la Diputación de Castellón. Donación Conde de Cirat (hereinafter: A.D.P.CS. D.C.C.).

The decision was highly effective as the dam built, which is still active today to facilitate the irrigation of farmlands, was, for several centuries, the highest dam built in Europe, an admired example, visited by technicians who had to build new reser-

voirs to observe the technology and methods used to achieve such a feat. Cristóbal Antonelli was also present in the project for the construction of another large dam in Alicante, Relleu dam, for which he was summoned, among others, for having achieved extraordinary experience as director engineer of the Tibi dam, visiting the valley of river Amadoiro, approving the chosen site and declaring on 26-9-1607 on the adequacy and benefits that would derive from the construction of this work, which he would be unable to direct because he would die on 15-11-1607, seven weeks after this statement and the construction of the reservoir, despite the favourable reports, would not be approved by the crown until 1653, when the aforementioned engineer had died more than 45 years earlier.

Irrigation and repopulation

Irrigation, as has been indicated, would increase with the construction of the Tibi reservoir, whose water storage would supply the necessary irrigation during draught periods; such expectation gave rise to singular corrupt practices, since Pedro Franqueza y Esteve, a high-ranking official with connections to the Duke de Lerma, taking advantage of his privileged information, acquired, at a very low price, a large quantity of unirrigated land that after the construction of the reservoir he would transform into irrigated land, greatly increasing its value. To continue with his exploitation, he commissioned Cristóbal Antonelli to project a town to accommodate the settlers that would cultivate the new irrigated areas, which would end up being called Villafrankeza, a reference to the surname of the driving force behind the town. Of the works projected for the urbanisation of the areas improved by irrigation and the construction of the new town with a grid street plan, a

good number of plans have been preserved, until now almost unknown, which are conveniently included and discussed in this work.

Analysing the extraordinary planimetry that has been preserved, it is probably the best documented example of the urbanisation of a renaissance agrarian colony with an ex nihilo plant, even preserving the testimony of small industrial facilities, such as a soap factory that took advantage of the channelled water, showing that the new community had facilities that served the residents who had just established themselves. The scandalous businesses of Pedro Franqueza y Esteve brought him to justice, dispossessing him of his properties, which his successors would recover, although Franqueza y Esteve died in prison; but Villafrankeza prospered and with its straight streets, more or less altered, it is currently a town administered by the Alicante city council.

Cities built ex nihilo in Veracruz (Mexico) and Portobelo (Panama)

In a territory such as the one encompassed by the Spanish crown - with possessions on several continents and even more so when the Spanish and Portuguese possessions were united under the same crown -, maritime communications became a fundamental means to coordinate and unify these territories. Therefore, building ports that would facilitate the docking of ships was a priority for the crown, a task in which several of the Antonellis also collaborated, especially the brothers Juan Bautista and Bautista and, apparently to a lesser extent, their nephew Cristóbal Antonelli.

The spatial planning that the Antonellis' work necessarily entailed also led to the repopulation of towns that, due to deficiencies in their defence, had been abandoned, as

well as the transfer of populations to more suitable locations or the foundation of new ones.

Among the examples of repopulation in America probably the most prominent is Veracruz, the port of New Spain, which had been founded in an awkward and dangerous place and Bautista Antonelli transferred it to a more suitable location, in front of the island fortification of San Juan de Ulúa, providing in some of his plans the plan of the new city, but Bautista Antonelli would not remain in this enclave for the time necessary to carry out its execution, which was directed by others.

Bautista Antonelli's action was different in Portobelo.

During most of the 16th century, Caribbean loading and unloading of cargo on the continent was carried out in Nombre de Dios, crossing the isthmus to Panama and from there again by sea to Peru and other destinations on the Pacific coast; but Nombre de Dios was located on an open beach, which seriously hindered such activities and with a difficult communication with Panama. Faced with the problems involved in maintaining the unloading of cargo in Nombre de Dios, after ruling out other options, following Bautista Antonelli's proposal, the crown decided to move the Caribbean port to Portobelo, entrusting the aforementioned military engineer with the work to project the new population in an ex nihilo city and its respective defence, for the security of the fleet that had to load and unload, every year, the goods it transported.

Bautista Antonelli, among many good decisions, made several serious mistakes in the planning of Portobelo: the choice of the location of the city, which they tried to correct subsequently but without actually changing anything, or the choice of the site for



the construction of the fortification that defended the access to river Chagres, which would end up in ruins years later, among other problems.

In spite of this, the defensive device established by Bautista Antonelli in Portobelo and its communication routes with Panama made the dangerous attack of an English expedition under the command of Francis Drake fail, which intended to attack and loot Panama City. Drake eventually lost his life in this attempt.

The decisions of Bautista Antonelli that ultimately led to the failure of Francis Drake's attack on Panama, after disembarking in the vicinity of Portobelo, was praised in a work by Lope de Vega, *La Dragontea*, written shortly after these events occurred.

Maritime Navigation

In a State of an universal nature -the Spanish Habsburg monarchy-, especially after the incorporation of Portugal and its empire into this universe, it was necessary to administer territories located on all the known continents of the earth and, to achieve this, maritime communications were fundamental, building adequate port facilities that will ensure the docking of ships, facilitating loading and unloading of cargo, with defensive facilities that will ensure their defence against any enemy attack.

Regarding such ports, there are documents attesting to the projects of the brothers Juan Bautista and Bautista Antonelli, each on their own, to repair and complete the Alicante dock and to build at the Fortress of Gibraltar a suitable dock. In Africa, Bautista Antonelli, in the last years of his life, ordered the construction of a dock in the Fortress of Larache, to facilitate the loading and unloading of cargo.

In America Bautista Antonelli designed a port to be built next to the newly

founded city of Veracruz, in front of the San Juan de Ulúa fort.

Juan Bautista Antonelli, son of Bautista, also worked, decades later, by order of Felipe IV, in the construction of the port of Cumaná.

In addition to the aforementioned ports, the provision of the naval fortification facilities to defend the ships protected there was of enormous importance, among which the Caribbean morros of Havana, Santiago de Cuba, San Juan de Puerto Rico and Santo Domingo stand out, to name a few. In addition to the defence of Panama, Cartagena de Indias, Portobelo or Veracruz, among others.

The defensive system of the Caribbean ports and the Pacific Ocean that the Antonelli developed was one of the fundamental bases for the solidity of the implantation in the territory, thanks to the security of the communications of these lands with Spain, which was effective for centuries.

The importance of the Antonelli

The detailed study of the works of the Antonellis extraordinarily magnifies their figures, since they took on undertakings of enormous dimensions: building lasting defences in extensive coastlines, fortifying places of sovereignty in hostile continents and even undertaking the fortification of an entire continent, controlling maritime communications by fortifying their main ports. These enterprises would be almost unattainable today, even more so at a time when enormous distances forced very slow movements and long times for their execution.

It should also be noted that, integrated into the technical services of the Spanish monarchs, the Antonellis became faithful servants of the crown, but they never forgot their origins and, in their wills that have reached our days, brothers Juan Bautista and Bautista, who died in 1588 and 1616

respectively, made their Gatteo relatives their heirs, the first with personal gifts and the second by creating a granary or grain deposit, a charitable institution that, for centuries, made the life of that population and the access to education easier. Regarding the remaining members of the family, one still hasn't been able to locate their last wills, so one cannot analyse whether they continued to maintain their connection to the population of Gatteo and their Italian family or if, on the contrary, the increasing distance and distancing from their origin eventually led them to lose interest in that land.

The new study, which has a laudatory foreword by Professor Mario Sartor, innovating the study on the Antonelli in the 21st century, is based on the recognition of the huge mass of documents kept in Spain and other countries, renewing information and documenting its authorship in hitherto unsuspected actions, investigating the promotion of public works as instruments of political action.

Likewise, this novel study takes special care to discredit false attributions that have been repeatedly stated for nearly two centuries.

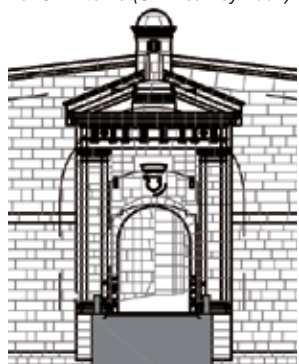
In short, an in-depth review of the life and work of this exceptional family of military engineers that, in addition to the citation of thousands of documents that prove, one by one, the approaches of such work, including the publication of one hundred plans signed, documented or attributed to the Antonelli, with their respective captions. The work is completed with the literal transcription of one hundred documents by or about the Antonellis, most of them unpublished until now. In short, it is an essential reference work to undertake new studies on one of the most notable families of engineers in the history of mankind.



Fig. 1 Imagem da "Magistral" em noite de ensaios de iluminação (foto RL). / Fig. 1 Image of the "Magistral" gate during night lighting tests (RL photo).

Fig. 2 Alçado exterior da Porta Interior de Santo António (levantamento CMA 2007). / Fig. 2 Outside elevation of the Inner Gate of S. António (CMA survey 2007).

Fig. 3 Pormenor do alçado exterior da Porta Interior de Santo António (levantamento CMA 2007). / Fig. 3 Details of the outside elevation of the Inner Gate of S. António (CMA survey 2007).



Os projectos para a intervenção estrutural nas Portas duplas de São Francisco e na Porta interior de Santo António, nas Muralhas de Almeida, visam a correcção de anomalias que se verificam e a valorização das mesmas enquanto peças essenciais da fortaleza e obras notáveis no conjunto do monumento.

Em ambas as portas se constata sinais de degradação decorrentes do seu passado bélico, e, sobretudo dos efeitos da passagem do tempo, já longo, desde que deixaram de cumprir esse designio original da sua existência.

Têm sido sobretudo os agentes erosivos de origem atmosférica que, durante décadas têm afectado a estanqueidade das construções, e com isso desencadeado processos de erosão sobre muitos dos elementos construtivos, com enfraquecimento da sua resistência.

The projects for structural intervention in the Double Gates of S. Francisco and in the Inner Gate of S. António, in the Walls of Almeida, aim at the correction of anomalies that occur and, at the same time, their valorization as essential parts of the fortress as a whole monument.

In both doors there are signs of degradation of their warlike past, and especially of the effects of the long passage of time since they left this original design of their existence.

It has been mainly the erosive agents of atmospheric origin that, for decades affected have the watertightness of the buildings, and that process of erosion on many of the building elements, with the supply of their resistance.

The erosive effects are manifested on facades, roofs and especially on bow domes that cover traffic in the three buildings.



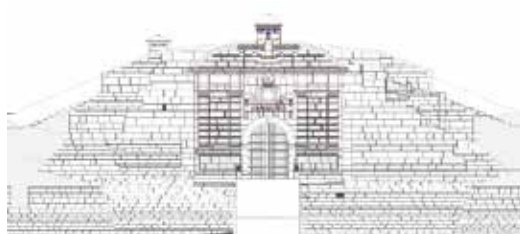
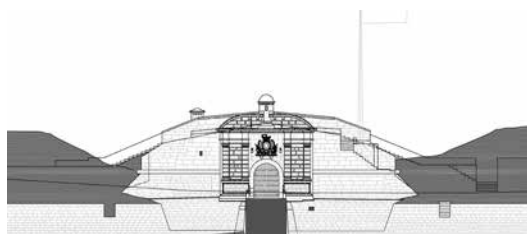


Fig. 4 Alçado exterior da porta interior de S. Francisco “Magistral” (levantamento CMA 2007). / Fig. 4 Outside elevation of the “Magistral” Inner Gate of S. Francisco (CMA survey 2007).

Fig. 5 Pormenor do alçado exterior da Porta Interior de São Francisco (levantamento CMA 2007). / Fig. 5 Detail S. Francisco outer gate (CMA survey 2007).

Os efeitos erosivos manifestam-se sobre fachadas, coberturas e sobretudo sobre as abóbadas que cobrem o trânsito nos três edifícios.

Os actuais projectos não se limitam, porém, a corrigir anomalias, já que constituem, em ambos os casos, excelente oportunidade de valorização do bem patrimonial que integram, em continuidade com outros projectos promovidos pelo Município de Almeida para outros locais das muralhas e para edificado relevante da vila intramuros. O programa de valorização incide sobre a reposição de elementos perdidos ou em processo de perda definitiva, com algumas diferenças substanciais entre a intervenção em S. Francisco e em S. António.

Na Porta Interior de São Francisco, aproveitando a presença estrutural de um “cavaleiro” semidestruído, será instalado o “pau de bandeira” para hastear o símbolo nacional com grandes proporções e visibilidade, à escala do monumento que representa e identifica.

Na porta exterior, será recondicionado para novas funções a chamada “sala de armas”, com integral respeito pela sua geometria e material, através da instalação de novos equipamentos (em carpintaria) e novo sistema de iluminação conferindo conforto para os visitantes e profissionais que virão a ocupar e usar o local.

Na porta interior de Santo António, a intervenção será mais profunda, com a substituição da “pedra de armas” existente na fachada, em risco de perda definitiva por desgaste do material.

No interior da porta será instalado um modelo de rastrilho, no local do primitivo. Trata-se sobretudo de um esforço didático para demonstração de um dos aspectos

However, the current projects are not limited to anomalies, since they constitute, in both cases, an excellent opportunity to add value to the assets they integrate, in continuity with other projects promoted by the Municipality of Almeida to other parts of the walls and in the village.

The recovery program focuses on the replacement of lost elements (in the process of definitive loss) with some substantial differences between the intervention in S. Francisco and S. António.

In the Inner Gate of San Francisco, taking advantage of the structural presence of a semi-destroyed “cavalier” the “flag mast” will be installed to fly the national symbol with great proportions and visibility, according to the scale of the monument that represents and identifies.

At the outer gate, the so-called “weapons room” will be reconditioned for new functions, with full respect for its geometry and material, through the installation of new equipment (in timber works) and new comfort lighting system for visitors and professionals who will visit or stay in the room.

At the interior door of Santo António, the intervention will be deeper, with the replacement of the “stone of arms” existing

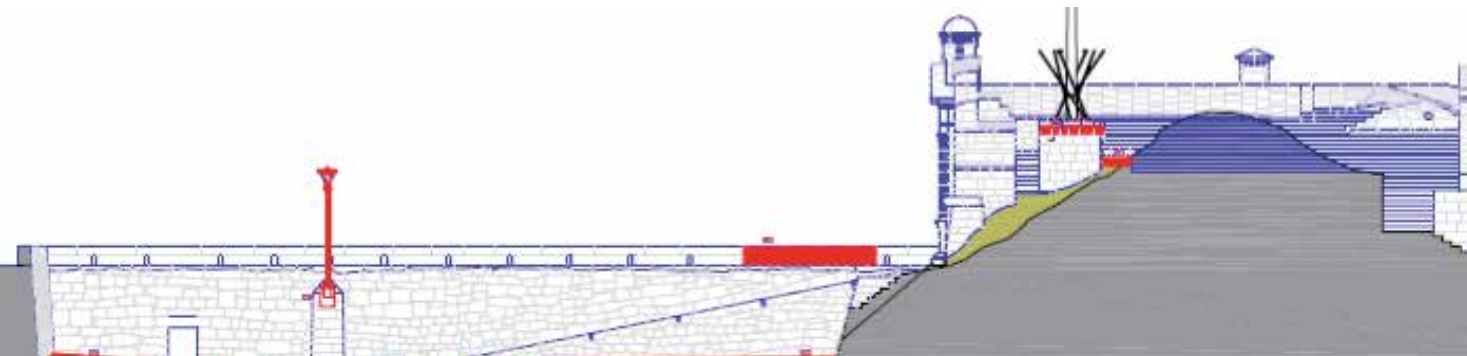
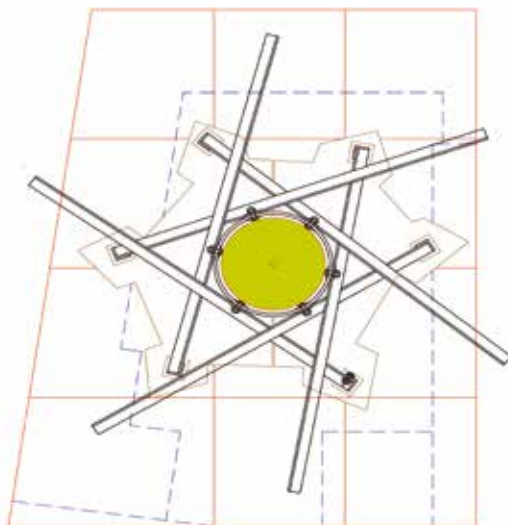


Fig. 6 Registo do interior da abóbada de berço no Trânsito da Porta Interior de Santo António com evidentes manifestações de perda de estanqueidade (foto RL). / Fig. 6 Registration of the interior of the barrel vault in the Transit of the Inner Gate of S. António with clear evidence of loss of watertightness (RL photo).

Fig. 7 Cavaleiro, semidestruído, na Porta Interior de São Francisco onde será instalado o “pau de bandeira” (foto RL). / Fig. 7, semi-destroyed cavalier, in the Inner gate of San Francisco where the “flag mast” will be installed (photo RL).



Fig. 8 Desenho da base para suporte do “pau de bandeira” sobre o cavaleiro, após reposição das fiadas de cantaria em falta (pormenor do projecto de execução das Portas de S. Francisco). / Fig. 8 Design of the base to support the “flag mast” on cavalier, after reconstruction of the missing st nework layers (detail of the building project to the Gates of S. Francisco).



mais peculiares deste tipo de barreiras defensivas.

No interior dos dois compartimentos que ladeiam o trânsito serão recuperadas as salas para funções polivalentes, de primordial utilidade para a Vila e para o monumento, salvando os elementos estruturais existentes e removendo grande parte das instalações que ocupam estes espaços desde há cerca de duas décadas.

Será ainda reconstruído, embora parcialmente, o sobrado que terá existido sobre o trânsito, para a alojamento de tropas, totalmente desaparecido nas suas estruturas de madeira, deixando persistir apenas estruturas de granito em pilares e escadas que resultaram, assim, como inúteis.

Há ainda que referir como intervenções comuns às duas portas extensas obras de repavimentação e de iluminação pública e cenográfica.

on the façade, at risk of permanent loss by wear of the material.

Inside the door will be installed a model of portcullis, occupying the place of the primitive one.

It is above all an effort to show one of the most peculiar aspects of this type of defensive barriers.

Inside the two compartments lining the transit will be recovered as rooms for multi-purpose functions, of paramount utility for the village and for the monument, saving the structural elements and removing much of the intrusive existing facilities.

It will also be rebuilt, although partially, the room that existed above the transit, for the accommodation of troops, totally disappeared in its wooden structures, leaving only the granite structures on pillars and stairs that became useless.

Da memória descritiva de ambos os projectos, reproduzimos, com alguma adaptação, alguns aspectos que ilustram a exigência destas intervenções:

“A Fortaleza de Almeida deixou de cumprir a sua histórica missão militar a partir de 1927, mas logo em 1928 é classificada como Monumento Nacional, tendo assim passado para a esfera de protecção patrimonial, pelo estado português.

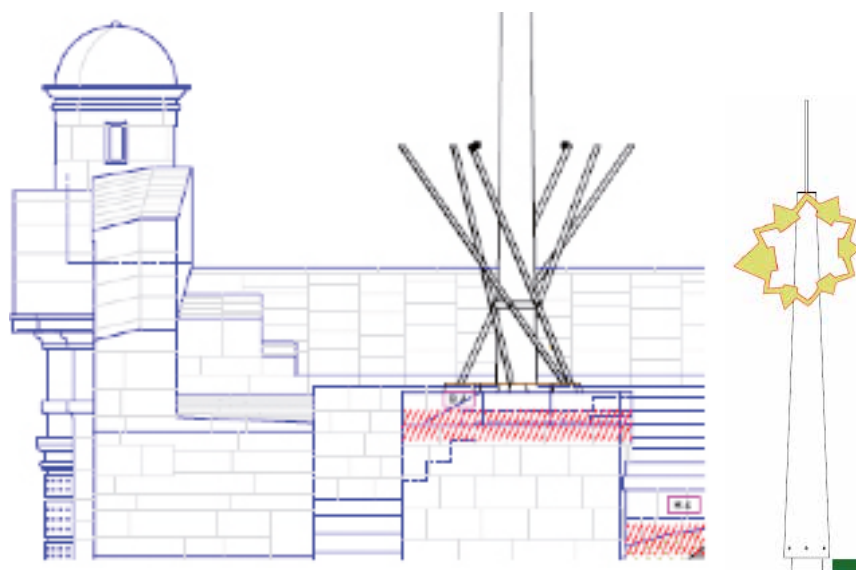
Trata-se, efectivamente de um bem da maior relevância na história da nossa fronteira, da nossa independência e da arte de construção abaluartada.

Nas últimas décadas quem tem empenhado a maior iniciativa no esforço da salvaguarda e recuperação da Fortaleza tem sido o município de Almeida, preenchendo, muitas vezes, o vazio deixado pela administração central.

Depois de importantes campanhas de recuperação na Porta exterior de Santo António (CEAMA), no Baluarte de S. João de Deus (museu militar) e na parte baixa da Vila, executadas nos últimos anos, o município tem agora em marcha os processos para recuperação do Quartel das Esquadras e outras estruturas no tecido urbano da vila intramuros e os projectos que aqui apresentamos para o Restauro estrutural das Portas duplas de São Francisco e da Porta interior de Santo António.”

Um dos objectivos principais destes projectos, a par de constituírem instrumentos a utilizar pela Ex.mª. Câmara Municipal de Almeida para obter os melhores resultados na salvaguarda do património a que respeitam, é o de exercitar uma atitude que demonstre a eficácia das metodologias advogadas nas cartas consagradas internacionalmente.

Começando por uma consciencialização da importância adquirida, ao nível global, pela conservação dos bens patrimoniais que são valores culturais e identitários, adoptou-se nos projectos uma abordagem enquadrada pela temática vertida em documentos com aplicação avalizada pelos organismos mais representativos da tutela (Conselho da Europa, UNESCO, ICOMOS, Governos, incluindo uma avaliação do processo



It should also be mentioned as interventions common to the two extensive doors works of repaving and public and scenography lighting.

From the descriptive memory of both projects, we reproduce (with the due adaptation) some aspects that illustrate the requirement of **these interventions**:

“The Fortress of Almeida ceased to fulfill its historical military mission from 1927, since 1928 is as a national monument, having thus passed into the sphere of heritage protection, by the Portuguese state.

It is effectively a site of the greatest relevance in the history of our frontier, our independence and the art of bulwark construction.

In recent decades, the largest initiative in the effort to safeguard and recover of the fortress was committed to the municipality of Almeida, often filling the void left by the central administration.

After important recovery campaigns in the Outer Gate of Santo António (CEAMA), the Bulwark of S. João de Deus (military museum) and the lower part of the village, executed in recent years, the municipality has now underway the processes for the recovery of “Quartel das Esquadras” and structures in the urban fabric of the intramural village and the projects here shown

Fig. 9 Desenhos do “pau de bandeira”, com pormenores do topo e base do mastro (pormenores do projecto de execução das Portas de S. Francisco) e imagem de Bandeira Nacional desfraldada (forte de S. João da Foz foto RL). / Fig. 9 Drawings of the “flag mast”, with details of the top and base of the mast and image of unfold National Flag (fort of S. João da Foz photo RL) (detail of the building project to the Gates of S. Francisco).



Fig.10 Planta de cobertura da Porta Interior de São Francisco (levantamento CMA 2007). / Fig.10 Roof plan of S. Francisco Inner Gate (CMA survey 2007).

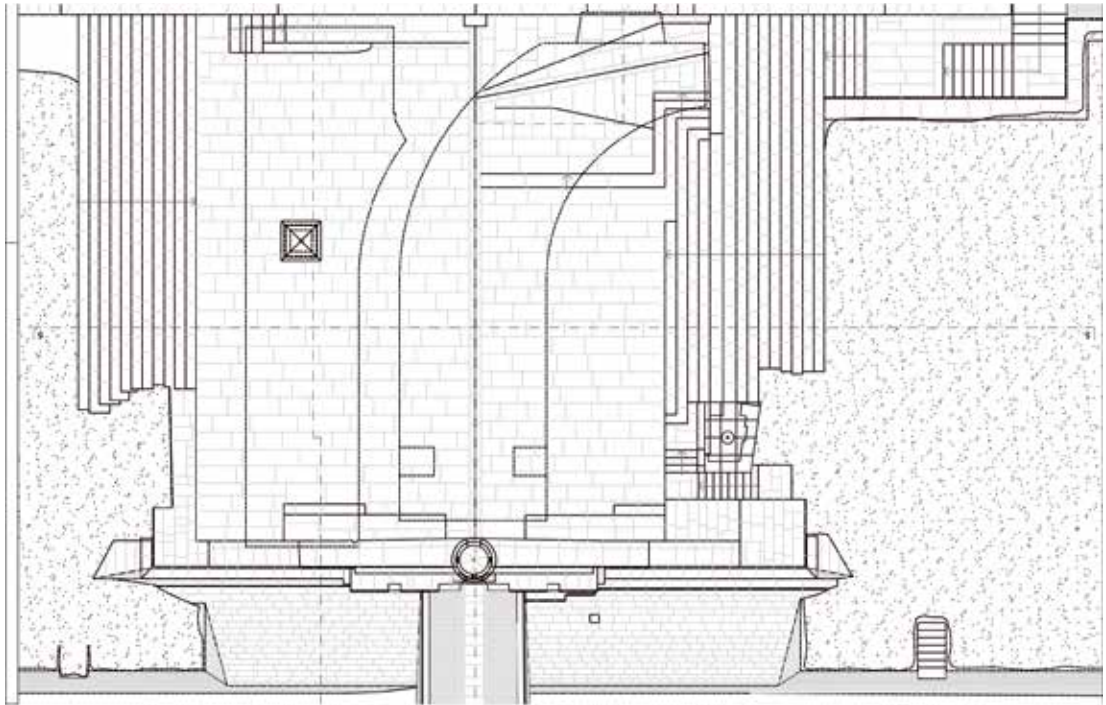
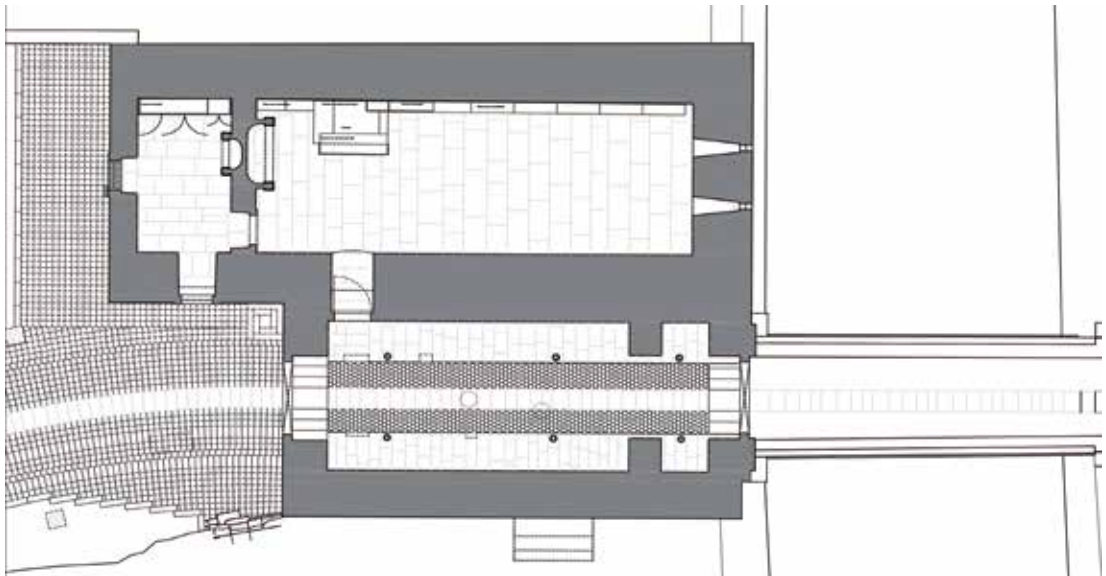


Fig. 11 Planta do interior da “Sala de Armas” da Porta Exterior de São Francisco (projecto de execução das portas de S. Francisco). / Fig. 11 Plant inside the San Francisco Outer Gate Weapons Room (building project to the Gates of San Francisco).



nacional protagonizado pela DGEMN e institutos subsequentes).

Dado o interesse da metodologia pedagógica que se retira do capítulo 3 dos Princípios de Victoria Falls, transcrevemo-lo por inteiro, atestando o grau de pormenor com a ênfase na conservação e na autenticidade do património:

for the structural Gates of S. Francisco and S. António

One of the main objectives of these projects, in addition to being instruments to be used by Almeida City Council to obtain the best results in safeguarding the heritage to which they respect, is to exercise an attitude that demonstrates the effectiveness of the meth-

“MEDIDAS CURATIVAS E CONTROLOS.

3.1. - A terapia deve ser dirigida às causas da ruína e não aos seus sintomas.

3.2. - A melhor terapia é a manutenção preventiva.

3.3. - A avaliação da segurança e uma compreensão do significado da estrutura devem ser a base para as medidas de conservação e de reforço.

3.4. - Não devem ser empreendidas nenhuma acções sem ser demonstrado que são necessárias.

3.5. - Cada intervenção deve ser proporcional aos objectivos de segurança estabelecidos, limitando assim a intervenção a um mínimo que garanta a segurança e a durabilidade com a menor agressão possível aos valores do património.

3.6. - O projecto de intervenção deve ser baseado numa clara compreensão dos tipos de acções que foram as causas dos danos e da degradação, assim como dos tipos de acções que foram levados em consideração para a análise da estrutura depois da intervenção; porque o projecto deverá ser consequência de todos eles.

3.7. - Deve ser ponderada, caso a caso, a escolha entre técnicas “tradicionais” e “inovadoras”, e deve ser dada preferência àquelas que forem menos invasivas e mais compatíveis com os valores do património, tendo em mente os requisitos de segurança e de durabilidade.

3.8. - Por vezes, a dificuldade de se avaliarem os níveis reais de segurança e os possíveis benefícios das intervenções pode sugerir “um método observativo”, ou seja, uma abordagem por incrementos, começando por um nível de intervenção mínimo, com a possível adopção subsequente de séries de medidas suplementares ou correctivas.

3.9. - Quando possível, quaisquer medidas adoptadas devem ser “reversíveis” para que possam ser removidas e substituídas por medidas mais adequadas quando forem adquiridos novos conhecimentos. Onde elas não forem completamente reversíveis, as intervenções feitas não devem limitar posteriores intervenções.

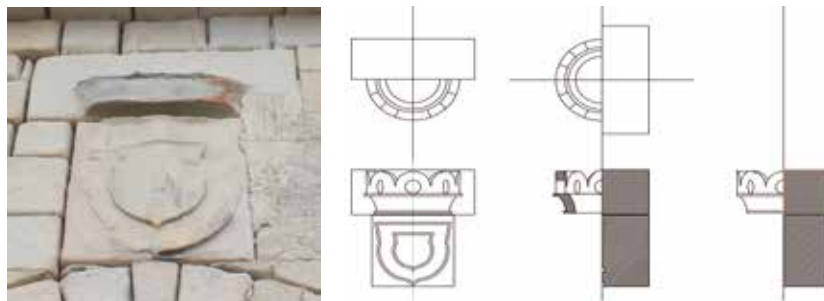


Fig. 12 Imagem da pedra de armas original, em risco de perda total, a remover para núcleo museológico e desenho da pedra de substituição (Foto RL e pormenor do projecto de execução da Porta Interior de S. António). / Fig.12 Image of the original stone of arms, in risk of total loss, to be removed to a site museum and design of the replacement stone (Photo RL and detail of the building project to the Inner Gate of S. António).

ologies present in the internationally consecrated letters.

Given the interest of the pedagogical methodology brought from chapter 3 of the Victoria Falls Principles, we transcribe it in its entirety, attesting to the degree of detail with the emphasis on conservation and sustainability of heritage:

Remedial measures and controls

3.1 Therapy should address root causes rather than symptoms.

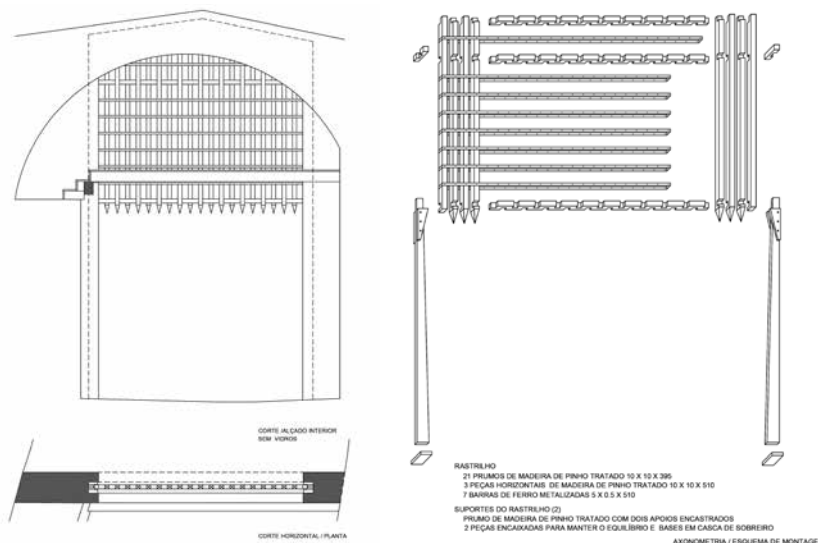
3.2 The best therapy is preventive maintenance

3.3 Safety evaluation and an understanding of the significance of the structure should be the basis for conservation and reinforcement measures.

3.4 No actions should be undertaken without demonstrating that they are indispensable.

3.5 Each intervention should be in proportion to the safety objectives set, thus keeping

Fig. 13 Planta, alçado e esquema de montagem do rastriho a colocar no local que lhe era originalmente dedicado (pormenor do projecto de execução da Porta Interior de S. António). / Fig.13 Plan, elevation, and assembly scheme of “portcullis” to fit the original place (detail of the building project to the Interior Gate of S. António).



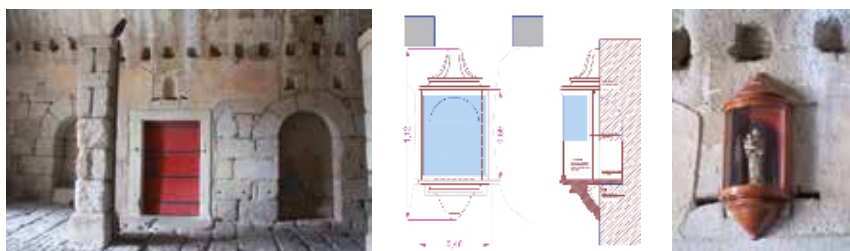


Fig. 14 Imagens da sala grande para actos solenes no seu estado actual e da porta de acesso á mesma, sobre qual já foi preenchido o nicho com o Santo António (fotos RL). / Fig. 14 Images of the large room for solemn acts in its present state and the access door to it, on which has already been filled the niche with the Santo António (RL photos).

3.10. - Devem ser plenamente estabelecidas as características dos materiais usados nos trabalhos de restauro (em particular dos materiais novos) e a sua compatibilidade com os materiais existentes. Isto deve incluir os impactos a longo prazo para que sejam evitados os indesejáveis efeitos colaterais.

intervention to the minimum to guarantee safety and durability with the least harm to heritage values.

3.6 The design of intervention should be based on a clear understanding of the kinds of actions that were the cause of the damage and decay as well as those that are taken into account for the analysis of the structure after intervention, because the design will be dependent upon them.

3.7 The choice between “traditional” and “innovative” techniques should be weighed up on a case-by-case basis and preference given to those that are least invasive and most compatible with heritage values, bearing in mind safety and durability requirements.

3.8 At times the difficulty of evaluating the real safety levels and the possible benefits of interventions may suggest “an observational method”, i.e. an incremental approach, starting from a minimum level of intervention, with the possible subsequent adoption of a series of supplementary or corrective measures.

3.9 Where possible, any measures adopted should be “reversible” so that they can be removed and replaced with more suitable measures when new knowledge is acquired. Where they are not completely reversible, interventions should not limit further interventions.

3.10 The characteristics of materials used in restoration work (in particular new materials)

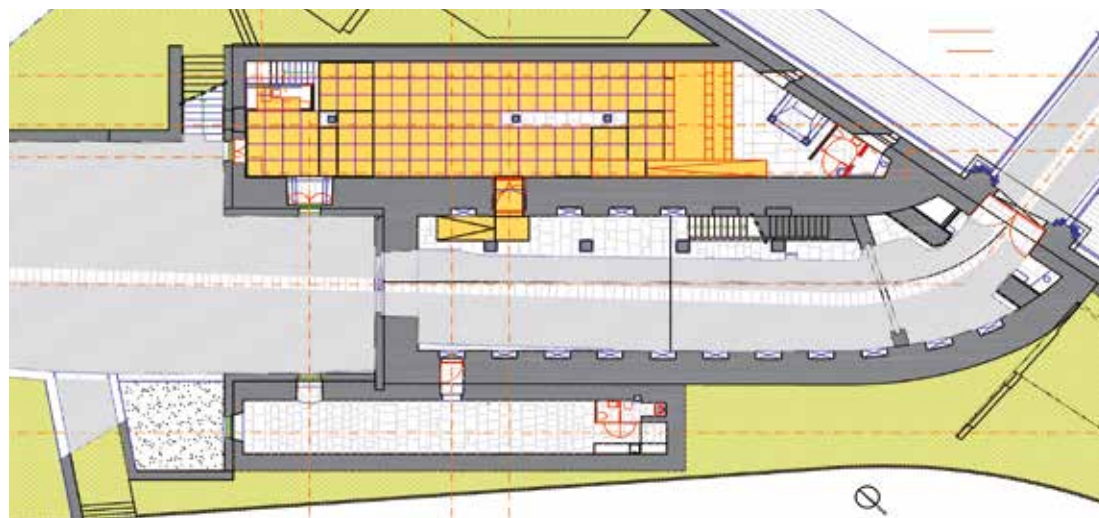


Fig. 15 Planta do interior da Porta Interior de Santo António (projecto de execução da Porta Interior de S. António). / Fig. 15 Inside Plan of the Inner Gate of S. António (building project to the Inner Gate of S. António).

3.11. - Não devem ser destruídas as qualidades distinguíveis da estrutura e do seu enquadramento, nos seus estados original e primitivos.

3.12. - Cada intervenção deve, tanto quanto possível, respeitar o conceito, as técnicas e o valor histórico dos estados original e primitivos da estrutura, e deve deixar evidências que possam ser reconhecidas no futuro.

3.13. - A intervenção deve ser o resultado de um plano integrado global que atribua a devida importância aos diferentes aspectos da arquitectura, da estrutura, das instalações e da funcionalidade.

3.14. - Deve ser evitada, sempre que possível, a remoção ou a alteração de qualquer material histórico ou de qualquer elemento arquitectónico característico.

3.15. - Sempre que possível, as estruturas degradadas devem ser reparadas em vez de serem substituídas.

3.16. - As imperfeições e as alterações, quando se tornaram parte da história da estrutura, devem ser mantidas até a um ponto em que não comprometam os requisitos de segurança.

3.17. - O desmantelamento seguido por remontagem só deve ser usado como medida alternativa exigida pela própria natureza dos materiais e das estruturas, quando for impossível ou prejudicial a conservação por outros meios.”

A enunciação dos trabalhos projectados contém a explicitação de que a adequação dos princípios é, no final, a melhor garantia dos bons resultados esperados. Esse foi o nosso intento nestes projectos.

Importa referir que a intervenção nas portas monumentais da fortaleza se inscreve num momento e num processo em que se elabora a candidatura para a apresentação à UNESCO de uma nova fase dos bens designados como Fortalezas Abaluartadas da Raia.

De facto, não só se procura com estas obras salvaguardar o bem como fazê-lo dentro dos princípios que levam à sua consideração como de Valor Universal Excepcional. Esperamos com este esforço contribuir para a perenidade da fortaleza e para a sua valo-



Fig. 16 Imagem do “trânsito” da Porta interior de Santo António com os pilares e escadas do primitivo aquartelamento sem servidão (foto RL). / Fig.16 Image of the “transit” of the Inner Gate of S. António with the pillars and stairs of the primitive barracking out of service (RL photo).

and their compatibility with existing materials should be fully established. This must include long-term impacts, so that undesirable side-effects are avoided.

3.11 The distinguishing qualities of the structure and its environment, in their original or earlier states, should not be destroyed.

3.12 Each intervention should, as far as possible, respect the concept, techniques and historical value of the original or earlier states of the structure and leaves evidence that can be recognised in the future.

3.13 Intervention should be the result of an overall integrated plan that gives due weight to the different aspects of architecture, structure, installations and functionality.

3.14 The removal or alteration of any historic material or distinctive architectural features should be avoided whenever possible.

3.15 Deteriorated structures whenever possible should be repaired rather than replaced.

3.16 Imperfections and alterations, when they have become part of the history of the structure, should be maintained so far so they do not compromise the safety requirements.

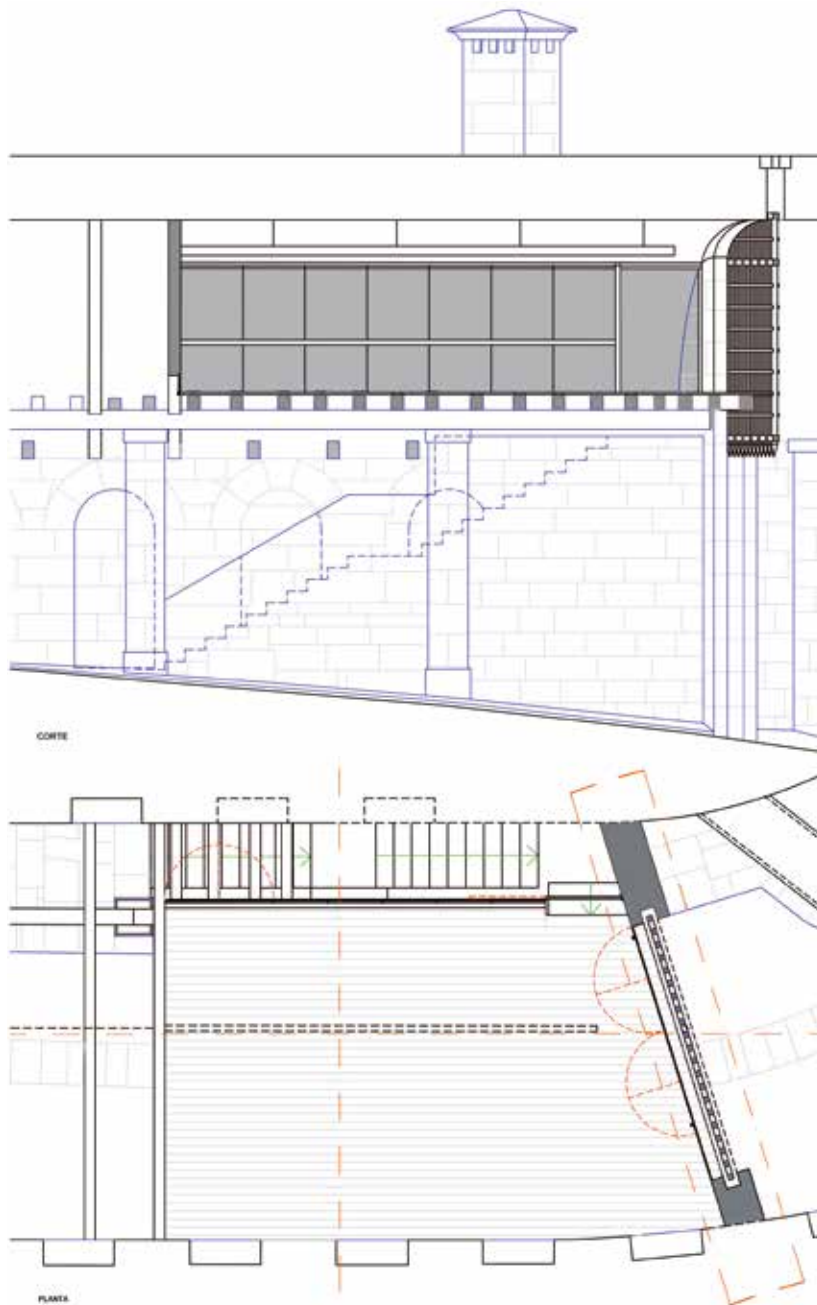


Fig. 17 Planta e corte esquemático mostrando a reconstrução da sala sobre o trânsito que irá dar utilização à escada de granito e aos pilares que resultaram da demolição da primitiva caserna (pormenor do projecto de execução da Porta Interior de S. António). / Fig. 17 Plan and schematic cross view showing the reconstruction of the room over the transit that will give use to the granite staircase and pillars result from the demolition of the primitive barracks (detail of the building project to the Inner Gate of S. António).

rização enquanto património de primeira grandeza no panorama universal.

Nesse sentido foi construído pelo município de Almeida, com aprovação da Direcção Geral do Património Cultural todo um contexto de intervenção sistemática, que inscreve estas três obras num amplo programa de intervenções que incluem os espaços públicos envolventes, com novas infraestruturas, repavimentações, iluminação pública e cenográfica, em conti-

3.17 Dismantling and reassembly should only be undertaken as an optional measure required by the very nature of the materials and structure when conservation by other means impossible, or harmful.

3.18 Provisional safeguard systems used during the intervention should show their purpose and function without creating any harm to heritage values.

3.19 Any proposal for intervention must be accompanied by a programme of control to be carried out, as far as possible, while the work is in progress.

3.20 Measures that are impossible to control during execution should not be allowed.

3.21 Checks and monitoring during and after the intervention should be carried out to ascertain the efficacy of the results.

3.22 All the activities of checking and monitoring should be documented and kept as part of the history of the structure.

The enunciation of the works projects an explanation that the adequacy of the principles is, in the end, a better guarantee of the expected results. That was our intention on projects.

It is important that the intervention in the monumental gates of the fortress is inserted in a moment and in a process when the application to UNESCO of a new phase of sites under the title “Fortalezas Abaluartadas da Raia” is being produced.

In fact, it is not only sought with these works to safeguard the heritage site but to accomplish it under the principles that lead to its consideration as Exceptional Universal Value.

We hope with this effort to contribute to the restoration of the fortress and its valorization as a heritage of first magnitude in the universal panorama.

In this sense it was set by the municipality of Almeida, with the approval by the General Directorate of Cultural Heritage a context of intervention, which inserts these three works in a broad program of works including the surrounding public spaces, with new infrastructure, repaving, public and scenographic lighting, in continuity with the works carried out in the down part of the village and the design for important plots close to the gate

nuidade com as obras já realizadas na parte baixa da vila e com as que se projectam para importantes conjuntos edificados na vizinhança da Porta de S. Francisco (Quartéis das Esquadras) e da Porta de Santo António (construções municipais na Rua do Conselheiro Hintze Ribeiro).

Tal como consta dos respectivos projectos cabe aqui um agradecimento a pessoas e entidades que tornaram possível a realização dos mesmos.

Perante desafio de tal grandeza, a elaboração destes projectos só foi possível contanto com circunstâncias muito favoráveis.

Referimos, em primeiro lugar a existência de um levantamento rigoroso oportunamente elaborado por iniciativa do município de Almeida, com data de Julho de 2007, de elevada qualidade técnica e gráfica, realizado então por Jaime Campos.

Em segundo lugar a existência de parcerias entre o Município de Almeida e diversas Universidades, com destaque para a Universidade do Minho e para a Universidade de Aveiro, importantes para a recolha de informação e de reflexão sobre múltiplos aspectos da engenharia vocacionada para este tipo de obras de restauro, representadas pelos seus professores Engenheiros Luís Ramos e Aníbal Costa, respectivamente.

Em terceiro lugar o saber e a disponibilidade do consultor da Câmara Municipal de Almeida Sr. Professor Arquitecto João Campos, com toda a sua competência doutrinal e prática, que concorreu de forma determinante, para a consecução destes projectos sem o que teria sido impossível a sua elaboração, sem quebra de profundidade e qualidade.

Importa acima de tudo referir, como determinante no processo o papel dos autarcas da CM de Almeida, os Senhores Presidentes Prof. Batista Ribeiro, e Eng.º António Machado com iluminada visão do município e do monumento, que abriram todas as vias necessárias ao bom percurso dos projectos.



of S. Francisco (Quartel das Esquadras) and the Porta de Santo António (buildings in Rua do Conselheiro Hintze Ribeiro).

As stated in the respective projects, it is worth thanking people and entities that turned possible to carry out these projects.

We refer, first of all, to the existence of a survey led by the municipality of Almeida, from July 2007, of high technical and graphic quality, then carried out by Jaime Campos. Secondly, the existence of partnerships of the Municipality of Almeida with several Universities, highlight the University of Minho and the University of Aveiro, important for information and reflection on the aspects of engineering dedicated to this type of restoration works in the persons of professors Engineers Luís Ramos and Aníbal Costa, respectively.

Thirdly, the knowledge and availability of the consultant of the Municipality of Almeida Mr. Professor Architect João Campos, with all his competence on doctrine and practice, which competed decisively, for the result, depth and quality of these projects.

It is important above all to mention, as a determinant in the process the role of the mayors of CM de Almeida, the Presidents Prof. Batista Ribeiro, and Eng. António Machado illuminated with the view of the municipality and the monument, to open all the necessary routes to the proper course of the Projects.

Fig. 18 Imagem de ensaio noturno para o estudo de iluminação cenográfica da Porta Interior de São Francisco "Magistral" (foto RL). / Fig.18 picture of night test for the study of scenic lighting in "Magistral" Inner Gate of São Francisco (RL photo).

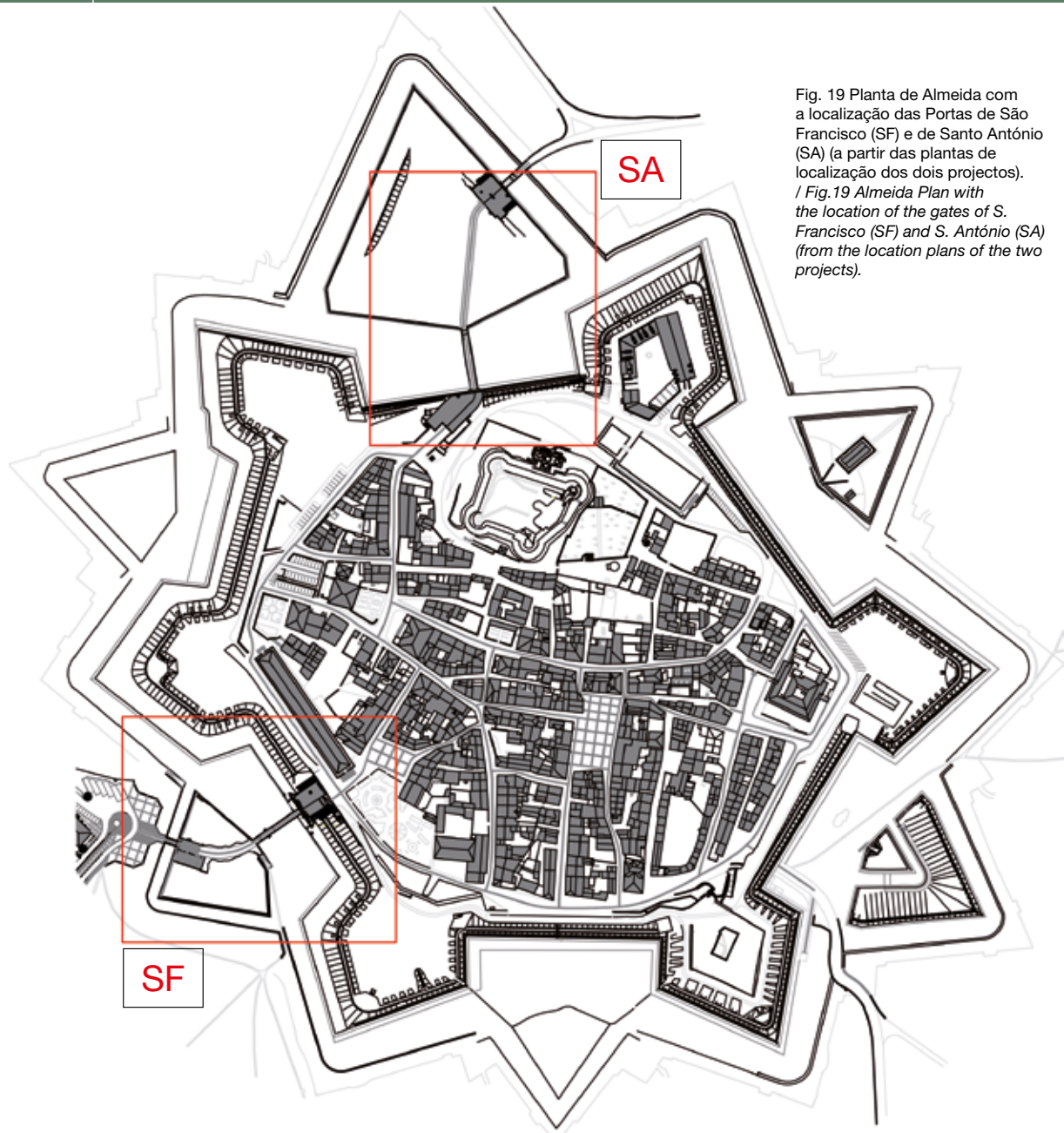


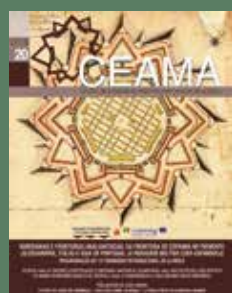
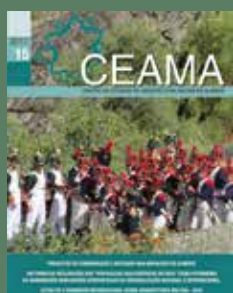
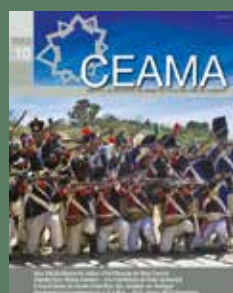
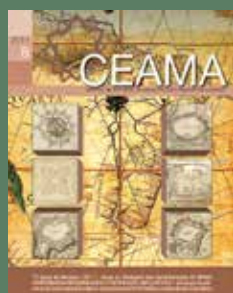
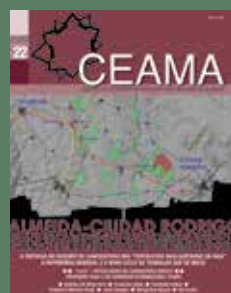
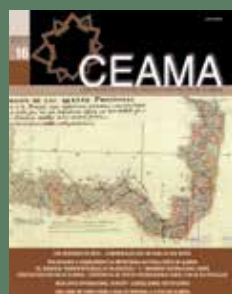
Fig. 19 Planta de Almeida com a localização das Portas de São Francisco (SF) e de Santo António (SA) (a partir das plantas de localização dos dois projectos). / Fig.19 Almeida Plan with the location of the gates of S. Francisco (SF) and S. António (SA) (from the location plans of the two projects).

***RUI LOZA**, Rui Ramos Loza, 1949, é Administrador da Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense. Foi técnico superior da CCDR-N (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional-Norte) até Abril de 2014. Arquitecto, licenciado pela ESBAL (Escola Superior de Belas Artes de Lisboa) em 1977, iniciou actividade profissional no GAT (Gabinete de Apoio Técnico) de Lamego até 1981. Transferiu-se para a CCRN (Comissão de Coordenação da Região do Norte) onde trabalhou (1981/1990) nas áreas do Ordenamento do Território e do Ambiente. Docente no curso de arquitectura da ESAP (Escola Superior Artística do Porto), em acumulação (1984/1988). De 1990 a 2003 foi Director do CRUARB (Projecto Municipal para a Reabilitação Urbana do Centro Histórico do Porto) onde desenvolveu actividade na área da Reabilitação Urbana tendo coordenado a elaboração do processo de candidatura do Centro Histórico do Porto na Lista do património mundial da UNESCO. Professor convidado da Universidade de Aveiro (1988/2010), no curso de Planeamento Regional e Urbano. Terminou em 2002 o 2º ano do curso de doutoramento em problemas da arquitectura, da Universidade de Valladolid, Espanha, tendo obtido o grau de investigador. É autor de numerosos planos e projectos de arquitectura e de urbanismo e de um grande número de artigos, e conferências sobre Arquitectura, Planeamento, Reabilitação Urbana e Património. Coordenou, em 2008, a equipa que elaborou o Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto, Património Mundial. Foi vice-presidente da Direcção da ADDICT-Agência para o Desenvolvimento do Cluster das Indústrias Criativas do Norte de Portugal (2008/2011). Entre 2009 e 2013 foi Director da Delegação do Porto do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, e, no mesmo período, administrador da Porto Vivo – SRU, Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense.

CEAMA

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA MILITAR DE ALMEIDA

Coordenação editorial: João Campos, Consultor do Município para o Património



- CEAMA 1 | 2008, 220 págs.
- CEAMA 2 | 2008, 122 págs.
- CEAMA 3 | 2009, 212 págs.
- CEAMA 4 | 2009, 124 págs.
- CEAMA 5 | 2010, 280 págs.
- CEAMA 6 | 2010, 124 págs.
- CEAMA 7 | 2011, 236 págs.
- CEAMA 8 | 2011, 200 págs.
- CEAMA 9 | 2012, 80 págs.
- CEAMA 10 | 2013, 204 págs.
- CEAMA 11 | 2014, 212 págs.
- CEAMA 12 | 2015, 240 págs.
- CEAMA 13 | 2016, 272 págs.
- CEAMA 14 | 2016, 160 págs.
- CEAMA 15 | 2017, 304 págs.
- CEAMA 16 | 2017, 216 págs.
- CEAMA 17 | 2017, 296 págs.
- CEAMA 18 | 2018, 184 págs.
- CEAMA 19 | 2018, 192 págs.
- CEAMA 20 | 2019, 212 págs.
- CEAMA 21 | 2019, 192 págs.
- CEAMA 22 | 2020, 176 págs.
- CEAMA 23 | 2021, 196 págs.

